

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia

Brisa Catão

**IMPRESSÕES NA ÁGUA:  
peixes, botos e pescadores na pesca conjunta em Laguna (SC, Brasil)**

Belo Horizonte  
2019

Brisa Catão

**IMPRESSÕES NA ÁGUA:  
peixes, botos e pescadores na pesca conjunta em Laguna (SC, Brasil)**

**Versão final**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e Arqueologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção de título de Doutora em Antropologia Social

Orientador: Eduardo Viana Vargas

Belo Horizonte

2019

306            Catão, Brisa.  
C357i           Impressões na água [manuscrito] : peixes, botos e  
2019           pescadores na pesca conjunta em Laguna (SC, Brasil) / Brisa  
                  Catão. - 2019.  
                  180 f. il.  
                  Orientador: Eduardo Viana Vargas.

                  Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas  
                  Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.  
                  Inclui bibliografia.

                  1. Antropologia - Teses. 2. Pesca - Teses. 3. Golfinho -  
                  Teses. 4. Tainha (Peixe) - Teses. I. Vargas, Eduardo Viana.  
                  II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de  
                  Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza - Bibliotecária - CRB-6/1390



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

**ATA DA DEFESA DE TESE DE DOUTORADO EM ANTROPOLOGIA DE BRISA CATÃO TOTTI (MATRÍCULA N.º 2014650742)**

Aos 27 (vinte e sete) dias do mês de fevereiro de 2019 (dois mil e dezenove), reuniu-se na sala da Congregação no 1º andar do prédio da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais a Comissão Examinadora, para julgar em exame final, a Tese intitulada: **"IMPRESSÕES NA ÁGUA: peixes, botos e pescadores na pesca conjunta em Laguna"**, requisito final para a obtenção do Grau de Doutora em Antropologia, área de concentração: Antropologia Social - linha de pesquisa: Antropologia da arte, da ciência e da tecnologia. A Comissão Examinadora foi composta pelos professores doutores: **Eduardo Viana Vargas (PPGAn/UFMG) – Orientador; Gabriel Coutinho Barbosa (UFSC), Stelio Alessandro Marras (USP), Deborah de Magalhães Lima (PPGAn) e Rogério Brittes Wanderley Pires (FAFICH/UFMG)**. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Eduardo Viana Vargas após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à doutoranda Brisa Catão Totti para apresentação da sua Tese. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após a arguição dos examinadores, a Comissão se reuniu, sem a presença da doutoranda e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Concluída a reunião, os membros da Comissão Examinadora aprovaram a Tese por unanimidade e o resultado foi comunicado publicamente à candidata pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 27 de fevereiro de 2019.

Prof. Dr. Eduardo Viana Vargas - Orientador

Prof. Dr. Gabriel Coutinho Barbosa

Profa. Dra. Deborah de Magalhães Lima

Prof. Dr. Stelio Alessandro Marras

Prof. Dr. Rogério Brittes Wanderley Pires



Documento assinado eletronicamente por **Deborah de Magalhaes Lima, Professora Magistério Superior - Voluntária**, em 20/01/2021, às 18:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Stelio Alessandro Marras, Usuário Externo**, em 21/01/2021, às 11:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rogério Brittes Wanderley Pires, Professor do Magistério Superior**, em 21/01/2021, às 12:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



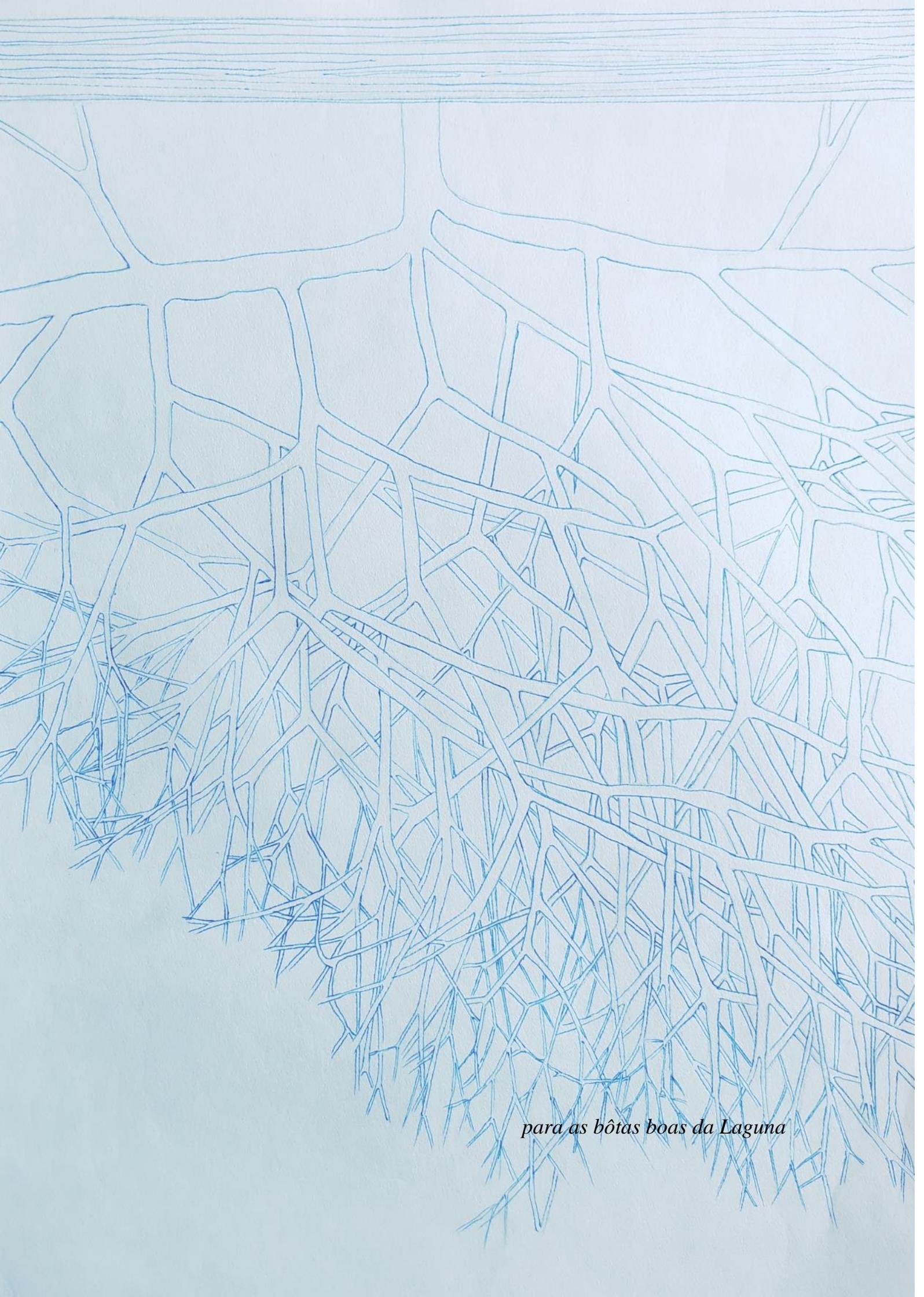
Documento assinado eletronicamente por **Gabriel Coutinho Barbosa, Usuário Externo**, em 22/01/2021, às 09:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eduardo Viana Vargas, Professor do Magistério Superior**, em 22/01/2021, às 17:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0528031** e o código CRC **339D2AE5**.



*para as bôtas boas da Laguna*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas e todos que me ajudaram a imaginar e concretizar este trabalho:

A Eduardo Viana Vargas, pela orientação e pelos direcionamentos decisivos para a pesquisa. A Gabriel Coutinho Barbosa, por ter me apresentado a pesca em Laguna e ter sido interlocutor do começo ao fim deste trabalho. À Viviane Vedana e Rafael Devos, pela interlocução, oportunidades e confiança. Ao Prof. Thom van Dooren, pela receptividade e interlocução ao longo da supervisão do doutorado sanduíche na UNSW (University of New South Wales). A Adriano Bitarães, por ter colocado chão e dado asas para o desenvolvimento dessa pesquisa. A David Arranhado, pelo imenso presente que foram os desenhos da tese. A Janaína Henriques, por cada aula de inglês e pela amizade que surgiu aí. À Helô, pelas soluções para certos entraves linguísticos. A Patrick Arley, pelo trabalho com as fotos. A Telen Teles, pela montagem do filme. A Frederico Gattás, pelas legendas e ajuda com as referências bibliográficas. A todas e todos eles, além das contribuições mencionadas, agradeço imensamente a amizade e a parceria. Às professoras e professores Deborah Lima, Stelio Marras, Rogério Brittes, Joana Cabral, Karenina Andrade, Yuri Castelfranchi, Edgar Barbosa e Jeremy Deturche, interlocutores em momentos distintos deste trabalho, pela escuta e sugestões. À Tom Wickert e Laura McLauchlan, seus mushrooms e headhogs, pelo acolhimento na Austrália. À Raysa França, pela confiança. À minha avó Tereza e à minha mãe Raquel, pela força e coragem. Às minhas tias Nina, Jane, Simone, Maria Tereza e Fernanda. À Ana Maria Coutinho Barbosa, que um dia comentou com seus filhos que na cidade de Laguna tinha uma história de golfinhos que ajudavam pescadores. Ao Luam, meu irmão, pelo apoio e serenidade. Às inspiradoras amigas e amigos, por tudo que representam para mim: Ana Maria Machado, Lino e Aurora. Telen Teles e Maria Flor. Marina Diniz. Mariana e Ester Catão. Bruno Isaac, João Renato Alencar, Dani Lima. Camila de Caux, Eric Macedo e Nico, Maria Luísa Freitas, Luísa Girardi, Clarisse Raposo, Juliana Campos, Chris Barra, Helena Dolabela, Luisa Reis, Amanda Horta, Júlia Goyatá. Daniel Alves de Jesus, Beta e Isabel, Rogério Brittes, Raquel, Patrick Arley, Levindo, Flora, Jonas Vaz, Renato Jacques. Paola Gibram, Letícia Coelho, Aline Ferreira, Milena Argenta, Fernanda de Azeredo, Heloísa Souza. Aninha Mercês. Às medicinas e tecnologias indígenas, em especial à ayahuasca. À Marina Alves, Helem Soares, Ana Clara, Ana Luiza Cunha, Felipe Teles, Yuri, Júlia, Maia e Juliana Arcanjo, por toda partilha. A Seu Nino (*in memoriam*), Dona Isabel, Isa, João Vitor, Miguel, Dona Carminha, *abençoadinhos*, pelo

carinho e receptividade em Laguna. A Safico, Gegê, Barroso, Jader, Seu Guerrinha, pela colaboração com a pesquisa. A Wellington Linhares Martins e à Fátima Satsuki, pela parceria em Laguna. Aos botos e *bôtas* da Laguna, que dão sentido a tudo isso. Ao vento sul, o *rebojo*, que torna qualquer ambiente mais interessante. Às tainhas, que alinhavam belas histórias. E, finalmente, ao Fred, pelo amor, cuidados e suporte. E ao Noa, pela sua força e inspiração em meu ventre.

À Capes, que me concedeu bolsas de estudo ao longo dos anos de doutorado.

Todos os desenhos desta tese são de autoria de David Arranhado. As fotos são fruto de uma parceria com Eduardo Vargas, que gentilmente me emprestou uma câmera, e Patrick Arley, que ajudou a escolher e tratou as imagens. Telena Teles montou o vídeo sobre a colaboração entre orcas e baleeiros em Eden (Australia) e Frederico Gattás fez as legendas. Rafael Vieira diagramou a primeira versão da tese. A todos, meu muito obrigada.



Fonte: Daido Morayama

*~ Um peixe vem entrando. Tudo se revolve porque entra um peixe. Essa é a única mudança. Graças à chegada do peixe, as relações se modificam: como a morte ilumina a vida, assim a vida ilumina a morte – a vida com ardor. Vamos, dancem dentro dessa ideia, concentrados e com total liberdade. Quando o peixe entra dentro de nós, de repente, seus olhos nos tomam por inteiro, tomam vocês por inteiro. Dentro dos olhos do peixe, o que diz o movimento de seus dedos, o movimento de suas mãos? Isso é algo impossível de desvendar pela matemática ou pela química. [...] Sim, estou tocando em algo.*

(Kazuo Ohno. Treino em poema)

## RESUMO

A tese dedica-se à pesca conjunta que acontece na cidade de Laguna (Santa Catarina, Brasil). O texto narra uma história de encontros entre tainhas em migração pela Costa Sul brasileira, golfinhos nariz-de-garrafa que habitam a Lagoa Santo Antônio dos Anjos e pescadores artesanais. Em Laguna, “bôtas boas” e “botos bons”, como são conhecidos os animais que participam da pesca, conduzem cardumes de tainhas na direção dos pescadores para, no momento certo, sinalizar a localização dos peixes com movimentos corporais característicos. Os golfinhos e os pescadores que participam dessa pesca vêm desenvolvendo conjuntamente formas de convivência, colaboração e bem viver. Os pescadores reconhecem individualmente cada “boto bom” e “bôta boa”, atribuem-lhes nomes, descrevem seus hábitos particulares de pesca e outras características de suas histórias de vida, como relações de parentesco, desaparecimentos temporários e episódios de emalhe. A tese demonstra o desenvolvimento interespecífico de habilidades entre botos e pescadores, bem como formas de comunicação ligadas às ideias de atração, corpos, movimentos, corresponsividades, ajustamentos rítmicos, temporalidades humanas e não humanas, coordenação e sintonização multiespécies. A abordagem evita as explicações baseadas no excepcionalismo humano, nas tipologias e nas oposições binárias. O texto explora complementarmente os conceitos de etnoetologia, etoetnologia e etoecologia.

Palavras-chave: Pesca Artesanal; Etnografia Multiespécies; Golfinho Nariz-de-Garrafa; Tainha.

## ABSTRACT

This doctoral thesis is dedicated to a modality of artisanal fishing that occurs in the city of Laguna (Santa Catarina, Brazil). The research tells a story of encounters between mullets migrating along the Brazilian South Coast, bottlenose dolphins that inhabit in Lagoa Santo Antônio dos Anjos and artisanal fishermen. “Good bôtas” and “good botos”, as the dolphins involved in fishing are known, guide schools of mullets towards the fishermen and at the right moment signal the location of the fish with characteristic body movements. Dolphins and fishermen that participate in conjoint fishing have been jointly developing forms of coexistence, collaboration and good living for a very long time. The fishermen recognize each “good boto”, assign names to them, describe their particular habits and other characteristics of their life stories, such as kinship relationships, temporary disappearances and gillnet episodes. This thesis demonstrates an interspecific development of skills between dolphins and fishermen as well as forms of communication linked to the ideas of attraction, bodies, movements, co-responsiveness, human and non-human temporalities, rhythmic adjustments, coordination and multispecies attunement. This approach avoids explanations based on human exceptionalism, typologies and binaries oppositions. Complementarily the text explores the concepts of ethnoethology, etoethnology and etoecology.

Keywords: Artisanal Fishing; Multispecies Ethnography; Bottlenose Dolphin; Mullet

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Gaivota (Fonte: Brisa Catão, 2016) .....	1
Figura 2 – Pesca com os botos embarcada na Lagoa Santo Antônio dos Anjos - Laguna, SC (Fonte: Brisa Catão, 2016) .....	19
Figura 3 – Frame do vídeo. <i>Try pot</i> em Davidson Whaling Station - Eden, Austrália (Fonte: Brisa Catão, 2017) .....	46
Figuras 4 – Pesquisas com golfinhos em cativeiro - Marine Studios, EUA (Fonte: John Lilly, 1962 - <i>Man and Dolphin</i> ) .....	52
Figura 5 – Cartaz do documentário <i>The Girl who Talked to Dolphins</i> (Fonte: site IMDb).....	54
Figura 6 – <i>Dolphin House</i> - Fonte: <i>The Girl Who Talked to Dolphins</i> (Christopher Riley, 2014). Youtube/ BBC.....	55
Figura 7 – Peter no elevador - Fonte: <i>The Girl Who Talked to Dolphins</i> (Christopher Riley, 2014). Youtube/ BBC.....	55
Figura 8 – Gregory Bateson observando os golfinhos no laboratório <i>Dolphin House</i> - Fonte: <i>The Girl Who Talked to Dolphins</i> (Christopher Riley, 2014). Youtube/ BBC.....	56
Figura 9 – Margaret Lovatt e Peter na <i>Hustler Magazine</i> (Fonte: <i>The Guardian</i> , 2014) .....	59
Figura 10 – Sarilho em Pomta das Pedras (Laguna, SC) .....	72
Fonte: David Arranhado.....	72
Figura 11 – Construção dos Molhes da Barra (Fonte: Autor desconhecido) .....	73
Figura 12 – Trilho para construção dos Molhes da Barra (Fonte: Autor desconhecido) .....	74
Figura 13 – Fim de tarde na Tesoura - Laguna, SC (Fonte: Brisa Catão, 2016) .....	76
Figura 14 – Botos e surfistas na Praia do Mar Grosso - Laguna, SC (Fonte: Brisa Catão, 2016) .....	77
Figura 15 – Vigia no ponto de pesca Dezenove nos Molhes da Barra - Laguna, SC (Fonte: Brisa Catão, 2016) .....	78
Figura 16 – Pescadores no ponto de pesca Dezenove nos Molhes da Barra - Laguna, SC (Fonte: Brisa Catão, 2016).....	79
Figura 17 – Pescadores no ponto de pesca Tesoura nos Molhes da Barra - Laguna, SC (Fonte: Brisa Catão 2016).....	85
Figura 18 – Gegê navegando na Lagoa Santo Antônio dos Anjos - Laguna, SC (Fonte: Brisa Catão 2016) .....	106
Figura 19 – Captura de tainhas no ponto de pesca Tesoura - Laguna, SC (Fonte: Brisa Catão, 2016) .....	108
Figura 20 - Boto na Lagoa Santo Antônio dos Anjos - Laguna, SC (Fonte: Brisa Catão, 2016) .....	110
Figura 21 – Pescadores observam boto na Tesoura - Laguna, SC (Fonte: Brisa Catão).....	122
Figura 22 – Sequência boto e pescador no Cais - Laguna, SC (Fonte: Brisa Catão, 2016) .....	151
Figura 23 – Voo da tarrafa no Cais - Laguna, SC (Fonte: Brisa Catão 2016).....	159

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	19
Composição Multiespécies .....	19
Períodos de Trabalho de Campo .....	29
Inspirações e Narrativas .....	30
Pescas Cooperativas em Laguna e Alhures .....	37
Botos e Golfinhos: Histórias Improváveis .....	48
Golfinhos e experimentos científicos: o caso Dolphin House.....	50
Roberto Bubas e as orcas em Park Ranger .....	61
Military Dolphins (US Navy Marine Mammal Program) .....	63
Partos e Terapias .....	64
Massacres e Comercialização.....	65
Botos Encantados ou Bichos-do-Fundo .....	66
CAPÍTULO 1 .....	72
Nós no Tempo-Espaço: Locais e Sujeitos.....	72
Pescadores na Tesoura .....	80
Uma Mulher no Ponto de Pesca .....	92
Tainhas na Laguna .....	103
Bôtas Boas e Botos Bons da Laguna.....	109
Reconhecimento Físico .....	110
Nomeação.....	111
Botos, <i>Bôtas</i> e Gênero.....	113
<i>Bôtas</i> , Pescadores e Filhotes .....	114
Comportamento e hábitos de pesca .....	115
Experiência, trabalho e predileção .....	116
Modos de identificação e animismo ecológico .....	123
CAPÍTULO 2 .....	127
Águas de Viver e Morrer Juntos: Legados Interspécies .....	127
O caso Flipper .....	133
Tempo, conflito e cooperação com os botos em Laguna .....	135
Relações Interspecíficas de Gênero Cruzado .....	138
CAPÍTULO 3 .....	141
Águas de Fazer Juntos: Co-aprendizagem e Desenvolvimento Interspecífico de Habilidades .....	141
Animais Singulares e Comunidades Híbridas .....	145
Eto-ecologia, Organismos-em-seus-ambientes .....	146
CAPÍTULO 4 .....	149
Águas de Dançar Juntos: Atração e Entendimentos Mútuos .....	149
Cais, Laguna, junho de 2016.....	150
Reconhecimento e Sinalização.....	152
Multidirecionalidade .....	155
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	160

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	171
REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS.....	181
SITES .....	181
ANEXO 1 – Árvore Genealógica de Dolores.....	182
ANEXO 2 – Árvore Genealógica de Lata Grande .....	183

## Abertura. O Outono Chegou



Figura 1 – Gaivota (Fonte: Brisa Catão, 2016)

Meados do outono. Um vento sul, forte, seco e gelado, esfriou a água na Lagoa dos Patos (RS) e as tainhas começaram seu *curso*<sup>1</sup> (migração pela costa). Em Laguna (SC), o mar estava agitado, aumentando a chance dos peixes saírem do *mar grosso* e entrarem na Lagoa Santo Antônio dos Anjos.

A *quadra de vento* estava *boa para peixe*. Depois de dois dias de *rebojo* (vento sul), começou a aparecer o *facão* (uma das classificações locais para tainha). Na sequência, foram quatro ou cinco dias de calmaria, um [vento] *lestizinho* fraquinho, para então chegar o [vento] *nordestão*, sem sujar muito a água. A condição estava ideal para o peixe entrar na *boca da barra* [região estuarina de Laguna] com o *cardume amontoadado*. O *rebojo* tinha feito as tainhas *correrem, viajarem*, tinha clareado a água, mantendo o cardume reunido. A calmaria manteve a condição e o vento nordeste fez os peixes

---

<sup>1</sup> Termos e expressões locais estão em itálico ao longo do texto.

*encostarem* na costa, facilitando a entrada na lagoa.

O Velho foi deitar-se sabendo disso. Acordou uma hora da manhã perturbado com o sonho: um burburinho alto de água e peixe espalhado por todo lado. Perdeu o sono. Por volta das cinco da manhã, quando começou a ficar sonolento de novo, escutou sua esposa falando: “teu parceiro chegou”. O assobio fraquinho do outro soava lá fora. Ele se levantou, tomou um café quente e colocou as últimas coisas na garupa da bicicleta: macacão de borracha, tarrafa, agulha, linha, pão com farofa e uma garrafa de café adoçado com leite. Os dois rumaram para a parte sudeste da cidade. Queriam garantir uma boa *vaga* (posição dentro d’água) na Tesoura. Pedalaram vencendo a ventania, que soprava contra. Mesmo com as duas meias, as duas calças de moletom, os dois *abrigos* [agasalhos], as luvas e a touca de lã, ele sentia frio.

Enquanto fazia força nos pedais, o Velho dizia entre os dentes: “não tenho mais idade para isso, vou é vender tudo, rede, tarrafa, bote! Agora que me aposentei não quero mais saber desta vida!”. “E tu vai aguentar ficar parado em casa, homem? Se não fizer nada, o cara morre”, retrucou o parceiro. Ele mudou de assunto e comentou sobre as tainhas que o cunhado havia pegado com o Scooby [um *boto bom*] lá na Balsa, no dia anterior: “cada *peixe grado*! Mas Scooby deu dois saltinhos e tocou. O outro [pescador] que pegou mais foi lá na *batida* [nome de uma das técnicas de pesca com os botos em Laguna]”. Chegaram na praia e Seu Muriel, que estava ali desde o início da madrugada, já guardava a primeira *vaga* para os outros de sua *equipe*, que logo mais apontarão. O Velho e o parceiro farão a segunda *vaga*.

Já com o dia claro, a Bôtinha do Rio e seu filhote chegaram no canal. A *bôta* ficou ali na espreita, em torno do alagado de pedras no fundo da lagoa, *disfarçando*, *cheirando peixe*. Após mais de uma hora na água gelada, com as pontas dos dedos das mãos brancas e enrijecidas, praticamente congeladas, as tainhas deixaram as pedras e a Bôtinha do Rio finalmente *mostrou o peixe*. Ele fez o *balanço da tarrafa* e lançou a rede já com pouco controle do corpo, sentindo apenas que jogava algo para frente. Nesta altura, estava *encarangado* de frio. “Arreeeia, parceiro!”, gritou um pescador na areia. “Mais parece uma peteca!”, zombou o outro do modo como a tarrafa havia sido lançada. A rede abriu-se no voo e caiu na água.

Ele sentiu o sangue circular mais rápido e o coração disparar. Era uma *pulaçada* no pano da tarrafa! Aquilo era gostoso de sentir. Pela *puxadinha* da fieira, uma fina cordinha que liga o pano da tarrafa ao punho do pescador, ele sentia o peso e o movimento das tainhas se agitando na rede. A adrenalina, que já se anunciava desde o momento em

que a *bôta boa* se aproximou e começou a *fazer jeito para peixe*, agora tomava conta de seu corpo. Não demonstrou todo seu entusiasmo, mas não deixou de comemorar, sorrindo, a captura. Arrastando a rede na água, voltou caminhando para a faixa de areia sob os olhares atentos de todos, que intimamente se perguntavam: “quantas será que vieram?”. A rede cheia de peixes chega na areia. “Barbemo, parceiro! Bem que não pula, ela só virou no peixe. Virou no peixe e o peixe subiu”.

Pescadores, moradores e turistas se juntam em volta, enquanto o Velho vai puxando a rede para cima e enrolando o *pano* da tarrafa. As tainhas ficam ali mesmo pelo chão, se debatendo, abrindo e fechando bocas e brânquias, batendo a *colinha* [cauda] na areia com o olhar aparentemente assustado. Os parceiros reúnem-se em volta para contar o peixe, ajudá-lo a desmalhar as tainhas, negociar com os interessados e demais curiosos. Com um correr de olhos, os pescadores estimam a qualidade e a quantidade das tainhas na areia. Rapidamente, identificam quantas têm ali e quais estão ovadas e são mais valiosas por isso. O que não impede que algum dos parceiros, invariavelmente, conte-as uma por uma. Enquanto isso, o Velho lança sua tarrafa ali na beirinha d’água para lavá-la e prepará-la para o próximo lanço. “Sujeirada! O boto *cavou na tarrafa* [suspendeu a extremidade submersa da rede], levantou areia do fundo e olha aí”, ele resmunga enquanto retira pequenas folhas e outros resíduos *engalhados* na sua rede.

Alguns peixes daquele lanço são vendidos ali na hora. A praia, que pouco antes não tinha ninguém, imediatamente se encheu de gente. A Tesoura tem esse mistério: junto com os peixes chegam as pessoas. É quando o ponto de pesca vira feira: “quanto é o quilo?”, pergunta uma interessada. “Aqui não é no quilo, senhora, é no olho, escolhe o peixe que eu te falo o preço”, responde o pescador negociante. A sugestão costuma ser sempre um montante de peixes que some cinquenta reais. Alguma negociação depois, as compradoras, satisfeitas, levam suas tainhas ainda vivas, se debatendo nas *bolsinhas* [sacolas plásticas]. “Bá, gurria, bem fresquinha, não tem?”, diz uma delas. “Estou doida para comer um peixinho!”, completa a outra.

O restante da *tarrafada* ele coloca naquela redinha dentro d’água, que volta a amarrar num pedaço de pau afixado no fundo da lagoa. Deixar aquelas tainhas ali as mantêm vivas e frescas, livres da *secura* causada pelo vento constante. Se forem muitos peixes, as tainhas ficarão ali mesmo pelo chão, em um monte na areia que alguém da *equipe* se encarregará de cuidar e tentar vender. Dependendo do montante de peixes e do acordo, ele ligará para algum atravessador, um *bombeiro*, que arrebatará tudo por cerca de quatro reais o quilo, muito menos do que ele consegue vendendo diretamente. Com

sorte, todas elas serão vendidas até o final do dia. Caso contrário, cada um receberá, sem *esganação*, seu devido quinhão de peixe e de dinheiro.

## INTRODUÇÃO

### Composição Multiespécies

“O mundo é um nó em movimento”  
(Donna Haraway)



Figura 2 – Pesca com os botos embarcada na Lagoa Santo Antônio dos Anjos - Laguna, SC  
(Fonte: Brisa Catão, 2016)

“Parece até conversa de pescador, *né?! Mas é verdade!*” (Jader, 2015). Embora a história que abre esta tese tenha um tom ligeiramente fictício, ela é bastante precisa em termos etnográficos. Esta pequena crônica etnográfica surgiu de observações e conversas diferentes, em dias também variados, do trabalho de campo em Laguna (Santa Catarina, Brasil). Mesmo as passagens aparentemente mais fantasiosas, como o episódio do sonho, foram a mim relatadas. Desta coleta de histórias, acontecimentos, personalidades e temperamentos, surgiu o Velho e um dia típico de pesca com os botos na Tesoura. Este personagem, portanto, não é nem o retrato de um pescador específico nem um pescador completamente inventado, mas uma bricolagem de pescadores diferentes construída a partir de seus modos particulares de falar e saber-fazer.

Neste sentido, o Velho é um pescador composto por muitos outros pescadores, além de peixes, lagoa, tarrafas, ventos, botos e marés. “Every living being should be envisaged not as a blub but as a bundle of lines” (Ingold, 2016, p.1). Em relação à verossimilhança com o que acontece naquele ponto de pesca há somente uma reparação a ser feita. Na abertura acima, descrevo apenas um lance e uma captura de peixes, enquanto na realidade podem acontecer várias delas ao longo de um único dia.

Ainda que o Velho possa sugerir uma imagem bastante generalista dos pescadores, tal forma de apresentá-los foi propositalmente pensada como um modo de evitar uma caracterização concentrada em perfis sociológicos ou, apenas, nas relações dos pescadores entre eles (embora eu volte mais detidamente a estes pontos adiante). Como veremos, estes tarrafeadores são parte importante da rede a ser descrita aqui, mas não são os únicos a constituí-la nem serem por ela constituídos. Nos termos de Isabelle Stengers, os humanos aqui nos interessam desde que associados àquilo que ele ou ela requer para ser humano ou humana – “o indivíduo isolado não é algo que tem um significado” (2016a, p.175). Esta tese, portanto, é sobre uma rede heterogênea de “quase sujeitos” e “quase objetos” (Latour, 1994) e não sobre sujeitos que falam e agem sobre objetos.

A ideia de *composição*, recuperada no título desta introdução, tem como inspiração principal a sociologia infinitesimal de Gabriel Tarde, em que “indivíduos e sociedades, como células e átomos, são todos compostos e, enquanto tais, imediatamente relacionais, integrações de diferenças infinitesimais” (Vargas *in* Tarde, 2007, p. 32). A pesca conjunta em Laguna tem a ver com ciclos orgânicos de vida, com co-constituições, nas quais organismos não chegam prontos e acabados para um encontro, mas, justamente, emergem destes encontros, tornam-se quem são juntos, influenciando-se mutuamente, desenvolvendo-se conjuntamente, coevoluindo. Recentemente, o termo “multiespécies”, presente em outras disciplinas há mais tempo, vem ganhando espaço na antropologia. O biólogo Emydio Monteiro (1992, p. 34) nomeia as interações entre golfinhos e aves marinhas como “associações multiespecíficas”. Na célebre introdução de Kirksey e Helmreich (2010), os autores mencionam como o termo “multiespécies” é usado nas ciências biológicas para padrões compartilhados de pastoreio e outras situações.

Como toda etnografia, esta é uma história de encontros. Encontros entre peixes, redes de pesca, golfinhos nariz-de-garrafa, pescadores, pedras, ventos, fluxos d’água e uma certa lagoa. Como nunca pode deixar de ser, é também sobre o meu encontro com este universo. A história envolve, principalmente, tainhas em migração pela Costa Sul

brasileira, golfinhos nariz-de-garrafa que habitam a Lagoa Santo Antônio dos Anjos e pescadores que nasceram na cidade de Laguna (SC). Ela almeja ser uma história sobre coabitação, habilitação interespecífica e socialidade corporificada entre espécies.

Há pelo menos 170 anos, os ascendentes daqueles pescadores e daqueles *botos bons* e *bôtas boas*<sup>2</sup>, como são carinhosamente conhecidos os animais que participam da pesca, vêm desenvolvendo conjuntamente formas de convivência, colaboração e bem viver. Aliaram-se em torno de alguns projetos comuns: capturar tainhas e se relacionar certamente são alguns deles. *Bôtas boas* e *botos bons* conduzem cardumes de tainhas na direção dos pescadores e, no momento certo, sinalizam a localização dos peixes com movimentos corporais característicos. “O boto bom traz o peixe para o pescador”, dizem estes tarrafeadores e outros moradores da cidade. Os pescadores conhecem muito bem os golfinhos que colaboram com eles: reconhecem-lhes individualmente, atribuem-lhes nomes, descrevem seus hábitos particulares de pesca e outras características de suas histórias de vida, como relações de parentesco, desaparecimentos temporários e episódios de emalhe. Surgiram daí fortes parcerias de trabalho e laços interespecíficos de amizade, que alguns dentre eles nutrem por mais de trinta anos.

Datas precisas a respeito de quando esta cooperação começou são difíceis de estimar. Não há muita informação disponível sobre a origem e a história da pesca conjunta em Laguna. Nas falas dos pescadores, tal parceria com os golfinhos é datada de forma bastante imprecisa, parecendo até ocupar um tempo mítico, em que acontece desde que o mundo é mundo. “Quando descobriram isso aqui já tinha boto. Os botos, acho que eles já nasceram aqui dentro da Lagoa” (Latinha *in* Bocchino, 2015). “Desde que eu me entendo por gente já convivia com a pesca no boto. Pescava outro tipo de pesca, mas já pescava no boto naquela época, quando eu era guri” (Seu Guerrinha, *idem*). O primeiro artigo

---

<sup>2</sup> Segundo a gramática da língua portuguesa, a palavra “boto” é um substantivo epiceno, ou seja, não varia no masculino e feminino. Neste caso, a desambiguação de gênero é feita pela aposição ao substantivo, sempre acompanhada de hífen, da palavra “fêmea”: “o boto-fêmea” ou “os botos-fêmeas”. Em casos como este, não há necessidade da concordância de gênero entre o substantivo e o aposto, como em boto-fêmea e cobra-macho, por exemplo. A palavra “bota” (leia-se “bôta”), como feminino de boto, portanto, não existe na norma culta da língua portuguesa. Há também a possibilidade de se utilizar os termos “macha” e “fêmeo” como adjetivos, sem hífen, concordando com o substantivo: o boto fêmeo ou a cobra macha. Embora gramaticalmente corretas, as expressões “boto-fêmea” ou “boto fêmeo” me parecem excessivamente masculinizantes, não fazendo jus às (poéticas) expressões dos pescadores - *bota* e *bota boa*. No entanto, a homografia com a palavra que designa as botas de calçar faz com que as botas de Laguna sejam sempre lidas (e, portanto, imaginadas) como o nome do calçado. Como no contexto etnográfico as diferenças de gênero entre os botos importam - os pescadores não apenas reconhecem o dimorfismo sexual entre machos e fêmeas como estabelecem contrastes físicos e comportamentais entre os animais baseados em noções de gênero - foi necessário acentuar e criar os neologismos *bôta* e *bôtas*. Foi necessário, portanto, feminizar os botos na linguagem escrita à altura do que fazem os pescadores na linguagem oral. Agradeço, imensamente, todas as cuidadosas considerações de Heloísa Souza sobre gramática e linguagem inclusiva de gênero.

sobre o tema menciona um registro da cidade que data o início da pesca em 1847 (Pryor et al., 1990: 325). A estimativa mais recente reforça a informação de que ela já existia naquela época. De acordo com o biólogo e pesquisador Pedro Volkmer Castilho (comunicação pessoal, maio de 2015), uma senhora nascida por volta de 1903 contara que o avô dela já tarrafeava com os botos em Laguna.

Pescadores e golfinhos têm sido criativos em suas formas de colaboração. Desenvolveram técnicas diferentes, com artefatos diferentes (embarcados ou não), em diferentes pontos de pesca na cidade. Todos eles, contudo, ligados à Lagoa Santo Antônio dos Anjos. Ao longo de suas margens e águas - em prainhas, sarilhos<sup>3</sup>, *esperas* no meio da Lagoa e na foz do Rio Tubarão - estão distribuídos cerca de 25 pontos de pesca com os botos. Em alguns deles, os homens pescam em pequenas canoas, em outros pescam *por terra*, isto é, sem o uso de embarcações, mas muitas vezes com os corpos dentro d'água. Suas redes são, invariavelmente, as tarrafas. Os *botos bons* e as *bôtas boas* podem mostrar o peixe no *salto* ou na *batida*.

O foco desta tese recai sobre a pesca no *pulo* ou *salto do boto* que acontece em um ponto de pesca chamado Tesoura. A *batida*, outra técnica de pesca com os botos em Laguna, hoje acontece apenas na foz do Rio Tubarão. Antigamente, muitos botos *batiam* o peixe na Tesoura também. “O boto batia aqui também! Ôh! O que era a Chega Mais ali naquela ponta de pedra?!” (Amilton, junho de 2016). Dizem alguns pescadores que “se deixar, todo boto bate”, embora alguns animais sejam reconhecidamente mais experientes e habilidosos em *bater o peixe*.

Os procedimentos na *batida* diferem daqueles da pesca no *salto do boto* no que tange o uso de embarcações, a organização espacial dos pescadores e a movimentação dos botos no cerco ao cardume. Na *batida*, três canoas posicionam-se uma ao lado da outra. A canoa do meio é chamada de *batida* (é a canoa *da vez*, que tem prioridade para tarrafejar); a da frente é chamada de *cabeça* e a última de *cola* ou *revés*. A *cabeça* e a *cola* *tarrafeiam cobrindo* ou *fazendo o recurso*. Isto é, depois que o pescador na canoa do meio lançou sua rede, os pescadores das outras duas canoas podem tarrafejar para tentar capturar os peixes que, eventualmente, tenham escapado. Na *batida*, os botos “circulam o cardume” e “vêm ajuntando o peixe bem na frente da canoa do meio, deixam ele ali bem

---

<sup>3</sup> Sarilhos são armações nas margens ou mesmo dentro da lagoa, que funcionam como pequenos cais e/ou “garagens” para pequenas embarcações. São também uma passagem da cidade para a lagoa. Eles são verdadeiras bricolagens. Pedacos de antigas madeiras de obras e embarcações, emendados e sobrepostos, com cores, formas e tamanhos diferentes. Sempre há cordas e nós variados, armadilhas de pesca, covos de siri, estruturas de ferro para içar os barcos, vasilhinhas plásticas para retirar água etc.

presinho”, para então sinalizar o momento oportuno para o lançamento das tarrafas. “O boto faz a volta no cardume e passa de lado, às vezes com a *cola* [nadadeira caudal] e a barriguinta para cima” (Amilton, maio de 2016). “Lá na batida o boto falta colocar o peixe com a mão dentro da canoa!”. Raramente, os botos são literalmente antropomorfizados pelos pescadores, como aconteceu neste caso, em que Amilton atribuiu a um boto uma parte do corpo humano que os golfinhos não possuem, as mãos. Com frequência, os pescadores dizem que certo boto é “bom”, “ruim”, “vadio”, “parceiro”, “trabalhador”, “sério”, “sorrateiro” ou “mansinho”. Assumir que tais considerações sobre os botos são “antropomórficas” endossa o excepcionalismo humano - apenas os humanos podem ser dotados destas qualidades? Por isso, a ideia de antropomorfismo é severamente evitada aqui. Segundo a filósofa e ecofeminista Val Plumwood (2009), o antropomorfismo é um destes conceitos críticos cuja principal função seria inibir as pessoas a pensarem de forma diferente:

This charge of anthropomorphism is often invoked when someone is found guilty of presenting the non-human world in more agentic and intentional terms than reductionism allows. Anthropomorphism is a very tricky concept, with many functions. But one of its main recent roles is that of policeman for reductive materialism, enforcing polarised and segregated vocabularies for humans and non-humans (Val Plumwood, 2009, p. 127).

Por isso, discordo da interpretação de Castells & Iino sobre uma suposta “humanização” dos botos, baseada na atribuição de “características” e “atributos humanos” (2015, p. 74). Uma das maiores oportunidades dos estudos sobre relações entre humanos e não-humanos é justamente podermos rever esta polarização e não a manter intacta. Eduardo Vargas (*in* Tarde, 2007: 19) argumenta que o antropomorfismo normalmente é acionado como uma categoria de acusação, que denuncia uma projeção indevida. Entretanto, o ponto de apoio ou centro de irradiação do conceito é justamente aquilo que é tido como indevidamente projetado: a condição humana. Tal situação, portando, dá origem a um paradoxo, pois a acusação de antropomorfismo<sup>4</sup> acaba tendo como base o próprio antropocentrismo.

Na Tesoura, o *boto bom aberta* ou *tranca o peixe* para o pescador. Na sequência, ele *mostra o peixe no salto*. Os pescadores que ali se reúnem são homens que sabem *tarrapear no boto*. A concentração de tarrafeadores depende da época do ano e das condições de pesca. Já vi apenas três ou quase sessenta pescadores na Tesoura. Na linha

---

<sup>4</sup> Para outras considerações sobre esta categoria, ver Gaynor & McCann, 2017.

d'água, perfilados com a água na altura da cintura ou do peito, com as tarrafas enroladas e suspensas nas mãos, eles aguardam um sinal. Embora os golfinhos visitem a Tesoura diversas vezes ao longo de um único dia, as jornadas e a espera dos tarrafeadores podem ser extenuantes. Ventos fortes, chuvas, variações de temperatura e incidência solar atravessam a estação, tornando indispensáveis o uso de bonés, chapéus, toucas de lã, capas de chuva, roupas de neoprene e, sobretudo, o macacão impermeável com botas de borracha acopladas, que possibilitam aos pescadores permanecer na água por longos períodos. Fora d'água, outros homens limpam e vendem peixes, fazem ou reparam tarrafas ou, simplesmente, esperam sua vez de *fazer a vaga*, que são as posições dentro d'água ocupadas por ordem de chegada no local.

Quando os botos aparecem, em duplas, trios, grupos ou sozinhos, o ritmo local muda. A atmosfera de espera e descontração assume uma aura de ação ligeiramente apreensiva. Os pescadores se posicionam dentro d'água e acompanham atentamente o *lanço*, cujo desfecho nunca é completamente previsto. Os pescadores não batem remos ou varas na água, não os atraem com instrumentos musicais (como acontece em outras interações), não oferecem-lhes peixes ou tentam tocá-los. Com o propósito de chamar a atenção das *bôtas* e *botos bons*, os pescadores podem *bater com a tarrafa na água*. “Se é o boto que trabalha para gente, então a gente bate com a tarrafa na água, ele escuta, vem aqui para ver se tem peixe”. Este recurso é utilizado, em momentos adequados, para chamar a atenção do animal. Caso contrário, pode espantar o boto ou *bôta* e colocar tudo a perder.

A rede possui uma *chumbada* em sua extremidade, que pode produzir reverberações na água. Os golfinhos possuem uma apurada sensibilidade acústica e tátil. Embora não sintam cheiros, eles enxergam e escutam muito bem, comunicando-se por meio de posturas corporais e uma infinidade de sons. “The dolphins are natural acousticians” (Herzing, 2013, min. 3:3) e possuem muita sensibilidade tátil: “o som pode ser sentido na água. (...) Então os golfinhos podem se chamar e se cutucar à distância” (ibidem, min. 3:19-3:26). Eles podem sentir, em seus corpos, sons e movimentos debaixo d'água. As ecolocalizações, por exemplo, podem ser usadas na navegação e na caça, mas também em comportamentos de corte. Nestas ocasiões, os machos podem chamar as fêmeas por meio da emissão de ondas acústicas<sup>5</sup> (ibidem, min. 4:2).

---

<sup>5</sup> A informação é de Denise Herzing, especialista em bioacústica e comunicação entre golfinhos-pintados-do-Atlântico. Há cerca de 30 anos, ela acompanha diferentes gerações de uma mesma população destes animais. Ver.

Por parte dos pescadores, o ato de *bater a tarrafa na água* deve ser estrategicamente utilizado, no momento certo, sob o risco de atordoar os botos e interferir negativamente na pesca. Já presenciei pescadores experientes bastante irritados com o novato que “ficou batendo a tarrafa na cara da *bôta*”, o que teria atrapalhado o *lanço*. “A *bôta* não firmou o salto pra mim, o cara não sabe, ficou batendo a tarrafa na cara dela, o peixe parou e ela não mostrou o peixe, não firmou o salto” (Jader, 2015). “Bater a tarrafa na cara da *bôta*” não implica contato físico, significando que o garoto fez o movimento, repetidamente e na hora errada, quando a *bôta* já estava próxima dos pescadores e engajada no cerco.

Alguns pescadores dizem que *bater a tarrafa na água* também cumpre a função de *assustar* o peixe, fazendo ele *correr*, *viajar*, se movimentar. Ou seja, o gesto pode ter por finalidade influenciar a movimentação tanto dos botos quanto das tainhas. Outro evento que influencia a movimentação dos peixes são as *quebras de maré*, quando o fluxo d’água muda de sentido e intensidade e faz os peixes se movimentarem, propiciando a captura. Nos dias que as condições de pesca estão ruins, as esperanças dos pescadores recaem-se sobre estes momentos, pois para os botos afugentarem as tainhas é fundamental que elas deixem as pedras. “Tainha tem medo de boto e boto tem medo de pedra”, é uma máxima que se escuta na Tesoura.

Sempre em movimento, entre mergulhos e reaparições intermitentes, os botos submergem, desaparecem nas águas turvas do canal e voltam a emergir poucos ou muitos metros adiante. Os pescadores acompanham os botos atentamente, procurando antever onde ressurgirão a cada vez. Da areia e da linha d’água, a maior parte do tempo seguimos seus deslocamentos observando as nadadeiras dorsais e os borrifos d’água lançados pelos orifícios respiratórios. A seguir reproduzo um trecho do caderno de campo, em que descrevo a movimentação de um lance.

Os pescadores estão com os olhos atentos na água. Caroba [uma *bôta boa*] saltou duas vezes, quase de costas para Gegê [um pescador]. Saltou novamente, agora paralelamente ao pescador. O *borrifo* de sua respiração foi mais intenso, mas os movimentos não geraram tarrafadas. A *bôta* afastou-se e se posicionou mais perto das pedras. Os pescadores estão com os olhos vidrados na água. Caroba reapareceu, já mais afastada da faixa de areia, no meio do canal, fora do campo de ação dos pescadores. A atenção se voltou para lá. A *bôta* volta a se aproximar. Reapareceu com mais um boto, agora em frente ao Gegê. Os dois botos continuaram seguindo juntos pelo canal, lagoa adentro. Mudaram de direção, reapareceram novamente na Tesoura e continuaram

nadando. Já estão em frente ao primeiro pescador, perto da primeira *vaga*, no sentido oceano-lagoa. Os botos emergiram juntos, sincronizados. Aparentemente eram apenas dois, mas surgiu um terceiro boto. Definitivamente, tem todo um mundo debaixo d'água ao qual não temos acesso. Agora, são três botos e três pescadores dentro d'água. Safico [um pescador que está na areia] gritou: “já tem um boto para cada um!”. Um pescador tarrafeou. Nada. Breve dispersão. Dois outros botos surgiram na superfície, em lugares e momentos diferentes. Aqueles três primeiros golfinhos seguiram lagoa adentro e, nesse trajeto, passaram em frente aos pescadores posicionados no Terceiro [nome da prainha contígua à Tesoura]. Com a presença dos botos, os pescadores tarrafearam. Nada de peixe. Os botos continuaram se movimentando. Agitados, um deles batia a cabeça na água, como quem insiste no sinal. Os três pescadores mais experientes que assistiam à cena correram em direção aos botos. Passaram pelos três homens que estavam posicionados no Terceiro e tarrafearam. Um deles pegou peixe: três tainhas apenas. Os botos ainda fizeram mais alguns movimentos: *cola* (nadadeira caudal) para o alto, torções de corpo. Passado algum tempo, os botos desapareceram das vistas de todos e só então os pescadores relaxaram. Esse desenlace durou cerca de quinze minutos. As pessoas na praia reuniram-se em torno da tarrafa com os peixes e tiraram fotografias. Os pescadores dispersaram, alguns saíram da água. Aqueles que já estavam na Tesoura antes do lance voltaram a assumir seus postos (trecho do caderno de campo, julho 2015).

Debaixo d'água, as tainhas refugiam-se em meio às pedras no fundo e nas laterais do canal. Às vezes, os botos ataçam-nas com movimentos bruscos, como bater a nadadeira caudal na superfície da água. Mas a conduta mais comum é aguardarem, mantendo-se discretamente perto dos *alagados* (como são chamadas as aglomerações submersas de pedras), *cheirando peixe*, *boiando de barriga para cima*, *disfarçando*.

Peixe está entrando dentro da barra e se esconde ali. Como os botos estão cuidando do peixe, debaixo dessa pedra, eles estão só esperando a hora. Pescador não pode bater a tarrafa na água, não pode fazer barulho no chão com os pés, porque aí o peixe volta para debaixo da pedra outra vez. Se for fazer barulho, corre o dia todo assim e o boto não dá mais um pulo. O peixe está lá na pedra. O boto quando cola daquele jeitinho, bem quietinho, paciente, paradinho ali, é onde está o peixe. O boto também, muito inteligente, ele não faz barulho. Não movimenta o corpo dele no fundo da água. Ali, ele está só olhando o peixe (João *in*: Animal Planet. Aprox. 23'59”).

Quando as tainhas deixam as pedras, inicia-se o cerco. Um ou mais botos afugentam os peixes em direção aos pescadores. No momento em que o cardume de tainhas encontra-se ao alcance de alguma tarrafa, o *boto* ou a *bôta boa* faz um movimento

corporal característico para *mostrar peixe* aos pescadores. É o momento tão esperado, quando os homens devem arremessar suas redes. O primeiro a fazê-lo é aquele na *vaga* em frente à sinalização do animal. Em seguida, é a vez daqueles que estão imediatamente ao seu lado lançarem as *tarrafas de fora* ou *do recurso* para capturar as tainhas que eventualmente escaparam. Cada sinalização de um golfinho desencadeia, portanto, uma sequência de movimentos quase coreografados de torções de troncos e estiramentos de braços para arremesso das redes. Após um *lanço* bem-sucedido, o pescador arrasta cuidadosamente a sua tarrafa até a faixa de areia. Sozinho ou com a ajuda de um parceiro, ele retira a tarrafa da água e começa a *despescar*, despreendendo os peixes da malha, conferindo a quantidade e a qualidade das tainhas capturadas. O boto que mostrou o cardume pode continuar por ali *trabalhando* ou ir embora lagoa adentro ou mar afora. Algum tempo depois, aqueles mesmo botos ou outros chegarão, e a captura recomeçará.

Golfinhos e pescadores pescam juntos ao longo de todo o ano em Laguna, mas o momento privilegiado é a aguardada *temporada das tainhas* ou *época da safra*, entre meados de abril e final de junho, de acordo com o calendário local. A ocorrência e a intensidade da pesca estão relacionadas ao ciclo de vida e à circulação dos peixes. É a movimentação das tainhas pela Lagoa Santo Antônio dos Anjos que influencia a movimentação de botos e pescadores pelos pontos de pesca.

Os pescadores possuem um vasto repertório de classificação das tainhas. Uma macro classificação diferencia as tainhas como *peixe de entrada* e *peixe de cima*. O *peixe de entrada* são os cardumes vindos do *mar grosso*, isto é, tainhas advindas do Sul, em migração pela costa, que adentram a Lagoa Santo Antônio dos Anjos. Conhecidas como *facões* ou *tainhas facoadas*, elas são capturadas ao longo do outono e do inverno, na “temporada das tainhas” na região. Já o *peixe de cima* são as tainhas que *se criaram na lagoa* – *virotas*, *tainhota*, o *peixe miúdo* - capturadas nos pontos de pesca lagoa adentro, sobretudo ao longo da primavera e do verão.

Durante o outono e o inverno (entre abril e setembro), portanto, os golfinhos estão mais concentrados na região do estuário (no canal ou Boca da Barra), em busca do *peixe de entrada*, enquanto ao longo da primavera e do verão eles circulam preferencialmente pelas áreas mais rasas da lagoa (Simões-Lopes & Fábian, 1999, p. 1018), onde está o *peixe de cima*. Desta forma, diferentes momentos no ciclo de vida das tainhas organizam a movimentação de botos e pescadores, além de técnicas, modalidades e temporadas de pesca.

Por isso, eu discordo de Pryor *et al* (1990), quando afirmam que “na pesca

cooperativa na costa brasileira, a pesca é iniciada e controlada pelos golfinhos” (tradução minha). Botos e pescadores estarão onde as tainhas estiverem. A movimentação das tainhas, por seu turno, é correlacionada aos fluxos e intensidades de ventos, correntes e marés. Os movimentos das marés correlacionam-se com as fases da lua. E, assim, indefinidamente. Portanto, não há uma única fonte de agência, mas movimentos e ações que engendram outros movimentos e ações. Configura-se, portanto, uma situação de pluriagentividade, em que a agência deixa de estar concentrada nos humanos, nos golfinhos ou mesmo nos peixes e passa a ser percebida como algo distribuído em um dado ambiente. Agência e controle, portanto, são sempre mais difusos do que podem parecer à primeira vista (Latour, 2013; 2015). O “ator” (humano e outro-que-humano), neste sentido, é semelhante ao ator-rede latouriano: “não é a fonte de um ato e sim o alvo móvel de um amplo conjunto de entidades que enxameiam em sua direção” (Latour, 2013, p. 75). Nas palavras de Donna Haraway, estamos diante de “um bestiário de agências” (2013, p. 3). Tais vínculos e movimentações conformam uma situação complexa e multiagentiva, relacionada a fluxos de movimentos, comunicações não-verbais, influências mútuas entre os diferentes agentes envolvidos, “temporalidades mais-que-humanas” e “coordenação multiespécies” (Gan, 2016).

A reflexão sobre as relações e os entendimentos mútuos entre botos e pescadores pautou-se, inicialmente, na ideia de comunicação interespecífica (ver Catão & Barbosa, 2018). Com o tempo, a reflexão foi paulatinamente abandonando um entendimento de comunicação associado a índices, sinais e trocas de mensagens, mesmo que já associadas a movimentos corporais e linguagens não-verbais, para assumir sentidos mais ligados às ideias de atração, coresponsividades, temporalidades humanas e não-humanas, ajustamentos rítmicos, coordenação e sintonização multiespécies. Neste sentido, o entrosamento e a sintonização entre botos, tainhas e pescadores (com a participação de ventos, fluxos d’água e artefatos) é mais próxima de uma dança rica em improvisações do que de um intercâmbio mais ou menos codificado de mensagens (ver capítulo 4).

Embora às vezes ainda insista na díade botos-pescadores, o trabalho de campo foi marcado pelo alargamento desta relação. O percurso da pesquisa foi um processo de expansão e inclusão de variados seres, artefatos e forças climáticas. A composição dessa rede multiespécies e multiagentiva foi etnograficamente informada e tanto os botos quanto os pescadores passaram a ser percebidos dentro de um agenciamento maior, além de tainhas, pescadores e golfinhos terem se multiplicado em suas infinitas singularidades.

## Períodos de Trabalho de Campo

Esta pesquisa permitiu que eu recuperasse alguns interesses antigos. Em 2002, escolhi cursar Ciências Biológicas visando conhecer melhor, justamente, os cetáceos (baleias e golfinhos, especialmente). Embora não tenha sido o que aconteceu, cerca de 11 anos depois a oportunidade de me aproximar destes animais surgiu de maneira imprevista. Meu primeiro contato com a pesca com os botos em Laguna aconteceu através de um pequeno vídeo produzido pela BBC britânica, que nos levou à cidade<sup>6</sup>.

Os dados etnográficos deste trabalho foram produzidos ao longo de três etapas de trabalhos de campo e algumas outras breves visitas à Laguna. Em fevereiro de 2013, estive na cidade, por um único dia, com Gabriel Coutinho Barbosa, Rafael Devos, Viviane Vedana e Luna. Foi quando vimos a pesca pessoalmente pela primeira vez e imaginamos questões possíveis para uma pesquisa antropológica sobre o tema. Em julho de 2014, no primeiro ano de doutorado, estive na cidade para avaliar questões ligadas ao trabalho de campo a ser realizado no ano seguinte e acompanhei um dia de pesca na Tesoura. Os períodos intensivos de trabalho de campo concentraram-se entre os meses de abril e julho de 2015 e maio e julho de 2016, duas temporadas das tainhas. Voltei à Laguna para uma estadia de dez dias entre novembro e dezembro de 2016, quando naveguei pela Lagoa Santo Antônio dos Anjos e acompanhei a pesca em outras localidades, especialmente na Ponta do Guia e na Ponta das Pedras.

Ao longo dos trabalhos de campo em Laguna diferentes pontos de pesca foram visitados: Cais, Ponta do Guia, Ponta das Pedras, Praia do Quatro, Praia do Seis, delta do Rio Tubarão, Toca da Bruxa, Balsa, Aerial, Arrebentão. Em algumas destas visitas presenciei o encontro entre botos, peixes, pescadores. Em outras, não. De todo modo, o trabalho de campo concentrou-se na Tesoura, na *época do peixe* ou *temporada das tainhas*, quando se têm mais botos e pescadores *trabalhando*, tainhas sendo capturadas e comercializadas, moradores e turistas assistindo à atividade. Em decorrência da visitação turística e da grande circulação de pessoas, a Tesoura é também o local onde o pescado atinge os maiores valores comerciais.

O planejamento inicial da pesquisa incluía ainda uma quarta temporada de campo, entre abril e julho de 2017. No entanto, fui ligeiramente surpreendida pela possibilidade

---

<sup>6</sup> Agradeço eternamente a Gabriel Coutinho Barbosa por ter me mostrado este vídeo (<https://www.youtube.com/watch?v=z0LHaUMGzGM>), com todo incentivo contido nas palavras: “caso os golfinhos ainda te interessem”.

de um estágio sanduíche na University of New South Wales (Sydney, Austrália). Tal estágio aconteceu justamente entre março e agosto de 2017. Além da oportunidade de entrar em contato com um campo de estudos emergente, Environmental Humanities, a ocasião foi propícia para uma pequena viagem de pesquisa a Eden, no extremo sul do estado de New South Wales.

A Austrália concentra relatos históricos de pescas cooperativas com golfinhos. De modo que, além das atividades universitárias, minha ida àquele país propiciou uma viagem à Twofold Bay, local onde um grupo de orcas e baleeiros se aliaram para captura de grandes baleias, entre 1840 e 1930, aproximadamente. Nesta viagem, realizei uma pesquisa nos arquivos do Eden Killer Whales Museum, que guarda uma imensa relíquia. Em notícias da época, livros e outros arquivos, estão muitas memórias do período em que a pequena cidade foi uma importante estação baleeira e a cooperação entre orcas e baleeiros acontecia a pleno vapor. Além disso, é também neste museu que está o esqueleto de Old Tom, a última orca a cooperar com os baleeiros na baía Twofold. A curadora do museu, Jody White, gentilmente me apresentou o espaço e comentou suas exposições, o que foi filmado e será melhor apresentado adiante.

Na biblioteca do museu conheci Carol, uma amável senhora que, naquela ocasião, trabalhava como voluntária na organização e manutenção dos arquivos. Ciente de meus interesses na região, ela e seu esposo me levaram para um grande visita guiada pela baía Twofold. Eles me conduziram por todos os pontos significativos na história daquela antiga cooperação interespecies – Davidson Whaling Station (em Ben Boyd National Park), Kiah Inlet (pequena enseada onde as baleias eram “processadas” – ainda estão lá os grandes caldeirões, *try pot*, onde o óleo de baleia era extraído) e Boyd’s Tower (torre de avistamento das baleias). A história desta cooperação entre orcas e baleeiros será melhor apresentada adiante.

### **Inspirações e Narrativas**

Minha participação na pesca conjunta em Laguna tem a ver com narrar, escrever, *contar uma história*. “Good stories make us care” (Cronon, 1992 *in* van Dooren, 2016, p. 10), é uma frase que ressoa na minha cabeça. “Boas histórias nos fazem importar”. Aparentemente muito simples, esta ideia tem muito a nos dizer sobre ética (sobre *ethics of storytelling* cf. van Dooren, 2016, p. 9-10 e van Dooren & Rose, 2016). Além disso, ela faz eu me perguntar: o que eu entendo por uma “boa história”? Encontrar alternativas

narrativas não é uma questão trivial para esta pesquisa, mas um desafio que envolve abandonar descrições reducionistas e mecanicistas dos animais, em busca de maneiras mais fenomenológicas de falar sobre eles (Lestel, Bussolini & Chrulew, 2014). Com isto em mente, revisei algumas de minhas inquietações diante de determinadas abordagens sobre as relações entre animais humanos e não-humanos<sup>7</sup>. Percebi que parte destas inquietações tinham a ver com a sensação de “entrar” e “sair” dos textos sem saber praticamente nada sobre os modos de vida daqueles animais. Em geral, os animais eram abordados como parentes, *pets*, caça, vítimas, às vezes símbolos ou representações, sendo muitas vezes considerados apenas *em relação aos humanos*, o que é diferente de serem abordados *junto com os humanos*.

Como escapar do antropocentrismo em um estudo antropológico sobre relações entre animais humanos e não-humanos? Eis uma questão que ainda vai me acompanhar por muito tempo. Claro que não há respostas conclusivas, sendo este um tipo de situação “a cada vez”, nunca “de uma vez por todas”, como bem argumentam Isabelle Stengers e Ilya Prigogine (1991). Ou seja, são desafios etnográficos, postos diante de cada situação específica. De toda forma, os métodos e narrativas têm muito a ver com isso. Swanson é precisa quando pergunta: “How does a study non-humans within a discipline whose methods are largely human-oriented? What methodological equivocations might we need?” (2017, p.84).

A seguir, apresento algumas das escolhas e inspirações teóricas, metodológicas e narrativas que me ajudaram a desviar tanto do antropocentrismo quanto do excepcionalismo humano, embora eles ainda estejam presentes. Algumas destas escolhas fizeram-se efetivamente presentes neste trabalho, outras atuaram como uma espécie de horizonte, direção, rumo ou inspiração.

[1] *Multidisciplinaridade*. Contextos de “socialidades-mais-que-humanas” (Tsing, 2013) exigem que nos perguntemos também sobre outras formas de vida e organizações sociais. Afinal, como narrar as vidas dos animais não-humanos sem consultar os “etnógrafos das

---

<sup>7</sup> De acordo com Isabelle Stengers (2016, p.175), “não-humano”, “outro-que-humano” e “mais-que-humano” são três maneiras de dizer que “humano” não é uma categoria muito interessante. “Falar em não-humano é apenas dar o primeiro passo” (ibidem). “More-than-human” tem a ver com uma nova forma de pensar o sujeito, não mais como um humano isolado, dono de suas intenções. “Other-than-human” não se trata de ser “mais-que-humano”, mas outra coisa, que tem a ver com obrigações com divindades, espíritos, ancestrais (ibidem). Embora eu concorde com Susan Leigh Star, que “nonhuman is like non-white, it implies a lack of something” (apud Kirksey, Schutze & Helmreich, 2014, p.3), às vezes eu ainda recorro ao termo. Oscilo entre “não-humano”, “mais-que-humano” e “outro-que-humano”, de acordo com o contexto, a escrita e o sentido da formulação.

formas orgânicas” (Marras, 2009, p.301)? No caso desta pesquisa, a multidisciplinaridade não foi exatamente uma escolha, mas uma condição, pois vinha da biologia toda a literatura de referência sobre o fenômeno<sup>8</sup>. Recebi isso com muita alegria. “Paying attention to the details of how these lives are or once were, lived [how they hunt or reproduce, how they take care of their young or grieve for their dead, how they make themselves at home in the vast Pacific Ocean or along an urban coastline], invites us into a sense of wonder” (van Dooren, 2016, p.8).

Junto aos estudos e conhecimentos dos biólogos pesquisadores do fenômeno, havia ainda outros grandes conhecedores do assunto a serem levados em conta, os próprios pescadores. Informações sobre os animais não-humanos, os artefatos e os fenômenos meteorológicos, portanto, surgem sempre mediadas por conhecimentos tidos como “tradicionais” e “científicos”. Simetrizar (Latour, 1994) e traçar conexões parciais (Strathern, 2004) provavelmente são boas maneiras de associá-los. Em poucas palavras, o conhecimento dos biólogos não poderia englobar hierarquicamente os conhecimentos dos pescadores, ou vice versa. Nenhuma das diferentes práticas de conhecimento poderia servir para verificar, confirmar ou desmentir a outra. Nenhuma delas poderia ter primazia sobre a outra. A ideia não é que estas diferentes práticas e formas de conhecimento sejam comparáveis, mas compatíveis. Lembrando ainda que tais práticas e conhecimentos não são dois blocos homogêneos de saberes. Eles são internamente diversificados, com alguns pequenos centros locais (Strathern, 2004, p. 96). Se parte do desafio é trabalhar através dos grandes binarismos do pensamento ocidental, os estudos da biologia não poderiam figurar como representativos da “natureza”, ao passo que o conhecimento dos pescadores e aquele produzido pela antropóloga seriam representativos da “cultura”. Por isso, “naturezasculturas” (Haraway, 2013). Claro que as formas de fazer tais conexões são sempre uma experimentação. Tratando-se de dispensar hierarquias e englobamentos, uma ideia-imagem interessante é aquela do rizoma (Deleuze & Guattari, 1995), “conectando práticas, preocupações e modos heterogêneos de dar sentido aos habitantes da Terra, sem que nenhum deles fosse privilegiado e todos fossem passíveis de se conectar uns com os outros” (Stengers, 2017, p. 5). “Conexões transversais”, nos termos de Isabelle Stengers (2017). “Conexões parciais”, naqueles de Marilyn Strathern (2004). Se queremos “tecer

---

<sup>8</sup> Algumas das principais referências são: PRYOR et al. 1990; SIMÕES-LOPES, P. C., 1991; SIMÕES-LOPES et al. 1998; SIMÕES-LOPES, 2016; PETERSON, 2005; PETERSON, HANAZAKI, SIMÕES-LOPES, 2008; ZAPPES, C. et al. 2011; DAURA-JORGE, 2011; ROMEU, 2012, 2015. No âmbito das ciências humanas, a única exceção encontrada é a dissertação de mestrado em antropologia: IINO, 2017.

pontes” (Stengers, 2017), ao invés de cavar ainda mais fundo os fossos nas “guerras das ciências” (Latour, 1994), é preciso desenvolver novas formas de acolhimento e conexões com práticas de conhecimento, ideias, proposições, métodos, teorias e modos de percepção estrangeiros. Isso serve para nossas relações com outros humanos e áreas de conhecimento, mas também com outros-que-humanos. Isabelle Stengers diz que há quem adore dividir e classificar, enquanto outros preferem tecer pontes – “tecem relações que transformam uma divisão em um contraste ativo, com poder de afetar, de produzir pensamento e sentimento” (2017, p. 2). É um tanto este o horizonte aqui.

[2] *Experimentações narrativas*, que explorem diversas maneiras de percepção do mundo, que experimentem acessar as interpretações animais e seus diferentes *umwelt* (Uëxkull, 1957 [1934]). “Outros mundos”, “mundos desconhecidos” e “invisíveis” – “that not everyone has access to those worlds” (Uëxkull, 2010 [1934]: 41). Mundos estranhos para nós, mas conhecidos por outras criaturas (no caso do autor, em geral são animais não-humanos). A proposição se opõe a certa concepção maquínica, bastante cartesiana, dos seres vivos não-humanos. Conceito chave de Uëxkull, diferentes *umwelt* são tão diversos quanto os próprios animais, sendo o “mundo próprio” ou o “automundo” das diferentes criaturas (Uëxkull, 1957 [1934]: 5-6)<sup>9</sup>. Para uma antropologia interessada em rever e expandir o *anthropos* da disciplina, é fundamental que a narrativa não se concentre apenas nas experiências humanas. “Um animal, seja qual for, interpreta o mundo em que vive, interpreta o que os outros fazem e o que são, além de interpretar a si mesmo” (Lestel em entrevista a Maciel, 2016, p.134)<sup>10</sup>. Se os animais interpretam o mundo que habitam, cabe àqueles que se interessam por eles inventar formas para dar conta destas interpretações. Deborah Bird Rose diz que o modo como os animais vivem suas vidas comunicam aspectos sobre eles mesmos (Rose, 2013, p. 98). Há pouco, vislumbrei a incrível sensação de correr por campos abertos nas costas de uma cadela com grandes orelhas esvoaçantes. Em seu trabalho sobre caça a perdizes nos campos uruguaios, Paulo Rodrigues e Brina produziram pequenos vídeos com uma câmera acoplada nas costas dela, uma das perdigueiras farejadoras da expedição (cf. Rodrigues,

<sup>9</sup> Em *A Foray into Worlds of Animals and Humans with a Theory of Meaning* (2010), *umwelt* foi traduzido como “ambiente”, o que considero insuficiente. Por isso, adoto a versão *A Stroll Through the Worlds of Animals and Men* (1957). A respeito de diferentes *umwelt*, ver: Como é ser um morcego? (Nagel, 2005); Thinking like a Fish? (Bear et Eden, 2011); Thinking like a mountain (Pandian, 2014); Non-Human Storying e *umwelt* (Herman, 2011).

<sup>10</sup> Cf. o paradigma bioconstrutivista do autor. Ver Lestel, Bussolini & Chrulew, 2014.

2017). A estratégia é muito semelhante às chamadas *crittercam*, que são dispositivos acoplados (às vezes literalmente colados) aos corpos de animais. Inventadas nos anos 1980 por Greg Marshall, um biólogo marinho vinculado à National Geographic, são muito usadas em pesquisas científicas. Alguns elefantes marinhos, por exemplo, mergulham com uma pequena máquina colada em suas cabeças e voltam cheios de informação sobre o mundo em que vivem. Pequenos radares com câmeras, inspirados no *design* do corpo de uma lêmora, foram desenvolvidos para, como elas, navegarem acoplados nos corpos de arraia-jamanta. Capazes de captar sons e imagens, as *crittercam* contam também com sensores que medem profundidade, temperatura, luminosidade.

Alguns filmes exploram muito bem essa questão dos engajamentos e percepções do ambiente, como *Leviathan* sobre a pesca industrial embarcada (Paravel & Castaing-Taylor, 2012). “O filme nos joga mar adentro, nos recolhe numa rede de pesca, nos atira ao solo do barco, nos mistura ao sangue e aos restos da pesca, nos encarcera junto à cabine do cansado capitão e nos leva para voar junto às gaivotas que seguem o barco por toda parte” (Devos, Vedana & Barbosa, 2016, p.52-3). E também *Ver Peixe* (Devos, Barbosa & Vedana, 2017), sobre a pesca das tainhas com rede de cerco na Barra da Lagoa (Florianópolis, SC), cujas imagens foram produzidas “como um corpo que pudesse tocar e ser tocado pelo que está ao redor” (Devos et al., 2016, p.53) - câmeras foram acopladas nas redes de pesca, nas canoas, dentro d’água, na areia, em um *drone*. A produção de tais imagens foi, deliberadamente, uma escolha “para que as imagens apresentassem a prática da pesca para além dos pontos de vista e representações dos pescadores” (ibidem). Ao explorar diferentes artefatos, ritmos e ambientes, o filme amplia tanto nossa percepção ambiental quanto nossa experiência sensorial. Tudo isso tem a ver com um descentramento metodológico das falas e discursos, da linguagem verbal humana, para outras formas de comunicações não-verbais, outros ritmos, movimentos e temporalidades (humanas e mais-que-humanas). Em termos de produção textual, vale lembrar a consideração de Bruce Albert sobre as vozes dos *hekura* (espíritos auxiliares) nas narrativas xamânicas de Davi Kopenawa e de seu sogro Lourival (Kopenawa & Albert, 2010). Além disto, em texto mais recente, Albert (2016) desenvolve a ideia de um “humanimal polyglotism” na floresta amazônica.

[2.1] *Olhar para as artes*. Para narrativas e representações que não estão voltadas apenas para as falas e os discursos humanos, os textos escritos apenas com palavras podem não ser suficientes. As chamadas etnografias multiespécies vêm se mostrando uma vigorosa

empreitada para conhecer a vida fora das fronteiras do humano. Em 2008, uma exposição chamada Multispecies Salon<sup>11</sup> exibiu intervenções feitas por etnógrafos, “cientistas da natureza” e artistas diversos. Seguindo a máxima de Joseph Beuys’s, “*everyone is an artist*”, etnógrafos e biólogos levaram artefatos e organismos para as galerias (Kirksey, Schuetze & Helmreich, 2014, p.5). “At the Multispecies Salon (...) ethnographers began to push humans from center stage to study the lives and deaths of critters who abide with us in multispecies worlds. The gallery served as an experimental arena for reworking the relationship of anthropology to the natural sciences” (idem, p.4).

[3] “Natureza uma voz ativa” (Plumwood, 2009) e “etnografias vivas”<sup>12</sup> (van Dooren & Rose, 2016), são as proposições narrativas mais inspiradoras aqui. “Her [Val Plumwood] purpose was to open the idea of nature’s own expressive voice”, comenta Deborah Bird Rose (2013, p.102) a respeito da proposição de Val Plumwood. O desafio não é pequeno, já que no pensamento ocidental “a voz ativa é a voz falada” (ibidem). “We need a thorough and open rethink which has the courage to question our most basic cultural narratives” (Plumwood, 2009 p.113). O convite de Val Plumwood tem a ver com um “materialismo enriquecido”, que solicita que “reanimemos/ reativemos a matéria” (*re-animating matter*) reconsiderando nossos modos de narrar (“*renarrativisation*”) (2009, p.123).

Opportunities for re-animating matter include making room for seeing much of what has been presented as meaningless accident actually as *creative non-human agency*. In re-animating, we become open to hearing sound as voice, seeing movement as action, adaptation as intelligence and dialogue, coincidence and chaos as the creativity of matter. The difference here is *intentionality*, the ability to use an intentional vocabulary. Above all, it is permission to depict nature in the active voice, the domain of agency. (...) I am not talking about inventing fairies at the bottom of the garden. It’s a matter of being open to experiences of nature as powerful, agentic and creative, making space in our culture for an animating sensibility and vocabulary. (...) Free up your mind, and make your own contributions to the project of disrupting reductionism and mechanism. Help us re-imagine the world in richer terms that will allow us to find ourselves in dialogue with and limited by other species’ needs, other kinds of minds. I’m not going to try to tell you how to do it. There are many ways to do it. But I hope I have convinced you that this is not a dilettante project (Val Plumwood, 2009, p. 125-128).

Nas “etnografias vivas”, as narrativas são plenas de “vitalidade”, “presença”, “espessura na página e nas mentes e vidas dos leitores”. Uma ideia que surge do trabalho

<sup>11</sup> A exposição esteve em São Francisco, Nova Orleans e Nova York. Eben Kirksey foi quem projetou o experimento e fez a curadoria. <http://www.multispecies-salon.org/>.

<sup>12</sup> Optei por traduzir *lively ethnography* por “etnografia viva”, no sentido de “cheia de vida”.

conjunto de Deborah Bird Rose, Thom van Dooren e Matthew Chrulew, ligada aos modos de narrar histórias de extinção (van Dooren, 2016, p.150, nota 7; Rose et al., 2017). Portanto, inicialmente, uma “história viva” (*lively storie*) tem a ver com “an effort to weave tales that add flesh to the bones of the dead and dying, that give them some vitality, presence, perhaps ‘thickness’ on the page and in the minds and lives of readers” (idem, p. 8). No entanto, esta intenção e narrativa não precisam estar restritas a este tipo de história, embora, muito lamentavelmente, a história dos golfinhos de Laguna não esteja muito distante de uma história de extinção (ver conclusão).

“Etnografias vivas” têm a ver com se atentar para “o complexo e precioso modo de vida” daqueles animais com os quais nos engajamos (idem, p. 8). Tem a ver com não os reduzir a meros nomes, números e taxas em uma lista expressões em latim, sem vida ou história, que representa as espécies ameaçadas de extinção. Uma etnografia viva não é sobre uma história pretensamente “objetiva” e “imparcial”, repleta de recitação de “fatos”. Esse modo narrativo tem muito mais a ver com nos atentarmos para os *ēthea* destes animais, testemunhá-los e criarmos formas de testemunho que sejam responsáveis e responsivas com estes seres (van Dooren & Rose, 2016) – “a mode of knowing, engaging, and storytelling that recognizes the meaningful lives of others and that, in so doing, enlivens our capacity to respond to them by singing up their character or ethos” (idem, p.77). Portanto, é um ato narrativo comprometido com uma ética que demanda escrever, oferecer um relato, contar as histórias, imbuída de certo senso de responsabilidade. “Here, responsibility is about developing the openness and the sensitivities necessary to be curious, to understand and respond in ways that are never perfect, never innocent, never final, and yet always required” (van Dooren & Bird Rose, 2016, p. 90). “*Stories are opportunities (...) to ‘learn to be affected’ in new ways*” (ibidem).

Além disso, “stories are inevitably powerful contributors to the shaping of our shared world” (Van Dooren, 2016, p. 10). Não há um mundo “real” e um mundo “narrado”. “World”, diz Donna Haraway, é um verbo. E *storytelling* é um ato dinâmico de narrar (*storying*) o mundo, não como um relato sobre um mundo pronto e acabado, mas como uma contribuição para a própria emergência deste mundo. “Stories are a part of the world, and so they participate in its becoming” (ibidem). *Storyng* é também *worlding*. “Historiar” é “mundear”. Contar histórias é fazer mundos. Logo, as histórias que contamos têm a ver com os mundos que co-criamos.

## Pescas Cooperativas em Laguna e Alhures

No Brasil, o relato aparentemente mais antigo de fenômeno semelhante refere-se à relação entre um boto-cor-de-rosa (*Inia geoffrensis*) e um pescador, no rio Tapajós, na região amazônica, onde o animal encurralava os peixes e recebia em troca uma parte do pescado (Lamb, 1954). Nas regiões de Pipa (RN), Caravelas (BA) e Baía de Guaratuba (PR) também foram relatadas a presença de golfinhos encurralando cardumes de tainhas na direção de redes pesqueiras (Przbylski & Monteiro-Filho, 2001). Outras situações envolvendo a condução de peixes na direção de cercos fixos também foram registradas nos litorais do Rio de Janeiro e São Paulo (ibidem). Nas proximidades de Laguna, fenômenos semelhantes ocorrem na foz dos rios Araranguá (SC), Mampituba (entre os municípios de Passo de Torres e Torres, na divisa entre os estados de SC e RS) e Tramandaí (entre os municípios de Imbé e Tramandaí, RS). Em geral, trata-se de situações em que golfinhos conduzem cardumes de peixes para águas rasas, onde pescadores estão posicionados com redes de mão ou espera. Variam, em cada contexto, as espécies e quantidade de indivíduos envolvidos, os artefatos utilizados, as formas de atração dos animais (quando elas existem) e a intensidade da interação.

A pesca em Laguna destaca-se pela sua frequência e intensidade, bem como pelo fato de os golfinhos, individualmente, sinalizarem a presença dos peixes. Por isso, a sequência de comportamentos de golfinhos e pescadores em Laguna é considerada pelos biólogos pesquisadores do fenômeno como sendo “altamente ritualizada” (Pryor, 1990; Simões-Lopes, 1991; Simões-Lopes *et al*, 1998; Peterson *et al* 2008; Daura-Jorge, 2011). Além disso, a pesca conjunta em Laguna se destaca entre fenômenos semelhantes pela responsividade mútua bastante acentuada de botos e pescadores (Simões-Lopes *et al*, 2016).

Além de alianças com pescadores para a captura de peixes, há relatos do engajamento de golfinhos com mergulhadores na costa oeste australiana, na busca por abalones (Gaynor e McCann, 2017, p.13).

I've had dolphins sort of go along and looking for abalone for me. And then when I've gone across to them, there's a patch of 20 abalone sitting on a reef. And they'd just sit back and I'd look at them and I'd measure one and say, "Oh no they are all too small" and leave them there. And [they] went off their trolley [went mad]! They'd swim back again and say, "No no no!" and I'd say, "but they are too small" [and] go onto the next. It's just remarkable. They go lifting the [sea] weed up to look for them [abalone] alongside you, and so do seals (depoimento de Terry Adams).

Além destas interações com humanos, golfinhos também participam de “pescas associativas” com aves marinhas, na região de Cananeia (SP) (Monteiro-Filho, 1992). Há relatos de associações com pelicanos na costa leste australiana – “I have seen a flock of pelicans and a school of porpoises join forces and fish together in a similar way” (Watkins, 1891 *in*: Neil, 2002). E também com leões-marinhos, em Monterey Bay, na Califórnia (Neil, 2002, p. 11). Ou seja, golfinhos engajam-se com outros seres em capturas conjuntas. De forma mais ampla, os golfinhos-nariz-de-garrafa formam grupos sociais com complexos comportamentos cooperativos e estratégias de forrageio (Shane, 1990). Nas palavras da zoóloga Danielle Clode: “from a zoological perspective, it is not so unusual dolphins to co-operate with other species in their hunting – but it’s rather more unusual for humans too!” (comunicação por e-mail, 2017).

Fora do Brasil, há registros de cinco outros fenômenos de pescas colaborativas com golfinhos. Há relatos de cooperação entre golfinhos-nariz-de-garrafa (*Tursiops truncatus*) e golfinhos-corcunda-do-Atlântico (*Sousa teuszii*) e os Imraguen, na costa da Maurítânia (África) (Busnel, 1973); entre golfinhos-do-rio-Irrawaddy (*Orcaella brevirostris*) e pescadores, em Mianmar (Smith et al, 2009; Lockley, 1979; Anderson, 1878) e na Lagoa Chilika, na Índia (D’Lima, 2013).

Os golfinhos-do-rio-Irrawady (*Orcaella brevirostris*) estão entre os golfinhos mais ameaçados de extinção do planeta. Dentre as sete populações existentes, cinco estão severamente ameaçadas – “critically endangered”, de acordo com a IUCN (International Union for Conservation of Nature)<sup>13</sup>. Redes de pesca, linhas e anzóis, além de atividades turísticas mal gerenciadas são as principais causas de ameaça a estes golfinhos. Todas estas formas de pescas cooperativas são consideradas “interações positivas” de caráter aparentemente mutualístico entre golfinhos e comunidades pesqueiras. No entanto, estes mesmos animais estão também profundamente ameaçados por conflitos socioambientais. As ameaças mais evidentes são as pescas elétricas (golfinhos-do-rio-Irrawady em Myanmar); as redes fixas ilegais (onde os golfinhos se emalham e morrem por asfixia – golfinhos-do-rio-Irrawady na Lagoa Chilika e golfinhos-nariz-de-garrafa em Laguna); acidentes com linhas e anzóis (*idem*); colisões com embarcações (Lagoa Chilika); poluição das águas e degradação ambiental (em todos os casos).

Em vilas próximas a Mandalay (Mianmar), pescadores usam pequenas canoas

---

<sup>13</sup> <https://us.whales.org/case-study/irrawaddy-dolphins-chilika-lagoon-india>, acessado em novembro de 2018.

motorizadas para ir ao encontro destes animais, no Rio Irrawady. Eles atraem os golfinhos batendo pequenos pedaços de madeira na borda das canoas, vocalizando ou batendo remos na água. Os golfinhos conduzem os cardumes e sinalizam a presença dos peixes com movimentos corporais (*a flick of fin*), enquanto os pescadores usam redes de mão muito semelhantes às tarrafas. No entanto, esta cooperação e os próprios golfinhos-do-rio-irrawady estão terrivelmente ameaçados por pescas elétricas ilegais. Tais pescas estão fazendo com que os animais permaneçam à distância. Lamentavelmente, eles estão se afastando dos pescadores. As falas dos pescadores evidenciam laços muito estreitos com estes golfinhos: “The dolphin is irreplaceable because she is like my own parents. We cannot replace our loss if our parents die. I’m heartbroken and suffering” (Maung Lay, 2017)<sup>14</sup>.

Para os pescadores na Lagoa Chilika (Índia), os golfinhos-do-rio-Irrawady estão fundamentalmente associados a suas atividades pesqueiras. “At Chilika lagoon, presumed co-operation is seen with respect to various types of fishing techniques”<sup>15</sup>. Eles falam sobre uma época em que chamavam pelos golfinhos para eles conduzirem os peixes em direção a suas redes. A pesca cooperativa em Chilika continua acontecendo, mas estes golfinhos hoje estão associados sobretudo ao turismo na região. Eles são uma espécie emblemática associada a alternativas econômicas ligadas a um controverso “*dolphin tourism*”. Uma atividade que se apresenta como alternativa econômica para estas populações, mas possui impactos ambientais, inclusive para os próprios golfinhos, como colisões com os barcos e mutilações pelos motores.

Na Austrália, há relatos que descrevem pelo menos duas diferentes formas de colaboração entre golfinhos e humanos nos séculos XIX e XX. A primeira delas refere-se ao cerco e captura de tainhas e anchovas por povos aborígenes e golfinhos-nariz-de-garrafa nas águas rasas de North Stradbroke Islands e em Moreton Islands, na costa leste da Austrália (Neil, 2002). Muitos escritores do século XIX relataram estas pescas colaborativas entre diferentes povos aborígenes e golfinhos (Backhouse, 1843; MacGillivray, 1852; Campbell, 1875; Fairholme, 1856; Russell, 1888; Petrie, 1904). “The blacks never by any chance killed porpoises, for, they said, they helped to catch fish” (Petrie, [1837] 1904). O relato a seguir é um testemunho do pai de Thomas Petrie sobre o que ele viu em Moreton Island, reproduzido pelo autor.

---

<sup>14</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=M2xeNuGkoc4>, vídeo da Radio Free Asia, acessado em julho de 2017.

<sup>15</sup> <https://us.whales.org/case-study/irrawaddy-dolphins-chilika-lagoon-india>, acessado em agosto de 2018.

The sea would be calm, and there would be no sign anywhere of a porpoise (*Talobilla*) the blacks would go long the beach jobbing with their spears into the sand under the water, making a queer noise, also beating the water with the spears. By-and-by, as if in response, porpoises would be seen as they rose to the surface making for the shore and in front of them schools of tailor fish. It may seem wonderful, but they were apparently driving the fish towards the land. When they came near, the blacks would run out into the surf, and with their spears would job down here and there at the fish, at times even getting two on one spear, so plentiful were they. As each fish was speared, it was thrown to shore, and there picked up by the gins. The porpoises would actually be swimming in and out amongst all this, apparently quite unafraid of the darkies. Indeed, they seemed rather to be all on good terms, and I have with my own eyes more than once seen a blackfellow hold out a fish on a spear to a porpoise, and the creature take and eat it. One old porpoise was well known and spoken of fondly. He had a piece of root, or stick of some sort, stuck in his hack, having evidently at one time run into something, and by this he was recognised, for it could be seen plainly. The blacks told me it had been in him for years, and they declared that the great man of the island had put it there, thus making him the big fellow of the tribe of porpoises. I have seen this creature take fish from a spear, and the white men working on the island told me they often saw him knocking about with the blacks. At all times porpoises would be spoken of with affection by these Moreton Island blacks (the Ngugi tribe), who said they never failed when called to drive in fish to them (Petrie, 1904, p.69).

Relatos oriundos de Fraser Island, Gold Coast e do norte de New South Wales sugerem que tais pescas colaborativas aconteceram nestes locais também (Neil, 2002, p. 8). Provavelmente, elas foram geograficamente disseminadas pela costa leste australiana. Embora o termo usado nos relatos históricos seja sempre “*porpoise*”, provavelmente se tratava dos golfinhos-nariz-de-garrafa (*Tursiops truncatus*) (idem, p.8).

A segunda pesca cooperativa com golfinhos na Austrália, mais impressionante pela magnitude, diz respeito à cooperação entre um grupo de golfinhos orca (*Orcinus orca*) e baleeiros, que aconteceu entre as décadas de 1840 e 1930, na baía Twofold, na pequena cidade de Eden, no extremo sul de New South Wales<sup>16</sup>. A esta história, dedicaremos um pouco mais de atenção. Estive em Eden durante o período de doutorado sanduíche na UNSW (University of New South Wales). Na cidade, realizei uma pesquisa nos arquivos do museu local (Eden Killer Whale Museum) e visitei os principais lugares relacionados à cooperação entre orcas e baleeiros, como a antiga estação baleeira Davidson Whaling Station, em Ben Boyd National Park; a pequena enseada onde as baleias eram “processadas”, chamada Kiah Inlet, e a torre de avistamento das baleias que adentravam Twofold Bay, chamada Boyd’s Tower.

Todo mês de junho, o grupo de orcas chegava a Eden. A conformação da baía era

---

<sup>16</sup> No censo de 2016, Eden possuía 3.150 habitantes (*Australian Bureau of Statistics*).

perfeita para elas conduzirem e encurralarem as grandes baleias em migração. Ano após ano, elas retornavam e por ali passavam o inverno e a primavera. Aquelas orcas e suas descendentes fizeram de Twofold Bay um de seus “*storied-places*”<sup>17</sup> (van Dooren & Rose, 2012). Com o passar do tempo, contudo, este fluxo que se iniciou na década de 1840 foi perdendo força. Em 1928, apenas Old Tom e Hooky retornaram (Clode, 2011, p. 6 e 15). Enquanto as outras orcas desertaram de Eden em busca de outros lugares para caçadas melhores, Old Tom retornou ano após ano, até a sua morte. Em setembro de 1930, seu imenso corpo foi encontrado em Snug Cove, uma enseada (onde hoje está o cais) na cidade. Em memória àquela orca que todos ali conheciam e à história de cooperação que ela e seus antepassados haviam estabelecido com os baleeiros na região, o esqueleto de Old Tom é cuidadosamente mantido no museu da cidade, Eden Killer Whale Museum. Conhecer Twofold Bay e a ossada de Old Tom foi uma experiência memorável - “como um esqueleto pode guardar tanta vida e tantas histórias?”, eu me perguntava diante daquele fóssil imenso, naquela antiga estação baleeira. Diferente de uma “pesca cooperativa”, propriamente, o que aconteceu ali foi uma situação de “*cooperative whaling*” (Danielle Clode, comunicação por e-mail, 2017). Aquelas orcas alertavam os baleeiros sobre a presença das baleias nos arredores e os auxiliavam na captura daquelas imensas criaturas. Diferente de todos os outros relatos de cooperações desta natureza, neste caso eram as orcas que atraíam os baleeiros e não o contrário.

This pod of killer whales cornered migration baleen whales and harried them into the bay. Former whalers reported that Old Tom would often head into the whaling station at Kiah Inlet opposite Eden to alert them to their quarry's presence. According to Bert Egan, there was no mistaking the killer whale's call for attention. Lifting himself bodily out of the water, Tom would crash down on the water's surface near the whaling station in a action known as floptailing. With a cry of 'Rush-ooo' the whalers would head out to the Bay with their killer whale guide alongside. Out in the bay, the other members of the pod would be targeting the baleen whale, harrying it from behind and underneath to prevent it diving, taking bites of its flippers and mouth and flinging themselves on top of its blowhole to try to drown it. When the whalers arrived, the killer whales would erupt into frazzled excitement, leaping out the water and racing from boat to whale like enthusiastic dogs. (...) Once harpooned, the baleen whale belonged to the killer whales for the time being. (...) The killers took the harpoon cables in their teeth, to drag the whale deep in the bay before feasting on its tongue. Decomposition eventually refloated the bloated carcass which would be retrieved by the whalers and flensed for oil (Clode, 2011, p.5-6).

---

<sup>17</sup> Para abordagens que exploram a espacialidade nestes emaranhamentos entre humanos e não-humanos, ver “*more-than-human geographies*”. Por exemplo, Sarah Whatmore (2002).

A indústria baleeira foi instalada naquela região em 1828 (ver Clode, 2011; Mead, 1992 e McKenzie, s/d). Na época, foi uma empreitada grande e lucrativa: “in 1842, Eden was the centre of an empire that had been founded by the three Imlay Brothers, a decade earlier” (idem, p. 46). No entanto, um século depois, em 1928, estava encerrada – “no whales processed in Twofold Bay after 1928” (Clode, 2011, p.50). Este período abarcou duas, talvez três, gerações de “baleias assassinas do Eden”, como aquelas orcas ficaram conhecidas (idem, p.11). Tudo indica que as orcas valeram-se da geografia de Twofold Bay para caçar baleias em migração por milhares de anos. Mas sabe-se um pouco mais apenas sobre este grupo familiar que habitou a região entre meados dos séculos XIX e XX.

No entanto, histórias de proximidade entre humanos e orcas, naquela região, começaram muito antes disso. Embora a maioria dos relatos enfatize apenas a “White history” desta cooperação entre baleeiros e orcas<sup>18</sup>, a participação aborígine foi absolutamente fundamental nesta história. Os grupos aborígenes da costa sul de New South Wales, possuíam, em relação às orcas, convicções espiritualistas com profundos significados. Para eles, elas possuíam os espíritos de seus antepassados. “The natives of Twofold Bay regard the killers as incarnate spirits of their departed ancestors, and in this belief, they go so far as to particularize and identify certain individual killers” (Brierly *in* Clode, 2011, p.12). Por isso, muitas orcas possuíam os mesmos nomes de eminentes homens aborígenes. Segundo eles, guerreiros mortos retornavam como orcas para auxiliar seus parentes na caça às baleias (Clode, 2011, p.65). Além desta relação tão particular, os indígenas daquela região formavam uma tripulação muito habilidosa, pois eram excelentes avistadores de baleias, barqueiros e arpadores (Clode, 2011, p.119).

The story of the Eden killer whales and their human helpmates started long before the advent of European whaling. The documented history of the whaling stations of Twofold Bay has, not surprisingly, been a White history, focusing on the owners, operators and managers of the stations – the Imlays, Boyd, Brierly, the Davidsons and others. Far less has been documented about the crews of the stations, the majority of whom were Aboriginal. (...) Whaling is hard and dangerous work, not particularly lucrative and provides only seasonal income. The Imlays found a reliable and stable population of workers among the Aboriginal tribes whose land they occupied. (...) Keen eyesight and excelente harpoon skills were also great assets for a whaler. But a more significant advantage Aboriginal crews may have had over white crews in the early days was the assistance from the killer whales (Clode, 2011, p.117-9).

---

<sup>18</sup> Algumas exceções neste sentido são o relato indígena de Percy Mumbulla ([1989], 1997); os diários de Oswald Brierly [o empreendedor europeu, não o tio de Mumbulla] (1843), que são alguns dos primeiros registros desta história; e o trabalho da zoóloga Danielle Clode, que é o apanhado mais completo sobre esta inusitada cooperação interespecies.

Não há evidências de que os povos aborígenes caçavam baleias antes da colonização europeia e da chegada da indústria baleeira, mas há muitos relatos de que as baleias faziam parte de sua dieta (idem, p.120). Percy Mumbulla, um respeitado ativista e narrador aborígene, era sobrinho de um destes baleeiros, Brierly. Mumbulla narra esta parceria com as orcas em um pequeno livro chamado *The Whalers* ([1989] 1997), desde a perspectiva indígena. Provável que este seja o único registro aborígene sobre esta história. Por isso, reproduzo o relato praticamente na íntegra.

My ole Uncle Brierly was the best whaler that ever they seen in Twofold Bay. One mornin' they was cuttin' up a whale, an' a killer whale came up to where they where cuttin' up and jumped straight out of the water an' splashed his tail, 'Pook-urr', on the water. Soon as ever he seen this, ole Uncle sings out, 'Reesh O'. All the dark fellers run down an' jumped into the whale-boat, all rowin' their hardest at the big oars, great big long paddles. The killers was swimmin' over one another, under and over backwards an' forwards in front of the whale-boat, playin'. They gets out an' sees the whale. Ole Uncle sings out, '*Stern-a-moo!*' That means you have to get side on to whale. Ole Uncle gets the harpoon as' 'Boong!'. The harpoon goes into that monster an' kills him stone dead. They towin' him in now, the killers swimming alongside, playin' with the whale. The killers get real glad whenever they see the dark fellers killin' a whale. They comin' into the whalin' station now. They goin' to chop the whale up an' boil him. They chuck a big lump of blubber to the killer. He's like their dog. The dark people would never go lookin' for whales. The killers would let them know if there were whales about. Ole Uncle would speak to them killers in the language. They'd go as far as Narooma lookin' for whales. Two would stop with the whale ando ne would go back to Twofold Bay an' leap out of the water. 'Pook-urr!'. He'd slap his tail an' let the whalers know. The killers would only tell the dark people. The white people had to look for whales themselves. (...) No shark would touch you with them killers there. The killers would chop a shark to pieces. A sword-fish (...), he wouldn't have a chance. An' a porpoise, he'd make a porpoise sweat he's so fast. If the whale-boat was out of sight of land an' got smashed, the killers was there. They would be swimmin' round an' round, keepin' the sharks away. If them killers seen a man gettin' tired, they would swim inderneath him, put a fin under his arm an' hold him up until the launch came to pick him up. The killers would be playin' all around the launch goin' back. (...) The little killer would swim alongside the whale an' soon as he opened his mouth, the little killer would go inside and bite his tongue out, chew it right off. Big Ben the killer was a wizard. Then there was Hookey an' Big Tom. Soon as ever the dark people left Twofold Bay an' come to Wallaga Lake, them killers went north, because there were no blackfellers there. Ole Mrs Davidson, her husband was the boss of the whalin' station at Boyd Town, she could have told you (Mumbulla, [1989] 1997, p. 6-30).

Os Davidson, a família não-indígena mencionada, também tiveram uma imensa participação nesta história. Além de fazerem parte da tripulação de baleeiros, eles eram também proprietários de uma das principais estações baleeiras da região. Entre 1890 e 1920, eles foram os únicos baleeiros em Twofold Bay (Clode, 2011, p.50). George

Davidson (1864-1878), em particular, estabeleceu uma relação muito próxima com aquelas orcas, em especial com Old Tom. “[T]he killers would only work for long-time local whaler, George Davidson, even taking the painter of his boat in their teeth and towing him at speed to ensure he reached the whale first in a race with a rival company” (Clode, 2011, p.6).

Estas orcas rapidamente aprenderam a diferenciar as embarcações dos Davidson dos barcos de estações baleeiras concorrentes e tinham por eles um favoritismo evidente. “Their [the killers whales] loyalty to the Davidson’s boats reached legendary proportions” (idem, p.113). Esse favoritismo teve suas razões de ser. Os Davidson eram impecáveis em deixar as orcas comerem a parte delas, em geral a língua e os lábios das baleias. Além disso, eles não usavam explosivos na caça a baleias, mas arpões. Considerando a sensibilidade tátil e auditiva das orcas, certamente a ausência de explosivos tornava a experiência de participação delas nas capturas muito menos agressiva. Nos últimos anos, quando as baleias já estavam mais escassas, os Davidson alimentavam as orcas com peixes (idem, p.115).

De modo análogo ao que acontece em Laguna, estas orcas eram reconhecidas e nomeadas pelos baleeiros. Tom, Hooky, Humpy, Cooper, Typee, Jackson, Stranger, Big Ben, Young Ben, Jimmy, Kinscher, Sharkey, Charlie Adgery, Brierly, Albert, Youngster, Walker, Big Jack, Little Jack, Blacky, Skinner, Montague, Fatty, Paddy, Flukey e Spot são algumas das memoráveis *killers of Eden*. Aqueles baleeiros conheciam tão bem estes animais que podiam descrever algumas de suas relações de parentesco, características físicas e comportamentais. Há relatos de episódios marcantes na convivência entre eles, como ocasiões em que baleeiros foram resgatados de afogamentos por algumas destas orcas ou protegidos, também por elas, de possíveis ataques de tubarões. Hooker é conhecida por um destes resgates em um naufrágio do pequeno bote baleeiro.

Harpooning a massive 20-metre whale from a flimsy 9-metre rowboat is a dangerous occupation. Even the placid and amiable humpbacks and right whales could smash a boat with one swipe of their powerful tails. A mean and angry fin whale presented an even greater risk. No whaler wanted to fall into waterchurning with the blood of a dying whale and amid the gouging teeth of the predatory killer whales. But despite their legendar appetites, the killer whales never harmed a whaler. In fact, local legends claims that when a man went overboard, a killer whale would leave the frenzied hunting and swim gently alongside, standing guard, until a boat retrieved them. One old whaler claimed that a killer whale grabbed his shirt and hauled him to the surface as he sank below the water (Clode, 2011, p.6).

A ajuda em situações de risco era mútua. “When the killers became entangled in the harpoon ropes, newspapers reported that they lay still and calm to be disentangled by

their human associates, emitting a gentle catlike purr when freed” (ibidem).

É “curioso” como aqueles baleeiros, aborígenes ou não, podiam matar incontáveis baleias, mas *jamais* uma orca. De modo geral, matar golfinhos era uma injúria para a maioria das comunidades aborígenes da costa australiana (cf. Neil, 2002; Petrie, 1904). Relatos históricos sobre a pesca colaborativa que aconteceu em Amity Point (North Stradbroke Island), afirmam que “the blacks will even pretend to own particular porpoises, and nothing will offend them more than to attempt to injure one of their porpoises” (John Campbell, 1875 *in* Petrie, 1904, p. 71).

With regard to the dolphins of Fraser Island, Curtis (1838) reported that “the natives almost deify...[them], and it would be death were any of their captives... [i.e., the survivors of the wreck of the Stirling Castle] ...to kill or injure one of them” (*in* Neil, 2002, p. 12).

Sem dúvida, muitos povos aborígenes da costa leste tinham relações bastante especiais com os golfinhos. “There was one old fellow [a dolphin], said to be very old; as tame - with those blacks - as a pussy cat! [It] had a large patch of barnacles or some fungus on his head, and a name which they believed he knew and answered to” (Russell [sobre a pesca cooperativa em Amity Point], 1888). O Dreamtime, tempo mítico aborigine, inclui histórias sobre estes animais. Em Eden, “the killer whales were *sacrosant*” (Clode, 2011, p.53, grifo meu). Nas palavras de Donna Haraway, no contexto de Twofold Bay, as baleias eram “matáveis”, ao passo que lá e em outras regiões da costa australiana, as orcas e outros golfinhos eram “assassináveis” (Haraway, 2011).

No começo do século XX, Eden começou a se mostrar um destino já não tão atraente para as orcas, em parte, em função da diminuição de focas e baleias. Mas foi em 1901 que um triste acontecimento selou definitivamente o início do declínio desta associação entre orcas e baleeiros. Era comum as orcas encurralarem as baleias em águas rasas, para só então atacá-las. Em uma destas ocasiões, Typee encalhou e não conseguiu retornar. George Davidson notou que algo ali não estava bem. Enquanto ele e sua tripulação remavam para alcançar Typee, um homem, que estava na costa, se aproximou da orca e, covardemente, a feriu mortalmente. Supostamente, sua intenção era vender o esqueleto de Typee para um museu. Os baleeiros e as outras orcas testemunharam o covarde assassinato de Typee. O assassino fugiu do local, antes que aquela tripulação de baleeiros, armada e furiosa, o alcançasse. Ele fora aconselhado pela polícia a desaparecer da cidade, pois não havia nada que pudessem fazer para garantir sua segurança. No entanto, não foi só o assassino de Typee que foi embora. Os baleeiros aborígenes

receberam aquele acontecimento como um imenso infortúnio e partiram para Wallaga Lakes, ao norte (cf. relato de Mumbulla acima), temerosos com as repercussões espirituais que a morte de Typee acarretaria. As orcas também sentiram a perda de seu familiar. Estes animais vivem em grupos familiares com laços muito estreitos e de longa duração. Uma perda como esta costuma abalar a organização destes agrupamentos. Quando Big Ben (uma das *killers* de Eden) morreu, Young Ben deixou Twofold Bay. No ano seguinte à morte de Typee, em 1902, apenas sete orcas retornaram a Eden. Twofold Bay deve ter se tornado um lugar ameaçador e pouco recompensador para elas, pois em 1923, apenas Tom, Hooky e Humpy retornaram à baía. Nos anos subsequentes, somente Tom e Hooky, que tudo indica eram mãe e filho, continuaram voltando à região até o final da década de 1920. Em setembro de 1928, Tom morreu ali mesmo, em Snug Cove. No ano seguinte, Hooky ainda reapareceu. Ela foi vista pela última vez, já bem envelhecida, em 1931 (Clode, 2011, p. 52-4).

No começo dos anos 1930, jornais australianos relataram ataques incomuns de orcas a grandes baleias, na costa leste do país. Tanto a incidência de orcas naquela região quanto a forma específica de atacar as baleias eram praticamente sem precedentes naquela faixa da costa. Tudo indica que eram as *killers* de Eden, navegando por outras paisagens (Clode, 2011).

Em agosto de 2017, fiz uma pequena viagem de pesquisa a Eden, quando segui alguns rastros desta fascinante história. Um casal adorável, Carol e seu marido, gentilmente me apresentaram a região. Registrei a visita e as explicações, como podem acompanhar no pequeno vídeo a seguir: <https://vimeo.com/317011578>.



Figura 3 – Frame do vídeo. *Try pot* em Davidson Whaling Station - Eden, Austrália (Fonte: Brisa Catão, 2017)

Certos animais, livres em seus extensos habitat, voluntariamente se aproximam e se abrem para relações com os humanos, por razões que nunca saberemos muito bem quais são. Em muitas destas situações não há uma forma intencional de atração, como iscas, alimentos, vocalizações ou recompensas diretas. Estes animais não são adestrados, domesticados ou alvos de outros modos de controle ou coerção sobre seus corpos. Além dos casos de pescas colaborativas com golfinhos, conheço apenas um outro relato de cooperação entre humanos e animais “selvagens” (termo que será revisto adiante).

Em alguns lugares na África, os passarinhos conhecidos como *honeyguides* (*Indicator indicator*) conduzem seres humanos até as colmeias. O primeiro relato sobre esta associação data de 1588, quando o missionário português João dos Santos, em Sofala (Moçambique), observou que um certo passarinho não só mordiscava a cera das velas na igreja, mas também tinha o hábito de guiar as pessoas até as colmeias (Spottiswoode *et al*, 2016, p. 387). Tais relatos sobre os *honeyguides* soavam como uma espécie de lenda até os primeiros estudos científicos sobre o tema serem realizados (Isack & Reyer, 1989).

Os Boron, no Quênia, atraem os *honeyguides* com um assovio especial (*fuulido*). Os passarinhos aparecem e seguem voando na frente, piando e saltando de árvore em árvore, guiando os coletores de mel. Quando a colmeia está próxima, os passarinhos se alteram, dando pistas aos humanos de que aquilo que procuram está por perto. Os Boron então afugentam as abelhas, abrem a colmeia e permitem que os pássaros também tenham acesso a ela (Clode, 2011, p.111).

Claire Spottiswoode e colaboradores (2016) descrevem situação bastante semelhante entre os Yao e os *honeyguides*, na Reserva Nacional do Niassa (Moçambique). Ela diz que os pássaros se alimentam da cera produzida pelas abelhas, após os humanos coletarem o mel. O mais impressionante é que uma certa vocalização específica, por parte dos Yao, aumenta consideravelmente o comportamento cooperativo dos *honeyguides*. “This interaction remain a extremely rare example of mutualism between free living wild animals and our own species. Here we show that it is also a specific example of reciprocal communication between birds and humans”<sup>19</sup> (Spottiswoode et al, 2016, p. 387).

---

<sup>19</sup> Val Plumwood testemunhou algo notável sobre a comunicação entre os corvos, na presença e na ausência dos humanos. “She [Val Plumwood] once told us a history about something she encountered when walking along the edge of a wooded area and hearing some birds singing sweetly. When she glanced up she saw that they were crows. The instant they saw her noticing them, their voices changed into the familiar raspy crow register” (Rose, 2013, p.107).

É impossível reduzir a causas únicas os diversos arranjos e particularidades envolvidos nas situações em que seres humanos e animais livres em seus habitat aliam-se, cooperam uns com os outros e tornam-se “espécies companheiras” (Haraway, 2013). De toda forma, não me parece exagerado afirmar que em todas estas configurações os seres envolvidos, humanos e não-humanos, nutrem uma abertura e um gosto recíproco pela alteridade. Emaranhamentos multiespecíficos como estes podem não mais ser assunto apenas das ciências naturais: “It is inside these multispecies entanglements that learning and development take place, that social practices and cultures are formed” (van Dooren, 2016, p. 4).

Além das pescas cooperativas, os golfinhos estão ou já estiveram envolvidos em emaranhamentos multiespécies extremamente variados com os humanos. A seguir, percorreremos alguns destes encontros entre humanos e golfinhos no Brasil e em outros países do mundo. O que estas situações teriam a nos dizer sobre as coletividades que as formaram e foram por elas formadas? Com a apresentação destes episódios, pretende-se tanto demonstrar a diversidade biossocial dos agenciamentos que envolvem ou já envolveram humanos e golfinhos quanto retomar o conceito de Anna Tsing de “socialidade-mais-que-humana”.

How could it have ever occurred to anyone that living things other than humans are not social? (...) If social means ‘made in entangling relations with significant others’, clearly living beings other than humans are fully social – with or without humans. (...) The concept of sociality does not distinguish between human and not human, more-than-human-sociality includes both (Tsing, 2013a, p.27).

### **Botos e Golfinhos: Histórias Improváveis**

Antes de prosseguirmos, vale esclatecer que a diferença entre “botos” e “golfinhos” é sobretudo terminológica. Animais de uma mesma espécie, como os próprios *Tursiops truncatus*, podem ser conhecidos por ambos os termos. Certas confusões a respeito dessa variação terminológica são muito comuns. Diz-se, por exemplo, que “boto é apenas o boto-cor-de-rosa da Amazônia” ou que “botos são os golfinhos de água doce”. Alguns golfinhos com hábitos fluviais, como os próprios botos-cor-de-rosa (*Inia geoffrensis*) e os botos tucuxi (*Sotalia fluviatilis*), ambos na região amazônica, realmente são conhecidos como botos, mas também diversos golfinhos de hábitos litorâneos e/ou estuarinos são designados dessa forma, como os botos-cinza

(*Sotalia guianensis*) ou mesmo os botos-da-tainha (*Tursiops truncatus*). Ou seja, golfinhos de hábitos fluviais, oceânicos e estuarinos podem ser chamados de botos, normalmente por populações pesqueiras e ribeirinhas que convivem diretamente com eles.

Além das pescas cooperativas, os golfinhos participam ou já participaram de agenciamentos extremamente variados com os humanos. As histórias das “naturezasculturas” (Haraway, 2013) destes animais no Ocidente envolvem laboratórios e experimentações científicas; treinamentos militares (*military dolphin*); participação em partos (*dolphin-assisted births*), terapias e reabilitações (*Dolphin-Assisted Therapy* e Projeto Anahata Bototerapia); envolvimento na indústria do “entretenimento”, do turismo, capturas, massacres (Taiji, Japão), além de supostos escândalos sexuais. Ao longo dos últimos anos, eu fui diversas vezes surpreendida por histórias envolvendo os golfinhos que não soavam reais em um primeiro momento, mas que se confirmavam à medida que a pesquisa se aprofundava. São algumas destas histórias que recupero brevemente a seguir, mapeando a diversidade dos agenciamentos nos quais os golfinhos podem estar envolvidos e trazendo os botos encantados da Amazônia, que são os botos presentes de forma predominante na literatura antropológica e folclórica brasileira.

## **Golfinhos e experimentos científicos: o caso Dolphin House**

Um antigo experimento envolvendo cientistas renomados e golfinhos ganhou alguma notoriedade em 2014, após a produção do documentário “The Girl Who Talked to Dolphins” (Riley, 2014a) e da reportagem sobre o mesmo tema veiculada no jornal britânico The Guardian, “The Dolphin Who Love me: the Nasa-funded Project that Went Wrong” (Riley, 2014b). O diretor Christopher Riley trouxe à tona a história de um experimento idealizado pelo neurocientista John Lilly, cuja finalidade era estabelecer a comunicação entre humanos e golfinhos. As premissas de John Lilly baseavam-se no fato dos golfinhos possuírem cérebros grandes e complexos. “You are talking about a time in science when everybody’s thinking about a correlation between brain size and what the brain can do”, declara o professor de história das ciências Graham Burnett (Riley, 2014b).

Na década de 1950, Lilly era um respeitado neurocientista que trabalhava para o instituto nacional de saúde mental dos Estados Unidos (Riley, 2014a, min. 2:53). Além disso, John Lilly e sua esposa Mary pesquisavam o funcionamento dos cérebros dos golfinhos nariz-de-garrafa, no Marine Studios (Miami), que foi o primeiro lugar a manter estes animais em cativeiro. Com um método bastante controverso, Dr. Lilly realizava o mapeamento do córtex frontal dos golfinhos por meio da introdução de sondas.

Unable to sedate dolphins, as they stop breathing under anaesthetic, the brain-mapping work wasn’t easy for either animals or scientists, and the research didn’t always end well for the marine mammals (idem).

12

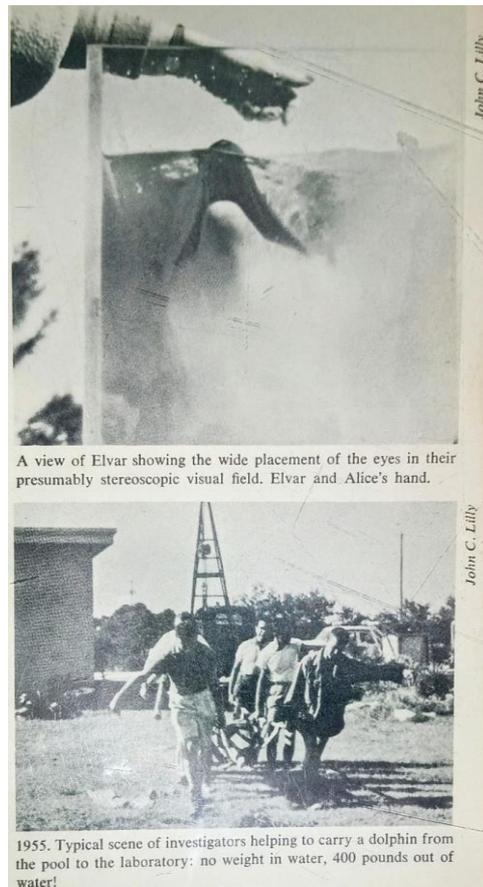
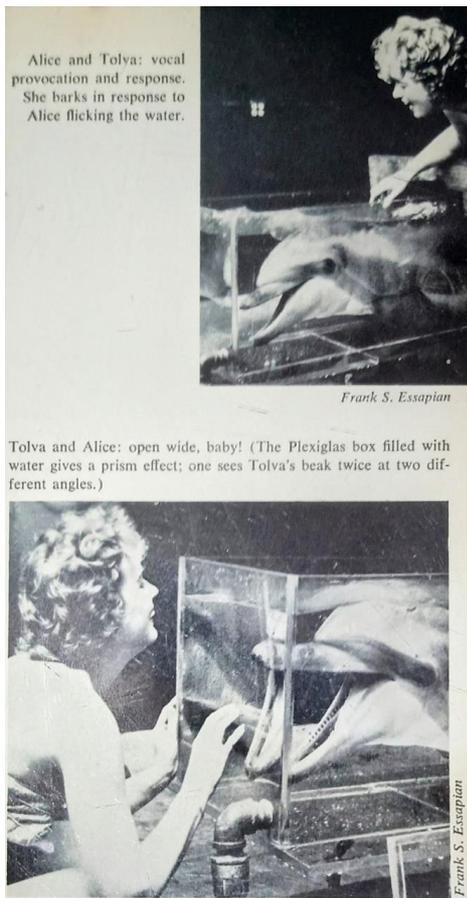
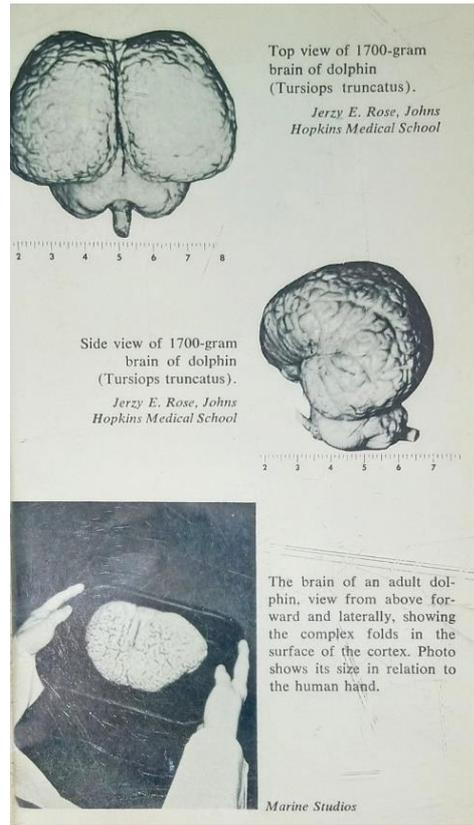
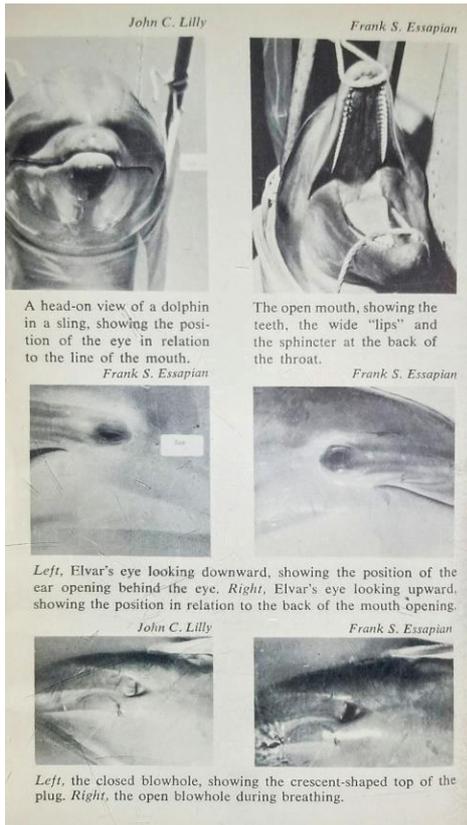
Em 1957, em meio a estes experimentos no Marine Studios, Mary Lilly relatou ter presenciado um golfinho mimetizando acusticamente um diálogo entre Dr. Lilly e uma assistente de pesquisa.

Now aged 97, Mary still remembers the day very clearly. “I came in at the top of the operating theatre and heard John talking and the dolphin would go: ‘Wuh... wuh... wuh’ like John, and then Alice, his assistant, would reply in a high tone of voice and the dolphin would imitate her voice. I went down to where they were operating and told them that this was going on and they were quite startled” (Riley, 2014b).

Este episódio despertou em John Lilly a convicção de que os golfinhos seriam capazes de reproduzir os sons da linguagem humana através de seus orifícios respiratórios. Em 1961, Lilly publicou algumas de suas teorias a respeito desta possível comunicação interespécies em um livro chamado *Man and Dolphin* (1962). Nesta obra,

ele extrapolou a observação inicial de sua esposa, de um golfinho mimetizando um diálogo entre humanos, para a possibilidade de ensinar inglês a estes animais, a ponto deles tornarem-se fluentes e aptos a participar de assuntos variados.

*Man and Dolphin* extrapolated Mary Lilly's initial observations of dolphins mimicking human voices, right through to teaching them to speak English and on ultimately to a Cetacean Chair at the United Nations, where all marine mammals would have an enlightening input into world affairs, widening our perspectives on everything from science to history, economics and current affairs (Riley, 2014b).



Figuras 4 – Pesquisas com golfinhos em cativeiro - Marine Studios, EUA (Fonte: John Lilly, 1962 - Man and Dolphin)

A projeção de golfinhos falantes atraiu a imaginação do público e o livro foi um *best seller* na época. Em um comentário na televisão americana sobre o livro recém-publicado, John Lilly chegou a afirmar que “dentro de uma ou duas décadas os humanos estariam se comunicando com outras espécies” (Riley, 2014a, min. 6:03).

Astrônomos da NASA (National Aeronautics and Space Administration) que vinham pesquisando possibilidades de comunicação com formas extraterrestres de vida inteligente vislumbraram conexões entre as pesquisas que vinham desenvolvendo com aquelas de John Lilly (Riley, 2014a, min. 7:52-9:8).

It was a very exciting book because it had these new ideas about creatures as intelligent and sophisticated as us and yet living in a far different milieu. (...) We [both] wanted to understand as much as we could about the challenges of communicating with other intelligent species [says Frank Drake, who had just completed the first experiment to detect signals from extraterrestrial civilisations using a radio telescope at Green Bank in West Virginia] (Riley, 2014b).

Em 1963, com o apoio financeiro da NASA e de outras agências governamentais, John Lilly fundou um laboratório em Saint Thomas (Caribe) com o objetivo de estreitar as relações entre humanos e golfinhos e avançar com as pesquisas em comunicação interespecies. Conhecido como Dolphin House, neste laboratório foram conduzidos experimentos com três golfinhos nariz-de-garrafa: Peter, Sissy e Pamela.

The lab's upper floors overhung a sea pool that housed the animals. It was cleaned by the tide through openings at each end. The facility had been designed to bring humans and dolphins into closer proximity and was the brainchild of an American neuroscientist, Dr John Lilly. Here, Lilly hoped to commune with the creatures, nurturing their ability to make human-like sounds through their blow holes (Riley, 2014b).

Neste contexto, uma jovem chamada Margaret Lovatt foi a principal preceptora dos golfinhos com as aulas de inglês. Ela emitia as palavras, pausada e repetidamente, estimulando-os a repeti-los. “Her job was to try to encourage the dolphins to copy the specific sounds of human speech” (Riley, 2014a, min. 14:31). A própria Margaret relata que “they [the dolphins] can click and squeak and whistle and do all the dolphin noises and there are many, but this human-like sound humanoid... They call it not underwater, [but] in the air and through the blowhole” (Riley, 2014a, min. 14:42). “I didn't talk to Peter the way I talk to you. I spoke in single words usually and made inflection” (ibidem, min.19:59). Obstinada com o projeto, passado algum tempo do experimento Margaret Lovatt passou a viver dentro do laboratório adaptado, em uma estreita relação de

proximidade com o golfinho Peter.

Lovatt reasoned that if she could live with a dolphin around the clock, nurturing its interest in making human-like sounds, like a mother teaching a child to speak, they'd have more success. "Maybe it was because I was living so close to the lab. It just seemed so simple. Why let the water get in the way?" she says. "So I said to John Lilly: 'I want to plaster everything and fill this place with water. I want to live here'". The radical nature of Lovatt's idea appealed to Lilly and he went for it. She began completely waterproofing the upper floors of the lab, so that she could actually flood the indoor rooms and an outdoor balcony with a couple of feet of water. This would allow a dolphin to live comfortably in the building with her for three months. Lovatt selected the young male dolphin called Peter for her live-in experiment. "I chose to work with Peter because he had not had any human-like sound training and the other two had," she explains. Lovatt would attempt to live in isolation with him six days a week, sleeping on a makeshift bed on the elevator platform in the middle of the room and doing her paperwork on a desk suspended from the ceiling and hanging over the water. On the seventh day Peter would return to the sea pool downstairs to spend time with the two female dolphins at the lab – Pamela and Sissy (Riley, 2014b).



Figura 5 – Cartaz do documentário The Girl who Talked to Dolphins (Fonte: site IMDb)



Figura 6 – Dolphin House - Fonte: The Girl Who Talked to Dolphins (Christopher Riley, 2014). Youtube/ BBC.



Figura 7 – Peter no elevador - Fonte: The Girl Who Talked to Dolphins (Christopher Riley, 2014). Youtube/ BBC.

Uma outra vertente das pesquisas era simultaneamente conduzida no laboratório pelo antropólogo Gregory Bateson, interessado em questões ligadas à comunicação dos golfinhos entre eles (Bateson, 2018 [1972]). Sua então esposa, Lois Bateson, relata que “Gregory had been doing behavioral work not only with humans but with otters and we had in our house 17 octopuses and we were studying their personal relationships” (Riley, 2014a, min.10:41). O foco de Bateson não era na comunicação entre humanos e animais, mas na comunicação dos animais entre si. Seu filho, Eric Bateson, relata que seu pai observava, por exemplo, as posturas corporais dos golfinhos e as interações entre eles: “the alignment of two animals swimming together is this sexual or is this just friendship or is just wanting to be fed” (Riley, 2014a, min. 11:16). O laboratório oferecia as

melhores condições para a observação de golfinhos em cativeiro. Uma janela permitia que Bateson observasse os golfinhos submersos.



Figura 8 – Gregory Bateson observando os golfinhos no laboratório Dolphin House - Fonte: The Girl Who Talked to Dolphins (Christopher Riley, 2014). Youtube/ BBC.

Margaret Lovatt relata que foi ele quem a recebeu quando ela esteve pela primeira vez no laboratório, no início de 1964 (Riley, 2014b):

Lovatt was met by a tall man with tousled hair, wearing an open shirt and smoking a cigarette. His name was Gregory Bateson, a great intellectual of the 20th century and the director of the lab. “Why did you come here?” he asked Lovatt. “Well, I heard you had dolphins,” she replied, “and I thought I’d come and see if there was anything I could do or any way I could help...” Unused to unannounced visitors and impressed by her bravado, Bateson invited her to meet the animals and asked her to watch them for a while and write down what she saw. Despite her lack of scientific training, Lovatt turned out to be an intuitive observer of animal behaviour and Bateson told her she could come back whenever she wanted (Riley, 2014b).

Posteriormente, Bateson publicou dois livros (1972, 1979) que, entre outros tópicos, abarcam a questão da comunicação dos golfinhos. Segundo Kirksey & Helmreich, a “Theory of Play and Fantasy” de Gregory Bateson (1972) e seus critérios dos processos mentais quebraram diferenças essencializadas entre as mentes humanas e não-humanas (Kirksey & Helmreich, 2010: 550).

Após algum tempo que o laboratório estava funcionando, John Lilly passou a se interessar por investigações envolvendo o ácido lisérgico. Era década de 1960 nos Estados Unidos e o LSD havia despertado a curiosidade dos meios científicos. Em 1967, John Lilly divulgou alguns dos resultados das pesquisas envolvendo o LSD em uma volumosa coletânea sobre os usos desta substância na psicoterapia e no tratamento do alcoolismo (Lilly in: Harold A. Abransom, 1967). Entretanto, este novo interesse do

pesquisador refletiu negativamente em Dolphin House, quando John Lilly passou a conduzir experimentos que envolviam a administração de ácido lisérgico aos golfinhos.

Something else began to interrupt the study. Lilly had been researching the mind-altering powers of the drug LSD since the early 1960s. [...] “I saw John go from a scientist with a white coat to a full blown hippy” [says Ric O’Barry of the Dolphin Project, an organisation that aims to stop dolphin slaughter and exploitation around the world and a friend of Lilly’s at the time]. [...] In the 1960s a small selection of neuroscientists like John Lilly were licensed to research LSD by the American government, convinced that the drug had medicinal qualities that could be used to treat mental-health patients. As part of this research, the drug was sometimes injected into animals and Lilly had been using it on his dolphins since 1964, curious about the effect it would have on them (Riley, 2014b).

Desde o início, Margaret Lovatt se opôs a essa linha de experimentação e convenceu John Lilly a restringir os experimentos que incluíam a administração de LSD aos golfinhos Pamela e Sissy, enquanto ela prosseguia com as aulas de inglês para Peter. Apesar das diversas tentativas de John Lilly para que os golfinhos respondessem ao ácido lisérgico, isso não aconteceu. “Different species react to different pharmaceuticals in different ways,” explica o veterinário Andy Williamson (Riley, 2014b). Em 1966, o interesse de John Lilly nos experimentos com Peter e na comunicação interespécies havia diminuído e seu foco concentrava-se nas pesquisas envolvendo o LSD. O antropólogo Gregory Bateson vinha questionando seriamente o sentido do trabalho de Margaret com Peter. Para Bateson, Peter estava simplesmente copiando os sons que Margaret fazia, sem uma compreensão real do que estava sendo dito (Riley, 2014a, min. 27:29). A chegada do LSD no laboratório parece ter sido a “gota d’água”: “For Gregory Bateson Lilly’s use of LSD on the dolphins was the last straw. He packed up his family and left” (ibidem, min. 31:40). Em 1966, Bateson e sua família foram embora da ilha e o financiamento governamental se esgotou.

Os astrônomos investidores, inicialmente interessados naquelas pesquisas, também tinham outras expectativas a respeito dos experimentos que seriam realizados ali. Carl Sagan foi um dos astrônomos do Green Bank (NASA) que fez uma visita ao laboratório para reportar os progressos do experimento aos financiadores, como Frank Drake.

We thought that it was important to have the dolphins teach us ‘Dolphinese’, if there is such a thing’, recalls Drake. For example we suggested two dolphins in each tank not able to see each other – and he should teach one dolphin a procedure to obtain food – and then see if it could tell the other dolphin how to do the same thing in its tank. That was really the prime experiment to be done, but Lilly never seemed able to do it (Riley, 2014b).

Diante deste cenário de descrédito no trabalho que John Lilly vinha desenvolvendo ali, foi anunciado o fim do laboratório. Os golfinhos deixaram o local em 1966 e foram enviados para um outro laboratório de John Lilly, instalado no prédio de um antigo banco em Miami. Neste local, os animais eram mantidos em pequenos tanques com pouca ou nenhuma luz solar. Ric O’Barry, ex-treinador dos golfinhos do seriado Flipper e ativista fundador do Dolphin Project, que combate a permanência de golfinhos em cativeiro, esteve neste laboratório onde Peter, Pamela e Sissy foram realojados e descreve como “horrível” a situação na qual os encontrou: “a small room in a plastic portable swimming pool and the chlorine cooper sulfate, heavily chlorine...it is awful, it is awful” (Riley, 2014a, min. 35:00). Nestas condições, Peter se debilitou em poucas semanas. Foi o próprio John Lilly quem telefonou para Margaret Lovatt para lhe dar a notícia: “John called me himself to tell me. He said Peter had committed suicide” (Riley, 2014b). Embora o tema do suicídio animal gere bastante controvérsia, a interpretação de John Lilly sobre a morte de Peter foi endossada por Ric O’Barry: “Dolphins are not automatic air-breathers like we are. [...] Every breath is a conscious effort. If life becomes too unbearable, the dolphins just take a breath and they sink to the bottom. They don’t take the next breath” (idem). Ric O’Barry ainda pondera que utiliza a palavra suicídio com hesitação, pois pode soar antropomórfico, mas que o termo descreve uma asfixia autoinduzida (Riley, 2014a, min. 46:02). Nas décadas seguintes, John Lilly continuou buscando formas de estabelecer comunicação com os golfinhos, por meio de técnicas que incluíram experimentações telepáticas e musicais.

Já no final dos anos 1970, o laboratório de John Lilly em Saint Thomas voltou a ser notícia. A revista *Hustler* publicou uma reportagem sobre Peter e Margaret Lovatt, cuja manchete dizia: “Interspecies Sex: Humans and Dolphins”. A ilustração retratava Margaret e Peter sugestivamente entrelaçados.

“I’d never even heard of *Hustler*,” says Lovatt. “I think there were two magazine stores on the island at the time. And I went to one and looked and I found this story with my name and Peter, and a drawing”.



Figura 9 – Margaret Lovatt e Peter na Hustler Magazine (Fonte: The Guardian, 2014)

A Hustler relatou a história como um caso de exploração sexual (*sexploitation*). Contudo, a perspectiva apresentada por Margaret Lovatt diverge daquela da revista:

“Dolphins get sexual urges”, says the vet Andy Williamson, who looked after the animals’ health at Dolphin House. “I’m sure Peter had plenty of thoughts along those lines”. “Peter liked to be with me,” explains Lovatt. “He would rub himself on my knee, or my foot, or my hand. And at first I would put him downstairs with the girls”, she says. But transporting Peter downstairs proved so disruptive to the lessons that, faced with his frequent arousals, it just seemed easier for Lovatt to relieve his urges herself manually. “I allowed that,” she says. “I wasn’t uncomfortable with it, as long as it wasn’t rough. It would just become part of what was going on, like an itch – just get rid of it, scratch it and move on. And that’s how it seemed to work out. It wasn’t private. People could observe it”. For Lovatt it was a precious thing, which was always carried out with great respect. “Peter was right there and he knew that I was right there,” she continues. “It wasn’t sexual on my part. Sensuous perhaps. It seemed to me that it made the bond closer. Not because of the sexual activity, but because of the lack of having to keep breaking. And that’s really all it was. I was there to get to know Peter. That was part of Peter”. (...) Lovatt bought up all the copies she could find, but the story was out there and continues to circulate to this day on the web. “It’s a bit uncomfortable,” she acknowledges. “The worst experiment in the world, I’ve read somewhere, was me and Peter. That’s fine, I don’t mind. But that was not the point of it, nor the result of it. So I just ignore it.”

Em meados dos anos 1980, após esse histórico de maus tratos com estes animais, John Lilly “mudou de lado” e passou a apoiar campanhas que lutavam contra a manutenção de golfinhos em cativeiros. Ele declarou: “I had no right to confine them, to imprison them, to work on them, my only right would be to work with them in their natural habitat, in their natural state” (Riley, 2014a, min. 40:06). O ativismo de John Lilly contra o aprisionamento de golfinhos em cativeiros e a imagem destes animais que seu trabalho havia ajudado a construir conferiu certa notoriedade aos golfinhos. “In the mid-1980s Lilly began campaigning relentlessly against holding dolphins captive. This together with the profile his work had given dolphins helped elevate them in the eyes of the public and for organizations like Greenpeace they became an iconic symbol of the wider conservation movement” (Riley, 2014a, min. 40:35). O professor de história das ciências Graham Burnett atribui bastante importância à participação de John Lilly na forma como o ativismo em torno dos mamíferos marinhos se organizou: “That story of a rising campaign to afford new protections to the world’s marine mammals, I would argue it’s impossible to imagine that work without Lilly’s legacy” (Riley, 2014a, min. 40:43).

A história desse experimento científico, que se mistura com a própria trajetória pessoal e profissional de John Lilly, percorre assuntos diversos como a produção de fatos científicos, a ética em experimentos com animais e o próprio ativismo da causa animal. A hipótese de golfinhos falantes e a experimentação que se seguiu a ela evidenciam uma concepção de comunicação marcadamente antropocêntrica, pois completamente baseada na linguagem verbal. Além de restrita, a proposição de John Lilly para uma comunicação interespecies foi também colonizadora, pois os golfinhos deveriam aprender a falar a língua do pesquisador. Além dos evidentes questionamentos éticos que o caso desperta, outros aspectos transversais chamam atenção, como certa semelhança nas trajetórias de John Lilly e Ric O’Barry, no que diz respeito a seus posicionamentos sobre a manutenção de golfinhos em cativeiros. Em um primeiro momento de suas carreiras, ambos trabalharam com golfinhos em cativeiros: John Lilly como pesquisador e Ric O’Barry como treinador destes animais para o seriado Flipper. Após uma longa convivência com os golfinhos em regimes de aprisionamento, ambos se tornaram ativistas em prol da proibição da permanência de golfinhos em cativeiros. Ou seja, após conhecerem de perto a vida destes animais nestes recintos tanto John Lilly quanto Ric O’Barry passaram a denunciar a inapropriação dos mesmos.

Destaca-se, ainda, um outro aspecto dessa história ligado a relações de gênero e produção de conhecimento científico. Nos relatos sobre o experimento em Dolphin House

nota-se a presença e a participação de Mary Lilly e Lois Bateson, esposas de John Lilly e Gregory Bateson, nas pesquisas conduzidas com os golfinhos e outros animais. Mary Lilly é mencionada em diferentes momentos da trajetória de pesquisa de John Lilly, a ponto de ter sido uma observação dela no Marine Studios que deu início à hipótese sobre comunicação interespécies e, posteriormente, a todo o experimento de John Lilly na Dolphin House. Lois Bateson, por sua vez, menciona que *elas* tinham 17 polvos em casa e que *elas* estavam estudando seus relacionamentos pessoais – “we had in our house 17 octopuses and we were studying their personal relationships” (Lois Bateson in Riley, 2014a, min.10:41). Embora sejam indicativos incipientes, essas pistas suscitam a reflexão a respeito de uma possível e invisibilizada participação dessas mulheres nas pesquisas assinadas por seus maridos cientistas. Sabe-se que a invisibilização da participação feminina nos trabalhos desenvolvidos por casais é histórica e culturalmente muito comum. As mulheres costumavam ser vistas como aquelas que “ajudavam”, podendo estar presentes nas dedicatórias e agradecimentos das publicações, mas nunca na coautoria dos trabalhos.

Muitos estudos com *Tursiops truncatus* foram conduzidos em cativeiros, mas a partir da década de 1980 surgiram importantes contribuições sobre diversos aspectos ecológicos da espécie por meio de estudos conduzidos fora dos laboratórios, com os golfinhos em seus ambientes naturais (Daura-Jorge, 2011, p. 21). Algumas das questões mais discutidas referem-se a padrões de comportamento, repertório acústico e histórias de vida (uma abordagem específica em biologia) (ibidem). Atualmente, há dezenas de laboratórios e grupos de pesquisadores com investigações e rotinas de trabalho ligadas a populações de *Tursiops truncatus*. Estudos ecológicos, populacionais, bioacústicos, trabalhos de monitoramento e conservação destas populações são algumas das atividades em curso. Um exemplo próximo à pesquisa é a própria atividade do Lamaq (Laboratório de Mamíferos Aquáticos/ UFSC), cujo grupo de pesquisadores pesquisa e monitora a população de golfinhos de Laguna há mais de 30 anos.

### **Roberto Bubas e as orcas em Park Ranger**

Outro episódio bastante atípico envolvendo golfinhos em um experimento científico aconteceu em Park Ranger, na Patagônia argentina. Ali, um grupo de orcas e um guarda ambiental, Roberto Bubas, criaram vínculos muito particulares. “In the last twelve years I spent more time with these orcas than with people. They became a kind of

family to me here” (Animal Planet, min.1:21)<sup>20</sup>, afirma Bubas. Tudo começou em um contexto de pesquisa e evoluiu para uma forma de vínculo muito significativa em termos de responsividade mútua e comunicação interespecies.

Roberto Bubas era um estudante de biologia marinha empenhado no monitoramento de uma população de orcas formada por aproximadamente 20-25 animais. Inicialmente, seu trabalho consistia na observação e identificação dos animais. Para isso, ele valia-se do desenho livre das nadadeiras dorsais das orcas. Para reconhecê-las adequadamente, Bubas foi se aproximando cada vez mais da água. As orcas, por sua vez, foram se aproximando cada vez mais da praia. Elas podem nadar em águas muito rasas. Assim, eles criaram sua “zona de contato” - “*a contact zone entangling each other*” (Haraway, 2008, p. 215). Segundo os relatos de Roberto Bubas:

They were splashing the water with their flukes and spy hooping in front of me. And they understood...Maybe they want to play with me. So I went into the water to play. And it was like a party. They start to come together to push to each other, start to scream, to make sounds. I was able to touch them (Bubas, Animal Planet, min. 2:08).

Certo dia, uma daquelas orcas lhe trouxe um molho de algas, aparentemente o convidando para a interação. Bubas respondeu à sugestão, entrou dentro d’água e lhe jogou as algas de volta. Ela as pegou e trouxe para ele novamente. As outras três orcas que estavam por perto entraram no jogo. Ele jogava as algas, elas buscavam e traziam de volta, e assim passaram-se horas. Durante uma semana, mais ou menos no mesmo horário e lugar, as orcas estavam lá novamente. Como em outras situações de tamanha proximidade, Bubas reconhecia cada animal individualmente e nomeou cada uma delas. Roberto Bubas declara que “they don’t need nothing from me. I don’t need nothing from them. It’s just a very pure affection bound” (Animal Planet, min. 4:35). A primatóloga Jane Goodall interpreta o caso em termos de “curiosidade recíproca” (Animal Planet, min. 2:36). Existem inúmeros casos em que golfinhos, apartados de seus grupos sociais, se engajam em interações espontâneas e contínuas com as pessoas. Mas, casos como este, em que os animais possuem um grupo social e mesmo assim procuram a companhia e a amizade de seres humanos são mais raros.

A interação de Bubas com esse grupo de orcas teve um desdobramento

---

<sup>20</sup> Este depoimento de Roberto Bubas está registrado em um documentário sobre comunicação animal produzido pelo canal de televisão Animal Planet (Jane Goodall When Animals Talk by Animal Planet, 2008, 90min). A minutagem é referente ao trecho disponível no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=1Lkjgc8N4cg>, acessado em janeiro de 2019.

imprevisto, quando Augustín, um garoto de Buenos Aires com deficiência auditiva, na fala e diagnóstico de transtorno no espectro autista, mostrou-se responsivo ao ver Bubas tocando uma gaita para as orcas nas páginas de uma revista. Surpresos ao presenciarem aquela reação do garoto, que se mostrava sempre muito apartado das interações sociais, a mãe o levou até a Península Valdés. Apenas no último dia da estadia, uma orca com seu filhote foi avistada, mas durante toda a permanência no local, Augustín teve contato com os elefantes marinhos, com um cavalo e com toda natureza local, o que visivelmente impactou o comportamento do garoto. Esse episódio relaciona-se com relatos que vêm a seguir, relacionados a métodos terapêuticos para pessoas com deficiências que incluem a presença de golfinhos. Essa experiência de Bubas com as orcas relacionada a uma forma de terapia com um garoto autista foi tema do livro escrito pelo próprio Roberto Bubas, chamado “Agustín Corazón Abierto” (1999).

Esse grupo específico de orcas possuía ainda outra particularidade, que consistia em uma forma única e intergeracionalmente transmitida de caçar leões-marinhos. “These are the only orcas on Earth to catch sea lions by beaching themselves. The 27 orcas here learned this deadly skill from previous generations” (Animal Planet, min.0:56). Como em Laguna, o grupo de orcas em Park Ranger desenvolveu um conhecimento especializado que é transmitido intergeracionalmente. Além do documentário produzido pela Animal Planet (*Jane Goodall When Animals Talk*, 2008), a história de Roberto Bubas com esse grupo de orcas foi romanticamente adaptada para o cinema resultando na produção *O Farol das Orcas* (Olivares, 2016).

### **Military Dolphins (US Navy Marine Mammal Program)**

Golfinhos-nariz-de-garrafa (*Tursiops truncatus*) e leões marinhos (*Zalophus californianus*) são também “animais de trabalho” da marinha norte-americana. Neste contexto, eles são chamados de *military dolphins*. São animais “recrutados” e treinados por um programa especial chamado US Navy Marine Mammal Programme, cujo objetivo é capacitá-los para “detectar, localizar, marcar e recuperar objetos em portos, áreas costeiras e profundidades em mar aberto”, de acordo com a informação oficial (NIWC PACIFIC, tradução minha)<sup>21</sup>. Minas e submarinos são alguns dos objetos rastreados. A base de treinamento destes animais é em São Diego, mas as operações podem ser em

---

<sup>21</sup> Acesso em <https://www.niwcPacific.navy.mil/marine-mammal-program/>, janeiro de 2019.

lugares tão distantes quanto a Nova Caledônia (Air Force USA)<sup>22</sup>. Nestes casos, eles são transportados dentro de pequenos tanques, em grandes aviões cargueiros. Tuffy foi o primeiro golfinho a serviço da marinha norte-americana, em 1965. Tubarões, arraias, tartarugas e pássaros marinhos também foram testados, mas segundo porta-vozes da marinha norte-americana, as capacidades físicas e sensoriais destes animais mostraram-se inferiores às daquelas de golfinhos e leões-marinhos. Ativistas como Ric O'Barry defendem que animais são apolíticos e que não deveriam ser arrastados para o serviço militar ou deliberadamente postos em perigo durante conflitos humanos (Dolphin Project)<sup>23</sup>.

### **Partos e Terapias**

Além dos agenciamentos científicos e militares, os golfinhos também estão envolvidos em agenciamentos terapêuticos. Há mulheres que almejam parir na presença deles, conhecidos nestes contextos como *dolphin-assisted births*. O Havaí é um dos lugares no mundo onde isso acontece. Além dos partos, há terapias com golfinhos indicadas para crianças com autismo, TDAH (Déficit de Atenção e Hiperatividade), deficiências físicas e transtornos psicológicos. As terapias com golfinhos, no entanto, não estão restritas a crianças com determinados diagnósticos, alcançando um público bem mais extenso. Além dos golfinhos, cães (cinoterapia) e cavalos (equoterapia) são também animais presentes em métodos terapêuticos e reabilitações.

Nos anos 1970, pesquisadores iniciaram os estudos sobre as interações entre golfinhos e crianças com transtornos neurológicos. A antropóloga educacional Betsy Smith é considerada pioneira nesta linha de pesquisa, embora os primeiros dados sobre terapias com golfinhos remontem, novamente, aos trabalhos de John Lilly ainda nos anos 1950 (Fiksdal *et al*, 2012). A maioria das experiências “*dolphin-assisted therapy*” estão concentradas nos EUA, mas acontecem também em muitos outros países e atraem pessoas de diferentes localidades. Existe, inclusive, um projeto de terapia com golfinhos no Brasil, chamado Anahata Bototerapia. O fisioterapeuta Igor Simões desenvolveu uma terapia para crianças com deficiências físicas e motoras que conta com a participação de botos-cor-de-rosa (*Inia geoffrensis*), no Rio Negro (Amazonas). Diferentemente da maioria das

---

<sup>22</sup> Acesso em <https://www.af.mil/News/Article-Display/Article/118510/dolphins-fly-to-new-caledonia-with-hickam-c-17-crew/>, em janeiro de 2019.

<sup>23</sup> Acessado em: <https://www.dolphinproject.com/campaigns/captivity-industry/use-of-dolphins-by-the-us-navy/>, janeiro de 2019.

terapias com estes animais, neste caso os botos estão livres em seu habitat natural.

### **Massacres e Comercialização**

Em um contexto muito diferente, abarcando episódios extremamente violentos, encontram-se as capturas e os massacres anuais de milhares de golfinhos em Taiji (Japão), onde grandes grupos destes animais são encurralados, mortos e/ou capturados para comercialização. Como documentado em “The Cove – A Baía da Vergonha” (Psihoyos, 2009), em Taiji, os golfinhos considerados “bonitos” e “responsivos” são comercializados para parques aquáticos e programas de mergulho com golfinhos, enquanto os demais destinam-se à indústria alimentícia. Nesse sentido, há registros de carne de golfinho altamente intoxicada por mercúrio presente em merendas escolares no interior do Japão (idem). O nível de mercúrio regulamentado para “frutos do mar” no Japão é de 0.4ppm (partes por milhão). Em amostras de carne de golfinhos provenientes de Taiji, a quantidade de mercúrio encontrada foi de 2.000ppm (idem)

Embora os defensores dos massacres e do consumo da carne destes animais recorram ao argumento de que “o consumo de carne de golfinho é cultural no Japão” e, por isso, deve ser respeitado, entre os próprios japoneses muitos declaram não saber que alguns de seus conterrâneos consomem carne de golfinho. Ou seja, este argumento parece atuar mais como uma falácia política e comercial do que como uma defesa ao respeito à diversidade cultural. Apesar disto, este é um dos mais fortes argumentos que assegura que os golfinhos naquele país continuem sendo “matáveis”, no sentido que Donna Haraway (2011) atribui ao termo.

It’s not about tradition or culture. It’s all about profit and greed, powered by the engine of the captivity industry. The real money is made in the trade of dolphins to aquariums and marine parks. Taiji is ground zero for the largest trafficking of dolphins in the world (Ric O’Barry, Dolphin Project)<sup>24</sup>.

O caso é exemplar de como a ciência faz política. Os “pequenos cetáceos”, como estes golfinhos são classificados cientificamente, foram excluídos das regulamentações da International Whaling Meeting (IWM), resultando na criação de brechas legais para este tipo de captura, comércio e extermínio que acontece no Japão. Se os golfinhos deixarem de ser classificados como “pequenos cetáceos”, eles passarão a ser

---

<sup>24</sup>Acessado em <https://www.dolphinproject.com/media/taiji-photolog-gallery/taiji-in-photos-from-sea-to-stage/>, janeiro de 2019.

contemplados pela legislação internacional que salvaguarda a vida destes animais? Como bem diz Donna Haraway, “não é matar que nos leva ao extermínio, mas sim tornar os animais matáveis” (2011, p.43). A cada temporada anual, centenas ou milhares de golfinhos são mortos. Entre os anos 2000 e 2016, os números oscilaram entre 740 e 2009 animais mortos por temporada (WDC)<sup>25</sup>.

Voltemos agora às águas brasileiras, ao encontro daqueles que são considerados os botos, por excelência, na literatura antropológica e folclórica do país.

### **Botos Encantados ou Bichos-do-Fundo**

Na literatura antropológica e folclórica brasileira, os botos protagonistas são os botos-cor-de-rosa amazônicos. Tais figuras compõem o fascinante universo conhecido como “encantaria”, “encantamento” (Lima, 2014; Dutra & Santos, 2014), “pajelança cabocla” (Maués, 1994) ou “pajelança rural” (idem, 2005). Segundo as narrativas mais recorrentes, o Boto é um “bicho-do-fundo” ou um “encantado”, que mora no fundo das águas e surge como um rapaz bonito, sedutor, namorador, nas festas e ribeiras amazônicas. Esta criatura mítica tornou-se bastante conhecida através de relatos de folcloristas, viajantes, historiadores e antropólogos (Galvão, 1995; Maués, 1994; 2005; 2006; Lima, 1999, 2014; Slater, 1994; Cordeiro, 2017a).

Segundo a antropóloga Deborah Lima, em uma ontologia naturalista, as premissas dos encontros com os botos e outros seres do encante são inadmissíveis como sendo possíveis no “mundo real”, em contraponto ao que se encontra no interior da Amazônia, onde encontros com o Boto e com outros seres encantados são sempre narrados como encontros vividos, seja pelo próprio narrador seja por algum parente ou conhecido próximo (Lima, 2014). Apesar disso, de modo geral, o Boto, a Matita Pereira, a Iara e tantos outros encantados são insistentemente e erroneamente tratados apenas como “lendas do folclore amazônico”.

Estes “bichos-do-fundo” habitam o fundo de rios, lagos, paranás e igarapés de pequenas cidades, vilas e povoações no interior da Amazônia. São uma espécie de “gente-bicho” ou “bicho-gente”, que vivem em “cidades encantadas”, também conhecidas como “cidades do fundo” ou “encante” (Cordeiro, 2017a, p.56). Tais lugares podem ser cidades subaquáticas ou subterrâneas, que estão localizadas em lugares específicos e podem

---

<sup>25</sup> Acessado em: <https://uk.whales.org/issues/dolphin-hunts-focus-on-taiji-japan>, em janeiro de 2019.

cobrir grandes extensões territoriais. Curadores e curadoras de Parintins (PA), grandes conhecedores destas cidades encantadas, descrevem os “bichos do fundo” como seres da fauna local - caranguejos, botos, cobras, gaviões, urubus, arraias - que vivem na cidade deles tal como os moradores da “cidade de cima” vivem nas suas: “[os bichos do fundo] andam de triciclo, tocam diferentes instrumentos musicais, cozinham tubérculos e peixes, passeiam nas ruas e praças bem iluminadas e limpas do lugar” (idem, 2017b, p.5). Além de animais, alguns curadores afirmam que os bichos do fundo podem “pegar partes de diferentes coisas” e “se montar horrível para meter medo na gente: pegar corpo de cobra, pé de curupira, cabeça de boi e casco de cavalo. Essa medonheza em tamanho desconforme mata qualquer um de susto” (ibidem). Os bichos do fundo podem até assumir formas não corpóreas, como do vento e da fumaça do tauari. Há relatos detalhados e magníficos sobre o encanto. Seu Agenor, um velho curador de Parintins, conta sobre a primeira vez que foi à cidade do fundo. Ele se “alembra” apenas “de uma luz muito clara aparecer na beira da canoa e de ficar admirando aquele brilho, pensando ser alguma coisa preciosa que estava reluzindo do fundo” quando, de repente, se viu “num portão grande, todo branco, igual de gelo”, então uma arraia-gente, sua amiga, o chamou pelo nome e o conduziu pela cidade: “ela me mostrou a cidade do fundo, tudo clarinha, com rua, taberna, tudo que tem aqui. [...] É tudo bom, muita coisa linda, mas o que mais me admirou eram os bichos, tudo normal que nem a gente, andando, tudo arrumado” (Cordeiro, 2017a, p.115). Na casa desta Arraia, “os banquinhos eram essas cobrinhas d’água”, onde Seu Agenor diz ter se sentado e sentido “até a gosminha fria dela” (idem).

Em 2014, com 78 anos de idade, Dona Sabá (*in memoriam*) ainda visitava a cidade do fundo. A primeira vez que esteve lá foi em um sonho:

Era bem pequena, mas já sabia que seria curadora. Uma preguicinha que eu criava como filha morreu e, em sonho, ela me apareceu dizendo que era do encanto, que tinha vindo na cidade de cima para me amansar. [...] Essa bichinha foi quem me levou para aquela cidade linda que tem aqui debaixo de Parintins e que pega tudo quanto é cidade daqui de perto. Esse encanto é muito grande e fica bem aqui embaixo. [...] Muito bonito, tudo é igual aqui, as ruas, as casas, os bichos lá fazem como a gente, comem, dormem, trabalham (Cordeiro, 2017a, p. 116).

Seu Raimundo, outro velho curador de Parintins, também rememora, com os olhos marejados, sua primeira vez no encanto. “Quando era muito gatinho, um curumim sem calça ainda” (idem, p.222), ele estava trabalhando na rede de pesca do pai quando recebeu o convite de um “indiozinho”, seu “companheiro”, para conhecer a cidade do fundo. O

indiozinho lhe disse: “tu quer conhecer onde é minha morada? [...] Te levo e trago num repente. [...] Quando eu mandar tu fechar o olho tu fecha e só abre quando eu mandar, tu promete?”. Não demorou muito, Seu Raimundo ouviu: “abre o olho!” (idem, p. 222-223).

Meu Deus! Que lindura era tudo aquilo! Umas coisas que nunca vi, nem na televisão: ruas tudo clara, mas não tem energia elétrica, mas é tudo clarinho, clarinho. As casas são grandes, assim igual castelo de desenho de criança na televisão. Uma diferente e mais linda que a outra. Procurei meu amigo, mas na minha ilhargá tinha uma cobra purruda [enorme], toda enrolada, lembro até que pulei de susto, mas a cobra falou: “Sou eu! Não se assuste, mas aqui tudo semo bicho, vê?”. Aí fui ver que no lugar de gente era tudo bicho andando na rua, como aqui: uns estavam sentados num banco redondo e estavam tudo arrumado. Ele me disse: “tem uma festa para ti, falei que vinha te trazer, e todos querem te ver”. Mas rapaz, era um salão muito grande. Tinha música. Tudo bicho tocador. [...] Os bichos de casco eram mesa andante com muita bebida nas costas, andando rápido, servindo todo mundo. As cobrinhas serviam de nossos bancos. Todos me olhavam, era arraia, boto, tambaqui grande, surubim, kuiu. Cobra de toda espécie. Jacaré-açu e tinha pássaro, vi bem o Jacu e o Gavião. Tudo gente-bicho, bicho-gente, sei lá! (ibidem, p. 222-223).

O encantamento geralmente acontece com pessoas que são atraídas por algum encantado ou encantada para seu local de morada - o encante ou mundo do fundo. Essa atração geralmente acontece quando algum destes seres “se agrada” da pessoa. Lá embaixo, se o visitante comer algo que lhe ofereçam ou tiver relações sexuais com quaisquer morador do encante, torna-se um deles. Seu Jorge, um curador de Parintins, conta como o Boto lhe atraiu.

Era, assim, já na caída do sono do almoço. Estava numa rede na sala de casa. Estava numa mordormência, nem acordado, nem dormindo, ouvindo o rebujo [barulho que os botos fazem brincando na água] dos botos no porto de casa. E aquilo me tomou, dizendo: “vem, vem brincar na nossa casa”. E me alevantei da rede, meio modo palerma e, de repente, a sala de casa era outra sala, muito linda e uma cobra muito grande me falando: é aqui que vou te ensinar a curar os outros (Cordeiro, 2017a, p.226).

Os encantados são seres ambíguos, podem ser benéficos e amistosos, mas podem também causar adoecimentos e outros perigos para as pessoas. Eles possuem tanto os poderes de curar e fazer benefícios quanto de adoecer, trazer prejuízos financeiros e tornar as pessoas “panema” (sem sorte) na caça e na pesca. Os bichos-do-fundo podem causar “ataques”, “mau olhados”, “flechadas de bicho”<sup>26</sup>, “roubos de sombra”, “judiarias”, “aborrecimentos”, entre outras enfermidades (Maués, 1994, 2005; Lima, 2014; Cordeiro,

<sup>26</sup> “Corrente-do-fundo” designa um estado de incorporação descontrolada por “encantados” e “espíritos”, indicando o dom de quem é acometido para o xamanismo (Maués, 1994, p. 76).

2017a). Podem retaliar um pajé que tem o “dom”, mas se recusa a trabalhar com os encantados (ver a história do cego Ramiro em Maués, 1994). Diz-se que são dotados de “malineza”, que não é maldade propriamente, mas algo próximo da “traquinagem” ou da “travessura” (Lima, 2014, p. 177). As relações com estes seres, portanto, devem ser dotadas de cautela e atitudes respeitosas.

Os encantados podem ainda se transformar em humanos, quando surgem em festas, trapiches e ribeiras. Relata-se que o Boto, metamorfoseado em gente, traja branco e usa um chapéu para disfarçar o cheiro de peixe que emana de um orifício na cabeça. Em algumas regiões amazônicas, os encantados são vistos como homens sedutores, que dançam com as mulheres desacompanhadas e podem vir a engravidá-las. A depender da localidade, os botos podem possuir conotações diferentes. Na região do Salgado, na costa do Pará, o boto possui características vampirescas. Lá, diferente de outras regiões na Amazônia, não foram encontrados relatos de que as mulheres podem engravidar e ter “filhos do boto” (Maués, 2005, p. 267). Diferente disso, como uma espécie de vampiro, o boto suga o sangue das mulheres durante as relações sexuais, podendo mesmo levá-las à morte. Para as mulheres serem afastadas deste perigo, os botos podem ser mortos por parentes e amigos das vítimas. Os botos são especialmente temidos pelas mulheres quando elas estão menstruadas, pois o sangue menstrual exerce poder de atração sobre eles. O Boto Encantado, portanto, faz parte de uma “gente-bicho” ou “bichos-gente” com características ambíguas, relacionadas tanto ao perigo e abdução quanto aos benefícios da cura.

Certa vez, escutei de um pescador em Laguna que, ao se deitar à noite, ele fechava os olhos e “via o boto passando”. “Uma coisa interessante”, ele avaliou. Inicialmente, associei esta declaração ao tema da atração, tão presente no imaginário sobre os botos, mas hoje acho essa correlação exagerada.

Na mitologia aborígine, chamada Dreamtime, também há relatos de golfinhos que se transformaram em humanos e vice-versa (ver “the legend of Gowonda”, um herói cultural dos Nerang Valley People). “They could see him [Gowonda] teaching the other porpoises to drive the fish into the beach so that his people could net them” (Neil, 2002, p. 5-7). Interessante notar como nesse mito Nerang os golfinhos surgem associados à pesca cooperativa. O relato trata de um importante homem do povo Nerang que se transformou em golfinho e, nesta condição, arrebanhava os peixes para que seus parentes pudessem capturá-los e ensinava outros animais da mesma espécie a fazer o mesmo.

Os botos-cor-de-rosa na Amazônia estão também envolvidos em outras situações

além da encantaria, como conflitos com pescadores devido à captura de peixes pelos botos em suas redes de pesca, o que se aplica também aos botos-tucuxi. Além disso, os botos podem ser considerados pelas populações ribeirinhas como animais que trazem sorte. Tal suposição pode levar à produção e uso de amuletos feitos com partes dos corpos dos botos, como os olhos e a genitália. Além dos amuletos, em algumas regiões os botos podem também ser mortos e utilizados como isca para a captura do peixe piracanjuba (*Brycon orbignyanus*).

Como pudemos perceber, as relações entre humanos e golfinhos podem ser imensamente ambíguas e diversificadas. Algumas coletividades reverenciam espiritualmente estes animais, ao passo que outras se valem de suas vidas e corpos como insumo para a indústria da carne e do entretenimento. Muito diversificados são também seus *status* jurídicos e ontológicos.

Fábio Daura-Jorge (2011) argumenta que um indicativo da “plasticidade comportamental” dos *Tursiops truncatus* é expresso pela diversidade de suas estruturas populacionais, já que estes golfinhos podem viver tanto em pequenos grupos residentes (entre 50 e 200 animais) com hábitos costeiros quanto em coletivos de milhares de animais “transeuntes” com hábitos oceânicos. Parte do objetivo de recuperar tamanha sociodiversidade dos golfinhos-nariz-de-garrafa têm a ver com percebermos que esta “plasticidade comportamental”, mais do que estritamente “natural” da espécie, é eminentemente biossocial, ou seja, está também relacionada aos agenciamentos e “comunidades híbridas” (Lestel et al. 2006) nas quais estes animais estão envolvidos.

Destacar algumas das complexidades do encontro entre tarrafeadores, peixes, *botos bons* e *bôtas boas* é o principal objetivo desta tese. Acompanho algumas autoras e autores que acreditam que uma época de extinção em massa e crise ambiental antropogênica solicita uma sensibilidade histórica e etnográfica voltada para os modos pelos quais a socialidade humana, a vida e a morte, estão profundamente emaranhadas com outras formas de vida (Helmreich & Kirksey, 2010; Plumwood, 2009; Tsing, 2013, 2015; Rose, 2013; Haraway, 2008, 2013; van Dooren, Kirksey e Münster, 2016; van Dooren e Rose, 2016; van Dooren, 2016).

O presente texto é organizado em um amplo sobrevoo (introdução e capítulo 1) e três mergulhos temáticos (capítulos 2, 3 e 4). A introdução e o capítulo 1 são uma introdução geral ao tema, incluindo descrições etnográficas, outros fenômenos de pescas colaborativas com golfinhos no Brasil e no mundo, apresentação dos principais sujeitos humanos e não-humanos envolvidos, notas sobre o trabalho de campo (com observações

sobre questões de gênero), além de uma breve apresentação sobre outros agenciamentos que envolvem humanos e golfinhos, com atenção especial para a presença dos botos na literatura antropológica brasileira. Considerações teóricas aparecem de forma esparsa ao longo das seções. Espero deixarmos a introdução e o capítulo 1 com a sensação de tratar-se de um caso bem concreto daquilo que Donna Haraway (2008) chama de “tornar-se com” (“*becoming with*”).

Este primeiro trecho da tese nos conduz a três mergulhos temáticos específicos e cada um deles compõe um capítulo. O segundo capítulo dedica-se à ideia de legado interespecies, cujo tema principal é a perpetuação da pesca conjunta ao longo do tempo e de gerações de pescadores e golfinhos. Tudo começa com as genealogias de botos e *bôtas boas* de Laguna, de onde surgem discussões ligadas a gerações, linhagens interespecíficas e histórias multiespecies. O capítulo seguinte trata de co-aprendizagem e desenvolvimento interespecífico de habilidades, dialogando com a ideia de “*beings-*” (Shoroer, 2014) e “*partners-in-the-making*” (Haraway, 2008, p. 208). Como veremos, a sintonização entre os movimentos de peixes, botos e pescadores é uma habilidade decisiva nesta forma de pesca. Este é o fio que nos conduz ao capítulo quatro, dedicado à “coordenação multiespecies” (Gan, 2016), à sintonização das ações e movimentos, aos fluxos generativos, às capacidades de afetação mútua, à antrozoogênese (Despret, 2004). As palavras finais são dedicadas a uma reflexão sobre colaboração e à atual ameaça de extinção dos botos em Laguna.

**CAPÍTULO 1**  
**Nós no Tempo-Espaço: Locais e Sujeitos**

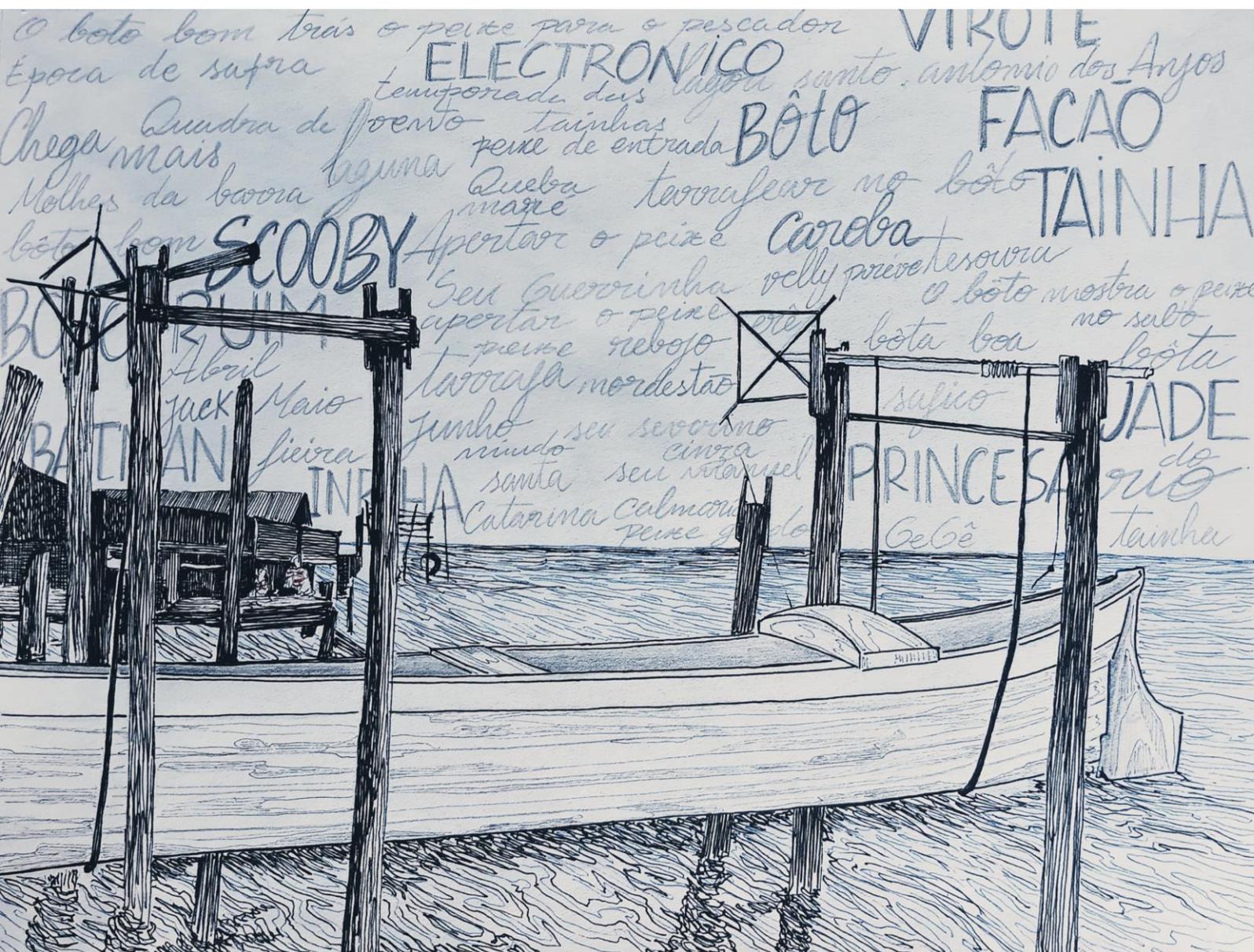


Figura 10 – Sarilho em Pomta das Pedras (Laguna, SC)  
 Fonte: David Arranhado

Laguna é um local historicamente conhecido como um “porto de boas pescarias” (Cadorín & Cadorín, p.171). Ainda no século XVII, a piscosidade de seu complexo lagunar já atraía marinheiros das capitanias de São Vicente, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, que iam até lá abastecerem-se de peixes (idem). Atualmente, a cidade tem cerca de 50 mil habitantes e uma atividade econômica voltada principalmente para a pesca, que é imensamente diversificada no que diz respeito às técnicas utilizadas e às espécies de peixes e crustáceos capturadas (Bannwart, 2014). É uma cidade rodeada por morros e águas: a leste de seu centro urbano está o oceano Atlântico, a oeste a Lagoa Santo Antônio dos Anjos e a sudeste o canal que liga ambos.

Na década de 1930, os Molhes da Barra foram construídos na região do estuário da cidade. São dois braços de terra paralelos (Molhes Norte e Sul) que fazem a contenção das águas formando um canal. Os Molhes estendem-se cerca de 1,5 km mar e lagoa adentro. A região é conhecida na cidade como Molhes, Pontal ou Boca da Barra. Na ocasião de sua construção, o objetivo do canal era facilitar o trânsito de embarcações que vinham do mar aberto em direção ao porto da cidade. O porto de Laguna, que um dia foi muito importante para o estado de Santa Catarina, hoje está praticamente desativado. Os Molhes, no entanto, continuam lá, como um ponto de pesca e visitação, facilitando a navegação no canal, reunindo pessoas, animais, veículos, técnicas e artefatos de pesca.



Figura 11 – Construção dos Molhes da Barra (Fonte: Autor desconhecido)

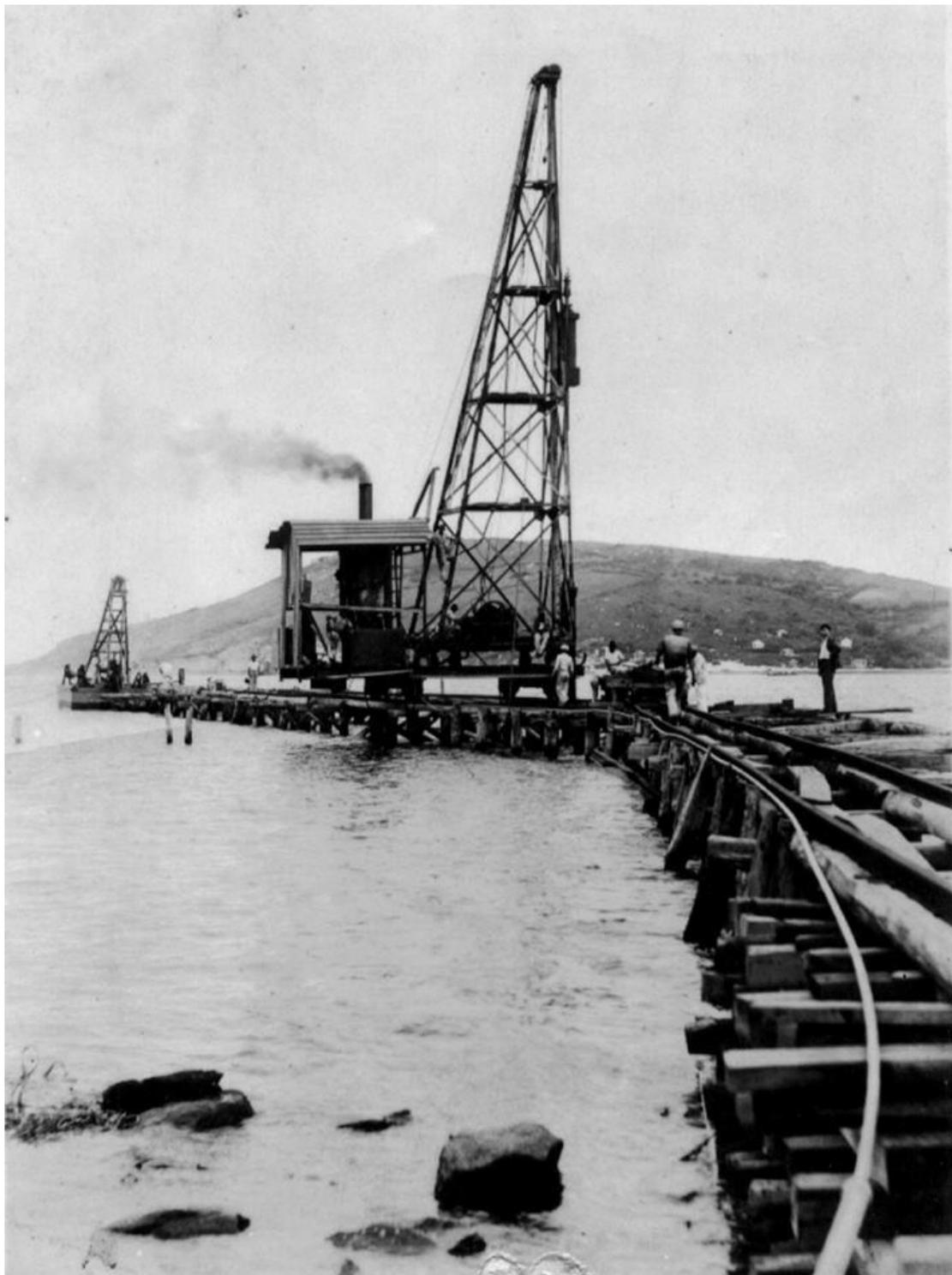


Figura 12 – Trilho para construção dos Molhes da Barra (Fonte: Autor desconhecido)

Atualmente, o local recebe muitos visitantes atraídos pela beleza natural, pelo surfe na praia do Mar Grosso, pela pesca com os botos na Tesoura. A Tesoura está localizada no início destes molhes, no sentido cidade-oceano, às margens do canal que liga a Lagoa Santo Antônio dos Anjos ao Oceano Atlântico. A Tesoura fica a pouco mais

de 2 quilômetros do centro histórico e comercial da cidade. Tudo se passa, portanto, em contexto urbano.

Muitos dos outros pontos de pesca com os botos são trapiches ou finais de ruas, em bairros e vilas residenciais de Laguna. No trapiche em Ponta das Pedras, por exemplo, botos e pescadores pareciam estar no quintal de suas casas. Naquele dia, havia duas canoas emparelhadas na frente do trapiche. O boto fazia *jeito para peixe* ora na frente de uma ora na frente de outra. Já o Cais está localizado exatamente no centro de Laguna, às margens de sua principal avenida. A Lagoa Santo Antônio dos Anjos, onde esta população de botos reside, faz parte de um cotidiano urbano e industrial. Suas águas recebem rejeitos poluentes de lavouras com agrotóxicos, fertilizantes e outros venenos. As vidas destes golfinhos estão imersas em um ecossistema altamente antropogênico. Em decorrência da poluição da lagoa, parte desta população de golfinhos-nariz-de-garrafa apresenta sinais claros de lobomicose, uma doença dérmica e fúngica. Os fungos causadores da lobomicose, portanto, também são parte desta composição multiespécies que inclui peixes, golfinhos e humanos.

A Tesoura é uma faixa de areia relativamente estreita. O espaço não é frequentado para banho, surfe, atividades esportivas ou mesmo outras formas de pesca. Se a constituição de um lugar está ligada a seus modos de uso e ocupação, a Tesoura é muito mais um ponto de pesca do que uma praia propriamente. Nos finais de semana, famílias de Laguna e cidades próximas vão passear no local, assistir à pesca com os botos e à comercialização de peixes. Na Tesoura, não há sarilhos, ranchos ou barracões de pesca, como em outros lugares. Não há sombrinhas, mesas, bancos, cadeiras, bares ou restaurantes, apenas um pequeno carrinho ambulante de bebidas. As bicicletas dos pescadores aglomeram-se por ali mesmo junto a alguns outros pertences. Aqueles que vão de carro deixam os automóveis estacionados nos Molhes. Em 2016, havia um pequeno banquinho de madeira improvisado e um sofá provavelmente recuperado de algum descarte. Não há qualquer tipo de estrutura para proteção do sol, dos ventos ou das chuvas. Na temporada de pesca, a prefeitura instala um banheiro químico para o uso de pescadores e visitantes. Quando expostos para venda, os peixes ficam em pequenas tábuas improvisadas ou montes direto na areia. Na hora do almoço, as marmitas são consumidas e descartadas por ali mesmo. Há uma lixeira, quase sempre cheia, e não há iluminação pública no local. O lugar combina beleza, abandono e precariedade em doses bastante ambíguas. A conformação da paisagem, como nunca pode deixar de ser, é completamente dependente das variações ambientais. Em dias posteriores a chuvas e ventos fortes, a

Tesoura é uma *sujeirada*: aglomerados de troncos, lixo e vegetação juntam-se na água e na faixa de areia. Em dias de céu aberto, com a presença de peixes, pássaros, golfinhos e pescadores, a paisagem é idílica. Ou seja, às vezes a Tesoura é paradisíaca, às vezes não.

De um lado, a lagoa se expande em toda a sua abundância. De outro, o canal percorre ainda cerca de 2 quilômetros até o ponto em que a lagoa e o mar se encontram. Da Tesoura, atravessando a pequena faixa de terra dos Molhes, chega-se à praia do Mar Grosso, a principal praia urbana de Laguna. De um lado dos Molhes, está a Lagoa Santo Antônio dos Anjos e a Tesoura. Do outro, o Oceano Atlântico e a praia do Mar Grosso. Em cada um destes lugares, seus respectivos microcosmos. Se na lagoa e na Tesoura os botos *trabalham* com os pescadores, na praia do Mar Grosso eles interagem pegando ondas com os surfistas.



Figura 13 – Fim de tarde na Tesoura - Laguna, SC (Fonte: Brisa Catão, 2016)



Figura 14 – Botos e surfistas na Praia do Mar Grosso - Laguna, SC (Fonte: Brisa Catão, 2016)

Falar sobre esta pesca em Laguna é falar sobre a Lagoa Santo Antônio dos Anjos. Foi nela que este encontro entre botos, tainhas e pescadores floresceu, é nela que eles se encontram diariamente. A lagoa abriga mais de 20 pontos de pesca com os botos. Não à toa, é pela lagoa que os pescadores demonstram profunda afeição, além de grande preocupação com sua conservação. Muitos pescadores dizem “viver da Lagoa”. A Lagoa Santo Antônio dos Anjos e a pequena praia da Tesoura surgem neste relato como *storied-places*, “investidas de história e significado para golfinhos e pescadores”, em uma paráfrase da afirmação de Thom van Dooren sobre a colônia de pequenos pinguins em plena Sydney Harbour (2011, p.17 e capítulo 3).

A Tesoura não é o único ponto de pesca nos Molhes *da* Laguna<sup>27</sup>. Em sua outra extremidade, bem próximo à *boca da barra* (região do estuário), está o Dezenove, um ponto de pesca em que os botos são pouco presentes. “O boto entra aqui, risca o peixe e sai logo, mas só umas duas vezes no dia”, disse Buxo, como é conhecido o *vigia* local. *Vigia*, neste contexto, é um especialista em ver peixes, com habilidades perceptuais específicas (ver Devos, Barbosa & Vedana, 2016). No Dezenove, os serviços e

<sup>27</sup> O lugar que hoje conhecemos como Laguna é habitado há milhares de anos e já teve vários outros nomes. Um deles foi Vila de Santo Antônio dos Anjos da Laguna. Talvez como herança deste nome anterior, os moradores da cidade ainda hoje se referem “aos botos *da* Laguna”, “ao camarão *da* Laguna”, aos “antigos *da* Laguna”, “aos Molhes *da* Laguna”.

habilidades dos vigias são imprescindíveis na dinâmica da pesca. Análogo aos botos na Tesoura, o vigia ali é o sinalizador da presença das tainhas. Posicionado em uma pedra ligeiramente mais alta nos Molhes, este homem avisa aos demais, com palavras e gestos, sobre a movimentação do cardume. Nem dentro d'água nem em embarcações, os pescadores no Dezenove posicionam-se em cima das pedras. Eles aguardam os peixes em um vértice nos Molhes. Quando o cardume sai do *mar grosso* e entra no canal, às vezes as tainhas saem do fluxo principal e entram nesta pequena enseada lateral. Nesta hora, o vigia cumpre um papel fundamental:

A lá, lá vai ó, lá vai para dentro lá, lá vai lá, a lá, a lá, eeee, lá vai peixe aí ó, peixe grado, hein! Lá vai mais umas três aí, Patrick. Tá boiadinha! Voltou, rapaz, uma mantinha boa! Era um lotão, mas já vinha batido. Vai passando de mim, já está para cima. Está bem profundado, hein?! Tá vindo lá. Peixe que nós já vimos aqui antes. Ali é uma, aqui é outra ó, depois dali é lá ó, lá tá a outra, lá embaixo lá tem outra ó, passou umas quantas aqui para baixo. Lá vai o peixe, vai peixinho espalhado aí, lá vai lotiinho. Não aponta, não aponta, não aponta, se mexer já era. Rodou para cima de novo aí! Olha aí, Patrick, por fora! (Buxo, junho de 2016).



Figura 15 – Vigia no ponto de pesca Dezenove nos Molhes da Barra - Laguna, SC (Fonte: Brisa Catão, 2016)



Figura 16 – Pescadores no ponto de pesca Dezenove nos Molhes da Barra - Laguna, SC (Fonte: Brisa Catão, 2016)

No percurso entre a Tesoura e o Dezenove, há outros pescadores e pescadoras espalhados pelos Molhes. Usam linhas de mão, caniços, varas, tarrafas e molinetes. A maioria são pescadores amadores, para quem pescar é um gosto e uma distração, além de uma possibilidade de obter um peixe fresco.

Com o trabalho de campo na cidade pude perceber que, além da presença e engajamento de golfinhos e pescadores, há outras características em Laguna que fazem a pesca com os botos acontecer: uma certa geografia, o canal construído artificialmente, a lagoa que é uma boa morada para botos e tainhas, determinados artefatos (como tarrafas e canoas), determinado sequenciamento de ventos (que fazem os peixes *correr*, *viajar*, *encostar* na costa e entrar no canal), uma população de pessoas que gostam de animais, em geral, e convivem bem com eles. Passei muito tempo me perguntando como poderia haver apenas outras seis ocorrências de cooperações semelhantes, visto que tainhas, humanos e golfinhos-nariz-de-garrafa são seres extremamente cosmopolitas, ou seja, habitam diferentes lugares no planeta. Com o tempo, me dei conta que pensar apenas nas espécies envolvidas não é suficiente. Sempre há outras coisas. Por isso, hoje prefiro pensar em termos de uma abordagem ecológica, que inclua outros fatores e características ambientais, além da relação direta entre as espécies. No entanto, tal perspectiva ecológica

não deve nos conduzir a um holismo indiferenciado. Não se trata de dissolver as diferenças em ambições de síntese, unidade ou totalidade. Ao modo da anarquia ecológica de Stengers, as conexões são acontecimentos, ligações, como a simbiose - “elas são aquilo que é e permanecerá heterogêneo” (Stengers, 2017, p.5).

### **Pescadores na Tesoura**

A pesca conjunta na Tesoura tem um modo de organização próprio, a começar pelo ordenamento do espaço dentro d'água. A linha formada pelos pescadores é organizada em *vagas*. Estas *vagas* são posições dentro d'água ocupadas por ordem de chegada ao local. Alguns pescadores dormem dentro dos carros nos Molhes ou chegam bem antes do amanhecer para garantir um bom posicionamento. Nestes casos, marcam seus lugares ainda no começo da madrugada. Muitas vezes, tal marcação é feita com a própria tarrafa, posta enrolada na areia da praia, na direção da *vaga* dentro d'água.

As *vagas* mais disputadas são as primeiras posições no sentido oceano-lagoa. Acompanhando o caminho das tainhas, vindas do mar, é por ali que os cardumes passarão primeiro. Cumpre-se um revezamento e uma vigilância severa entre os pescadores em relação ao cumprimento das *vagas*. A regra é clara: com a captura de pelo menos dois peixes dá-se lugar ao próximo. A matemática das *vagas* é a principal artimanha usada pelos pescadores mais assíduos e experientes para deterem maior controle sobre a dinâmica da pesca. São relativamente comuns os relatos de pescadores que, ao chegar ali pelas primeiras vezes, foram confundidos pela lógica das *vagas*. Nunca presenciei conflitos abertos ou demonstrações explícitas de territorialidade ou qualquer outro tipo de reivindicação de prioridade sobre o lugar. No entanto, sempre me chamou a atenção o fato de serem quase sempre os mesmos pescadores a ocupar determinadas posições.

À primeira vista, pode parecer que aqueles tarrafeadores pescam sozinhos ou, melhor, com a ajuda do *boto bom* ou da *bôta boa* então presente. Mas esta é apenas uma falsa impressão, pois sempre há mais gente envolvida. A pesca na Tesoura é organizada em *equipes*, que são parcerias de pesca. Podem variar de duplas a pequenos grupos com quatro, cinco, oito pescadores. A formação das equipes é bem flexível e elas podem variar bastante ao longo da temporada de pesca. Os pescadores organizam-se de acordo com a disponibilidade, as afinidades e as habilidades de cada um para o exercício de determinadas funções. Geralmente, uma *equipe* combina perfis e especialidades

diferentes. Um bom tarrafeador pode *fazer as vagas* de toda a *equipe*, isto é, tarrapear no lugar de todos os outros membros. Um senhor mais velho, que já não possui tanta força física para tarrapear, provavelmente ficará na areia cuidando e vendendo os peixes. Um tarrafeador alto é muito valioso para os momentos de maré cheia, quando a água pode chegar na altura do peito e os tarrafeadores dizem pescar *afogados*. Aquele que não é um tarrafeador habilidoso, pode se encarregar de chegar ao local no começo da madrugada para garantir uma boa *vaga* para a sua equipe. O dinheiro da venda dos peixes ou os próprios peixes são igualmente repartidos entre todos os membros da *equipe*. A ideia de cooperação, portanto, estende-se também às relações dos pescadores entre eles e não apenas às relações entre eles e os botos e *bôtas boas*.

Vigora na Tesoura uma ética que condena o conflito aberto e a *esganação* (auto favorecimento) na divisão dos peixes e do dinheiro. O que não significa que tudo corra de forma absolutamente harmônica e sem conflitos. As relações entre aqueles tarrafeadores são acentuadamente marcadas pela observação mútua, pelo respeito às regras locais e uns aos outros. As trivialidades, a brincadeira, a troça e o deboche são as formas padrão de socialidade entre eles. A jocosidade é muito utilizada, inclusive para tratar de coisas sérias, como condutas em relação às parcerias de trabalho e à distribuição dos peixes. Eventuais desentendimentos e reprovações de comportamentos alheios acontecem. Tais situações são sempre conduzidas de modo discreto e controlado. Embora já tenha presenciado reprovações de comportamentos e certas provocações, jamais vi quaisquer briga ou grandes discussões. Como em um assentamento de inverno em uma sociedade esquimó, há “suavidade no sistema repressivo” (Mauss, 2003, p. 488).

É bastante claro que algumas pessoas pertencem àquele lugar, enquanto outras são de fora, mesmo entre os próprios pescadores. Pescadores amadores de cidades vizinhas também frequentam a Tesoura, e não apenas eles. Na temporada da pesca, alguns botos de cidades vizinhas também vão para Laguna (Daura-Jorge, 2011). De toda forma, a maioria esmagadora dos tarrafeadores que se encontram ali são residentes em Laguna, às vezes vizinhos e/ou amigos. Fora d'água, eles conversam, entre outras coisas, sobre o *lanço* em curso e as escolhas e habilidades dos botos e demais companheiros de pesca. “Sai da frente, quero ver a estratégia que deu ali” (Gegê<sup>28</sup> falando com Barroso<sup>29</sup>). “Não tarrafeou certo, não tarrafeou bem no canto”. O trecho seguinte do caderno de campo demonstra bem como os pescadores que estão na areia acompanham o que se passa na

---

<sup>28</sup> Jaison Silveira Carvalho.

<sup>29</sup> Marcos Tomé de Silveira.

linha d'água.

No meio da minha conversa com Diego, na areia, Scooby mostrou o peixe e Tiago tarrafeou. Na hora, Diego falou: “meu parceiro pegou peixe ali”. O boto passou paralelamente aos tarrafeadores dentro d'água, bem em frente ao Tiago. Não chegou a saltar propriamente, mas *fez a volta*. Não mostrou a *cola* [nadadeira caudal], mas uma parte pequena do dorso e o rosto. Deu até para ver os olhos do Scooby. Tiago, de fato, pegou peixe. Não foi o único, mas foi a maior tarrafada daquele lanço - 123 tainhas. O que são, aproximadamente, 90kg de peixe. Pelúcio, que estava fazendo o *recurso* ao lado dele, pegou mais 14 tainhas. A situação foi muito parecida com aquele lanço que acompanhei ao lado de Seu Guerrinha. Da areia, ele previu a sequência de acontecimentos, antevendo, desde o momento da sinalização do boto, quem pegou peixe e a quantidade (trecho do caderno de campo, junho de 2016).

A praia se organiza como um anfiteatro ou uma arena esportiva. Todos na areia, de frente para a lagoa, observando botos, peixes, pássaros e pescadores na linha d'água. À sua maneira, a pesca conjunta na Tesoura atualiza o antigo hábito humano de assistir os animais (ver DeMello, 2012, 99-123). A experiência e o domínio dos conhecimentos e habilidades necessárias para a atividade variam muito, tanto entre os botos quanto entre os pescadores. Da parte dos pescadores, a experiência e o conhecimento acumulado garantem alguma previsibilidade sobre o que pode acontecer. Suponho que o mesmo aconteça em relação aos botos.

A Tesoura reúne homens cujas idades podem variar entre menos de trinta e mais de sessenta anos. A caracterização etária dos pescadores em Laguna indica que a maioria deles são pescadores mais velhos (acima de 51 anos) que aprenderam a pescar com seus pais e pescam com os botos há pelo menos 20 anos (Rosa, 2012, p. 24).

Em consonância com uma realidade mais abrangente ligada à pesca artesanal, muitos daqueles pescadores pescam de outras formas, outros peixes e crustáceos, em outras épocas do ano. Em geral, na própria Lagoa Santo Antônio dos Anjos. “Não tem só um pescador definido para boto. Pescador normalmente pesca tudo. Camarão, tainha, corvina” (Barroso *in*: Bocchino, 2015). Fora da temporada das tainhas, aqueles tarrafeadores continuam a pescar com os botos, em outros pontos de pesca lagoa adentro.

Além de pescadores, a maioria deles exerce outros ofícios. São pintores de casa, construtores, policiais, oficiais do corpo de bombeiros, motoristas, técnicos de câmara frigorífica, instrutores de autoescola, pequenos produtores rurais etc. Muitos deles organizam suas férias e outras licenças de trabalho de modo a estarem livres para a pesca

na temporada das tainhas. Juntam-se a estes profissionais, homens já aposentados, que não são poucos. Na Tesoura, a minoria dos pescadores depende exclusivamente da renda oriunda da pesca. A *temporada* é uma boa oportunidade para gerar uma complementação significativa de renda. Em maio de 2015, eu observava os pescadores na linha d'água, quando Seu Manoel (*in memoriam*) se aproximou e pôs-se a comentar:

Destes que estão aí, eu olho e vejo só um que vive da pesca, que é aquele ali de blusa marrom e boné vermelho. Ele pesca siri no verão, à noite, de bernunça<sup>30</sup>. Dá pra fazer uns 350,00 a 400,00 reais por semana. Mas, *se for para viver da feira da tarrafa mesmo, o cara morre de fome*. Aquele ali é guarda da CASAN [Companhia Catarinense de Águas e Saneamento]. O Amilton é sargento da polícia. O Safico é aposentado do Corpo de Bombeiros. Aí tem o Bíli, que faz tarrafa e rede, é o melhor pra fazer tarrafa e rede aqui, ele vive disso. Aquele ali é de Tubarão, aquele grandão ali, trabalha de pedreiro lá, vem mais no fim de semana<sup>31</sup> (Seu Manoel, maio de 2015).

É consensual entre os pescadores que é praticamente impossível, nos dias de hoje, *viver da feira da tarrafa*, isto é, depender exclusivamente da renda oriunda da pesca artesanal. Os pescadores em Laguna, afinados com declarações bastante recorrentes em estudos sobre pesca, também estão convencidos de que “hoje em dia não tem mais peixe” ou de que “o peixe está acabando”. Alguns daqueles pescadores outrora viveram exclusivamente da pesca, mas hoje já não o fazem mais. “O cara sempre arranja um bico para fazer, né?!”. Zênio Monteiro, pescador conhecido como Nêgo, diz que “faz bico de garçom” e “assa frango lá na frente da rodoviária” (*in Bocchino, 2015*). Segundo Barroso (2016):

O pescador que te disser, hoje, “ah, vou ficar por causa de pescaria”, ele está mentindo. Se te disser que tem dinheiro no banco está mentindo também. Ele vai pegar o peixe para comer e para pagar uma água e uma luz.

Os *antigos* contam de um tempo em Laguna em que a pesca de cerco de praia capturava mais tainhas do que eles podiam escoar. Sem caminhões frigoríficos, as possibilidades de escoamento do pescado eram bem mais limitadas. Como o consumo local não absorvia toda aquela quantidade de peixes, grandes montes de tainhas eram enterrados na praia do Mar Grosso. Hoje, este misto de fartura e desperdício já não existe

---

<sup>30</sup> Bernunça é um petrecho de pesca, utilizado para captura de siris e camarões principalmente, similar a uma gaiola quadrada, afixada a um cabo de madeira. A parte de metal possui uma aba móvel, que abre e fecha de acordo com o manuseio do pescador. A pesca com bernunça é noturna e seletiva, pois o pescador escolhe o animal que deseja capturar. O nome faz referência a uma personagem do folclore catarinense.

<sup>31</sup> Dentre os 11 pescadores entrevistados na Tesoura, apenas 3 viviam exclusivamente da pesca (Rosa, 2012, p.13).

mais.

O fato de muitos dos pescadores na Tesoura serem aposentados ou possuírem outros ofícios e fontes de renda não deve, definitivamente, ser generalizado para todos os pescadores artesanais de Laguna. Muitos dos pescadores da cidade têm na pesca a fonte exclusiva de seu sustento e de suas famílias. Existem 317 comunidades pesqueiras distribuídas ao longo dos 34 municípios da costa catarinense (Sunye, 2006). Mais de 25 mil pessoas obtêm seu principal sustento diretamente da atividade (MPA, 2013). Em nível mundial, as pescarias artesanais são grandes empregadoras de mão de obra, que é fundamentalmente familiar. Segundo a FAO (2005), 90% dos pescadores ao redor do mundo estão empregados na pesca artesanal ou de pequeno porte. De acordo com dados do Ministério da Pesca e Aquicultura, em Laguna, a pesca artesanal caracteriza-se pela presença da mão de obra familiar, relações informais de trabalho, utilização de apetrechos e técnicas artesanais e, muitas vezes, pode se constituir na única forma de obtenção da renda familiar (MPA, 2011).

Este é um ponto controverso na Tesoura. A presença de pescadores que não necessitam da pesca para própria subsistência, mas que estão sempre ali, ocupando as boas *vagas*, arduamente empenhados na captura dos peixes, disputando-os com quem depende direta ou exclusivamente dos rendimentos do pescado, é frequentemente criticada. Tal atitude é considerada *esganção*.

Na pesca com os botos na *batida*, na foz do rio Tubarão, a medida da necessidade vigorou por muito tempo. Lá, só podiam pescar os homens casados, que precisavam daqueles peixes e do dinheiro oriundo de sua comercialização para o sustento familiar. “Hoje, a gurizada toda está pescando lá. Na minha época, tinha um toco e os *antigos* diziam ‘deste toco tu não passa!’” (Barroso, junho 2016). Embora as regras naquele local não sejam mais tão rígidas como já foram um dia, a preferência ainda é dos homens casados. “No rio, a preferência é dos homens casados que vivem da pesca. Antes, se viesse guri solteiro aqui, era bambuzada nas costas, já aqui do barranco” (Gegê, dezembro 2016).

Além da obtenção do peixe fresco e da geração de renda, é comum ouvir que a pesca com os botos na Tesoura é uma *terapia*, uma *maravilha*, uma *cacheça*. Uma atividade que *esvazia a cabeça e faz esquecer de tudo*. São, portanto, muito variadas as motivações individuais para a pesca e tais motivações nunca são exclusivas, formando sempre diferentes arranjos. Ou seja, não se trata de trabalho *ou* lazer. Na maioria das vezes, trata-se de ambos. Passei muito tempo me perguntando se tal atividade era um

trabalho ou uma diversão, se aqueles pescadores estavam ali porque gostam de pescar ou porque precisam do alimento e do dinheiro oriundo da venda do pescado, se era um lazer ou uma fonte de renda. Até me dar conta que, além das motivações variarem muito individualmente, “todo mundo ali gosta de pescar e tem o dinheiro que ajuda” (Pelúcio, 2016).



Figura 17 – Pescadores no ponto de pesca Tesoura nos Molhes da Barra - Laguna, SC (Fonte: Brisa Catão 2016)

Embora os pescadores passem longas jornadas no ponto de pesca, que podem chegar até 12 horas, revezando-se entre a areia e a água gelada, capturando e comercializando peixes, fazendo e reparando tarrafas, muitos ali dizem que tal atividade não é um trabalho, mas uma *vadiação*. O que demonstra sentidos bastante particulares tanto para “trabalho” quanto para “vadiação”. Tais declarações estão relacionadas a fatores diversos. Para alguns daqueles pescadores, a pesca é sobretudo uma ocupação de seu tempo livre. Com sorte, ela renderá alguns peixes para consumo próprio. Para estes pescadores, a ambição é simplesmente *jogar uma tarrafinha* e estar fora de casa, ao ar livre, entre amigos e/ou conhecidos.

Outros pescadores, no entanto, têm motivações, necessidades e expectativas bastante diferentes em relação à pesca. Mas, mesmo entre estes, aquela pesca com os botos não é vista, propriamente, como um trabalho. Grande parte das brincadeiras e

provocações entre eles consiste em chamarem a si próprios e uns aos outros de *vadios*. Termo que pode ser atribuído também aos botos, seja aos *botos ruins*, que são justamente aqueles que *não trabalham*, seja aos botos e *bôtas boas* quando eles estão por perto, mas pouco empenhados em cercar e sinalizar a localização do cardume. “Vamos trabalhar, seus vadios!”, um pescador pode gritar em tom jocoso.

Esta característica, de os pescadores não conceberem suas atividades na pesca conjunta como um trabalho propriamente, é bem expressa na fala de Eré<sup>32</sup>: “Para mim é a coisa melhor que tem. Eu trabalho, mas não adianta. É aqui que eu quero ficar, pegando tainha com o botinho” (Malgaresi, 2013). Logo após ter assistido ao filme onde Eré faz esse comentário, contei a ele que o havia visto em uma gravação e repeti a declaração que ele havia feito. Ao que ele reagiu: “baita vadio!”. *Vadiar*, neste contexto, não indica que a pesca com os botos esteja ligada exclusivamente à ociosidade, ao lazer e ao tempo livre. Não significa que a atividade não exija esforços ou que não haja interesses financeiros envolvidos. *Vadiar* está relacionado, sobretudo, ao caráter livre e autônomo daquela forma de pescar. Isto é, ela não funciona de acordo com um regime típico de contratações trabalhistas formais ou informais, inseridas em um sistema patronal. Aqueles pescadores não possuem patrões nem estão prestando serviços a terceiros. Logo, eles não são empregados. Não cumprem um horário imposto ou têm atribuições preestabelecidas por outrem. Não são assalariados. Ao contrário, eles são donos de seus meios de produção, os apetrechos ou artes de pesca. Além de donos, em alguns casos são também os produtores de seus instrumentos. Tanto suas parcerias de trabalho quanto a partilha dos dividendos da pesca são igualitárias e autogestionadas. Como na coleta de cogumelos descrita por Anna Tsing “picking is not ‘work’. [...] Work, he said, involves following orders” (2013b, p. 8).

Se aqueles pescadores possuem patrões, estes são os botos. *Botos e bôtas boas*, além de *amigos, parceiros e companheiros*, podem também ser chamados de *patrões* pelos pescadores. Afinal, a presença dos animais conduz a intensidade da jornada de trabalho. Quando os botos chegam, eles ativam a pesca. Quando vão embora, a atividade se encerra ou desacelera consideravelmente. Neste sentido, as ações e o tempo dos pescadores está um tanto à disposição das iniciativas dos golfinhos. De certa forma, as *bôtas e botos bons* são também os provedores dos peixes. “Sem o boto, a gente não pega nada”, eles dizem. No entanto, estes patrões são diferentes, pois os pescadores não

---

<sup>32</sup> Paulo Rodrigo dos Santos.

trabalham *para* eles, sendo justo o contrário: “tem dia que o boto está mais para trabalhar para o pescador do que para comer” (Amilton). Paradoxalmente, os botos *trabalham para o pescador*, mas são considerados, ao mesmo tempo, seus *patrões*. Ou seja, embora sejam colocados em uma posição hierarquicamente superior, *chefes* ou *patrões*, os botos também estão a serviço. A relação, no entanto, é bidirecional. Os pescadores também “trabalham” para eles, quando fazem um anteparo para os cardumes com seus corpos e lançam suas redes desagregando os cardumes e favorecendo a captura dos peixes.

Por um lado, há autonomia e liberdade na atividade da pesca. Por outro, os pescadores não possuem qualquer garantia sobre os rendimentos, ao final do dia ou da temporada - “tem dia que vende bem, tem dia que vende mal. É um dia pelo outro” (Velly Préve *in* Bocchino, 2015). Esta pesca, portanto, envolve liberdade e risco para os pescadores. De forma análoga, envolve liberdade e risco para as *bôtas* e *botos bons*, que não são coagidos a pescar daquela forma, mas correm o risco de serem emalhados.

Algumas das características mencionadas, como a liberdade, a autonomia e o controle sobre os meios de produção não são exclusivos da pesca com os botos em Laguna, caracterizando a pesca comercial artesanal de modo mais abrangente. No Brasil, a definição de pesca artesanal teve seu marco na promulgação da Lei da Pesca (Lei número 11.959), em 2009. Classificou-se a pesca comercial artesanal,

[Q]uando praticada diretamente por pescador profissional, de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou mediante contrato de parceria, desembarcado, podendo utilizar embarcações de pequeno porte (Lei 11.959, 2009).

Também são reconhecidos como pescadores artesanais os trabalhadores que realizam a confecção e o reparo de petrechos de pesca, a construção e a reforma de embarcações de pequeno porte e o processamento do produto da pesca artesanal (Art. 4º, Parágrafo único). Em contrapartida, na pesca industrial, os meios de produção não são próprios e o pescador é um trabalhador que presta serviços por cotas (partes da produção) ou em regime patronal. A pesca artesanal está ligada também aos barcos de pequeno porte. Entende-se que nas pescas artesanais a maior parte do pescado é comercializada regionalmente. O capital de investimento e a tecnologia empregada na pesca artesanal são infinitamente menores do que aquelas do setor industrial. Dessa forma, nas pescas artesanais, é incomum o uso de GPS, sonares ou ecossondas. Como os recursos pesqueiros apresentam ciclos sazonais de disponibilidade e abundância, os pescadores utilizam métodos e petrechos de pesca diferentes ao longo do ano, de acordo com cada

safrá. Como vimos, todas estas características dizem respeito à atuação daqueles pescadores em Laguna. Alguns autores defendem que, pelo fato de o pescador ser dono do seu meio de produção, a pesca artesanal apresenta maior justiça social e, por isso, permanece atrativa. “Nos municípios com grande número de pescadores que conservam a tradição pesqueira, muitos jovens, apesar das oportunidades de estudo e de emprego no meio urbano, preferem trabalhar na pesca pela liberdade e autonomia que ela oferece” (Bannwart, 2014, p.10).

Tal liberdade e autonomia parecem ser atrativas não apenas para os jovens pescadores. Diferentemente de outras situações que contam com a participação de animais em contextos de trabalho, aqueles golfinhos engajam-se voluntariamente na pesca. Botos e *bôtas boas* não estão sujeitos a qualquer forma de doma, controle, domesticação ou esquema de recompensa direta pelos pescadores. De modo análogo aos tarrafeadores, suponho que as motivações dos botos para a pesca também variem individualmente. Enquanto os pescadores correm o risco da falta de garantias e de serem levados lagoa adentro por algum boto adulto enredado na tarrafa, os botos, por sua vez, correm o risco de serem emalhados. Uns e outros, no entanto, beneficiam-se dos peixes, do “jogo”, da diversão, da brincadeira, da companhia recíproca, da relação social, da reciprocidade, da ação coordenada, da economia energética etc. Esta pesca, portanto, provavelmente tem dimensões de *vadiação* não apenas para os pescadores envolvidos, mas também para os *botos bons* e para as *bôtas boas*. Golfinhos-nariz-de-garrafa, reconhecidamente, adoram a interação e a brincadeira. Não encontro um bom motivo sequer para acreditar que aqueles animais, tão inteligentes e criativos, possuem um comportamento meio autômato, meio maquínico, exclusivamente orientado para a alimentação, sobrevivência e perpetuação genética. Muito embora concorde que tudo isto também esteja envolvido.

Para aqueles tarrafeadores, pescar não é apenas capturar peixes para vendê-los na sequência. “Pegar tainha com o botinho”, na expressão de Eré, proporciona a eles o prazer de estar entre *parceiros*, humanos e golfinhos, fazendo algo que gostam. “A parceria com o boto é parecida com um bicho de estimação, mesmo que o pescador não pegue nada a companhia do boto no lugar da pesca é suficiente. Essa sensação justifica ficar dentro da água o dia todo, muitas vezes sem tomar café da manhã ou sem almoçar” (Nego *in* Castells & Iino, 2015, p. 73).

Pescar com os botos inclui ainda estar ao ar livre, garantindo o próprio peixe fresco, rindo, brincando, contando e ouvindo histórias e, sobretudo, se emocionando a

cada *puxada da feira da tarrafa* – “quando o boto salta e tu bota a tarrafa, sente ela puxando de tainha na mão, aí o coração dispara” (Seu Guerrinha, 2016).

Pescar com os botos em Laguna, portanto, não é *vadiação ou* trabalho, prazer *ou* subsistência, diversão e lazer *ou* fonte de renda e alimento. Tampouco, trata-se apenas de *vadiação* para os pescadores e *trabalho* para as *bôtas boas* e *botos bons*. Diferente disto, estamos diante de uma situação em que pescadores e golfinhos compartilham riscos, liberdades, peixes, brincadeiras, relação. Esta, como tantas outras situações na pesca conjunta em Laguna, demonstra que mais vale mantermos em mente a chave conectiva “e/e” (uma coisa *e* outra) do que aquela disjuntiva “ou/ou” (uma coisa *ou* outra). Durante a temporada das tainhas na Tesoura aqueles pescadores conformam uma “comunidade de prática” (Lave et Wenger, 1991), recorrente e temporária. No entanto, como podemos perceber, os pescadores não fazem isto sozinhos e esta “comunidade de prática”, além de temporária, é também híbrida. Tais “comunidades híbridas”, na proposição de Dominique Lestel e colaboradores (Lestel *et al*, 2006), são constituídas por animais humanos e outros-que-humanos, a partir do “compartilhamento de afetos, interesses e significados comuns”.

No society can be prefixed by the name of a species – as in ‘baboon society’ or ‘human society’ – since there can be no community of animate beings that is not hybrid in terms of species composition. (...) In the ethno-ethology and etho-ethnology that Lestel and his colleagues advocate, all animate beings are conceived as fundamentally *relational*. This is to say that every being is what it is, and does what it does, because of its positioning within a community (Ingold, 2013, p. 20).

Em entrevista a Maria Esther Maciel (2016), Dominique Lestel diz que nossas sociedades, abusivamente chamadas de humanas, são igualmente sociedades animais (p.135): “a conexão homem/animal, portanto, antecede a individualização mais ou menos aparente de uns e outros”<sup>33</sup> (idem, p. 143). Nas palavras de Donna Haraway:

Através de seu alcance recíproco, através de suas “preensões” ou alcances, os seres constituem uns aos outros e a eles mesmos. Os seres não pré-existem às suas relações. As “preensões” têm consequências. O mundo é um nó em movimento (Haraway, 2013, p. 3).

“[W]ho are to be in the world are constituted in intra- and interaction. The partners

---

33 A citação foi reproduzida literalmente, mas a expressão “conexão humano/ animal” me parece muito mais adequada, pois assim desfaz o androcentrismo presente na ideia de “homem”, embora continue limitada no que diz respeito a excluir a dimensão da animalidade entre os próprios humanos.

do not precede the meeting; species of all kinds, living and not, are consequent on a subject- and object-shaping dance of encounters” (Haraway, 2008, p.4). Algo que soa muito próximo do conceito de sociedade de Gabriel Tarde como “a possessão recíproca, sob formas extremamente variadas, de todos por cada um” (Tarde, [1895] 2007, p.112). “Todos”, aqui, desde que não assuma um sentido geral e abstrato. *Todos* que estão efetivamente, diretamente, materialmente, envolvidos no agenciamento (ou “*world-making entanglements*” [Haraway, 2008, p.4]) sobre o qual se fala. Com esta concepção, Tarde chama atenção para a multiplicidade de possíveis nos seres, que emergirão de um ou outro modo, de acordo com as “preensões que têm consequências”. Thom van Dooren talvez fraseasse isso como “webs of interaction *in which living beings emerge*, are held in the world, and eventually die” (2016, p. 4, grifo meu).

Essa forma de perceber as relações entre os seres (e suas heterogeneidades) surge de forma muito proeminente quando os pescadores falam sobre os *botos antigos da Laguna*. Em tais ocasiões, estes botos surgem conjuntamente com os velhos pescadores e os locais da cidade em que uns e outros *trabalharam* juntos. Ou seja, falar dos *botos antigos* é falar também de suas antigas “comunidades híbridas” (Lestel *et al*, 2006). Os *botos antigos* surgem nas narrativas associados a seus processos de emergência. Desta forma, as trajetórias, as biografias e as memórias daqueles pescadores, daqueles botos e daquela cidade retraçam linhas de vidas entrelaçadas. Falando com Donna Haraway (2008; 2013), pescadores, *bôtas* e *botos bons, antigos* e atuais, aquela lagoa e seu entorno, os peixes e seus antepassados, os microorganismos que lhes formam e habitam, estão tecendo juntos suas histórias de “naturezasculturas”. “To be one is always to *become with many*” (Haraway, 2008, p.4).



## Uma Mulher no Ponto de Pesca

A presença de mulheres na Tesoura está ligada a situações muito pontuais. Em geral, elas circulam por ali durante passeios familiares nos finais de semana e para compra de peixes nestas e em outras ocasiões. No primeiro caso, as mulheres são turistas e estão acompanhadas de amigos e familiares. No segundo, possuem um objetivo específico e costumam ser breves. Quando cheguei em Laguna, em abril de 2015, eu não conhecia ninguém na cidade e não possuía qualquer vínculo com projetos ou instituições locais. A Tesoura, como vimos, é um lugar por onde circulam muitos visitantes. Cheguei ali como mais uma curiosa. Logo no primeiro dia, depois de me ver tomar algumas notas, um dos pescadores naquela temporada, Jader, se aproximou e me perguntou se eu era da universidade. E assim foram acontecendo os primeiros contatos.

Neste caso, generalizar no masculino e falar de *os* pescadores não é simplesmente uma convenção linguística. Ouvi sobre uma única mulher que *pega a tarrafa* em Laguna, e nunca a encontrei na Tesoura. Disseram-me que ela mora e pesca na Cabeçuda, um bairro na entrada da cidade. É possível encontrar mais mulheres envolvidas na captura e beneficiamento de siris e camarões, mas não se vê mulheres tarrafeando ou pescando com os botos, o que está diretamente relacionado a papéis e heranças de gênero. Os pais propiciam que seus filhos, mas não suas filhas, entrem em contato com certas técnicas de pesca e aprendam o manuseio das tarrafas. Técnicas e artefatos de pesca são também genderificados (Strathern, 2006).

Em trabalho de campo, estive na escola municipal Francisco Zezuino Viera, na comunidade da Ponta da Barra, conversando com as crianças sobre a pesca com os botos. Era evidente que apenas os meninos, com cerca de seis e sete anos de idade, tinham contato com as tarrafas e relatos de histórias sobre pesca, exclusivamente com os pais, não com as mães. Quando perguntei para as garotas, um tanto provocativamente, se elas também gostariam de pescar, a expressão delas foi de imensa estranheza: franziram o cenho, balançaram a cabeça e me olharam como se eu estivesse falando um impropério. Pescar com os botos e manusear as tarrafas em Laguna faz parte do universo masculino.

Eu não fui a primeira nem serei a última pesquisadora a passar pela Tesoura. No entanto, suspeito que o método etnográfico pode ter sido uma novidade. Por ali, já passaram inúmeros pesquisadores (biólogos, biólogas, engenheiros e engenheiras de pesca), além de equipes de filmagem e jornalismo. No entanto, diferente de profissionais

da imprensa ou de outras áreas acadêmicas, eu não possuía nenhuma prática ou instrumento de trabalho que pudesse, em um primeiro contato, me associar a alguma função ou profissão específica. Nunca usei barcos, pranchetas, balanças, questionários, hidrofones, microfones, crachás ou camisetas da universidade ou de algum órgão estatal. No início, éramos eu, um pequeno bloco de notas e os dispositivos (câmera e gravador) do telefone celular. Além disto, havia outras estranhezas: eu não tinha colegas em trabalho de campo<sup>34</sup> e voltava, insistentemente, dia após dia, ao longo de quase três meses.

Como eu não possuía, exatamente, dados ou imagens pré-determinadas para coletar, não havia nada que eu pudesse cumprir ali apenas em alguns dias. Na Tesoura, os pescadores estão acostumados a serem interpelados por visitantes, jornalistas, pesquisadores e outros curiosos. Faz parte da rotina deles ali responder várias vezes às mesmas perguntas, geralmente referentes aos nomes dos botos, ao reconhecimento destes animais, às diferenças entre as tainhas etc. No começo, o que me diziam não era muito diferente do que respondiam aos turistas nos finais de semana ou daquilo que estava escrito nas reportagens da mídia local. Com o tempo e minha insistência, as respostas foram ganhando mais complexidade e desdobrando-se em outras questões.

De alguma forma, eu tentava “controlar” ou conduzir aquela experiência. Curiosidades específicas e algumas perguntas chaves, formuladas e reformuladas ao longo do tempo, cumpriram este papel. Era preciso estar atenta a novas importâncias, não mais minhas, mas daqueles tarrafeadores. E o trabalho de campo mostrava-se realmente interessante à medida que eu me flagrava completamente preocupada por coisas pelas quais eu jamais havia me importado até então.

Naquela primeira temporada em 2015 eu tinha três meses para me apresentar, observar o que acontecia ali, escutar os pescadores com atenção, fazer e refazer as primeiras perguntas e (re)definir meus principais investimentos de pesquisa. De modo semelhante, obviamente, eu também estava sendo observada, escutada, “investigada”. “‘Interaction’ denotes action undertaken in a participatory field of actors all or many of whom are actively paying attention” (Rose, 2013, p.103-104). O que eu fazia em campo era informação importante para aqueles pescadores elaborarem os sentidos da minha

---

34 Dentro de algum tempo, a situação mudou. Com algumas semanas no local, chegou uma colega antropóloga, Fátima Satsuki, que também estava ali fazendo trabalho de campo para sua pesquisa de mestrado (Iino, 2017). Não nos conhecíamos previamente e encontramos-nos já em Laguna. Embora compartilhássemos o mesmo local de pesquisa, possuíamos interesses específicos bastante diferentes, o que não impediu que compartilhássemos questões ligadas à vida na cidade e também certos objetivos de trabalho. De toda forma, a presença de outra mulher em campo fez uma diferença muito positiva em termos das questões de gênero que atravessavam o contexto que ambas estávamos trabalhando.

presença ali. O que nunca acontece sem mal-entendidos (cf. a antropologia reversa e a ideia de “equivoco” in Wagner, 1981, p. 49-61). Sobretudo, quando se trata de uma mulher desconhecida, desacompanhada, em um ambiente massivamente masculino. Alguns deles me sondaram de diferentes maneiras. Meu estado civil era quase sempre a primeira questão. Antes de ser alguém que estava fazendo uma pesquisa para a universidade, eu era uma mulher desacompanhada em um ponto de pesca.

Ainda nesta primeira etapa do trabalho de campo, eu percebi que seria interessante estar engajada naquele contexto de outras formas, não mais apenas restrita à observação e às interações verbais, pois parecia improvável, naquele contexto, isto ser reconhecido como “trabalho”. Em maio de 2016, voltei à Laguna mais bem equipada, com uma boa câmera fotográfica, uma pequena câmera de ação (mais conhecida pelo nome da marca, *Go Pro*) e um macacão impermeável como aqueles dos pescadores, que me permitia ficar junto deles na linha d’água. Foi ali que passei a maior parte desta etapa do trabalho de campo. É impressionante como alguns metros lagoa adentro podem fazer imensa diferença. Ao invés de conversar com os pescadores que estavam vendendo peixes, esperando sua vez para fazer a *vaga*, fazendo ou reparando tarrafas, agora eu estava lado a lado com aqueles que estavam pescando efetivamente. Conversávamos, sobretudo, sobre o que estava acontecendo em tempo real. Quem eram os botos que estavam ali, o que estavam fazendo, onde estavam os peixes, que redes eram aquelas que estavam utilizando, que barcos eram aqueles que estavam entrando e saindo do canal, que peixes estas embarcações estavam indo buscar, com quais técnicas e instrumentos. Além disso, a ocasião me permitiu experimentar a espera, esta peça chave nas pescarias.

De modo geral, foi um trabalho de campo que transcorreu da terra para a água. Da areia para a linha d’água e daí para uma pequena canoa. Claro que ali, na linha d’água, a ideia de *tarrafear* com os pescadores era tentadora. No entanto, minha presença por si só já era bastante estranha naquele contexto, se eu tivesse uma tarrafa em mãos seria mais estranho ainda. Claro que *tarrafear* junto com eles seria uma forma privilegiada de acessar e pesquisar aquela pesca. Provavelmente, experimentar com eles suas próprias práticas abriria um leque de entendimentos e questões que minha participação externa jamais me deu acesso (ver Sautchuk & Sautchuk, 2014). No entanto, *tarrafear* ali deslocaria a atenção, a minha e a deles, para algo que não me parecia muito interessante de nos concentrarmos, que era justamente a minha presença ali.

Inicialmente, meus principais preceitos em campo foram simplesmente "chegar devagar" e ser o mais explícita possível sobre meus interesses na cidade, com os próprios

pescadores, evidentemente, mas também com todos mais. Laguna é uma cidade pequena e as notícias, como as tainhas, *correm e viajam*. A presença de uma forasteira sozinha em um ponto de pesca e na Ponta da Barra - um bairro pesqueiro de *antigos* - poderia soar estranha, caso meus objetivos na cidade não estivessem bastante claros. Para minha felicidade, uma família vizinha, que todos ali conheciam e respeitavam, me acolheu. Eu frequentava a casa deles e sua filha e netos frequentavam a minha. Trocávamos peixes, favores, ajudas, companhia, histórias e afeto. A família era grande e muitos deles viviam juntos. Minha solidude ali parecia ser algo bastante inconcebível para algumas daquelas senhoras vizinhas. Carinhosamente, de formas diversas, elas tentavam atenuá-la.

A Tesoura, embora ali ao lado, já era um universo bastante diferente. Como todos em Laguna, de modo geral, também os pescadores se mostraram solícitos e dispostos a cooperar. Tenho a impressão que eles gostam de contar histórias sobre a pesca e se orgulham de suas *tarrafadas* bem sucedidas. No entanto, existia uma imensa tensão de gênero entre nós, que tornava tudo muito mais delicado. Eu havia chegado ali sem ser convidada, com um projeto cujos objetivos e interesses não eram muito claros para eles. Neste contexto, eu não suportava a ideia de “criar demandas” para aqueles pescadores. Se eles “simplesmente” me aceitassem ali, com aquela quantidade de perguntas, eu me daria por satisfeita. Minha maneira de conduzir o trabalho de campo foi sempre, aparentemente, muito despretensiosa. Foram dias e dias, horas e horas, de conversas informais, embora todos soubessem que eu estava ali fazendo uma pesquisa. Fiz uma entrevista e liguei o gravador pela primeira vez já no final da primeira estadia. Devido a esse modo de conduzir a pesquisa, suspeito que em alguns momentos alguns pescadores imaginaram não serem os únicos de *vadiação* por ali. Com o tempo e o transcorrer do trabalho de campo, escutei um deles me apresentando como alguém que estava escrevendo um livro sobre a pesca com os botos. Isso surgiu de um dos meus principais interlocutores, já passados alguns meses.

Minha presença recorrente na Tesoura, interpelando os pescadores, parecia uma situação relativamente distante daquele universo, que tanto eu quanto eles tínhamos que manejar. Não foram raras as vezes que eu era a única mulher em meio a vinte, trinta, quarenta, mais de cinquenta homens. Era evidente, desde o primeiro momento, que havia uma imensa tensão de gênero entre nós. Com o tempo, eu me dei conta que o humor guardava um papel muito especial em relação a isso, pois era o principal desestabilizador de uma certa tensão de gênero que “pairava no ar”. Era importante eu saber rir e fazer eles rirem, pois isto tornava as coisas, ao menos temporariamente, um pouco mais

confortáveis e igualitárias. Sendo o principal idioma da socialidade entre eles, o humor era também uma de nossas melhores maneiras de se comunicar.

Embora nos entendéssemos muito bem a maior parte do tempo, em determinadas ocasiões surgiram olhares, “brincadeiras” e sugestões que demonstraram uma imensa incompreensão ou má interpretação em relação à minha presença ali. Em geral, tais atitudes vinham de homens de cidades vizinhas, que não me conheciam e estavam de passagem pela Tesoura. Certa vez, um destes homens, que eu nunca havia visto antes, interpretou que eu e minha colega pesquisadora estávamos disponíveis para um encontro. Isso ficou claro na aproximação dele, nas perguntas que nos dirigiu e no modo como insinuou uma visita despropositada à nossa casa. Após sondar nossos estados civis, o local onde estávamos hospedadas e “em quantas estávamos”, sugeriu que “poderíamos fazer alguma coisa” na nossa casa naquela noite. Nós duas ali, desacompanhadas por homens, foi suficiente para ele imaginar que estávamos dispostas a recebê-lo. Seu Manoel (*in memoriam*), um velho pescador de maneiras sempre muito gentis, assistiu à situação e imediatamente me disse: “fique aqui perto”, se referindo à sua banca de peixes. De modo que a presença de uma ou mais mulheres “sozinhas” ali, o que naquele contexto significa desacompanhadas por homens, impunha uma questão a ser administrada por todos. Não é difícil supor que em alguns momentos minha presença também lhes causou constrangimentos e possíveis embaraços. Um de meus interlocutores, por exemplo, me disse que eu despertei os ciúmes de sua namorada e que eles haviam se desentendido devido a isso.

Certa vez, um senhor de meia idade, um policial civil aposentado que morava em uma cidade vizinha e que eu nunca havia visto antes, passou um longo tempo me descrevendo o comportamento de uma matilha de cães, quando há uma cadela no cio. “Ela que escolhe entre todos os pretendentes”, foi o desfecho da história. Um outro senhor, que sempre andava por ali, também policial aposentado, insistia em me convidar para jantar, embora eu insistisse em recusar seu convite e nunca tivesse tocado em qualquer outro assunto com ele que não fosse botos ou pesca.

Tais situações desenham uma questão que, lamentavelmente, não está restrita a este contexto específico. Eu não estou falando de nada que seja próprio dos pescadores ou dos amigos e conhecidos deles, dos pontos de pesca, das cidades interioranas ou da experiência de uma antropóloga em campo. Eu não precisaria nem mesmo ter ido à Laguna para me dar conta do que estas situações evidenciaram: as mulheres são sistematicamente assediadas em situações de trabalho e em espaços públicos. Os números

são alarmantes. 42% das mulheres brasileiras com mais de 16 anos declaram já terem sido vítimas de assédio sexual (Datafolha, 2018). 81% das mulheres já deixaram de fazer alguma coisa com medo de assédio. 90% já trocaram de roupa por medo de assédio. 83% não gostam de cantadas<sup>35</sup>. Assédios nas ruas e em transportes públicos foram os mais mencionados - uma em cada três brasileiras adultas já sofreu assédio sexual nas ruas (Datafolha, 2018). Em situações de trabalho, 15% das brasileiras consultadas declararam já terem sofrido assédio sexual (idem). Portanto, o que estou dizendo não é algo como “pescadores são machistas” ou “mulheres em trabalho de campo são asseediadas”, mas sim que o acesso e o direito das mulheres ao trabalho e aos espaços públicos ainda é constantemente violado pelo assédio dos homens.

Embora as relações de gênero tenham atravessado esta pesquisa de forma muito significativa, eu passei muito tempo sem saber como abordá-las. Foi necessária uma confluência muito específica para que eu me encorajasse a fazê-lo e as *bôtas boas* foram as primeiras propulsoras do tema. Como veremos detidamente no capítulo 2 e 3, tal conhecimento de pesca é desenvolvido e perpetuado a cada nova geração de filhotes de *bôtas boas*. O desenvolvimento desta habilidade por parte dos botos iniciantes está ligado aos seus relacionamentos com outros *botos bons* e *bôtas boas*, iniciantes e mais experientes, e também com os pescadores (ver capítulo 3 e Catão & Barbosa, 2018). No entanto, são as mães que os filhotes acompanham por cerca de três a cinco anos após o nascimento e a observação e imitação destas *bôtas* mais experientes são fundamentais para que estes filhotes comecem a se engajar na pesca conjunta e desenvolver as habilidades necessárias. As *bôtas boas*, portanto, são decisivas para a perpetuação e o desenvolvimento desta forma de pesca. Fui tomada por uma espécie de orgulho feminista multiespécies quando me dei conta disso. Portanto, foi a história e a participação fundamental das *bôtas boas* nessa pesca cooperativa que me despertou a necessidade de pensarmos questões de gênero em contextos interespécies e “mais-que-humanos”.

As *bôtas boas* não são um exemplo isolado. Em uma certa população de golfinhos-nariz-de-garrafa, em Shark Bay, filhotes aprendem com as mães a revolver o fundo de areia com esponjas marinhas (MANN *et al*, 2012). Na República do Congo,

---

<sup>35</sup> A amostragem destas estatísticas foi de cerca de 8.000 mil mulheres. Elas foram geradas pela campanha e plataforma *online* “Chega de Fiu Fiu”, criada pela jornalista Juliana de Faria, para lutar contra o assédio sexual em locais públicos (<http://chegadefiufiu.com.br/>, acessado em dezembro, 2018). Em 2018, foi lançado o documentário com mesmo nome (dir. Amanda Kamanchek). Sou profundamente grata à Juliana, à Amanda e a cada uma destas milhares de mulheres que participaram da campanha, pois foi este documentário que me trouxe a chave para abordar o tema e permitiu que, diferente de tantas outras vezes, eu não me silenciasse.

uma mãe chimpanzé foi flagrada usando a haste de uma planta para capturar cupins e depois entregando a vareta para o filhote, estimulando-o a repetir o mesmo procedimento (Sanz *et al*, 2009). Há relatos em Laguna, de pescadores e também de um biólogo, de situações em que a *bôta boa* arma o cerco e empurra o filhote em direção ao cardume. Estes são apenas três exemplos, entre outras situações semelhantes. Tais situações demonstram que, além de produzir e utilizar ferramentas, estas mães propiciam que seus filhotes desenvolvam tais conhecimentos especializados. Ou seja, entre certos animais não-humanos, existe uma relação entre as matrinhagens e o desenvolvimento e perpetuação de conhecimentos especializados.

A primeira vez que me dei conta disto estava diante das árvores genealógicas dos botos e *bôtas boas* de Laguna (anexo 1 e 2). Diante daquelas genealogias, percebi que as linhas de descendência lembradas pelos pescadores são as linhas matrilineares, já que eles sabem apenas quem são as mães daqueles animais, nunca quem são os pais (voltaremos ao assunto no capítulo 2). Tais matrinhagens indicam também um dos caminhos da perpetuação desta forma interespecífica de pesca. A partir desta correlação entre desenvolvimento de habilidades, perpetuação de conhecimentos especializados e as matrinhagens, passei a me perguntar sobre relações de gênero em contextos de “socialidade mais-que-humana” (Tsing, 2013). A questão ainda está em aberto.

Este viés foi ganhando força a partir de encontros com trabalhos de outras mulheres. Em meados de 2017, quase simultaneamente, assisti ao filme *Ama-san* (Varejão, 2016) e encontrei o livro *Eating the Ocean* (Probyn, 2016). Algo se deslocou em mim e desde então venho me perguntando pelas mulheres nas pescas e no mar. Quem são elas? Onde estão e como trabalham as pescadoras, as mergulhadoras e outras extrativistas das águas? O filme *Ama-san* é feito com mergulhadoras japonesas na península de Ise-Shima (Japão). Elas mergulham em alto mar, sem tanques de oxigênio, em busca de polvos, abalones, mariscos e outras espécies marinhas. É uma prática milenar, exclusivamente feminina no Japão. Quando este país era o grande exportador mundial de pérolas, as *ama* eram mulheres social e economicamente poderosas. Ainda hoje, a despeito de o ofício já não lhes garantir tanto rendimento financeiro, elas são tratadas com muito respeito. Segundo Cláudia Varejão, a diretora do filme, “elas vão-se moldando, ficam uma espécie de mamíferos aquáticos. O corpo delas vai mudando, os pulmões vão criando outra capacidade de permanecer debaixo d’água” (*in* Santos, 2017). O trabalho delas é repleto de beleza, poesia, perigo e peculiaridade. O filme retrata bem todo o melindre envolvido nas saídas para o mar, na preparação dos artefatos e da

indumentária para o mergulho, o risco envolvido, a amizade entre elas, o silêncio subaquático e o encontro com os animais. Depois, o aquecimento dos corpos em volta de pequenos fogos e o compartilhamento de parte dos alimentos coletados, em “barracões de pesca” japoneses. Quando assisti ao filme, compartilhei a sala de cinema com uma senhora japonesa tradicionalmente vestida e penteada<sup>36</sup>. Ao vê-la, fiquei me perguntando se teria sido ela uma *ama* em seu país de origem ou, talvez, sua mãe, sua avó, sua tia. A presença daquela senhora parecia invocar ainda mais beleza, concretude e realidade ao filme.

O trabalho e o cotidiano das *ama-san*, narrados sob as lentes da diretora Cláudia Varejão, fizeram eu me dar conta de como o mar sempre foi frequentado e representado como um território majoritariamente masculino: viajantes, exploradores, naturalistas, marujos, piratas, pescadores, surfistas. Foram sempre os homens quem fizeram grandes travessias e passaram longos períodos nos oceanos. O que é bem representado na literatura. Histórias sobre caçadas, pescarias e grandes viagens oceânicas são sempre repletas de personagens masculinos, em geral escritas por homens e, de forma mais ou menos direta, versam sobre masculinidade. *Billy Budd* (Melville, [1891] 1924), *Moby Dick* (1851) e *O Velho e o Mar* (Hemingway, 1952) são apenas alguns exemplos imediatos. Uma exceção neste sentido é o recente *As Águas Vivas Não Sabem de Si* (Valek, 2016). Além de ser escrito por uma mulher - é o primeiro romance de Aline Valek - a narrativa combina em seu enredo personagens geralmente pouco representados: uma personagem feminina no oceano, mergulhadora de grandes profundidades, envolvida em uma arriscada expedição científica que é liderada por um cientista negro.

A respeito das outras histórias mencionadas, é notável como as mulheres, direta ou indiretamente envolvidas, não são consideradas. Isso fica bastante claro ainda na introdução de *No Coração do Mar* (Philbrick, 2000), livro que, a partir de registros históricos, reconta a história do naufrágio do *Essex*, acontecimento que inspirou *Moby Dick*. Em um pequeno trecho na introdução, o autor Nathaniel Philbrick evidencia como era poderosa a participação das mulheres quarker na manutenção da cidade e da sociedade de Nantucket naquele momento, visto que os homens passavam longos períodos ausentes, caçando baleias. Eram dois ou três anos no mar e três ou quatro meses em terra ao lado da família. Com isso, além dos cuidados domésticos e das crianças, as mulheres eram também responsáveis por criar e administrar boa parte dos negócios na ilha. Elas

---

<sup>36</sup> Assiti ao filme durante o estágio sanduíche em Sydney (Austrália), que é uma cidade com uma significativa população asiática.

mantinham uma vida social ativa, visitavam-se e reuniam-se com frequência e era neste ambiente que boa parte dos negócios aconteciam. “Eram elas, em grande parte, que sustentavam a rede complexa de relações pessoais e comerciais que mantinha a comunidade em funcionamento” (Philbrick, 2000, p. 38). Ou seja, as atividades baleeiras dos homens dependiam diretamente de uma intensa rede de atividades domésticas, administrativas e comerciais mantidas pelas mulheres. É provável que esta rede de mulheres oferecesse também outros apoios importantes. Em 1810, quase um quarto destas mulheres com mais de 23 anos, idade média na qual se casavam, estava viúva devido aos acidentes náuticos (idem, p. 36). Na figuração do baleeiro herói, caçador, desbravador, aventureiro, sempre em confronto consigo mesmo, com os companheiros e/ou com uma natureza selvagem, a vida das mulheres não é sequer mencionada. Embora o exemplo seja específico, o enredo, guardadas as diferenças, diz respeito a muitas outras situações e narrativas semelhantes.

“A canção da moça de Nantucket”, no entanto, sugere que diferentemente da imagem da donzela arquetípica, que estaria em casa esperando o retorno do marido, as mulheres de Nantucket apreciavam a intermitência na presença de seus cônjuges:

E então vou depressa me casar com um marujo e mandá-lo logo para o mar,  
 Pois uma vida de independência é, para mim, a vida mais apazível.  
 Mas de vez em quando vou gostar de ver seu rosto,  
 Pois ele sempre me parece brilhar com encanto masculino,  
 Com suas fronteiras tão nobremente amplas e os olhos escuros e meigos,  
 Ah, meu coração bate apaixonado por ele, toda vez que está perto de mim.  
 Mas, quando ele diz: “Adeus, meu amor, vou para o mar distante”,  
 Primeiro, choro com sua partida, depois, rio porque estou livre.

(Eliza Brock *in* Philbrick, 2000, p.39)

Não eram apenas seus maridos que corriam riscos no mar. Há relatos que muitas mulheres da ilha se viciaram em ópio. “Faz muitos anos que adotaram o costume asiático de tomar uma dose de ópio todas as manhãs, e isso está tão arraigado que elas não saberiam como viver sem esse lenitivo” (Crevecoeur *in* Philbrick, 2000, p. 39-40). Além de serem mulheres muito ricas e, por isso, terem acesso a esta substância, o ópio fazia parte do baú de medicamentos de todo navio baleeiro.

A aparência e reputação sisudas de uma mulher quaker podem sugerir apenas

puritanismo protestante. No entanto, algumas descobertas recentes em Nantucket mostram que as coisas nem sempre são o que aparentam. Em 1979, um maço de cartas do século XIX, uma garrafa de láudano e um pênis de gesso foram encontrados escondidos na chaminé de uma casa (idem, p.40). Há negócios, drogas e sexo na vida das mulheres quaker na Nantucket do início do século XIX. No entanto, com os olhos sempre voltados para o mar e para os baleeiros, essas histórias nunca são narradas.

Desde o filme *Ama-san* pergunto-me por outras histórias de mulheres que se relacionam intimamente com as águas e pela visibilidade da nossa participação, direta ou indireta, em situações de pescas, caçadas e expedições. Uma exceção em meio à aridez deste cenário é a tese de Rose Gerber (2013) sobre as pescadoras embarcadas no litoral de Santa Catarina.

Mulheres – como pesquisadoras, comerciantes de peixes, pescadoras, criadoras de ostras, profissionais de ONGs – estão profundamente envolvidas nas pescas, mas como nós sabemos, se isso não for contado, elas não serão consideradas. [...] E o conhecimento ecológico das mulheres tem sido mediado pela sua relação com os homens – pescadores, maridos e filhos, governos, ciência e indústria dominadas por homens. Conte o peixe até ele acabar; não pergunte para as mulheres o que elas sabem. Não considere as experiências femininas. Mas ao redor do mundo, vozes femininas estão começando a ser ouvidas (Probyn, 2016, p. 18, tradução minha).

O trecho acima foi o que fez com que eu deliberadamente não desaparecesse do meu próprio texto. A pesca conjunta em Laguna e o trabalho de campo na cidade alteraram minhas formas de perceber, sentir, pensar e imaginar. Eu nasci e passei boa parte da minha vida em uma grande cidade, onde eu mal sabia que ventava. Em Laguna, passei a acordar me perguntando sobre o comportamento do vento naquele dia. Normalmente, eu organizo meu tempo segundo a hora do relógio, do ônibus, do trânsito, da aula, da reunião, do texto, da festa, da viagem ou de um encontro. De repente, eu organizava minhas atividades diárias considerando a temporalidade de um fluxo d'água – “que horas será que a maré vai quebrar hoje?”. Eu, que sempre gostei de peixe, passei a gostar das tainhas mais do que nunca e a me perguntar se elas teriam ou não entrado na *boca da barra*. Eu, que sempre gostei de água, parecia poder compreender ainda melhor um pescador, quando ele dizia: “tenho uma raiva de ficar em terra!”. Eu, que imediatamente paro de zapear o controle remoto da televisão quando um golfinho aparece na tela, durante algum tempo podia acordar sabendo que iria me encontrar com alguns deles no canal, ver partes de seu corpo, apreciar seus movimentos e acompanhar sua respiração, quando ele soprasse água pelo orifício respiratório. E assim eu aprendi a amar

e sentir falta de ver e ouvir o *borrifo* de um boto. Tudo isso e muito mais alterou minha imaginação e meus pensamentos, porque tudo isso repovoou o meu mundo. Embora eu soubesse que aquela não era exatamente a minha vida, sabia que era parte importante dela. Tudo isso tem a ver com aquilo que Isabelle Stengers definiu como “reativação do animismo”.

Reativar significa recuperar e, neste caso, recuperar a capacidade de honrar a experiência, toda experiência que nos importa, não como “nossa”, mas sim como experiência que nos “anima”, que nos faz testemunhar o que não somos nós (Stengers, 2017, p.11). [...] Reativar o animismo não significa, então, que tenhamos sido animistas. Ninguém jamais foi animista, porque nunca se é animista “no geral”, apenas em termos de agenciamentos que geram transformações metamórficas em nossa capacidade de afetar e sermos afetados – e também de sentir, pensar e imaginar. O animismo, no entanto, pode ser um nome a serviço da recuperação desses agenciamentos, uma vez que nos leva a sentir que a reivindicação de sua eficácia não nos cabe. Contra a insistente paixão envenenada por desmembrar e desmistificar, o animismo afirma o que todos os agenciamentos exigem para não nos escravizar: que não estamos sozinhos no mundo (ibidem, p. 15).

## Tainhas na Laguna

- Vocês estão esperando o peixe que está saindo da lagoa ou que está entrando?

- Quando é este vento [sul], a gente espera mais esse aí ó [tainhota, peixe menor, peixe da lagoa], a gente não espera o de baixo [a tainha que está vindo do mar e entrando na lagoa]. Já agora quando é calmaria a gente vai esperar o que vem de lá [do mar]. Aí vem esse aí no meio, que está voltando, vem as grandes, vem a que está saindo de lá para cá.

(Diálogo entre Brisa e Safico)

A tainha entra na lagoa para descansar, para engordar. Já desovou na costa, já está vindo. Tudo quanto é peixe que gosta de rio, de lagoa, vai no mar desovar e depois vem para lagoa para engordar de novo. É o ciclo. Aí vem, engorda a ova, sai para fora de novo. Tudo quanto é peixe têm o curso deles, é bagre, é anchova, é corvina, é garoupa. Eles têm. Tem uma época que elas se agrupam todas e vão viajar. Tudo quanto é peixe. E eles vão lá naquele ciclo deles. Macho, fêmea e vão desovando. Dependendo da espécie, cada um vai para o seu lado, cada um pega o seu rumo. O peixe da nossa lagoa é esse aí, dificilmente o cara pega um peixe maior. Os que entram aí é tudo 1,5kg, 2,0kg. Mas o curso é porque tem uma época do ano que os peixes se reúnem. A tainha é sempre no mês de maio que ela se reúne para correr o curso, então qualquer vento, em qualquer lagoa que tiver por aqui, aqui pelo Sul, lá para o Norte eu não sei. Mas chegou no mês de maio, tem lagoa que dá para água salgada, tem vento sul, tem peixe, vai sair. Vai sair, não tem outra alternativa, ele [o peixe] vai embora (Safico, maio de 2016).

As tainhas passam grande parte de suas vidas em lagoas estuarinas. Deixam estas regiões na ocasião de sua migração reprodutiva no mar. O canal de Laguna é um entra e sai de tainhas na *época da safra*. Nesta época do ano, os pescadores estão capturando, sobretudo, o *peixe de entrada* ou *do mar grosso*, também conhecidos como *facões* ou tainhas *facoadas*, que são as tainhas que estão vindo do mar. Criadas, em sua maioria, na Lagoa dos Patos (RS), que é a mais importante área de criação no Brasil, estas tainhas que entram no canal de Laguna na *temporada* já atingiram sua maturidade, deixaram a Lagoa dos Patos para *fazer seu curso*, desovaram no mar e entram na Lagoa Santo Antônio dos Anjos para se alimentar. Na região, a segunda quinzena de abril marca o

início da movimentação para a *temporada das tainhas*. Neste começo, os pescadores na Tesoura podem capturar também as tainhas que estão saindo da lagoa.

A distribuição de tais peixes, no entanto, é muito mais abrangente do que este trecho da costa brasileira entre o Rio Grande do Sul e Santa Catarina. As tainhas espalham-se desde o litoral da Argentina até o estado do Rio de Janeiro. No outono, iniciam sua migração reprodutiva ao longo da costa sul e sudeste do país. Os gatilhos dessa viagem são uma certa incidência de ventos, quedas bruscas de temperatura e o aumento da salinidade das águas nas lagoas estuarinas. É durante este período migratório (entre maio e setembro) que ocorre a maior parte das pescas de tainhas no litoral brasileiro. Após a desova, quando os juvenis começam a nadar ativamente, eles aproximam-se da costa e adentram as regiões estuarinas. Nestas lagoas, dá-se o início de sua maturação e assim perpetua-se o ciclo.

Na classificação dos pescadores de Laguna, as tainhas são amplamente diferenciadas. Elas variam entre *ovadas*, *leiteiras*, *facões* ou *facoadas*, *corseiras*, *tainhotão*, *tainhotas viotes*, *cara-preta*, *guelra-mole*, e outros nomes que vão da criatividade do pescador, como “peixe cavalo” ou “peixe mamulo”, de acordo com a imaginação de Seu Guerrinha. Os pescadores identificam e diferenciam os peixes pelo tamanho, coloração, formato do corpo (da cabeça e da barriga principalmente), momento do ciclo reprodutivo, lugar de origem e época do ano em que são capturadas.

Uma macro classificação, que engloba várias dessas definições, é aquela que diferencia as tainhas em *peixe de cima* e *peixe de entrada*, que são, respectivamente, as tainhas que *se criaram na lagoa* e aquelas que *vieram do mar grosso*. As primeiras são pescadas sobretudo no *verão* (a partir de setembro, de acordo com o calendário local) e as segundas, no *inverno* (na *temporada das tainhas*, a partir de meados de abril). Nos meses de setembro, outubro, novembro, pesca-se sobretudo o *viote*, um peixe sem ova, pequeno, mas *gordinho*. Nos meses de janeiro, fevereiro, março, parte de abril, já é possível capturar aqueles peixes que cresceram na lagoa, chamados de tainhas propriamente, que podem estar *ovadas*. A partir de maio, é a vez do *facão* ou tainhas *facoadas*. Os meses de julho e agosto são os mais desaquecidos para a pesca das tainhas na região.

Em termos de sabor, as mais apreciadas são as *tainhas gordas*, que são as *ovadas* e as *leiteiras*, consideradas fêmeas e machos, respectivamente. As *leiteiras* são um *peixe gordo*, menor, de carne mais saborosa. Elas liberam um líquido esbranquiçado e viscoso de um pequeno orifício na barriga, quando pressionada. É assim que os pescadores as

identificam e daí vem seu nome. As *ovadas* são um *peixe grado*, que possui ovas amarelas bastante estimadas pela culinária e pelo mercado. São elas que atingem os maiores valores comerciais. Na temporada, uma tainha ovada fresca e grande (cerca de 2.5kg) pode custar até R\$25,00 na Tesoura. *Facões* ou *tainhas facoadas* são os peixes que já desovaram, considerados pouco saborosos: “se assar fica seca, fininha, não tem gosto”. Estas são as tainhas mais comuns durante a temporada. As *corseiras* são as tainhas que trafegam pelos costões de pedra e, dificilmente, entram no canal. Quando capturadas, chamam atenção pelo tamanho. *Viotes* e *tainhotas* são o *peixe de cima*, “peixinhos miúdos, pequeninhos, filhotinhos de tainha” (Seu Guerrinha, junho 2015).

Chega mês de setembro é tudo umas tainhotinha bem pretinha, o lombo dela é bem pretinho, a carinha bem pretinha. Então quando ele vem de lá [do mar], “ah, cara preta”, porque vem bem pretinho. E são uns peixinhos magrinhos, só são compridos. Aí vai para a lagoa e fica gordinho. Volta tainhota. A média aqui é 800 gramas. Mais de um quilo a gente já chama de tainha. Mas a tainhota, o cara preta, o virote e a tainha é uma só. *Peixinho de cima* é a mesma coisa (Safico, maio de 2016, grifo meu).

Estes são os peixes capturados mais intensamente a partir do mês de setembro, quando os pontos de pesca lagoa acima têm suas atividades intensificadas. Embora as designações se multipliquem, ao insistir nas diferenciações é comum ouvir que “é tudo tainha, é a mesma coisa, tem só uma diferencinha”. Apesar disso, quando as tarrafas cheias de peixes chegam à areia, elas são imediatamente diferenciadas e avaliadas pelos pescadores. Além dos pescadores, turistas e visitantes também se reúnem em torno de uma *tarrafada* de peixes, em geral para admirá-las, fotografá-las e negociar algum peixe fresco. Embora o contexto etnográfico seja muito diferente, a cena de uma tarrafa aberta na areia da Tesoura assemelha-se muito ao final de uma caçada entre os Guajá, tal como descrito por Uirá Garcia (2018, p.189): “cada um trás o resultado de sua perseguição arremessando-o ao chão, quando todos ficam curiosos, comentando a quantidade, o tamanho, o sexo, a dose de gordura e outras coisas”.

Em caçadas e pescarias, os humanos tendem a se relacionar com índices dos animais no ambiente: odores, pegadas, fezes, pelos, rastros, vultos, outros animais que indicam a presença daqueles que procuram. De modo que, normalmente, pescadores e caçadores veem e têm contato com o corpo inteiro do animal apenas quando ele já está morto. Claro que isso não é uma regra. Em Laguna, contudo, isto vale tanto para as tainhas quanto para os botos, cujas vidas transcorrem debaixo d’água. Os pescadores relacionam-se sempre com sinais e/ou partes dos corpos destes animais, possuindo suas habilidades

e modos particulares de fazer isso.

Navegar com Gegê pela Lagoa Santo Antônio dos Anjos foi como andar com um mateiro ou um indígena pela floresta. Sua percepção daquele ambiente me revelou a abundância de uma “invisível” forma de vida. Além das *esperas*, locais onde se pesca com os botos no meio da lagoa (Ponta do Laço, Ponta dos Gansos, Ilhota, Ponta dos Fernandes, Boia, Coroa do Meio), a lagoa é permeada por *rêguinhos*, que são canais subaquáticos por onde circulam as tainhas, algo como “trilhas” de peixes debaixo d’água. Gegê falou de um mundo subaquático que está fora do alcance dos meus sentidos. Ele descreveu, em especial, os trajetos e os caminhos dos peixes na lagoa: “olha lá o peixe restolhando, tem bastante peixe aqui, dá para ver na água, olha o brilhinho ali, chega a estar grosso de peixe, mas só peixe miúdo” (Gegê, dezembro de 2016).



Figura 18 – Gegê navegando na Lagoa Santo Antônio dos Anjos - Laguna, SC (Fonte: Brisa Catão 2016)

Essa experiência com a percepção de Gegê das tainhas e da lagoa me remeteu às relações entre humanos e aves de rapina na prática da falcoaria, tal como descrita por Sara Schroer (2014). Em especial, à pergunta da autora sobre como os falcoeiros aprendem a perceber o ambiente junto com as aves com as quais eles treinam e caçam juntos.

How is the perception of the environment of falconers influenced by the close cooperation with a feathered being that in so many ways seems to perceive the world in different way? [...] I was further interested in how the practical engagements with birds as part of everyday practice influence the human handlers and whether the way they perceive the world is in any way significantly influenced by these engagements” (Schroer, 2014, p. 6-7).

Da mesma maneira que a percepção do ambiente por parte dos falcoeiros é influenciada pela percepção do ambiente dos pássaros com as quais eles convivem proximamente e engajam-se na caça, o modo como Gegê conhece e navega pela lagoa poderia ser influenciado pelo modo como os botos conhecem e navegam pela lagoa? Ambos, botos e pescadores, acompanham o modo das tainhas de habitar, conhecer e navegar pela lagoa. É importante que pescadores, caçadores e também pesquisadores que seguem animais em campo saibam, ou ao menos possam imaginar, como aquele animal conhece, percebe, habita, circula e se comporta naquele ambiente específico. Tais reconhecimentos aumentam significativamente as possibilidades do encontro. Isto é sobre nos perguntarmos como diferentes *umwelt* (“mundos próprios” ou “automundos”, ver nota 9) podem influenciarem-se e constituírem-se coletivamente.

Quando cheguei na cidade só tinha olhos, escuta e atenção para botos e tarrafeadores. Com algum esforço, me lembrava das tainhas. Hoje, dar pouca atenção aos peixes já me parece absurdo. Na *época da safra*, as tainhas são onipresentes na cidade, como animais, dádivas e mercadorias. Elas estão na Lagoa, no mar, na movimentação dos barcos, nos engradados das bicicletas, nas redes de pesca, no chão de areia da Tesoura, nas grelhas e refeições. As tainhas são parte importante do projeto comum que reúne botos e pescadores. Mais do que simples presas, recursos alimentares ou financeiros, elas são as grandes conectoras de golfinhos e pescadores. Embora ambos vivam essa “imersão apaixonada” (Tsing, 2011, p.19) na vida das tainhas, as relações entre eles não devem ser reduzidas à captura de peixes. Não há relação de predação, comércio, subsistência, comensalidade ou cooperação que, isoladamente, seja suficiente para explicar tudo que se passa ali. “Complexidade é o nome do nosso jogo” (Haraway, 2008, p.16). Por isso, é preciso manter a pluralidade de possibilidades, científicas e narrativas, evitando uma única explicação que abarque todas as eventuais razões, de pescadores e golfinhos, para engajarem-se responsivamente na pesca conjunta. Trabalho, diversão, jogo, brincadeira, comensalidade, reciprocidade, risco, relação social, ação coordenada, economia energética, comunicação, predação, cooperação, mutualismo. O objetivo aqui é sempre multiplicar e nunca reduzir as possíveis facetas das relações entre pescadores, peixes e golfinhos.



Figura 19 – Captura de tainhas no ponto de pesca Tesoura - Laguna, SC (Fonte: Brisa Catão, 2016)

## **Bôtas Boas e Botos Bons da Laguna**

Em Laguna, uma população de golfinhos soltos em seu habitat natural tornou-se uma “espécie companheira” (Haraway, 2013) de pescadores artesanais. Tais animais são classificados pelos pescadores como botos bons, ruins, trabalhadores, vadios, patrões, parceiros, amigos e companheiros, podendo ainda ser compreendidos como ladinos, sorrateiros, mansinhos, riscados, branquicentos, pretinhas, calmos ou agitados. Quando questionados sobre os *botos ruins*, a resposta dos pescadores costuma ser: “ah, isso aí é boto ruim!”, sem maiores considerações. Esta, portanto, é a primeira classificação dos pescadores: separam os botos em *bons* e *ruins*, *trabalhadores* e *vadios* (ou *turistas*). Apenas os primeiros são identificados, nomeados e apreciados pelos pescadores.

Em 2015, os pescadores na Tesoura estimaram 17 animais atuantes na pesca, naquele momento: Caroba, Figueiredo, Eletrônico, Bôtinha do Rio, Porquinho, Borracha, Batman ou Borrachinha, Chicletinho, Mandala, Mandalão, Princesa, Scooby, Jade, Jack, Araranguá, Pirulito ou Pombinha, Bôtinha do 19. No entanto, como os relatos dos pescadores recuperam histórias do passado, incluem também outros animais, além da população atual. Os dados do monitoramento daquela população de golfinhos estimavam, em 2011, uma população residente de 50-60 animais, dentre os quais cerca de 25-27 seriam *bôtas* e *botos bons* ou golfinhos “cooperativos”, segundo a terminologia biológica (Daura-Jorge, 2011, p.9).

Agrupamentos populacionais de golfinhos *Tursiops truncatus* podem variar de 30 (estuário do Sado, Portugal) a mais de 7 mil indivíduos (Noroeste do Mediterrâneo) (Daura-Jorge, 2011). Golfinhos-nariz-de-garrafa podem viver tanto em agrupamentos costeiros e serem fiéis ao seu local de residência quanto em grupos oceânicos e/ou transeuntes. Em geral, pequenas populações, com menos de 200 indivíduos e alto grau de residência, são observadas em habitats costeiros localizados, como é o caso dos botos de Laguna (Daura-Jorge, 2011, p. 22). Grandes populações ou conjuntos de subpopulações podem ser observadas ao longo de amplas extensões na costa. Embora existam evidências de que os botos de Laguna chegam até Araranguá, Torres, Tramandaí e Lagoa dos Patos, ao Sul, e à baía de Guaratuba, ao Norte, eles possuem um padrão de residência bem definido, marcado pela alta fidelidade ao local (Simões-Lopes e Fábian, 1999; Simões-Lopes *et. al.*, 1999; Simões-Lopes & Daura-Jorge, 2008).

A diferença comportamental entre *botos bons* e *ruins* na população dos golfinhos na Lagoa Santo Antônio dos Anjos pode ser pensada a partir do conceito de ethos,

revisitado pelos autores Thom van Dooren e Deborah Bird Rose (2016) e proposto como um “estilo ou modos de vida” ou ainda como “modos de ser e tornar-se” entre os animais.

Our point of departure from standard ethnography is the recognition that it is not only humans who are known by their *ethos*. (...) We are using the term *ethos* to designate broad styles or ways of life. (...) Ways of being are not formed and sustained in isolation. Each *ethos* is also a style or way of being and becoming *with others*. *Ethea* are not essences but emergent and performative happenings, never isolated or fixed, bleeding into and co-shaping one another, and yet somehow maintaining their distinctive uniqueness. (...) Rather, they are the product of the differential biosocial becomings - the evolutionary and developmental intra-actions - of organisms and their species in coconstitutive relationship with others (p. 79-81).



Figura 20 - Boto na Lagoa Santo Antônio dos Anjos - Laguna, SC (Fonte: Brisa Catão, 2016)

### Reconhecimento Físico

*Bôtas e botos bons* possuem (ou possuíram) nomes, hábitos, personalidades e características próprias: Scooby, Caroba, Mandala, Mandalão, Jade, Princesa, Figueiredo, Taffarel, Borracha, Bôtinha do Rio, Princesa, Jack, Batman, Robin, Eletrônico, Ligeirinho, Quebra Cama, Porquinho, Táxi, Gavioa, Dolores, Galha Torta, Chega Mais e tantos outros. Os pescadores mais experientes sabem o sexo, a idade estimada, a filiação

materna e alguns episódios marcantes nas histórias de vida destes animais, como emalhes, desaparecimentos temporários, acidentes com os pescadores, procriações, graus de habilidade e experiência na pesca, pontos de pesca preferenciais, características físicas (sobretudo as marcas na nadadeira dorsal) e padrões de comportamento (principalmente ligados a hábitos de pesca). Os dois últimos aspectos, características físicas e hábitos de pesca, são especialmente importantes, pois permitem o reconhecimento do animal e alguma previsibilidade na pesca - “a gente sabe onde o boto vai pular, porque conhece o jeito dele trabalhar” (Safico). Quando interpelados sobre como reconhecem os botos, a resposta dos pescadores geralmente é formulada por meio de analogias com pessoas, animais domésticos e de criação.

Se você comprar cinquenta gados, ver eles crescer, não vai saber quem é um por um? Se tiver trigêmeos não vai saber quem é quem? São todos iguais. (Amilton, junho 2015).

Tamanho do animal, coloração, formato da *galha* (nadadeira dorsal), marcas nessa nadadeira e pelo corpo, além de certos comportamentos específicos, são as principais formas de reconhecimento. De acordo com os pescadores, Figueiredo, que apesar do nome é uma fêmea, tem um “cortezinho” na *galha*. Scooby é *branquicento* e maior, além de ter uma mancha “bem no meio” da nadadeira dorsal. Caroba tem uma mancha branca desde filhote na lateral da nadadeira, além de outra marca no corpo, oriunda de um incidente com o falecido Pandorga, um pescador cuja rede ela se emaranhou e foi por ela arrastado lagoa adentro. A Bôtinha do Rio é “toda pretinha”, não tem mancha nenhuma, além de ser uma “bôta nova”. Eletrônico tem um “cortezinho” no “comecinho da *galha*” e “jeitinho de macho”. Mandalão (*in memoriam*) tem um “risco” branco na *galha*. Scooby tem só um, Mandalão tem dois. O Borrachinha é filho da Borracha e tem um “pingo branco” ao lado da *galha*. A Borracha é uma *bôta boa* que *trabalha* no Rio Tubarão e possui uma mancha na *galha*.

## **Nomeação**

As *bôtas e botos bons* são nomeados ainda filhotes, o que não significa que seja tão logo eles nascem. Em meados de 2015, alguns filhotes com pouco mais de um ano ainda não haviam sido batizados. Isso pode acontecer quando surgir uma marca no corpo ou em outras circunstâncias, como nos casos em que os filhotes são acidentalmente

capturados nas tarrafas (voltarei neste ponto a seguir). Os nomes de botos e *bôtas boas* podem estar relacionados: ao parentesco entre eles, o filhote da Borracha é Borrachinha, da Mandala é Mandalão e da Lata Grande é Latinha; a personagens do cinema e da televisão, como Batman, Robin e Scooby, do futebol, como Taffarel, ou da política nacional, como Figueiredo, Tancredo e Juscelino; a algum traço de comportamento, como Eletrônico e Ligeirinho, por serem muito agitados; ao lugar de origem, como o Araranguá, que veio desta cidade vizinha, ou a Bôtinha do Rio, que supostamente nasceu no Rio Tubarão, lugar que sua progenitora Inrilha sempre *trabalhava*; à relação com algum pescador, como Caroba que é o apelido do pescador que a viu pela primeira vez; além de outras associações diversas, como com a marca de um cigarro da época, no caso de Marusca.

[T]em o Cachorro, que é um boto brabo, tem o Alumínio que é o boto mais bonito que nós tinha, ele já faleceu, ele era muito...Não tinha nada mais branco que ele, ele brilhava no sol, aí botei o nome de Alumínio (Latinha *in* Castells e Iino, 2015).

Dido Morais escreveu sobre a origem dos nomes de *bôtas* e botos *antigos da Laguna*.

Judeu era um boto muito egoísta, quando cercava o peixe não deixava outro boto se aproximar. Alumínio era um boto muito claro, assim como o Boto Branco. O Gavião costumava rasgar as tarrafas para roubar os peixes. Já o Galha Torta tinha a galha [nadadeira dorsal] ligeiramente voltada para o lado. Marusca era uma marca de cigarro da época, Juscelino era o presidente do Brasil. Inrilha era uma gíria para quando alguém não gostava de alguma coisa. Dizia-se: “não é assim e não inrilha”. Caroba, por ser um boto muito escuro, lembrava uma madeira do mesmo nome. Taffarel foi uma homenagem ao goleirão do tetra. Avalanche é um boto muito arrojado quando cerca o peixe, assim como o Ligeirinho. Scooby lembra o personagem do desenho. Chega Mais e Mandala nasceram quando a Rede Globo estava passando novelas<sup>37</sup>. Sacolão só trabalha quando quer. Rampineli, [foi] batizado pelos pescadores por gratidão a um fazendeiro da região chamado Aldo Rampineli. Táxi percorre diariamente todos os pontos de pesca, mas não fica por muito tempo em nenhum. Princesa, por ser um boto muito bonito e Pirulito por ser o mais feinho da Lagoa (Dido Morais, 2004, grifos meus).

Não há qualquer ritualística ou prescrição associada à onomástica de *botos bons* e *bôtas boas*. “Ah, qualquer um pode dar o nome, às vezes o cara cisma com um, fala essa aí é a Princesa e vai ficando”. A única situação recorrente em relação à nomeação destes animais tem a ver com os episódios de captura acidental. Se um filhote ainda não

<sup>37</sup> “Mandala” é o nome de uma novela da Globo, exibida entre outubro de 1987 e maio de 1988. Os nomes dos animais podem ser um recurso interessante para estimar suas datas de nascimento e, assim, suas idades.

batizado for acidentalmente capturado em alguma tarrafa, muito provavelmente ele será nomeado nesta ocasião. Antigamente, se um filhote era pego na rede os pescadores podiam criar alguma marca na nadadeira dorsal para reconhecimento posterior. Taffarel, Eletrônico e Latinha, por exemplo, foram alguns dos botos marcados. Hoje, tais marcações não acontecem mais. A técnica assemelhava-se àquela utilizada por cientistas, anteriormente, para reconhecimentos individuais de golfinhos, em casos de pesquisas e monitoramento de populações. “A captura de indivíduos para aplicação de marcas artificiais deu lugar ao registro fotográfico da nadadeira dorsal e diferenciação de indivíduos por marcas naturais (ou adquiridas) de longa duração” (Daura-Jorge, 2011, p.23).

Os botos podem ainda ser chamados por nomes diferentes de acordo com o ponto de pesca. O filhote da Figueiredo, por exemplo, conhecido como Eletrônico na Tesoura, é chamado de Laguninha na Toca da Bruxa e de Surfistinha e Lagartixa em outros locais. O Porquinho, na Tesoura, é o Cigarrinho na Ponta das Pedras. O que demonstra uma imensa particularização destes animais, sempre constituídos em suas relações com pescadores e lugares específicos.

### **Botos, *Bôtas* e Gênero**

Embora, aos olhos estrangeiros, botos e *bôtas* sejam todos acinzentados, para aqueles pescadores “os machos são mais branquicentos”, enquanto “as fêmeas são mais pretinhas, não têm arranhão”. Ser *branco* ou *branquicento* significa ser mais *riscado*. De forma análoga, ser *pretinha* ou *mais escura* é ser mais *lisinha*. Além da coloração e das marcas no corpo, a diferenciação entre machos e fêmeas é orientada pelo tamanho e comportamento do animal. Os machos são maiores, *botos grados*, enquanto as fêmeas são *menorzinhas*.

Tanto Borracha quanto Caroba são *bôtas*, golfinhos-fêmeas. No entanto, os pescadores referem-se a elas sempre no masculino. O que é válido para todas as outras. Em termos de gênero, a situação de Caroba é ainda mais complexa, pois ela é a única *bôta boa* que nunca teve filhotes. Por isso, é considerada uma *bôta falhada* [estéril]. Se ela nunca teve filhotes, como os pescadores podem ter tanta certeza de ser Caroba uma fêmea? Pelo seu tamanho e coloração: “é uma *bôta* menor” e “pouco riscada”. Conta-se que na *folia* (como é chamado o intercurso sexual entre os botos), Caroba é sempre vista com botos machos. Além disto, “os *antigos* já viram ela com filhote, há muito tempo”

(Barroso, 2016). Diz-se também que ela acompanha outras fêmeas que pariram recentemente, há 2 ou 3 dias, e que “às vezes anda com o filhote de outra *bôta*”.

Eu vi ele com um filhote uma vez, faz uns 10, 12 anos. Não sei se era dele ou se estava cuidando de outro. Era um botinho que nasceu com defeito, tinha o pescoço duro. Ela tentava ajudar ele a respirar, mas não teve jeito. Ficava só por fora, nem na costa vinha mais. Foi por pouco tempo, uma, duas semanas (Amilton, 2016, grifo meu).

O fato de Caroba ser uma fêmea que nunca teve filhotes gera ambiguidade no que diz respeito a seu gênero e orientação sexual. Alguns pescadores às vezes dizem que ela é “lésbica”, “sapatão” ou “hermafrodita”.

É relativamente comum em Laguna *bôtas* fêmeas com nomes masculinos, como a Figueiredo e a Taffarel. Na cidade, de modo geral, quando se fala sobre os botos e *bôtas* nunca se flexiona o gênero, sendo tratados quase invariavelmente no masculino, mesmo quando o assunto é a Jade, a Princesa, a Bôtinha do Rio, a Caroba, a Figueiredo ou fêmeas em geral, em conversas sobre procriação e cuidados com os filhotes. A expressão *bôta boa*, contudo, muitas vezes aparece. Além do gênero, quando o assunto são coletivos de botos e tainhas também não se flexiona número, referindo-se sempre ao *boto* e ao *peixe*.

### ***Bôtas, Pescadores e Filhotes***

Os filhotes acompanham suas mães por períodos que duram cerca de três anos (cf. Pryor, 1990, p. 330). É um período importante para o desenvolvimento da habilidade de pesca (capítulo 3). No entanto, como os filhotes ainda são inexperientes é também ao longo da infância que acontece a maioria dos episódios de capturas acidentais. A distância que os pescadores jogam a rede é calculada para evitar emalhes. Não se pode “botar a tarrafa muito para fora”. Isto é, a tarrafa não deve ser arremessada muito distante, sob o risco de alcançar algum boto ou *bôta*. Nas situações de captura acidental, a iniciativa imediata é tentar desenredá-los. Os pescadores contam as histórias de emalhes sempre como uma má lembrança, como acidentes a serem terminantemente evitados.

Eu já peguei o boto na tarrafa uma vez lá no Areial. Um filhotinho. A *bôta* vinha no raso, no barranco assim, gritando. A *bota* grita, chora. Experiência que eu não quero passar nunca mais. Joguei a tarrafa no salto da *bôta*, ela saiu, mas o filhote ficou. Tive que puxar no raso e tirar (Tiago, junho de 2016).

Iiih, já peguei vários! Teve um filhote que não resistiu. Consegui sair da tarrafa, mas apareceu morto no dia seguinte. De certo eles se quebram todos para tentar sair. Na hora eu tirei a fieira [corda da rede que fica amarrada no pulso do pescador] e fiquei segurando, passei a tarrafa por trás [da cintura]

assim. Ele foi puxando, me arrastando e eu segurando, até que ele estourou a tarrafa. Teve uma vez que o boto saltou lá fora, eu joguei a tarrafa e abri ela aqui assim ó, perto. Senti o peso e pensei, “ó, veio tainha grande”, mas cadê o boto? De repente ele apareceu lá longe e um buraco na tarrafa. Tinha pegado era ele. Ele saiu lá do meio e veio pegar a tainha debaixo da tarrafa. Ele se emalha todo, porque ele vai girando lá dentro, não tem? Já vi dois caras aqui passarem aperto com o boto na tarrafa. O falecido Pandorga, lá no capim de cima, com o Caroba, aquela marca que o Caroba tem na galha foi dessa vez. O Caroba puxou e ele foi, sorte que estava com um chapéu grande, que dobrou na frente e ele conseguia respirar por baixo. Foi parar lá naquela coroa do meio, os caras foram de canoa e conseguiram tirar. E o outro foi o Nelson, aquele ali de boné cinza, estava aqui na segunda vaga, jogou a tarrafa, logo ele falou “acho que eu peguei o boto”. Quando ele falou isso, bluum, o boto já arrastou e ele foi para dentro d’água, mas ele conseguiu tirar a feira, levantou a cabeça meio assustado e voltou a nado. Tem a história de uma bota aí que rasgou com os dentes a tarrafa que seu filhote estava emalhado (Amilton, junho de 2016).

Peguei um boto na tarrafa uma vez, um filhote do Chega Mais. Joguei a tarrafa, o boto novo foi de frente, bem dentro dela. A mãe veio atrás. Puxou uma vez, fui parar lá onde está aquela gaivota, longe, e na segunda ela arrebitou a tarrafa (Barroso, julho 2015).

Como em toda convivência, pescadores e botos compartilham situações comuns. Neste caso, compartilham o risco de pescar daquela forma. Perguntei para Amilton se o boto, quando emalhado, some por alguns dias do ponto de pesca, como ouvira em relatos. “Não, *boto bom* não”. As ocorrências fatais são fonte de enorme pesar: “o cara fica triste, calado, pelo menos uma semana cabisbaixo”. Diz-se que *botos bons* e *bôtas boas* morrem mais frequentemente do que os *botos ruins*, pois eles são mais mansos, aproximam-se mais da costa e tornam-se, assim, vítimas mais susceptíveis a capturas acidentais em redes de bagre ilegalmente afixadas.

### **Comportamento e hábitos de pesca**

A questão do reconhecimento comportamental dos animais é tão relevante quanto a diferenciação pelas características físicas. Alguns pescadores são capazes de descrever detalhadamente os hábitos de pesca de *bôtas* e *botos bons*, identificando pontos de pesca preferenciais e maneiras costumeiras de *saltar* e *deixar o peixe*. A Bôtinha do 19, por exemplo, “trabalha mais lá embaixo, no 19, na Boca da Barra, numa enseada”. “O Scooby pula aqui e lá [apontando determinados locais no canal]”. “Caroba só pula da terceira vaga para frente”. “Borracha pula mais aqui embaixo”. “O Figueiredo pesca mais na Ponta do Guia, o Porquinho mais na Ponta das Pedras, vem aqui, dá umas puladas de peixinho e se manda. O Eletrônico, mais aqui”. No entanto, segundo Amilton: “boto que é bom trabalha em tudo quanto é lugar. A Pombinha mesmo trabalha menos aqui, mas

ontem ela estava aí. De acordo com o peixe e o vento, o boto trabalha em lugares diferentes”. Além de locais de preferência, há modos particulares de *mostrar o peixe*. “Tem boto que é mais violento, mais agitado, e tem boto que é mais calmo” (Jader, 2015). “Tem boto que deixa o peixe atrasado, tem boto que deixa o peixe adiantado, tem outros que deixam assim do ladinho do corpo. Tem boto que pula *mais riscado*” (Safico, junho 2016). “Caroba é o mais sorrateiro que tem” (Barroso, 2015). “Eletrônico é um boto que só anda sozinho, se chegar outro ele vai embora” (Amilton, 2016).

Caroba é um boto paciente, que cerca o peixe direitinho. Ele pode vir e saltar rápido no peixe, como ele pode vir e só passar assim na frente do pescador, só tirar o corpo fora d’água, mergulhar na frente do pescador. Ele pode passar com o peixe na sua frente e você não botar a tarrafa. Quem não conhece o Caroba não sabe que é peixe e é peixe (Jader, 2015).

O pescador Safico afirma que: “às vezes o boto não precisa nem mostrar o peixe, a gente conhece só pelo jeito dele virar. Como nós, cada um tem um jeito, igual um jeito de andar. Cada boto tem a sua mania (Safico, 2016).

Claro que entendimentos como estes dependem tanto da experiência do pescador quanto do tempo de convivência com estes animais. Quando nos damos conta de que alguns daqueles pescadores e golfinhos convivem há mais de trinta anos, a questão do reconhecimento torna-se menos enigmática. Tais conhecimentos possibilitam alguma previsibilidade no momento da pesca, além de relações de preferência.

### **Experiência, trabalho e predileção**

Entre *botos bons e bôtas boas* há os “bichinhos mais novos” e os “botos maiores”. As diferenças de experiência na pesca se manifestam nos comportamentos. Os botos mais velhos e experientes são considerados mais *calmos*, mais *sérios*, “botos que trabalham melhor o peixe”, “pulam mais bravo” e são “botos para cardume de peixe”, enquanto “os bichinhos mais novos pulam mais mansinho”. Segundo Seu Guerrinha Scooby, por exemplo, “é um boto grande, um boto para cardume de peixe”.

Os botos iniciantes são considerados precipitados e pouco eficientes, o que os pescadores comentam com certa condescendência.

Tem um boto novo lá, Chicletinho, que pula entusiasmado para cima de tudo quanto é peixe. Ele ainda não diferencia um peixinho de um peixe grande, um peixinho de um cardume. Quando ele avisa, o pescador joga a rede sem saber o que é (Amilton, 2015).

É comum ouvir os pescadores dizerem que “boto novo pula em qualquer peixinho, peixe grado, peixe miúdo” e que “eles não esperam cercar o peixe”. Na maioria das vezes, estas afirmações são seguidas de comparações com os próprios humanos: “quando a gente é jovem trabalha com qualquer coisa” ou “subimos aquele morro de qualquer jeito”.

Alguns pescadores têm seus botos de preferência. Tais preferências estão relacionadas, invariavelmente, à eficiência na captura e boas experiências pregressas de pesca com aquele determinado animal. Scooby, por exemplo, é considerado por Cinza “um boto que não mente”: “ele está lá fora no canal, vem e pula aqui, pode jogar que é peixe. Tem outros que a gente fica tarrafeando, tarrafeando e não pega” (Cinza, 2016).

Olha, eu prefiro o Scooby porque é um boto mais sério, um boto que trabalha mais sério no peixe, ele aguarda o momento certo do peixe, não é o tipo do boto que vai em cima do peixe para riscar. Ao invés de trazer 4, 5, o Scooby já traz mais (Nêgo *in*: Bocchino, 2015).

Scooby é um boto experiente e muito estimado pelos pescadores. Guardadas as diferenças, ele está para Laguna e para aqueles pescadores como Old Tom esteve para Eden e aqueles baleeiros. Mas Scooby não é o único. O falecido Rampinelli, filho de Chega Mais, também é um boto muito estimado pelos pescadores. De acordo com Velly Préve: “Rampinelli não tinha medo de cardume de peixe. Era um boto de coragem, com classe, que sabia trabalhar”. É plausível supor que as habilidades de pesca de Rampinelli derivem, ao menos em parte, da convivência com sua mãe, a *bôta* Chega Mais, considerada pelos pescadores uma excelente *bôta* na pescaria (voltaremos a este ponto adiante). Quando os pescadores falam sobre ela, as declarações são sempre elogiosas: “Era uma bôta muito boa de cria”; “Chega Mais era a bôta que mais batia o peixe aqui na Tesoura”; “Era a melhor bôta que encostava aí”. Infortunadamente, tanto Chega Mais quanto seus três filhotes, Calebe, Rampinelli e Ratinho, já morreram.

Voltando às preferências dos pescadores, Barroso afirma preferir pescar com a Borracha, que foi quem lhe “deu” (esta foi a palavra utilizada), a maior *tarrafada* de sua vida. Foram 297 tainhas em um único lance da rede, segundo o próprio Barroso e outros pescadores. Barroso diz gostar de todos os botos, mas quando a Borracha surge os outros dizem em tom de brincadeira: “ó, Barroso, lá vem teu boto, é o Borracha”. Assim, as relações entre botos e pescadores evocam as relações entre pecuaristas e cães de guarda, tal como mencionadas por Donna Haraway:

Weisser conhece muitos pecuaristas cujos cães de guarda são respeitados pelo trabalho que fazem. Alguns são amados e outros não, mas o seu valor não depende de uma economia do afeto. [...] Respeito e confiança e não amor são as demandas críticas de uma boa relação de trabalho entre estes cães e os seres humanos (2013, p.15-16).

As relações de preferência dos pescadores demonstram claramente que os botos favoritos são aqueles mais experientes e eficientes, que trazem mais peixes, realizando bem o seu *trabalho* e destacando, assim, a natureza do vínculo entre aqueles pescadores e aqueles golfinhos. Para aqueles tarrafeadores, *bôtas boas* e *botos bons* são, principalmente, animais de trabalho. Ser um *boto bom* ou uma *bôta boa* é sinônimo de ser um *boto trabalhador*, uma expressão tantas vezes empregada. Os pescadores podem afirmar: “tem dia que o boto está mais para *trabalhar para o pescador* do que para comer” (Amilton, 2015). Parceiros, companheiros, trabalhadores, amigos e patrões dos pescadores. As designações atribuídas às *bôtas* e *botos bons* revelam relações de parceria, troca e trabalho. Tal situação bem poderia ser analisada sob a ótica de temas antropológicos clássicos, como aliança e reciprocidade. Algumas formulações expandem ainda mais o entendimento sobre os vínculos entre botos e pescadores. Em dezembro de 2016, o pescador Safico comentou:

Jack, Borracha, Jade, estão com filhotes que vão estar trabalhando inverno que vem. O [filhote] da Princesa morreu, por alguma má formação. Pirulito está com um filhote também, mas que não vai dar um boto bom, pois ela não vem muito pela costa (Safico, 2016).

Quando escuto isso, parece que estou ouvindo um criador de animais falando sobre as “novas crias” da fazenda. Safico me remeteu a longínquas férias de infância, em que meu pai, pequeno produtor rural, comentava sobre as novilhas e o momento em que estariam aptas para a procriação e a produção de leite. Este paralelo com os animais de criação surge também em questões ligadas ao reconhecimento daqueles golfinhos pelos pescadores. De modo semelhante, criadores de animais e aqueles pescadores em Laguna reconhecem os animais com os quais se relacionam, suas características físicas e comportamentais, atribuem-lhes nomes, descrevem suas personalidades, filiações, hábitos, relatam passagens de suas histórias de vida. Tudo isso tem a ver com conhecer, acompanhar e ver crescer. Estes pescadores têm um entendimento biográfico das vidas daqueles animais, afinal, em muitos casos, acompanharam seus nascimentos, procriações, desaparecimentos temporários, acidentes, adoecimentos, desenvolvimento na pesca, relacionamentos dos botos entre eles e até mesmo suas mortes. No entanto, diferente de

outras situações em que características como estas estão envolvidas, aqueles botos não são animais domesticados ou de criação, salientando a situação peculiar daqueles golfinhos, como animais livres em seu habitat que estabelecem relações de colaboração e trabalho com os pescadores. Apesar da nomeação e do reconhecimento, da convivência, coabitação e proximidade, os pescadores, bem como demais moradores da cidade, não tocam, alimentam ou nadam com os botos. Além disto, não existe nenhuma forma de controle, direto ou indireto, dos corpos daqueles animais. Não há controle reprodutivo, alimentar ou interferência em características físicas e/ou comportamentais daqueles golfinhos. As raras ocasiões de contato físico entre botos e pescadores restringem-se às situações eventuais de capturas acidentais e ao contato com os corpos daqueles botos quando eles morrem. Embora marcas nas nadadeiras dorsais para reconhecimentos posteriores tenham sido feitas no passado, atualmente ninguém marca propositalmente os botos. Não se manipula o espaço para controlar seus movimentos e comportamentos ou para induzir ou impedir a alimentação ou a procriação, por exemplo. Até mesmo as técnicas para atração são pouco invasivas: pode-se *bater a tarrafa* na água para chamar a atenção dos botos, quando eles já estão por perto.

No entanto, ao contrário do que pode parecer, eu não estou argumentando que aqueles botos, portanto, são “animais selvagens”. Isto é, animais que supostamente vivem e morrem “lá fora”, em uma natureza intocada e isolada, livre de perturbações antropogênicas e de relações diretas com os seres humanos. Os golfinhos em Laguna habitam uma lagoa que circunda uma cidade. Eles estão diretamente envolvidos com os humanos e com os efeitos das ações antropogênicas naquele habitat. Aqueles animais sofrem uma série de ameaças, como o tráfego de embarcações, a captura em redes ilegais de pesca, a perda de habitat e as doenças causadas por exposição a contaminantes. Alguns daqueles golfinhos possuem lesões epidérmicas. Dentre elas, estão lesões semelhantes àquelas causadas pela lobomicose. O agente patogênico da lobomicose já foi encontrado na região anteriormente, em 1993, e registros mais recentes indicam que a doença é endêmica na região (Daura-Jorge, 2011, p.174). Aqueles botos, portanto, sofrem literalmente na pele os efeitos dos sistemas antrópicos de produção. Vivemos, como argumenta Thom van Dooren, em um “mundo pós-natural” que recusa a perigosa ilusão da selvageria (2017, p.188). “Se aqueles golfinhos não são selvagens, vivem tão próximos dos pescadores e ainda cooperam na pesca, eles só podem ser domesticados”, podem pensar alguns. Nem selvagens nem domesticados, se entendemos domesticação como o controle humano sobre outras espécies (Tsing, 2015, p.184). Ou, ainda, se imaginamos

domesticação como uma “linha divisória”, em que se está *ou* do lado humano *ou* do lado selvagem (idem).

A maioria das espécies dos dois lados da linha, incluindo os humanos, vive em complexas relações de dependência e interdependência. Prestar atenção a essa diversidade pode ser o início de apreciação de um modo interespecífico de ser das espécies (idem, p.184-5).

Estamos diante de uma destas situações de “companheirismo interespecífico intrigante” (Tsing, 2015, p. 182). Um aspecto interessante da pesca conjunta em Laguna é justamente o fato dela desafiar certas categorizações fundadas no binômio natureza e cultura e algumas de suas variações, como animal e humano, selvagem e domesticado. Mais uma vez, os botos e pescadores de Laguna nos conduzem a um indeterminado “espaço cinzento” - “um terreno de complexos mutualismos e comensalismos, de benefícios e devires compartilhados” – tal como proposto por Val Plumwood (2002) e retomado por Thom van Dooren e Vincienne Despret (2018):

[...] Ethical forms of life take place in the grey spaces between these simplistic categories which can only lead to inappropriate strategies and forms of rationality that aim to maximize the share of ‘isolated’ self and neglect the need to promote mutual flourishing. (...) This grey space is a terrain of complex mutualisms and comensalisms, of shared benefits and becomings (van Dooren & Despret, 2018).

O acúmulo de pesquisas biológicas sobre a população de golfinhos em Laguna permite vislumbrarmos alguns dos processos de co-constituição entre os botos bons, as *bôtas boas* e os pescadores artesanais. Fábio Daura-Jorge (2011) demonstrou que os botos em Laguna (a população total, cerca de 50-60 animais) organizam-se em uma “estrutura modular”, claramente relacionada à pesca conjunta. Golfinhos que cooperam com os pescadores são fortemente associados entre si, assim como aqueles que não cooperam são mais associados entre eles. Não se sabe se processos de transmissão de informações estão formando estes módulos ou sendo facilitados por eles (Daura-Jorge, 2011, p. 09). Conjuntamente a isto, existe uma maior sobreposição espacial dos *botos bons* entre eles, pois *bôtas e botos bons* compartilham mais intensamente as mesmas “áreas de uso” no habitat. Comparativamente, *bôtas e botos bons* apresentam “áreas de vida” e de concentração menores do que aquelas dos *botos ruins*, pois circulam mais próximos dos pontos de cooperação com os pescadores (Simões-Lopes e Fábio, 1999; Daura-Jorge, 2011). Além de questões socioespaciais, as formas de comunicação, os padrões acústicos

entre os animais que participam e não participam da pesca, variam (Romeu, 2012; 2015). Estudos de bioacústica na região mostram que a comunicação entre os botos é potencializada durante a atividade de pesca, com maior intensidade de emissões de ecolocalizações e outros sinais sonoros. Há um aumento e maior variação no repertório de assobios e ecolocalizações de *bôtas* e *botos bons* durante a “pesca cooperativa”. É possível que, além da localização das presas, as ecolocalizações desempenhem funções adicionais, como identificar a posição dos pescadores, visando direcionar o cardume; reconhecer o local onde as tarrafas foram lançadas, evitando emalhes; induzir a fuga dos peixes em direção aos pescadores ou atordoá-los de modo a facilitar a captura. Os assobios emitidos pelas *bôtas* e *botos bons* durante a pesca são responsáveis pela autoidentificação de cada boto e parecem exercer também outras funções, distinguindo-se tanto dos assobios utilizados pelos mesmos indivíduos em situações de forrageio sem os pescadores quanto daqueles emitidos por *botos ruins*. Embora tais sinais sonoros digam respeito à comunicação direta entre os botos e destes com os peixes e sejam emitidos em frequências acústicas diretamente imperceptíveis pelos pescadores, os efeitos destas vocalizações podem ser notados sob a forma das ações dos botos e dos peixes. Ou seja, tanto a organização socioespacial quanto a comunicação entre *bôtas* e *botos bons* está francamente associada à pesca conjunta, de tal forma que parte desta pequena população residente de golfinhos possuem um modo de vida ou *étos* (van Dooren & Rose, 2016) organizado a partir desta habilidade interespecífica. Tais golfinhos, portanto, possuem uma organização e um comportamento social “intraespecífico” totalmente vinculado às suas relações “interespecíficas”. Os indivíduos que se acompanham mais frequentemente, os lugares onde vivem e pelos quais circulam, as formas de se comunicarem, tudo isso correlaciona-se com as atividades que desenvolvem junto aos pescadores. Se a pesca conjunta tem tamanha influência na vida dos botos, suponho que possa gerar efeitos análogos nas vidas dos pescadores: os lugares que frequentam, os seres com quem convivem, as técnicas de pesca que praticam, os artefatos de pesca que produzem, os peixes que comem, o dinheiro que ganham, tudo isso conta com a participação dos botos. Sob essa ótica, a pesca conjunta em Laguna assume sentidos de coevolução, consubstancialização e co-constituição: “*multispecies worldings*”, a criação de mundos multiespécies é o que está em questão aqui.

A íntima relação entre uma flor e sua abelha polinizadora é aquela em que ambas as formas de vida são modeladas e se tornam possíveis através de um patrimônio comum, um entrelaçamento que Isabelle Stengers caracteriza como “captura recíproca”. Como tal, elas não simplesmente se encontram – esta

abelha e esta flor – mas, ao invés disso, a sua relação emerge a partir de histórias co-evolutivas, a partir do rico processo de co-tornar-se (van Dooren, Kirksey, Münster, 2016).

Tal situação conforma o que Donna Haraway chamou de *becoming with* (“tornar-se com”), ou seja, tanto aqueles golfinhos quanto aqueles pescadores são quem são e fazem o que fazem, do modo como fazem, porque vivem juntos, trocam, coabitam um mesmo espaço, despendem tempo uns com os outros, *trabalham* e se divertem juntos. Alguns autores, guardadas suas diferenças, chamam isso de composição (Tarde, [1895] 2007), co-constituição ou “*co-shaping*” (Haraway, 2008) ou antrozo-gênese (Despret, 2004). Diante desta conformação, as ideias de relações intra- e interespecíficas perdem os contornos e o sentido. Parece fazer mais sentido pensarmos em termos de alianças não hierárquicas, vínculos simbióticos e misturas de agentes criativos (ver Kirksey e Helmreich, 2010: 546). “The question between animals and humans here is, Who are you? And so, who are we?” (Haraway, 2008, p. 208). Outro nome possível para este processo é *devenir* (Deleuze & Guattari, 1995).



Figura 21 – Pescadores observam boto na Tesoura - Laguna, SC (Fonte: Brisa Catão)

## Modos de identificação e animismo ecológico

“A humanidade dos humanos é tão especial quanto a lupinidade dos lobos ou a ostridade das ostras”.

(Peter Gow)

Na pesca conjunta em Laguna, pescadores, *botos bons* e *bôtas boas* nutrem relações singulares uns com os outros, fundadas na convivência, colaboração, responsividade, entendimento e afetação mútua. Nos relatos dos pescadores, suas histórias de vida e aquelas de seus ascendentes surgem entrelaçadas com as histórias de vida de certos botos e *bôtas boas*, *antigos* e atuais, de Laguna. Inclusive, a palavra usada para designar velhos botos e velhos pescadores é a mesma: *antigos*. Por parte dos pescadores, sentimentos de afeto, amizade e reconhecimento pela colaboração dos botos na pesca são claramente manifestos. De forma análoga, manifestações de tristeza, luto e revolta podem estar presentes nas ocasiões de falecimento de algum daqueles animais. A maioria das mortes dos botos é causada por asfixia nas redes para captura de bagre, conhecidas como redes de três panos ou *feiticeiras*, ilegalmente colocadas na Lagoa Santo Antônio dos Anjos. Estas redes são armadilhas perigosas para os botos, que se emalham e morrem asfixiados. Portanto, há cooperação entre pescadores artesanais e golfinhos em Laguna, mas há conflitos também.

Em comunicação pessoal, Wellington Martins, o profissional responsável pela iniciativa de patrimonialização da pesca com os botos em Laguna, narrou o momento em que a notícia de que Zariguinho havia sido encontrado morto em uma rede ilegal de pesca chegou à Tesoura, em maio de 2014. Zariguinho era um boto que *trabalhava* na pesca e estima-se que ele tinha cerca de 2 anos de idade na época. Wellington conta que tudo corria como de costume no ponto de pesca quando, de repente, alguém começou a gritar: “Mataram o Zariguinho! Eles mataram o Zariguinho!”. Wellington até então não sabia quem era Zariguinho e imaginou tratar-se de uma pessoa, pela reação dos presentes. No calor da situação, ele deixou a Tesoura de carro com um amigo em busca de maiores informações. Quando seu amigo estacionou em frente à Polícia Ambiental Wellington percebeu que tratava-se da morte de um boto. Magrão, um pescador que pescava diariamente com Zariguinho, estava furioso. Chorando, com o dedo em riste próximo ao rosto do policial, Magrão o questionava: “Vocês sabem que agora é época de bagre! É só tirar as redes! Por que vocês não fazem isso?”.

Durante aquele dia, o corpo de Zariguinho permaneceu no pátio da Polícia Ambiental, localizado na beira da lagoa. Enquanto o corpo de Zariguinho esteve ali, vários pescadores, cabisbaixos e silenciosos, passaram em suas canoas. Para aqueles pescadores, as mortes criminosas destes animais, a poluição da lagoa e o descaso das autoridades responsáveis é inaceitável. “Tadinho dos botinhos. Estão matando os filhotinhos todos. Tirando a vida deles antes mesmo deles crescerem”, ouvi de Cinza, um pescador, em trabalho de campo (Cinza, dezembro 2016).

Embora as relações entre botos e pescadores em Laguna possuam tal profundidade, raramente os botos são antropomorfizados e comparados a humanos. Ouvi em trabalho de campo, por exemplo, que “o boto falta colocar o peixe com a mão dentro da canoa” ou que “como a gente, cada boto tem a sua mania”. Considero antropomorfização apenas casos literais como esta primeira declaração. Comparações como esta presente na segunda declaração acontecem também com animais domésticos e de criação e normalmente dizem respeito a questões de reconhecimento individual. Tais comparações foram feitas contextualmente, sempre com o objetivo de afirmar as singularidades individuais de cada boto, juntamente com a capacidade humana de, com a convivência, reconhecê-las. Nos relatos, aproximam-se botos, humanos, animais domésticos e de criação para afirmar que cada indivíduo é diferente dos demais daquela mesma espécie e que, com o convívio, tornamo-nos capazes de distingui-los. Com as palavras da filósofa Donna Haraway, poderíamos afirmar que aqueles pescadores sabem “honrar as diferenças” (Haraway, 2013).

No entanto, embora haja diferenciação e reconhecimento individual, não surgiram nos relatos nada que permita afirmar que aqueles golfinhos são considerados “gente”, “pessoa” ou “humano” por parte dos pescadores ou que seriam dotados de alma ou espírito, como acontece em contextos etnográficos ligados à encantaria e ao perspectivismo ameríndio (Viveiros de Castro, 1996). Aqueles pescadores, sem dúvida, individualizam *botos* e *bôtas boas* - o que é bem expresso na atribuição de nomes, na consideração de seus hábitos particulares de pesca, traços de personalidade e histórias de vida -, mas quem diz “indivíduo” não diz, necessariamente, “gente”, “humano” ou “pessoa”. Não-humanos podem ou não ser sujeitos ou pessoas, gente ou humanos, dependendo das cosmologias e/ou agenciamentos nos quais estão envolvidos. Além de cosmológica, parte dessa questão é jurídica. A situação em Laguna, portanto, é bastante diferente daquela dos botos encantados da Amazônia ou mesmo dos golfinhos em território indiano, onde são considerados “pessoas não-humanas”, após o governo da

Índia ter assinado a Declaração dos Direitos dos Cetáceos. De acordo com o comunicado emitido pelo Ministério do Ambiente e das Florestas da Índia, em 2013<sup>38</sup>: “(...) os golfinhos devem ser entendidos como ‘pessoas não humanas’ e como tal devem ter direitos próprios, sendo moralmente inaceitável mantê-los em cativeiro para fins de entretenimento”. Em termos jurídicos, os golfinhos de Laguna são considerados Patrimônio Natural do Município de Laguna, desde 1997 (Art. 1º da Lei Nº 521 de 10 de novembro de 1997). Em 2016, foi atribuída à cidade o título de “Capital Nacional dos Botos Pescadores” (Lei 13.818/2016). No ano seguinte, 2017, estabeleceu-se a data de 25 de maio como o Dia Estadual da Preservação do Boto Pescador (Lei 17.084, de 12 de janeiro de 2017). Em junho de 2018, a “Pesca Artesanal com Auxílio de Botos em Laguna” foi registrada como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado de Santa Catarina (ver Castells e Iino, 2015) e, atualmente, tramita junto ao IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) a proposta de que a pesca seja reconhecida também como Patrimônio Cultural e Imaterial Brasileiro. Na Câmara dos Vereadores de Laguna, tramita um Projeto de Lei (Nº 033/18) que visa a proteção dos botos através da proibição de determinados artefatos de pesca considerados nocivos aos animais.

Tais iniciativas indicam um processo crescente de produção de ferramentas políticas e jurídicas visando a preservação da população de golfinhos de Laguna e da modalidade de pesca na qual estão envolvidos. Esta preocupação não é em vão, visto que a mortandade dos botos em Laguna aumentou significativamente em 2018, chegando a 9 animais no ano, em contraste com a média anterior de 5 animais por ano, que ainda garantia algum equilíbrio populacional. Não nos esqueçamos que toda esta história gira em torno de uma população de pouco mais de 20 botos e *bôtas boas*, o que torna a pesca conjunta em Laguna extremamente vulnerável.

No entanto, ser juridicamente considerado “sujeito” ou “pessoa”, como os golfinhos na Índia, é diferente das situações em que os animais são “gente” ou “humanos”. Neste sentido, tanto o *status* dos golfinhos na Índia quanto as relações dos pescadores com *bôtas* e *botos bons* em Laguna diferem das relações de certos povos amazônicos (indígenas e ribeirinhos) com os botos, tantas vezes entendidos como uma “gente-bicho” ou um “bicho-gente”. Graças a tais concepções, alguns autores demonstram, de forma muito convincente, como as relações destas populações com estes animais podem ser pensadas sob a chave do perspectivismo ameríndio (ver Lima, 2014;

---

<sup>38</sup> <<https://anda.jusbrasil.com.br/noticias/112009786/golfinhos-passam-a-ser-considerados-pessoas-nao-humanas-na-india>>, acessado em janeiro de 2019.

Dutra & Santos, 2014). Em Laguna, a situação difere também de algumas mitologias aborígenes, nas quais golfinhos já foram humanos um dia, e vice-versa. Tais relações em Laguna são também diferentes daquelas dos baleeiros aborígenes com as orcas de Eden, percebidas como reencarnações dos espíritos de seus antepassados. Em Laguna, interpretações neste sentido não se aplicam. Portanto, não está em questão contrastar diferentes simbolizações ou “modos de identificação” (Descola, 2005).

Em alguma medida, aqueles pescadores poderiam até ser considerados animistas, se tomarmos o conceito no sentido proposto por Thom van Dooren e Deborah Bird Rose, quando os autores propõem um “animismo ecológico” - “not a doctrine or orthodoxy but, rather, an opening into a mode of encounter” (van Dooren e Rose, 2016, p. 83). Neste sentido, animismo tem a ver com abertura, reconhecimento e responsividade em relação ao mundo e aos “outros da terra” (“earth others”, nos termos de Val Plumwood, 2002): “In turning toward nonhumans with openness toward the unexpected (a necessary attitude given that they are not inert), the human person holds herself available and attentive to the worlds and multifarious ‘voices’ of others” (Rose, 2013, p. 99). Esta proposição diz respeito a um mundo no qual toda forma de vida – “da menor célula à maior sequoia” – está envolvida em maneiras variadas de responsividade generativa e adaptativa:

This responsiveness may happen in the immediacy of the moment (as two albatrosses sing and dance to form a pair bond); it may happen through drawn-out developmental processes (as a plant slowly grows toward the sun), or perhaps even over evolutionary time frames that remake entwined morphological and behavioral forms to better inhabit their worlds. However it happens, though, life is saturated in diverse forms of purposeful attentiveness and responsiveness (van Dooren e Rose, 2016, p. 82).

De acordo com o argumento dos autores, mais fundamental do que qualquer conjunto específico de ideias sobre quem os animais, plantas, fungos, bactérias e outros seres são e fazem, trata-se do cultivo de uma certa abertura em relação ao mundo, capaz de criar espaços no qual a responsividade possa emergir ou uma troca coevoluir. “(...) The task is to create the space within which a response can emerge or an exchange coevolve” (Cheney & Weston, 1999 in van Dooren e Rose, 2016, p.82-83). Nisto, os pescadores artesanais de Laguna foram e seus antepassados são especialistas.

## **CAPÍTULO 2**

### **Águas de Viver e Morrer Juntos: Legados Interespécies**

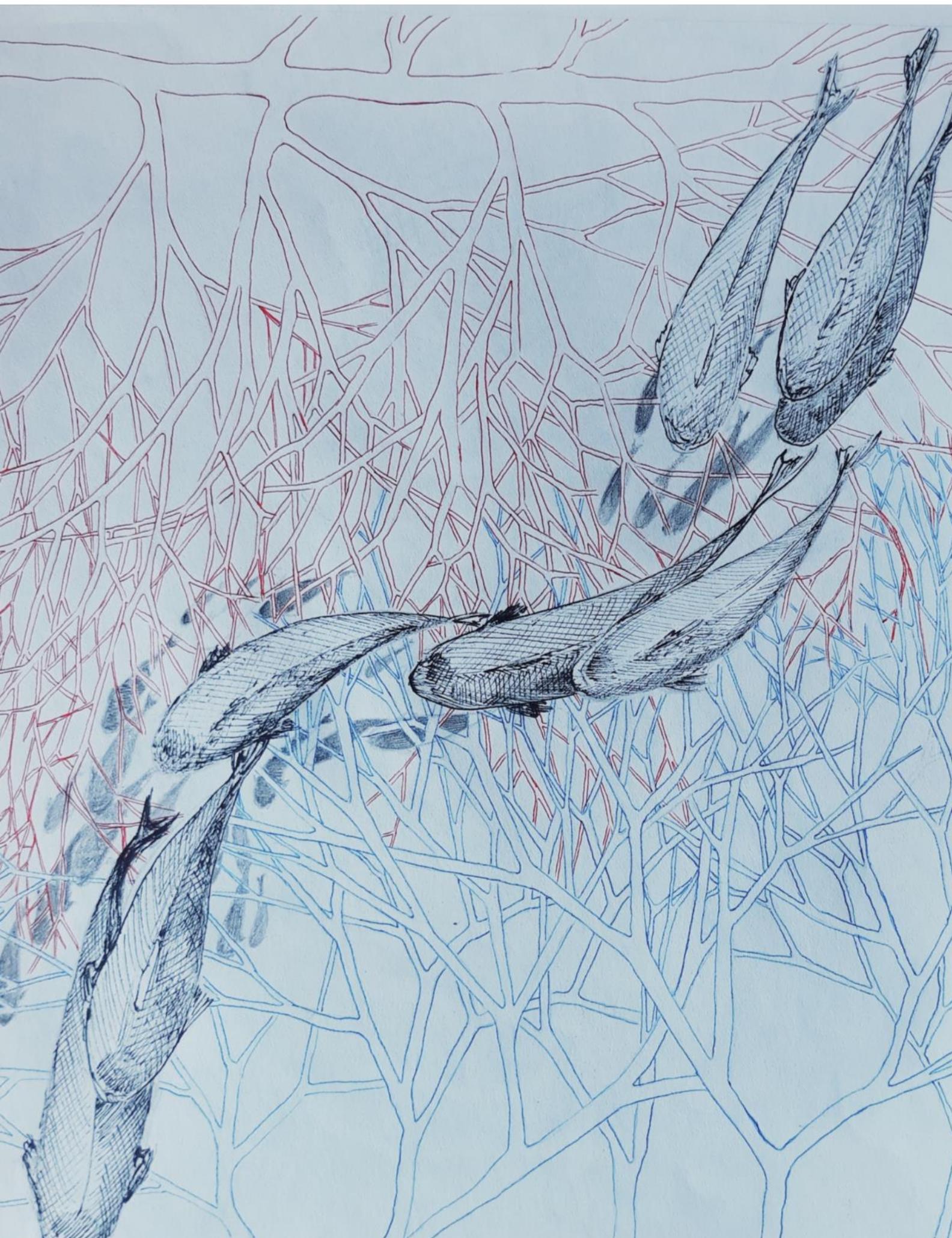
“Quando a Cayenne de ‘raça pura’, o Roland de ‘raça misturada’ e eu nos tocamos, nós corporificamos na carne as conexões dos cães e das pessoas que nos tornaram possíveis. (...)

Juntamente com o cão por inteiro, precisamos de todo legado que é, depois de tudo, o que torna possível todas as espécies de companhia. Não tão estranhamente, todos estes conjuntos são nós não-euclidianos de conexões parciais”.

(Donna Haraway – O Manifesto das Espécies de Companhia)

“Mas, as relações têm histórias. Além de uma troca ecológica equilibrada (...) os organismos estão situados dentro de profundas, e emaranhadas, histórias. E assim, para além da mera sobrevivência, formas particulares de vida, em toda a sua diversidade resplandecente, emergem de padrões entrelaçados de viver e morrer, de ser e tornar-se, em um mundo maior”.

(Thom van Dooren, Eben Kirksey e Ursula Münster - Artes da Atentividade)



Laguna ocupa um território com uma longa história de coabitação. Existem vestígios de ocupação humana na região há pelo menos 6.000 anos (Cadorin & Cadorin, 2013, p. 8). Seus primeiros habitantes foram povos sambaquieiros<sup>39</sup>. Em Santa Catarina, exatamente no litoral de Garuva, São Francisco do Sul e Laguna, estão alguns dos maiores sambaquis do mundo, podendo alcançar até 30 metros de altura por centenas de metros de comprimento. Como é de se imaginar, estes povos nunca estiveram sozinhos. Em todos os grandes sambaquis, além de esqueletos humanos, encontram-se outras evidências de ocupação, como carvão, cinzas, restos de fogueiras, ossos de peixes, aves e mamíferos, ossadas de baleias (muitas vezes parcialmente carbonizadas), pinças de crustáceos, cascas de tartaruga, espinhos de ouriços do mar (Rohr, 1984, p. 79).

Junto aos esqueletos humanos sepultados nestes locais foi encontrado um vasto material na forma de oferendas funerárias e adornos pessoais, como machados de pedra, pontas de flecha ósseas, conchas, ossos e dentes de mamíferos (Rohr, 1984, p. 79). Pequenos pilões de pedra caprichosamente polidos na forma de animais também podem ser encontrados nos sambaquis. Chamados zoólitos, tais artefatos zoomorfos representam parte da escultura pré-histórica (ibidem). Há relatos de que uma estatueta como esta, em forma de golfinho, foi encontrada em uma urna funerária em Laguna (Pedro Volkmar Castilho, 2015, comunicação pessoal). Claro que isso não significa, necessariamente, que botos e pescadores já pescavam juntos desde aquela época. Mas indica, indubitavelmente, que botos e pescadores vivem e morrem juntos, naquela região, desde aquela época.

Nas falas dos pescadores atuais esta antiga convivência soa quase imemorial, quando eles dizem: “quando descobriram isso aqui já tinha boto” (Latinha); “desde que eu me entendo por gente convivia com a pesca do boto”; “Boto? Acho que eles nasceram junto com essa Lagoa”. Em uma pequena reportagem no folhetim O Pharol, o *antigo* Dido Morais (*in memoriam*) discorre sobre os *botos antigos da Laguna* e esboça algumas notas sobre seus nomes, características e relações de parentesco<sup>40</sup>. Dido mencionou três marcos temporais: as décadas de 1930 e 1950 e os botos vivos e atuantes na ocasião da reportagem (2004).

Os pescadores mais antigos dizem que por volta de 1930 já existiam botos velhos como: Judeu, Fandango, Chinelo, Rampeiro, Alumínio, Cego, Boto Branco, Crise Grande, Crise Pequeno. Daí para diante os botos foram se

<sup>39</sup> *Sambaqui* é um nome de origem guarani que significa “monte de conchas” (*tambá*: concha; Ki: monte cônico). Tais formações podem também ser chamadas casqueiros, concheiros, berbigueiros, ostreiras ou sernambis (Rohr, 1984, p. 78).

<sup>40</sup> Agradeço a Fátima Satsuki por ter me mostrado esta reportagem pela primeira vez e a Wellington Martins por me disponibilizar uma cópia digital.

multiplicando. Vieram o Miranda, Gaivota, Latão, Gavião, Tangará, Dolores, Pombo, Tibio. A partir da década de 50, os botos mais antigos foram desaparecendo misteriosamente e surgindo os mais novos, como Galha Torta, Galha Cortada, Marusca, Prego, Riscadeira, Juscelino, Lata Velha, Bate Cabeça, Inrilha, Tramandaí. Hoje [2004], somente 22 botos trabalham nos pontais junto aos pescadores, são eles: Caroba, Avalanche, Scooby, Chega Mais, Mandala, Cabide, Botinha do Rio, Figueiredo, Índio, Ligeirinho, Pirulito, Andorinha, Táxi, Borracha, Araranguá, Isaura, Meleca, Sacolão, Botinha do 19 e Princesa.

Na sequência, Dido descreve relações de filiação e descendência:

*Quem deu luz a quem:* Tanguinha era filho de Tangará; Inrilha filho de Dolores; Caroba, Chega Mais, Figueiredo, Botinha do Rio, filhos de Inrilha. Bate-Cabeça, Scooby, Mandala e Latinha, filhos de Lata Grande. Sacolão e Tafarel, filhos de Latinha. Figueiredo e Borracha, filhos de Tafarel. Isaura, filha de Tramandaí. Botinha do 19, filha de Araranguá. Inrilha, filha de Piscadeira. Prego, Juscelino, Galha Torta, Rampeiro e Fandango, filhos de Gaivota.

Em busca das histórias daqueles animais, atualizei o que Dido Moraes relatava no folhetim junto aos pescadores na Tesoura. Eles se reuniram em volta daquelas cartolinas com os primeiros esboços genealógicos e, coletiva e colaborativamente, acrescentaram novos filhotes, questionaram e alteraram proposições até alguns consensos, ao menos provisoriamente, serem estabelecidos e registrados. Foi uma ocasião excelente para presenciar aqueles pescadores falando sobre os botos e as *bôtas boas*. Além das relações de filiação, a situação foi propícia para obter relatos sobre cada um dos animais mencionados: sexo, idade aproximada, pontos de pesca preferidos, variações de nome, características físicas e hábitos de pesca. O parentesco entre os botos pareceu ser um assunto do interesse daqueles pescadores.

Não há, na Tesoura, nenhum pescador que se encarregue, ou seja encarregado pelos demais, de ocupar o lugar de “dono da verdade”. Há aqueles mais velhos e mais experientes, que por isso são ouvidos e considerados de forma diferente, mas nem eles são detentores exclusivos da palavra ou do conhecimento a respeito da pesca e dos animais, tampouco donos de opiniões inequívocas. Inclusive, quando interpelados sobre algo, é comum eles começarem a explanação com formulações como “na *minha* opinião” ou “isso é o que *eu* penso”.

Tais genealogias foram revistas e incrementadas junto a certos pescadores em todas as passagens subsequentes por Laguna. Um destes organogramas genealógicos, encabeçado pela antiga *bôta boa* Gaivota, não avançou. Possivelmente, isso tem a ver com a idade daqueles pescadores e com o ponto de pesca específico. Talvez, antigos pescadores habituados a pescar em outros locais tivessem mais a dizer sobre esta *bôta* e

seus descendentes. No entanto, as outras duas proposições genealógicas, encabeçadas por Lata Grande e Dolores, tiveram prosseguimento e renderam boas conversas. Ambas as linhas de descendência destas *bôtas boas* remontam a cinco gerações de golfinhos. De acordo com o cálculo de parentesco - que leva em conta a expectativa de vida e a idade reprodutiva média daquela população - cinco gerações de *botos* e *bôtas boas* recobrem um período de 60 anos, aproximadamente<sup>41</sup>. Portanto, se é correta a estimativa de que tal pesca existe há cerca de 170 anos, há ainda muitas outras gerações ascendentes de *bôtas* e *botos antigos da Laguna*. Ao modo dos cães progenitores do manifesto de Donna Haraway, Dolores e Lata Grande bem podem figurar como microcosmos para um pensamento sobre as espécies companheiras e a invenção da tradição na carne e no texto (Haraway, 2013, p.33).

O mais bonito naquela tarde na Tesoura foi perceber como as biografias dos pescadores, dos botos e das *bôtas boas* são totalmente entrelaçadas e como tais biografias estão também associadas a memórias sobre a Lagoa Santo Antônio dos Anjos e a cidade de Laguna. Na ocasião dos esboços genealógicos, falou-se sobre botos, *bôtas* e pescadores *antigos*, que pescavam em lugares específicos de Laguna, evidenciando a profundidade temporal daquelas relações entre os botos e os pescadores. As referências sobre as idades e as relações de parentesco entre os botos não raro eram estimadas em relação às suas próprias idades e relações de parentesco. Em 2016, Amilton, por exemplo, estimou que Caroba tenha algo entre 35 e 38 anos, considerando que ele próprio tem 50 e que, quando começou a pescar, a *bôta* já *trabalhava*. Já Eré estimava que Caroba era um pouco mais velha, algo entre 38 e 42 anos, pois seu pai, o “falecido Pandorga”, tinha por volta de seus 23 anos quando pescava com ela. Amilton acha que a Riscadeira não é a mãe da Inrilha, porque a Riscadeira é de 30 anos atrás, “é da minha época”, segundo ele. Além destas referências cruzadas entre botos, *bôtas* e pescadores, as relações dos golfinhos entre eles também podem ser usadas como parâmetro. Para estimar a idade de Scooby, Eré evoca Bate Cabeça: “Scooby e Bate Cabeça começaram a trabalhar juntos” ou “não, Scooby é mais antigo, quando ele começou a trabalhar meu falecido pai pegava

---

<sup>41</sup> Estima-se que estes golfinhos têm uma expectativa de vida média entre 45 e 50 anos, embora tal estimativa possa variar muito de acordo com os graus de ameaça aos quais estão expostas populações ou subpopulações específicas. As fêmeas estão aptas a gestar os filhotes a partir dos 7 anos de idade. O tempo de gestação para espécie é estimado em 12 meses (Schroeder, 1990) e o período de amamentação em aproximados 19 meses (1 ano e 7 meses), podendo, em alguns casos, durar até o dobro de tempo. O intervalo entre as gestações é de aproximadamente 3 anos, podendo variar entre 2 e 5. Este intervalo deve ser o tempo de gestação e amamentação, acrescido de cinco meses de descanso, quando não há perda do filhote (Daura-Jorge, 2011, p.26).

peixe com ele lá no Areial”. Lembrar de botos *antigos* é se lembrar de antigos pescadores e de lugares na cidade onde eles pescavam juntos. Em Laguna, as vidas e as biografias dos botos, dos pescadores e da cidade andam juntas.

Fazer e rever tais genealogias me informou também sobre o dinamismo na dinâmica populacional destes animais. Sempre havia novos *botinhos* que tinham nascido, bem como aqueles que tinham partido. Entre 2015-2018, os pescadores se despediram, pelo menos, de Mandalão, Zariguinho, Tufão e Espinafre, entre os *botos bons*. Todos eles morreram enredados em redes ilegais para captura de bagres fixadas no Rio Tubarão. Além destes, muitos outros animais morreram no período desta pesquisa. Apenas em 2018 foram 16 golfinhos encontrados mortos na região. No mesmo período, os pescadores relataram a chegada de novos filhotes da Princesa, da Jade e da Bôtinha do Rio.

Foi também nesta ocasião que me dei conta de que as relações entre pescadores e botos em Laguna já tiveram outras facetas, além da cooperação. À medida que os pescadores me contavam sobre os animais surgiram vários relatos de botos que morreram por “morte matada”. Latinha foi uma delas. Taffarel “morreu a tiro lá no rio”. A estimada Chega Mais, “uma bôta muito boa no salto e na batida”, morreu a tiros ou facadas, não se sabe ao certo. Leleco era um boto sempre apedrejado, pois “roubava peixe no alagado”. Ligeirinho, “um outro Ligeirinho, morreu a tiro”. Quanto a Chinelo, “enfiaram um bambu no respiro dela”. Em geral, todas estas lamentáveis situações estão relacionadas a conflitos ligados à disputa pelos peixes ou represálias por avarias causadas nos instrumentos de pesca. “[Os botos] pulavam nos pesqueiros no Rio Tubarão, os caras não sabem tarrafejar com o boto, achavam que eles estavam roubando peixe e matavam o bicho” (Amilton, 2015). Tais animais eram considerados “botos que não prestam”: “é aquele que rouba peixe, que rasga a tarrafa, que espalha o peixe, que estraga o peixe, que bate no peixe” (Seu Nino, *in memoriam*). Gavioa, por exemplo, tinha este nome porque “roubava peixe” nas tarrafas. Às vezes, ela rasgava as redes de pesca ao fazer isso. Animais com estes comportamentos podiam ser açoitados por alguns pescadores: “nas antigas, eles davam de pau nos botos”<sup>42</sup>.

As participações de golfinhos nas pescas podem assumir diferentes feições, chamadas pela literatura especializada de “interações negativas” ou “positivas”. Há

---

<sup>42</sup> Münster (2014) aborda uma situação análoga: um contexto de relações de colaboração e trabalho entre humanos e elefantes, no sudeste asiático, em que estão presentes tanto manifestações de cuidado quanto de violência.

situações em que golfinhos e pescadores disputam os mesmos peixes, em alguns casos acarretando diminuição na captura do pescado pelos pescadores e avarias em petrechos de pesca, ao que os pescadores, como vimos, podem responder com represálias. Há também maneiras de se pescar, como algumas técnicas de arrasto, em que os golfinhos são vítimas de capturas acidentais (*bycatch*). Casos em que, além de peixes, as redes trazem tartarugas, arraias, aves marinhas, tubarões, golfinhos etc. As capturas acidentais são um dos mais graves problemas em termos de sustentabilidade de pesca em grande escala. Golfinhos e outros animais podem também ser emalhados por restos de redes de pesca errantes pelas águas ou propositalmente afixadas, muitas vezes ilegalmente, como as redes para captura de bagre em Laguna.

É desafiador perceber que em alguns contextos os peixes e as tarrafas podem “valer mais” do que os golfinhos. A situação é toda delicada, sobretudo porque pode não ser exatamente os peixes ou as tarrafas que estão em questão, mas o sustento de toda uma família. Euclides Nunes, “o falecido Tido”, foi um pescador, como sabe-se em Laguna, responsável pela morte intencional de alguns botos na cidade. Já ouvi rumores de que ele os arpoava à noite, enquanto “os botos dormiam na coroa de cima” (um determinado local na lagoa). Embora não exista confirmação sobre estes arpoamentos, sabe-se que foi Tido quem capturou Flipper para Roland Marc-Degret, treinador e proprietário do parque aquático Oceanorium, em São Vicente (SP).

### **O caso Flipper**

Entre 1984 e 1985, um filhote da *bôta* Dolores foi capturado em Laguna e entregue ao proprietário de um parque aquático no interior de São Paulo<sup>43</sup>. Estima-se que o filhote tinha cerca de 3 ou 4 anos de idade quando foi capturado, pois em 1992 o ecologista Márcio Augelli afirmou que “o Flipper é jovem, tem cerca de 11 anos” (Biancarelli, 1992). Sabe-se que foi o senhor Euclides Nunes, conhecido na cidade como Tido, quem lhe enredou. “O Flipper foi pego lá na Pedra Branca”, contam os pescadores. Levado para São Paulo, Flipper foi treinado e passou 5 anos se apresentando no parque aquático Oceanorium, em São Vicente (Biancarelli, 1992). Ele foi o último golfinho adestrado e mantido em cativeiro no Brasil e seu retorno para Laguna repercutiu a ponto de reunir 4

---

<sup>43</sup> No livreto sobre os botos de Laguna, o autor lagunense Adílco Cadorín (2002) afirma que o filhote foi capturado em 1984. Em reportagem na Folha de São Paulo, em 1992, o repórter Aureliano Biancarelli afirma que o filhote “foi capturado sete anos atrás” (isto é, em 1985).

mil pessoas no entorno do parque em São Vicente no dia 17 de janeiro de 1993, quando Flipper seria removido de helicóptero para Santa Catarina (Malzone, 2008). A decisão pela soltura de Flipper foi emitida pelo Tribunal Federal de São Paulo, em junho de 1992. “Juiz liberta último Flipper brasileiro” foi a manchete veiculada no jornal Folha de São Paulo (Biancarelli, 1992).

O processo para libertação de Flipper começou em dezembro de 1989, com as denúncias de maus tratos e condições inadequadas do parque realizadas pelo grupo Tucuxi, liderado pelo ecologista Marcio Algeri. O tanque do parque possuía apenas 12 metros de diâmetro e 5 metros de profundidade (Malzone, 2008). Essa mesma reportagem relata que o fundo do tanque estava coberto por uma camada de fezes acumuladas, roupas e até latas. Para disfarçar a sujeira, muito cloro era utilizado. Além disso, a pele de Flipper apresentava queimaduras de sol, pois ele passava muito tempo na superfície da água. De acordo com Marco Ciampi, que esteve diretamente envolvido no processo de remoção de Flipper e participou da criação da Associação dos Amigos do Golfinho Flipper, “os golfinhos machos podem viver cerca de 30 anos e as fêmeas, 35, 40. Alguns mamíferos do Oceanorium estavam morrendo com menos de 15 anos” (Malzone, 2008).

A partir das denúncias, o Ministério Público Federal propôs uma ação pública pedindo o encerramento dos shows e a remoção do golfinho. Na ocasião, o proprietário do parque alegou que a captura do golfinho havia sido feita com a autorização da Sudepe (Superintendência de Desenvolvimento da Pesca) (Biancarelli, 1992). Freqüentadores do Oceanorium disseram que “a água estava suja e ele [Flipper] parecia triste, quando a gente se afastava ele começava a chorar” (Biancarelli, 1992). O grupo Tucuxi já havia resgatado um boto cor-de-rosa mantido em um aquário no Parque Morumbi (Exotiquarium), que foi levado para o Rio Formoso do Araguaia (TO) (idem).

Na ocasião, cogitou-se a possibilidade do processo de reintegração de Flipper acontecer conjuntamente com o de Nimo, um golfinho já “reabilitado” para a “vida selvagem”. Nimo fora resgatado de shows no Cairo (Egito) e, naquele momento, se encontrava no Sul da França. As capturas destes animais para apresentações em parques aquáticos consistem em violentos processos de sequestro em relação a seus habitats e grupos sociais de origem, como é bem retratado pelo documentário *Blackfish* (Cowperthwait & Oteyza, 2013) e pela autora De Mello (2012, p.109). Em *Blackfish*, os diretores recuperam a trajetória de Tilikum, uma orca do parque Seaworld, na Flórida, que ficou mundialmente conhecida após ter atacado uma treinadora em meio a uma exibição pública. Já Margo DeMello recupera a trajetória de Keiko, a orca que

protagonizou o filme americano *Free Willy* (Warner Bros, 1993).

A organização ambientalista WSPA (Sociedade Mundial para Proteção Animal), que estava conduzindo a reabilitação de Nimo, propunha deixar os dois golfinhos juntos por 4 meses, para que Flipper pudesse reaprender com Nimo a caçar em seu habitat natural. Depois, ambos seriam soltos juntos. A direção desta ONG, em Londres, estava considerando se tal reabilitação aconteceria em Laguna ou no Caribe, em uma base que há dois anos vinha sendo utilizada para reabilitação de golfinhos em processos de adaptação à vida em liberdade (Biancarelli, 1992). Após as deliberações, Flipper voltou para Laguna. Em 1994, dez anos após ter sido capturado, um helicóptero levou Flipper de volta à cidade, onde mais de 300 pessoas o esperavam nos Molhes da Barra. Foi construído um cercado na praia do Quatro, na Lagoa Santo Antônio dos Anjos, para que ele pudesse se readaptar àquele ambiente. Sua reabilitação foi conduzida por Ric O'Barry, o ex-treinador dos golfinhos da série televisiva *Flipper* e atual ativista dos direitos destes animais. Flipper permaneceu neste cercado por 45 dias. Ali, eram soltos peixes vivos para que ele voltasse a ativar seu sonar e outras habilidades necessárias para caça. Ao final deste um mês e meio, Flipper foi solto e permaneceu na região por um longo período. Lamentavelmente, ele foi rejeitado pelo seu grupo de origem. Ele era avistado em Laguna, mas sempre isolado dos outros animais. Ele possuía uma marca no dorso para facilitar seu monitoramento e foi visto na região de Florianópolis, Itajaí e no litoral paulista, segundo pescadores embarcados que reportaram essa informação (Cadorín, 2002). Com o tempo, cessaram as notícias sobre ele. Muitas pessoas em Laguna testemunharam este episódio e se lembram muito bem do acontecido. “Depois de muitos anos tentaram trazer ele [Flipper] de volta. Mantiveram ele num cercado no Quatro [Praia do Quatro], mas pouco tempo após ter sido solto, foi encontrado morto”, é a versão de alguns pescadores.

### **Tempo, conflito e cooperação com os botos em Laguna**

Em novembro de 2016 ouvi um relato que salientou outras dimensões dos conflitos entre botos e pescadores. Encontrei-me com uma neta de Tido, na Ponta das Pedras. Neste dia, ela contou como seu avô, até determinado momento, era visto como um “herói” na cidade por eliminar os botos que causavam prejuízos à pesca e às famílias. Inclusive, as pessoas o solicitavam para matar os “botos ruins” [entendo que aqui *boto ruim* não é aquele que não participa da pesca, mas aquele que *rouba* peixes nos pescados

e/ou estraga as redes].

Matavam só boto ruim, de diferentes maneiras, bambu, facada. Naquela época era muito difícil ter a rede, ter a tarrafa, quando um material deste era estragado demorava cem anos para ter outro de novo. Hoje todo mundo tem acesso, mas antigamente não era assim. Se estragasse uma rede podia até faltar comida em casa. De repente, meu avô passou de herói a assassino de boto. Lembro dele, já mais velho, contando isso chorando em casa.

Não está em questão qualquer tipo de julgamento sobre o comportamento de uma pessoa em particular, mas um entendimento ligado às relações de uma coletividade humana com certos animais, ao longo do tempo. “A história importa nas naturezasculturas”, nos lembra Donna Haraway (2013). Conferir alguma profundidade temporal às relações entre botos e pescadores em Laguna resultou em encontrar novos significados. Suponho que a presença da Polícia Ambiental e o interesse de grandes emissoras de televisão, nacionais e internacionais, pelos botos e pela pesca conjunta tenham sido alguns dos fatores que ajudaram a inibir certos comportamentos violentos contra os botos. Recentemente, uma série de medidas protetivas vêm sendo criadas em relações aos botos de Laguna.

No entanto, embora aqueles botos não sejam mais alvos de apedrejamentos, tiros, facadas ou agressões com pedaços de madeira, eles continuam morrendo por “morte matada”, por outras vias. São inúmeros e recorrentes os casos de emalhes e mortes por asfixia nas redes fixas, ilegais, que visam a captura de bagres. A falta de fiscalização e a impunidade são formas de continuar permitindo o extermínio destes animais. Laguna, portanto, abriga tanto a pesca conjunta com suas relações de cooperação entre pescadores e golfinhos quanto conflitos entre botos e pescadores. Os pescadores não são os mesmos, o que faz imensa diferença. Já os botos, bem podem coincidir. Alguns pescadores afirmam que os *botos bons* são mortos mais frequentemente, porque são mais “mansos” e “chegam mais perto da costa”. Desta forma, aproximam-se mais dos humanos e das ameaças que podemos representar. Pescadores e demais moradores de Laguna herdaram histórias difíceis nas relações com os botos, mas podem descobrir boas maneiras de moldar futuros multiespécies mais vitais (ver Haraway, 2013, p. 25).

Diferentemente do que pode parecer a princípio, as genealogias de Dolores e Lata Grande não figuram aqui como uma espécie de representação do sistema de parentesco das *bôtas* e *botos bons*. O objetivo é tirar outros rendimentos destas duas linhas arborescentes de filiação e consanguinidade. Em parte, porque sabemos que relações de

parentesco sempre transcendem os vínculos consanguíneos. “Um sistema de parentesco não se encontra nos laços objetivos de filiação ou consaguinidade dados entre os indivíduos. [...] é um sistema arbitrário de representações, e não o desenvolvimento espontâneo de uma situação de fato” (Lévi-Strauss, 2008, p. 64). Neste sentido, a importância de tais representações das relações de parentesco entre os golfinhos tem mais a ver com a história e a memória ligadas a estes legados interespecies do que propriamente com os vínculos biológicos entre os botos. Além disso, tais genealogias representam tão somente dois “trechos” de duas linhagens, em meio a uma infinidade de outras relações possíveis. Por questões históricas e conjunturais, foram estes “trechos” destas linhagens que Dido Morais, Euclides Nunes (Tido), Velly Préve, Emi e João da Belinha (Latinha) registraram e Amilton, Eré, Gegê, Vélly Previ e Safico retraçaram e deram alguma continuidade. No entanto, para além de Dolores, Lata Grande e seus descendentes há também as linhagens das *bôtas ruins*; de outras progenitoras entre as próprias *bôtas boas*; das tantas gerações anteriores a Dolores e Lata Grande; das tantas gerações posteriores à Mocinha, Zariguinho, Riquinho, Batman, Robin ou Chicletinho. Além disso, as relações entre estes botos e *bôtas*, de gerações adjacentes ou não, são sempre cruzadas com os humanos. Ou seja, a situação é muito mais rizomática do que os organogramas genealógicos de parentesco podem sugerir. No entanto, tais limitações não invalidam as vantagens da realização destas genealogias, pois produzi-las propiciou informações e entendimentos valiosos, ao criar situações para os pescadores rememorem e discorrerem coletivamente sobre os botos e as *bôtas boas*. Além disso, a elaboração destas genealogias conferiu profundidade temporal às relações entre botos e pescadores, fazendo emergir outras facetas dessa história, como uma curiosa situação de relações interespecíficas de gênero cruzado (volto a este ponto adiante).

Trazer à tona as ideias de tempo e legado entre botos e pescadores em Laguna recuperaram as reflexões de Deborah Bird Rose e Thom van Dooren a esse respeito. De acordo com a autora, cada geração corporificada e real em uma linhagem genealógica são o passado e o futuro, não como entidades temporais abstratas, mas como “temporalidades corporificadas” (Rose, 2012). Neste sentido, o “passado” não está em Lata Grande ou Dolores, assim como o “futuro” não é melhor representado pelos *botinhos* das novas gerações. Cada uma das gerações são “nós de tempo corporificado” (knots of embodied time) (idem).

Em seu capítulo sobre os albatrozes no Atol Midway, Thom van Dooren (2016) descreve detalhadamente algumas características, hábitos e ciclos de vida destes pássaros.

O autor descreve como aqueles albatrozes passam a maior parte de suas vidas sobrevoando os oceanos; qual o formato e as possibilidades de suas asas; suas dinâmicas de voo; as danças e cortes que precedem a formação dos vínculos; o cuidado com os ovos e todo o trabalho empenhado nos voos entre terra firme e oceano, na busca por ovos de peixe, lulas e outros alimentos para os jovens filhotes. Toda a dinâmica demonstra como é dispendido muito tempo, energia e trabalho por parte dos progenitores antes dos jovens albatrozes poderem voar sozinhos. Embora parte significativa dos relatos sobre esta colônia seja concentrada nos esforços reprodutivos e na busca pelo alimento, a narrativa não reduz as vidas daqueles pássaros apenas à “luta pela sobrevivência”. De acordo com a interpretação do autor, cada pássaro em particular é um nó em uma linhagem emergente: um ponto vital de conexão entre gerações. Deborah Bird Rose (2012) chamou isto de “nós de tempo corporificado”, conectando cada geração à próxima (*apud* van Dooren, 2014, p. 29). O tempo, a energia e o trabalho empenhados no surgimento de uma nova geração é o que enlaça uma geração à seguinte, constituindo e preservando uma espécie. “Passado” e “futuro”, portanto, não são horizontes temporais abstratos, mas gerações corporificadas e reais, formadas por ancestrais e descendentes envolvidos em “ricas e imperfeitas relações de herança, nutrição e cuidado” (p. 27-9).

### **Relações Interespecíficas de Gênero Cruzado**

Um ponto chave na elaboração e desenho destas genealogias é o fato de os pescadores saberem apenas quem são as mães dos golfinhos que pescam com eles, nunca quem são os pais. *Botos* e *bôtas* são poligâmicos, vivem de *folia* (que é como os pescadores chamam o intercurso sexual entre eles) e não compartilham os cuidados parentais após o nascimento do filhote. Após o nascimento, a mãe e o filhote se acompanham de forma muito próxima por um período de aproximadamente 3 a 5 anos, que é tempo suficiente para os pescadores identificarem o novo *botinho* e reconhecerem o parentesco entre *bôtas boas* e seus filhotes. *Botinhos* que, futuramente, também *trabalharão* com eles na pesca. “A bôta que é boa, os filhos dela são bons, trabalham”. Por outro lado, os pescadores não sabem quem são os pais, os progenitores, dos botos e *bôtas boas*.

Um dia, de frente para aqueles organogramas de parentesco, percebi que a história sobre a linha de descendência daqueles golfinhos se encerra quando chega em um boto

macho. Na representação genealógica, abaixo da “janela” que representa um *boto bom* não há outros botos ou *bôtas boas*, simplesmente porque os pescadores não sabem a quem aquele boto deu origem. Ao passo que, quando se trata de uma fêmea, sendo ela progenitora, a linha que representa uma história de ancestralidade e descendência continua gerações afora. A única *bôta boa* que não é uma progenitora é a Caroba, considerada pelos pescadores uma *bôta* “falhada” [estéril]. Há, sem dúvida, botos machos que são reconhecidos *botos bons*, sendo sempre mencionados, como Scooby, que provavelmente é o mais célebre dentre eles. Os pescadores discorrem sobre sua experiência, eficácia, “manias” e habilidades, mas nunca sobre seus filhotes. Tais genealogias, portanto, representam algumas matrilineagens de *bôtas boas* e *botos bons* de Laguna.

Em um momento em que experimentava o incômodo de ver a tese incluindo apenas os homens que fazem parte desta história, apresentei ao professor Thom van Dooren, supervisor dessa pesquisa em um estágio sanduíche, algo sobre tais genealogias e essas matrilineagens. Na ocasião, expus a vontade de fazer com que outros gêneros aparecessem no trabalho e comentei algo sobre realizar isso indicando a correlação entre gênero e transmissão de conhecimentos entre os golfinhos envolvidos, já que os filhotes das *bôtas boas* são introduzidos à pesca conjunta por suas mães. Ele chamou minha atenção para o fato de que a questão não era exatamente entre os golfinhos, apenas, mas eminentemente uma questão “*cross-gender interspecies*”. Claro. São pescadores cujas memórias e narrativas sobre as genealogias daqueles golfinhos retraçam histórias de matrilineagens de *bôtas boas* e seus filhotes.

Este ponto sintetiza bastante bem o desafio geral desta tese, relacionado a entrecruzamentos e entrelaçamentos biossociais entre humanos e golfinhos. Não se trata, portanto, de questões de gênero, herança, transmissão de conhecimentos, aprendizagem e desenvolvimento de habilidades ligadas exclusivamente aos pescadores *ou* aos botos, mas *entre* pescadores e botos. A situação aqui, portanto, é de “entreviver” (Marras, 2018). São tarrafeadores envolvidos em patrilineagens de pescadores narrando histórias de *bôtas* e *botos bons* envolvidos em matrilineagens de *bôtas boas*. A situação correlaciona gêneros cruzados, história, memória e narrativa, em um contexto de “socialidade-mais-que-humana” (Tsing, 2013) e legados interespecies (ver Haraway, 2013). Desta forma, temas que sempre foram caros aos modos de organização das sociedades humanas e/ou aos modos de entendimento antropológico destas sociedades podem ser pensados também para “comunidades híbridas” (Lestel et al., 2006) e relações *entre* humanos e outros

animais. Quando os atuais botos, *bôtas* e pescadores em Laguna pescam juntos, eles estão também corporificando as conexões de outros golfinhos, peixes, pessoas, artefatos, ventos e fluxos d'água que tornaram isso possível. Parafraseando Donna Haraway, “juntamente com o boto por inteiro [cão, no original], precisamos de todo legado que é, depois de tudo, o que torna possível todas as espécies de companhia” (2013, p. 38).

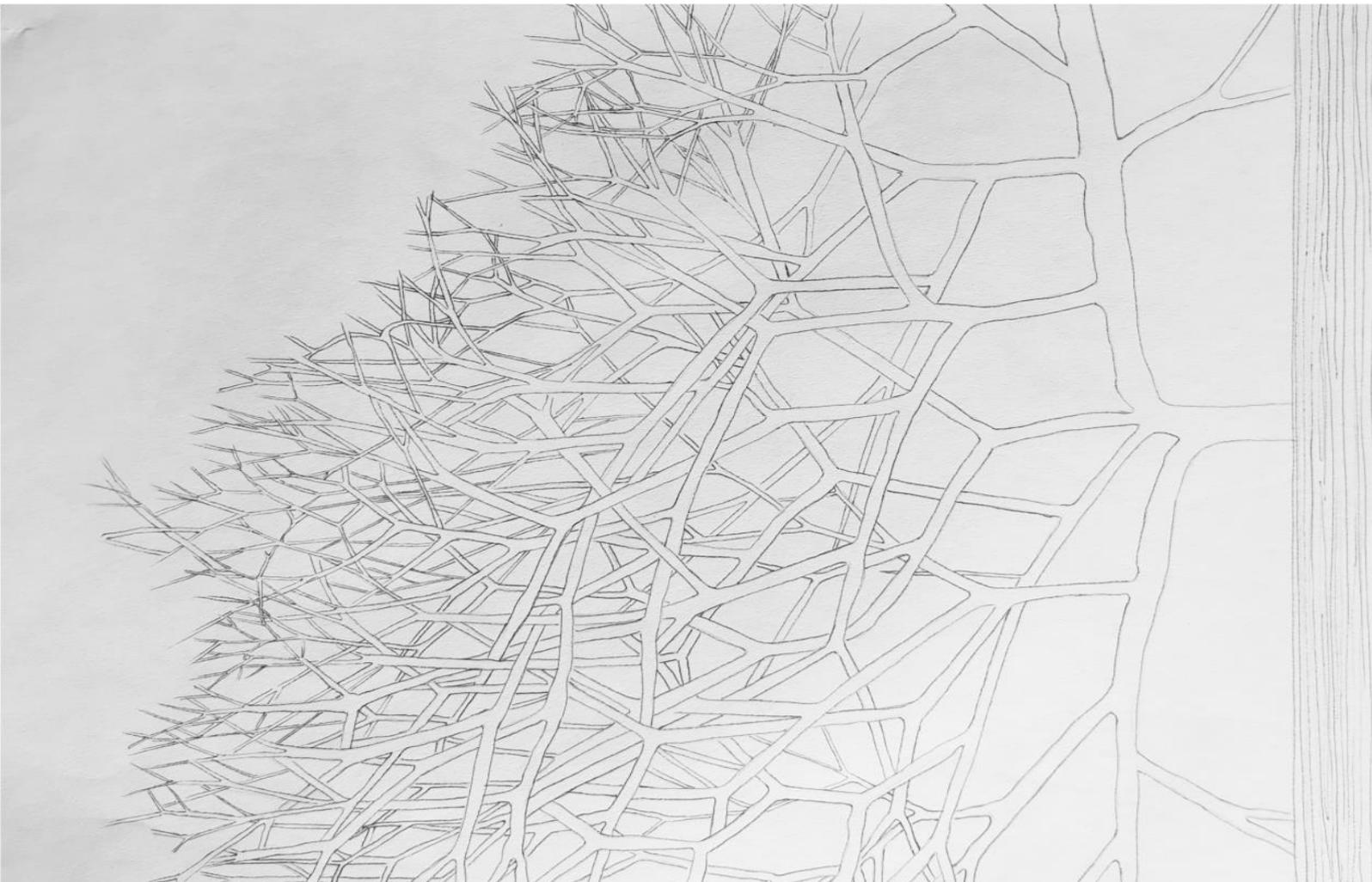
**CAPÍTULO 3****Águas de Fazer Juntos: Co-aprendizagem e Desenvolvimento Interespecífico de Habilidades**

“So, how do dogs and people learn to pay attention to each other in a way that changes who and what they become together?”

(Donna Haraway – When Species Meet)

“We humans, too, are being observed, are ‘part of the feast’”.

(Deborah Bird Rose)



Em Laguna, *bôtas boas* geram outras *bôtas* e *botos bons*, bem como o contrário - “o boto que é ruim, o filho dele é ruim, não trabalha”. O desenvolvimento da habilidade para pesca conjunta requer observação, imitação e prática, para todos os envolvidos. O pesquisador Fábio Daura-Jorge relata ter observado, em Laguna, mães empurrarem seus filhotes em direção aos peixes (Strain, 2012), além de aventar a possibilidade deste conhecimento de pesca estar sendo levado por golfinhos de Laguna àqueles do Rio Tramandaí (RS) (Rosa, 2013). O fato de ser um conhecimento especializado desenvolvido ao longo de várias gerações leva os especialistas a afirmarem que “Laguna’s ‘good’ dolphins may represent an example of a culturally transmitted fishing specialization” (Pryor et al., 1990: 331). No entanto, a ideia de uma “pesca especializada culturalmente transmitida” tem alguns pontos cegos, pois o desenvolvimento de habilidades e a manifestação de uma herança biossocial são processos mais ativos do que a ideia de “transmissão de conhecimento” pode sugerir. Apesar de ser sobretudo a mãe que o filhote observa e imita durante seus primeiros anos de vida, as habilidades necessárias para o engajamento na pesca conjunta não são passivamente herdadas ou transmitidas de mãe para filhote, como se este fosse um processo automático. O engajamento dos botos novos na pesca conjunta é desenvolvido em suas relações com o ambiente, com outros botos mais experientes e com os próprios pescadores.

O que é amplamente estabelecido na literatura especializada é tratar-se de duas linhas verticais e paralelas de transmissão de conhecimentos: de um lado, pescadores que aprendem a pescar com seus pais e avôs e, de outro, botos e *bôtas boas* que aprendem com suas progenitoras. Os pescadores relatam que ainda crianças, com 6, 7 anos de idade, eles já acompanhavam seus pais nas canoas e pontos de pesca. Eré, por exemplo, conta que quando era criança ele levava o almoço para o pai no ponto de pesca e ali, após alguma insistência de sua parte, começou a manusear a tarrafa. Um filho se tornar pescador não é exatamente um anseio familiar em Laguna, mas o cotidiano, a necessidade, o exemplo do pai, as tarrafas ao alcance das mãos e a liberdade que a pesca e a lagoa inspiram parecem falar mais alto. Vários tarrafeadores relatam terem sido desestimulados a “pegar a tarrafa” pelos seus pais, que insistiam para que estudassem e buscassem melhores oportunidades de emprego. Na trajetória de alguns, a pesca chegou quando o pai adoeceu ou teve que se ausentar da pesca por alguma outra razão e o “guri” passou a fazer renda com a pesca, além de buscar os peixes para a família. Em pouco tempo, tais *guris* tinham se tornado rapazes com gosto formado pela *puxada da fieira da tarrafa*. Entre os golfinhos, os filhotes acompanham intensamente suas mães durante os

primeiros anos de vida. É o primeiro período e oportunidade para observação e imitação de seus comportamentos. Biólogos e pescadores afirmam já terem visto *bôtas boas* armarem todo o cerco e empurrarem o filhote na direção do cardume, fazendo com que ele reconheça a situação, pratique e, assim, aprenda a *trancar* ou *apertar o peixe* para os pescadores. Dessa perspectiva, a pesca conjunta em Laguna se perpetuaria por duas linhas verticais e paralelas de transmissão intergeracional de conhecimentos distintos e exclusivos a cada espécie. Porém, há pelo menos três aspectos correlacionados que sugerem outro entendimento do fenômeno.

A aprendizagem não envolve apenas indivíduos de gerações adjacentes – mãe, filhos e filhas, entre os golfinhos. Avôs, pai e filhos, entre os pescadores. Há também “aprendizagem horizontal” (Simões-Lopes et al, 2016). Indivíduos de idades semelhantes que praticam, desenvolvem e aprimoram a habilidade juntos. Pescadores relatam casos de botos com idades aproximadas que *andavam juntos* e começaram a *trabalhar* na mesma época. Porquinho e Araranguá são dois bons exemplos neste sentido. Oriundos de Tramandaí e Araranguá, tudo indica que tenham começado a participar da pesca após migrarem para Laguna. Tal aprendizagem se dá por meio de convívio, observação e imitação de indivíduos mais experientes, que também estão desenvolvendo conjuntamente a habilidade, o que é igualmente válido para os pescadores. Conhecimentos e perícia são desigualmente distribuídos entre os tarrafeadores. Há quem conheça mais os animais com os quais eles pescam, o que favorece a previsibilidade e, assim, a eficácia do *lanço*. Aqueles que não detêm conhecimentos tão apurados sobre os botos e seus comportamentos, valem-se da observação e imitação de pescadores mais experientes. “Se tu não conhece o boto, mas sabe que eu conheço. Se eu tarrafeiar, tu também vai tarrafeiar, porque tu sabe que o peixe está por ali” (Barroso, 2015).

Ademais, os conhecimentos de botos e pescadores não constituem roteiros predeterminados, procedimentos anteriores e independentes da ação e do contexto. Ainda que exista certo “receituário” entre humanos, este só adquire sentido na prática e não abrange todos os aspectos perceptuais, motores e comunicativos envolvidos. A aprendizagem é constante e progressiva, ao longo de sucessivas experimentações práticas, em um contexto marcado pela convivência entre os praticantes de ambas as espécies. Por isso, os conhecimentos envolvidos na pesca conjunta podem ser pensados como *habilidades* (Ingold, 2000; 2010). Para Tim Ingold, as habilidades seriam modos particulares de percepção e ação que emergem nas práticas pelas quais os sujeitos engajam-se no mundo. Elas se definem pelo ajuste constante de movimentos, conforme

o monitoramento perceptual contínuo da tarefa emergente e a exploração ativa das possibilidades ambientais. Sua aprendizagem se dá por meio de uma “educação da atenção” (Gibson, 1986), que tem a ver com a sintonização dos sistemas de percepção-ação dos praticantes com aspectos do ambiente. Irredutíveis à informação transmissível, tais habilidades são cultivadas por botos e pescadores principiantes por meio de prática continuada, conforme eles acompanham atentamente as orientações, demonstrações e ações de botos e pescadores mais experientes.

Cada gesto, de botos e pescadores, é simultaneamente um ato de *imitação e improviso*. Imita-se as ações bem-sucedidas anteriormente executadas por si mesmo e por praticantes mais experientes. Ao fazê-lo, improvisa-se, já que as circunstâncias de cada ato nunca são exatamente iguais às anteriores. Há sempre diferenças no ambiente, de marés e correntes, ventos, peixes, pescadores e botos. É uma imitação, portanto, que introduz diferença (Tarde [1895], 2007). Trata-se de “redescoberta guiada” (Ingold, 2000, p.146; 2010, p.19), pois demonstrar uma prática é presentificá-la para alguém, de modo que possa ser aprendida diretamente, sentindo, experimentando (idem, 2010, p.21). Portanto, o legado das gerações ascendentes de botos e pescadores às gerações atuais não é um conjunto de regras ou esquemas para comportamentos apropriados, mas as *condições específicas* para o desenvolvimento de tais habilidades por seus sucessores (idem, 2000, p.387, grifo meu).

Além desta dimensão vertical, paralela e horizontal da aprendizagem, tal desenvolvimento de habilidades é também cruzado e interespecífico. Isto é, o desenvolvimento das habilidades implicadas nessa pesca não se limita, de um lado, a humanos entre si, de outro, a golfinhos entre eles. Os botos aprendem a pescar com outros botos, e também *com* os pescadores. Os pescadores aprendem a pescar com outros pescadores, e também *com* os botos. A situação é muito semelhante ao “processo de aprendizado co-responsivo”, que Sara Schroer (2014) descreve entre falcoeiros e suas aves de rapina.

[...] Co responsive learning processes that for both falconer and bird involves the mutual making of both ‘becoming falconer’ and ‘becoming falconry bird’ through the activities engaged in (Schroer, 2014, p. 38).

Tanto botos e pescadores quanto falcoeiros e aves de rapina são “parceiros em feitura” (*partners in making*), envolvidos em processos co-responsivos de aprendizagem. Exemplo disso, às avessas, é o que tem acontecido na outra técnica de pesca com os botos

em Laguna, a *batida*. “Está cheio de gurizão pescando lá no rio. Mas eles não esperam o boto bater o peixe, com qualquer saltinho já estão botando a tarrafa. [Por conseguinte,] os botos novos não estão mais aprendendo a bater o peixe”. Ou seja, o lançamento antecipado da tarrafa interrompe a sequência de movimentos dos botos e, no limite, a possibilidade de os novos golfinhos desenvolverem tal habilidade. O que salienta a importância da sintonização entre eles. Trata-se de uma situação de “coordenação multiespécies”, antecipando o assunto do capítulo seguinte. Se alguns dos conhecimentos necessários aos pescadores são diferentes daqueles imprescindíveis a *bôtas* e *botos bons*, a sintonização é a habilidade imprescindível a ambos, que uns e outros devem desenvolver juntos. Essa responsividade mútua e sintonização das ações e dos movimentos é a principal habilidade desenvolvida conjuntamente.

Não se trata, portanto, de uma prática reproduzida por interação de heranças culturais transmitidas em duas linhas verticais e paralelas – de um lado, a série humana, de outro, a série animal. A pesca conjunta surgiu e tem se desenvolvido a partir do entrelaçamento e da co-constituição das linhas de vida de botos, peixes e pescadores que, criativamente, vêm inventando formas de pescar juntos.

Neste sentido, essa colaboração não é resultado da soma de capacidades e comportamentos característicos de cada espécie separadamente. Isto não diz respeito apenas a cérebros grandes, capacidade de socialização e inteligência de humanos e golfinhos, mas sim a florescimentos que têm lugar entre *estes* pescadores e *estes* golfinhos, ao longo dos últimos séculos, naquele ambiente específico. “Ao longo dos últimos séculos”, também, não é nada auto-evidente. Cada geração, de humanos e golfinhos, herda da geração anterior a *condição* ou possibilidade de desenvolver esta habilidade, mas precisa conquistá-la.

### **Animais Singulares e Comunidades Híbridas**

Botos e *bôtas boas*, portanto, desenvolvem comportamentos raros ou pouco usuais, em relação a indivíduos de mesma espécie e outros membros de sua própria população. Como vimos, tais comportamentos - tantas vezes pensados apenas em termos de capacidades morfológicas e cognitivas - jamais estão desconectados das relações destes animais específicos com outros seres e fenômenos de dado ambiente, também específicos. Tais comportamentos são sempre propiciados ou não, favorecidos ou

desfavorecidos, pelas relações que determinados animais estabelecem uns com outros, em termos intra- e interespecíficos, em um dado ambiente. Portanto, as noções de “organismos-em-seu-ambiente” (Bateson, 1972) e “comunidades híbridas” (Lestel, Brunois & Gaunet, 2006) nos parecem bastante apropriadas para pensar o caso de Laguna. Quando nos referimos à determinada espécie, muito além de uma expressão em latim que classifica e descreve sempre o mesmo tipo de ser, diferentes animais (bem como vegetais, bactérias, fungos) são seres particulares, vivendo em meio a dinâmicas igualmente particulares, nas quais se desenvolvem, assim como o próprio ambiente, a partir de suas co-constituições, coabitações, coevoluções e influências mútuas.

O caso da gorila Koko também é exemplar nesse sentido. Koko e sua criadora co-desenvolveram uma linguagem de sinais. Dominique Lestel e colaboradoras (2006) afirmam:

Nothing changed in the brain of Koko, the gorilla that learned a symbolic language. But the human/animal community in which she lived led her to acquire communication skills that do not spontaneously appear in her species (p. 161).

Dominique Lestel, Bussolini e Chrulew (2014) afirmam que “se almejamos entender comportamentos animais pouco usuais, devemos descartar o hábito de pensar em termos de espécies em geral. Em vez disso, deveríamos pensar na singularidade dos animais” (p. 126), sempre envolvidos em “comunidades híbridas” particulares, eu acrescentaria.

### **Eto-ecologia, Organismos-em-seus-ambientes**

Tais habilidades interespecíficas afloram em um meio concreto, em um ambiente específico. Na ecologia das práticas de Isabelle Stengers, um *ethos* - como uma maneira de se comportar própria de um ser - é inseparável do *oikos* - o habitat deste ser. No entanto, não é uma relação de dependência ou determinação.

Quem diz inseparabilidade não diz dependência funcional. Um *éthos* não é uma função do seu meio ambiente, do seu *oikos*, *ele sempre será o éthos do ser que se revela capaz dele*. Nós não o transformaremos de modo previsível transformando o meio ambiente (2018, p. 449).

Neste sentido, o habitat (*oikos* ou meio ambiente) pode ser pensado como um

*affordance*, no sentido gibsoniano do termo (um “propiciador”, ver Gibson, 1986). Aquilo que propicia, ou não, que determinados éthos e habilidades se desenvolvam. Um ambiente, portanto, é muito mais do que um cenário onde a ação se desenrola.

Nós não sabemos de que um ser é capaz, do que pode se tornar capaz. *O meio ambiente*, poderíamos dizer, *propõe*, mas é o ser que dispõe dessa proposição, que lhe dá ou lhe nega uma significação “etológica” (Stengers, 2018, p. 449, grifo meu).

Em sua “ecologia das práticas”, a autora recupera a ideia deleuziana de “pensar pelo meio” (2017, p. 5), onde “meio” pode significar tanto “entre” (“*middle*”) quanto “ambiente” (“*surroundings*” ou “*habitat*”) - meio ambiente ou *oikos*. A necessidade de “pensar pelo meio” significa tanto a ausência de referência a um objetivo basal ou ideal, como a não separação de algo do meio do qual depende para existir (*ibidem*).

‘Through the middle’ would mean without grounding definitions or an ideal horizon. ‘With the surroundings’ would mean that no theory gives you the power to disentangle something from its particular surroundings, that is, to go beyond the particular towards something we would be able to recognise and grasp in spite of particular appearances (2005, p.187).

Por isso, a ecologia de Isabelle Stengers é sempre uma eto-ecologia. Segundo a autora, não há “ecologia relevante” sem uma etologia (ou várias, eu diria) correlata, pois não há etologia independente de uma ecologia particular. Da mesma forma, ela dirá que não há “identidade de uma prática” independente de seu ambiente, o que, mais uma vez, não significa que a “identidade de uma prática” seja derivada de seu meio ambiente. “Thinking ‘par le milieu’ does not give power to environment” (*ibidem*). A autora recorre a Spinoza para nos lembrar de que não sabemos do que uma prática é capaz de tornar-se. O que sabemos é que uma prática é parte do ambiente (*surroundings*) que produz seu ethos. Durante muito tempo, me parecia incompreensível que houvesse tão poucas ocorrências de pescas colaborativas mundo afora. Afinal, tainhas, golfinhos-nariz-tarrafa e seres humanos coabitam vários lugares do planeta. Pensando assim, eu estava concentrada demais nas espécies envolvidas, desconsiderando a relevância de um ambiente propiciador.

As ideias de “etno-etologia” (Lestel *et al*, 2006), “eto-etnologia” (*idem*) e “eto-ecologia” (Stengers, 2005) complementam-se de maneira exemplar. Se, na proposição de Dominique Lestel e colaboradoras a ênfase recai sobre as conexões entre animais humanos e não-humanos, na concepção de Isabelle Stengers o foco recai sobre as relações

entre tais seres e seus habitat. A reunião destas perspectivas abarca as conexões entre animais humanos e outros-que-humanos, em um meio concreto.

Isabelle Stengers nos ensina (2016, p.175) que “o indivíduo isolado não é algo que tem um significado. Assim, a agência não pertence ao humano em si [ou a outros animais, eu acrescentaria], mas sempre ao humano [e a outros-mais-que-humanos] em um meio concreto”. Em processos generativos como este, cadeias multidirecionais de afecções, nas quais corpos afetam e são afetados por outros corpos, cumprem um papel fundamental. Portanto, além de perguntarmo-nos sobre “*quem* são estes humanos e outros-que-humanos” envolvidos, talvez mais valha nos perguntarmos sobre “*o que*, juntos, eles fazem e ‘fazem-fazer’? *Como* eles fazem e ‘fazem-fazer’? Como tornam-se e fazem os demais se tornar?”.

## **CAPÍTULO 4**

### **Águas de Dançar Juntos: Atração e Entendimentos Mútuos**

“There is a strange communication between us. It’s hard to explain, but when you live with them, how I lived for Flipper tv show, day and night, I can read their body language”.

(Ric O’Barry - The Cove)

“Tudo que vive inspira e expira, individual e coletivamente. É assim que as plantas dançam, é assim que dançam as pedras. Dançam, sem qualquer paranoia da aparência, sem qualquer teatro da encenação, sem qualquer movimento mutilado por uma moral qualquer. Dançam como dançam as crianças, antes dos pais. Dançam, libertas do corpo-frase-feita”.

(Adriano Bitarães - Livro Infinito)

## Cais, Laguna, junho de 2016

Eu passava apressada rumo à Tesoura, quando entrevi pela janela do carro certa movimentação no Cais, um ponto de pesca no meio da cidade. Encostei o carro e atravessei a avenida. O Cais é uma pequena área gramada nas margens da Lagoa Santo Antônio dos Anjos, utilizada como calçada e estacionamento. Naquele dia, havia duas canoas bem próximas ao muro de contenção, um pescador em cada uma delas, ambos com as tarrafas a postos.

Não tardou, surgiu o Porquinho, “um boto médio que tem um cortezinho bem no meio da *galha* [nadadeira dorsal]”. Assim que ele chegou em Laguna foi visto lá no Pontal (Tesoura). Sua aparição causou estranhamento, pois aquele boto nunca havia sido visto por ali. Em seu segundo dia em Laguna, o boto foi então batizado por Seu Guerrinha de Porquinho, porque “tinha uma cara esquisita, era um boto feio”. Na ocasião, outro pescador presente também lhe atribuiu um nome, que não prevaleceu, o que Seu Guerrinha conta com um orgulho mal disfarçado. Dizem que aquele boto não nasceu ali e aprendeu a *trabalhar* com os botos mais experientes, quando já era um *boto grado*.

Naquele dia no Cais, víamos, de tempos em tempos, o dorso e a barbatana de Porquinho surgir bem diante das canoas. As tainhas estavam refugiadas em um *alagado* de pedras no fundo da lagoa e o boto se movimentava em busca do ar da superfície, sempre atento aos peixes. Nadava em movimentos semicirculares, o *borrifo* que soltava pelo *respiro* podia ser visto e ouvido da beira da lagoa. Porquinho fazia *voltas* com o corpo, sem nunca se distanciar das canoas. As posturas e os estados de atenção dos pescadores variavam de acordo com os movimentos do boto e a iminência do *lanço*. Alternavam a posição das redes nas mãos, suspensas ou descansadas; a tensão nos braços, rijos ou relaxados; o posicionamento dos corpos, eretos ou sentados nas canoas; o movimento dos olhos, mais ou menos fixos na água, e o ritmo da conversa entre eles. Quanto maior o silêncio e a imobilidade, maior a concentração e a proximidade do *lanço*. Num dado momento, Porquinho fez um movimento mais intenso. Mostrou o peixe. Foi o gatilho para os pescadores lançarem as tarrafas. A circulação das tainhas ecoava nos movimentos do boto. A movimentação do boto ressoava nos corpos dos homens. E assim alinhavam-se os movimentos dos ventos, das águas, dos peixes, do boto, dos pescadores, das canoas e das redes.

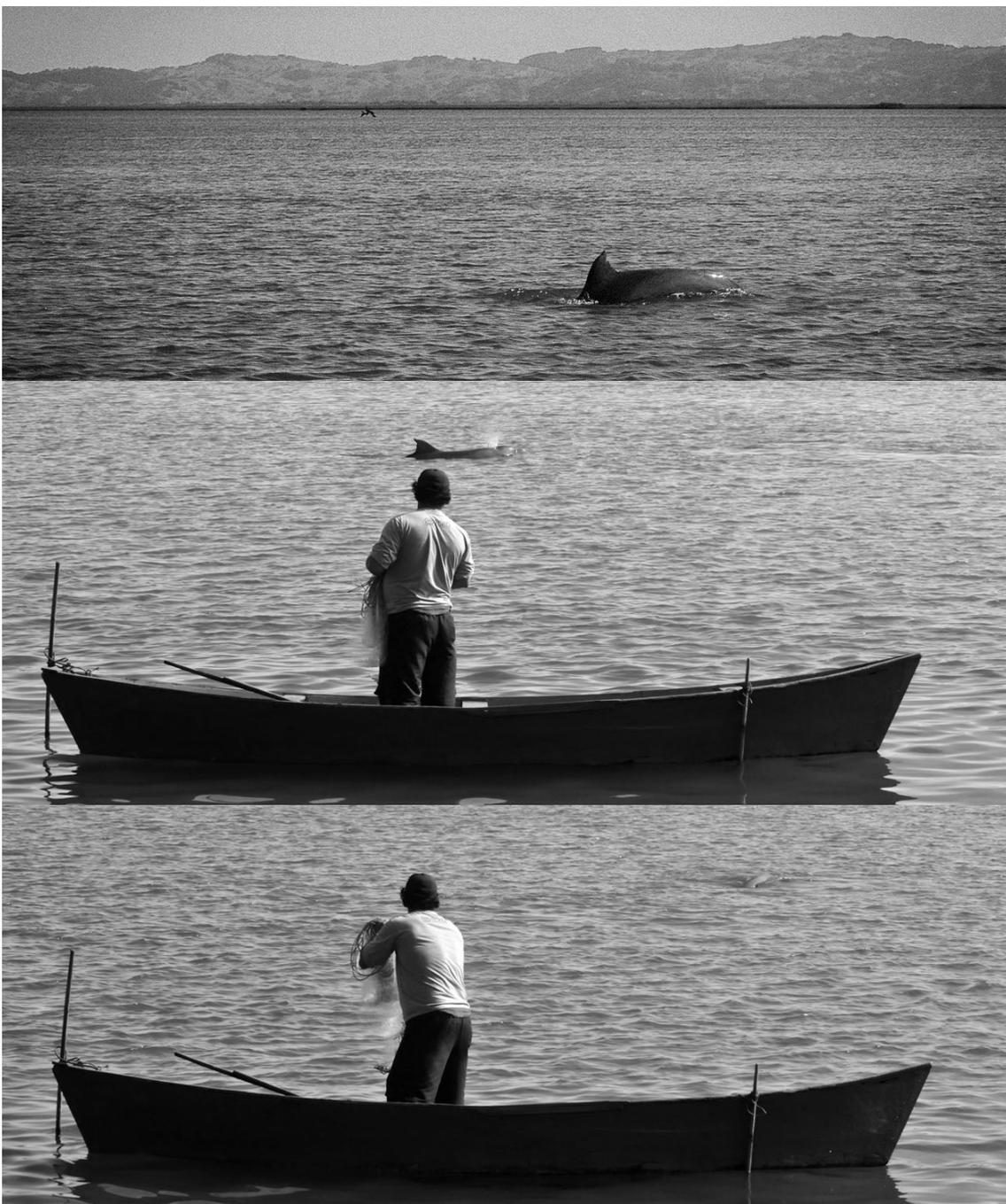


Figura 22 – Sequência boto e pescador no Cais - Laguna, SC (Fonte: Brisa Catão, 2016)

## Reconhecimento e Sinalização

As primeiras questões que dirigi aos pescadores na Tesoura tinham a ver com reconhecimento, tanto dos botos individualmente quanto de seus sinais sobre a localização dos cardumes. Como os pescadores identificavam cada um daqueles animais? Como eram os movimentos dos botos para *mostrar peixe*? Com o tempo, eu perceberia que ambas as perguntas estavam interligadas, pois a capacidade de reconhecer os sinais dos botos tem a ver com conhecer bem quem os executa.

Inicialmente, tanto os golfinhos quanto seus movimentos pareciam-me em tudo muito semelhantes. Todos os golfinhos possuíam uma coloração acinzentada que se misturava com a cor da água, enquanto os pescadores diziam que alguns botos eram mais “branquicentos” e outras “bem pretinhas”. Os movimentos corporais eram quase sempre semicirculares, acompanhados de expirações pelo orifício respiratório, gerando aquele *borrifo* de água tão característico. Os pescadores, por seu turno, descreviam botos que saltavam “mais riscado”, outros que “só faziam a volta”, aqueles que eram mais “calmos” ou mais “violentos”. Os golfinhos circulavam em pequenos ou grandes grupos e de tempos em tempos nos brindavam com a presença de um filhotinho. Era tudo o que eu via, de modo que a princípio a dinâmica da pesca soava bastante aleatória. Como aqueles pescadores reconheciam tantas discontinuidades naquela paisagem aparentemente tão contínua? Como eles destacavam tantas diferenças daquele fundo de aparente semelhança?

Da areia ou mesmo da linha d’água, em geral, visualizamos apenas partes dos corpos dos botos, sobretudo a nadadeira dorsal, cauda e cabeça. *Borrifos*, partes do corpo, rastros dos movimentos. Os pescadores relacionam-se com índices daqueles animais no ambiente, tanto dos golfinhos quanto das tainhas. Estas últimas são reconhecidas através de *restolhos* e *brilheiros* (alterações de textura e reflexos na superfície da água) e também por meio do comportamento dos botos. Um boto ou *bôta boa* rodeando um alagado ou *cheirando peixe na pedra* é sinal da presença dos peixes por ali. Os pescadores, portanto, deduzem a localização e o comportamento dos cardumes por meio da movimentação indicial dos botos e, em menor medida, pela presença de aves, *restolhos* e *brilheiros* na água. Neste sentido, aves e botos são como os *tellers* descritos pelos antigos aborígenes: “another facet of communication is that the world is full of what the Elders who taught me called ‘tellers’. ‘Tellers’ are those

who provide information: they give news of what is happening in the world” (Rose, 2013, 103). Todas estas situações nos falam sobre cadeias de signos espalhadas no ambiente (Sebeok, 1988; Sautchuk, 2007; Kohn, 2007, 2013). Por isso, *impressões na água* – corpos, movimentos, índices e outros sinais, reunidos neste ambiente propiciador.

Os sinais dos botos para *mostrar peixe* podem não ser nada óbvios, pois, aparentemente, tais movimentos não são completamente extraordinários em relação a outros movimentos mais ou menos corriqueiros. No entanto, os pescadores diziam que o *salto* do boto para *mostrar o peixe* era mais forte, agressivo, enérgico ou violento. Inicialmente, os pescadores eram sucintos nas respostas sobre seus reconhecimentos dos movimentos, mas a tônica era sempre a mesma: os sinais dos botos estavam ligados à intensidade de seus saltos. Biólogos que trabalham com essa pesca apontam quatro “sinais particulares” dos golfinhos: exibição do dorso, emersão parcial, batida com a cabeça e com a cauda (Simões-Lopes *et al.*, 2016). De fato, os botos se movimentam, mergulham e exibem tais partes do corpo no momento da sinalização, mas não de forma demasiado incomum. Neste sentido, o que é particular à sinalização não são exatamente os tipos de movimento, mas suas magnitudes.

Com o passar do tempo e com a minha insistência nas mesmas questões, as respostas foram se complexificando.

Todos eles [os botos] são diferentes um do outro, não tem nenhum igual. E cada um tem um jeito de mostrar o peixe (Safico, 2016).

Um botinho pequenininho, o cara não sabe onde ele deixa o peixe, ele ainda não está acostumado a trabalhar, o cara não pegou as manias dele (idem).

Tem boto que deixa o peixe atrasado, tem boto que deixa o peixe adiantado, tem boto que deixa assim do ladinho do corpo (idem).

Quando dá aquela fincada, agora tu já sabe, óh, vai o peixe na frente! Quando o peixe está perto, eles fazem aquela virada assim, aquela envergada, como quem diz, “o peixe está mais para trás”. Aí o cara sabe, vai pegando as manias deles (idem)

O Scooby, ele é um boto misterioso. Não tem, não tem, daqui a pouco ele some, você não vê ele mais. Daqui a pouco, ele está levantando lá na frente. Quer dizer, é um boto de muito fôlego. Ele tem assim óh umas viradas, ele vai lá na ponta da pedra e olha, dá aquela tradicional cheirada, olha, “ah, o peixe tá aqui”. Aí ele vem vindo, devagarzinho, disfarçando, vira as costas para o peixe. Daqui a pouco o peixe sai da pedra, ele pula! (Barroso, 2015).

O Jack já é um boto menor que trabalha longe da pedra. Aqui no canal ele trabalha mais no meio da Tesoura, porque ele deixa o peixe chegar perto dele para pular, antes de o peixe voltar para pedra (idem).

A sinalização, então, é um movimento mais intenso por parte do golfinho em questão, que cada um realiza à sua maneira. Gregory Bateson chama atenção para uma forma de comunicação baseada em sinais cinésicos e paralinguísticos, comum a todos os mamíferos (inclusive humanos) e também a outros animais<sup>44</sup>. Chamada de comunicação analógica e ostensiva, os sentidos dos sinais são determinados pelo contexto e, sobretudo, por variações de magnitude, isto é, diferenças de amplitude, intensidade, velocidade e/ou duração (1972, p. 378-379; 1979, p. 111). Em linhas gerais, tais sinais correspondem a movimentos e posturas corporais, tensões musculares; hesitações, pausas e acelerações; alterações de voz, respiração e expressão facial, entre outros. É justo o que se passa em Laguna. No entanto, é necessário prática e experiência para reconhecer tais variações.

Às vezes, via as tarrafas serem lançadas quando eu menos imaginava e manifestava minha surpresa em voz alta. “Ah gurria, o Caroba mostrou peixe ali na terceira vaga e o cara pegou”, comentava algum pescador na areia, muitas vezes com a tarrafa do pescador na linha d’água ainda submersa. Em geral, os palpites sobre a captura estavam sempre certos. Mesmo sem ver os peixes propriamente, os índices da presença deles ali e todo o transcorrer do *lanço* costumam ser informação suficiente para um pescador experiente. Daí, surgiu o entendimento de que existe todo o transcorrer do *lanço*. A sinalização não se resume a este movimento mais intenso do boto, que é o desfecho ou clímax de uma sequência de índices e ações que começou muito antes dele. Os signos espalhados no ambiente são muito mais abrangentes que o *salto* final do boto. Quando este salto acontece, vários sinais significativos, “marcadores de contexto”, já indicavam a presença dos peixes e a iminência do lance. Os botos já se aproximaram, esperaram as tainhas deixar as pedras (*cheiraram peixe, disfarçaram, boiaram de barriga para cima*), afugentaram o cardume na direção dos pescadores (*trancaram ou apertaram o peixe*) para, finalmente, indicar sua localização. Portanto, reconhecer a sinalização de um *boto*

---

<sup>44</sup> Existe um vasto universo de formas de comunicações não-verbais (cf. Moore, 2010) muito pouco explorado pela antropologia, tradicionalmente concentrada na linguagem verbal humana. Além da comunicação cinésica e paralinguística, podemos mencionar as comunicações háptica (relativa ao toque); cronológica (*chronemics*, relativa à estrutura do tempo); e proxêmica (relacionada ao uso do espaço social). Sobre este último aspecto, ver Heine Hediger, biólogo considerado o “pai da zoobiologia” e todo seu trabalho com proxêmica e arquitetura em zoológicos (sobre H. Hediger, ver Sebeok, 2001). Para uma discussão sobre comunicação *trans-verbal*, entre plantas e pessoas, através de sonhos, visões e ícaros, ver Callicot, 2017. Sobre eco-semiótica (relações dos seres humanos com as plantas), ver Hornborg, 2001. Sobre fito-semiótica (fluxos semióticos inerentes aos processos fisiológicos do reino vegetal), ver Kull, 2000. As comunicações não-verbais estendem-se ainda a habilidades extraordinárias. Algumas pessoas cegas locomovem-se e identificam objetos, distâncias e mesmo texturas no ambiente, por meio de sonar e ecolocalização. Os sons que lhe devolvem imagens acústicas são cliques (estalos) produzidos com a língua no céu da boca. Ver <https://www.estadao.com.br/noticias/geral,cegos-usam-tecnica-para-ver-com-audicao-imp-,740066>, acessado em janeiro de 2019.

ou *bôta boa* inclui muitos outros (re)conhecimentos prévios. De tal forma que os gestos para *mostrar peixe* não são particulares ao repertório total de movimentos destes animais, mas ao contexto de cada *lanço*. Estes gestos, portanto, não constituem um repertório excepcional, mas possuem uma significação que é estabelecida por diferenças de contexto e magnitude. Tal movimentação dos botos influencia a movimentação de peixes e pescadores, ao mesmo tempo em que é influenciada por eles e pelas forças climáticas.

### **Multidirecionalidade**

Durante um bom tempo, considerava os movimentos corporais de botos e *bôtas boas* e o gesto de os pescadores *baterem a tarrafa na água* como os únicos atos de sinalização. Mantive tal entendimento até o dia em que ouvi em trabalho de campo: “se o boto mostrar o peixe uma, duas, três vezes, e o cara não botar a tarrafa, o boto larga o peixe”. Claro. O ato de *mostrar peixe* não é uma sinalização unidirecional. A comunicação entre eles depende de um *feedback* positivo dos pescadores. Ao lançar a tarrafa no local e momento exatos, os pescadores também estão sinalizando para os botos que estão entendendo seus sinais. Co-responsividade. Tal pesca conjunta só é possível, pois existe um engajamento responsivo de ambos os lados. “The material-semiotic exchange between Cayenne and me...it is not a one-sided affair” (Haraway, 2008, p. 206). A emissão recíproca de sinais e *feedback* positivos, portanto, é o que garante entendimentos mútuos, uma boa comunicação e a continuidade da troca.

Além disso, os pescadores sinalizam para os botos, intencionalmente ou não, sua presença no canal e intuito de pesca, quando assumem suas posições dentro d’água. Seus passos pelo banco de areia, a presença de seus corpos dentro d’água e sua movimentação acima e abaixo da superfície são de alguma maneira notadas pelos golfinhos. Portanto, de saída, é preciso abandonar aqui o entendimento de comunicação limitado à linguagem verbal humana em prol de uma definição mais ampla, que abrange outros processos em que os seres se influenciam (voluntária ou involuntariamente, intencional ou não intencionalmente), por meio da “simples” presença de seus corpos e/ou transmissão de alguma forma de sinal. Para a realização de uma pesquisa que envolve tão decisivamente animais não-humanos foi absolutamente fundamental o deslocamento da linguagem verbal para os movimentos, ações e suas influências mútuas.

Botos, peixes e pescadores comportam-se de forma responsiva também em

relação aos movimentos de marés, fluxos hídricos do canal, direção e intensidade do vento e outros fatores ambientais. Os movimentos ajustam-se mutuamente, configurando uma cadeia de ações circular e multilinear. Isso requer de *botos*, *bôtas* e pescadores uma aprendizagem mais complexa - “aprender a aprender” - que implica em responder de maneiras distintas aos “mesmos” sinais, conforme o contexto (Bateson, 1972, p. 279). No caso dos pescadores, eles precisam saber reconhecer os diferentes contextos e sinais. No caso dos botos, eles não responderão da mesma maneira a todos os lançamentos de tarrafa. Ajustarão seus comportamentos de acordo com a intensidade da corrente e o fluxo da maré, por exemplo. Os pescadores contam que, dependendo das condições ambientais, os botos *trabalarão* em *vagas* (posições) diferentes. A relação “estímulo-resposta”, portanto, não é automática ou pré-fixada. Por isso, a relação entre botos e pescadores em Laguna não tem absolutamente nada a ver com adestramento.

Embora exista entendimento e sintonização entre tarrafeadores e botos, não existe algo como uma convenção compartilhada entre eles, segundo a qual gestos determinados possuiriam significados preestabelecidos. Em uma expressão de Adriano Bitarães, os movimentos de botos e pescadores não são movimentos de “corpos-frases-feitas”. Há sempre doses imprevistas de criatividade e improvisação envolvidas. Quanto mais experientes forem uns e outros, maior o repertório para criar e improvisar.

A sintonização, portanto, surge como a capacidade de atuarem de forma *ajustadamente* responsiva uns aos outros. Uma questão fundamentalmente relacionada à confluência de diferentes temporalidades, humanas e mais-que-humanas. “Across radical difference and beyond human intention, modes of creative coordination emerge” (Gan, 2016). Conforma-se, assim, uma situação de “coordenação multiespécies” entre diferentes temporalidades - “coordinations become meaningful through articulations of timing that enact continuities and ruptures” (Gan, 2016, p.viii). Cada lançamento de tarrafa de um pescador é, ao mesmo tempo, fruto e expressão desta coordenação entre temporalidades diversas. Para cada lançamento de rede e captura de peixes, é preciso que diversos seres, fenômenos meteorológicos e artefatos estejam em “correspondência” (Ingold, 2016).

“Pescadores de fora estragam o boto porque não tem experiência e o boto não gosta de tarrapear na cega”, relata a Peterson um daqueles tarrafeadores (2005, p. 32). Ou seja, tais pescadores “estragam o boto” por não possuírem o *timing*, o ajuste rítmico correto e necessário. Se eles não se comportam assim, eles não estimulam este mesmo comportamento por parte dos *botos bons*. Há uma quebra na co-responsividade.

Pescadores inexperientes não acertam o compasso entre reconhecer um sinal corretamente e lançar a tarrafa no momento e local indicados. Eles “não sabem brincar”. O mesmo pode acontecer com os botos. Dizem os pescadores que o filhote é pego na tarrafa, porque, após a mãe sinalizar, ele apressadamente avança na direção do cardume e isso faz com que seja enredado. O que sugere que os botos sinalizam e esperam a tarrafa cair na água para, eventualmente, se aproximar e *cavar um peixe na tarrafa* ou capturar um peixe em fuga. O emalhe do filhote inexperiente, portanto, acontece por uma falta de sincronização entre os movimentos de sinalização, lançamento da rede, abertura da tarrafa e aproximação do boto para captura do peixe. Assim como o pescador inexperiente, o filhote iniciante ainda não possui o *timing*, a apuração rítmica correta e necessária para a boa dinâmica na pesca conjunta. Os casos de emalhes dos filhotes demonstram que o tempo despendido na abertura da tarrafa debaixo d’água pode ser decisivo na dinâmica da pesca. O tempo de abertura da tarrafa dentro d’água e os diversos movimentos envolvidos em seu manuseio (lançamento, recolhimento, arrasto, desmalhe dos peixes, limpeza e preparação para o próximo lance) participam decisivamente da temporalidade mais-que-humana desta pesca. O modo de funcionamento da tarrafa é uma peça importante na dinâmica e repetição dos ciclos de aproximação, cerco e sinalização dos botos, eventual captura das tainhas, revezamento entre os pescadores. A tarrafa é um elemento decisivo para a caracterização dessa pesca como uma pesca lenta (*slow fishing*).

Segundo Sara Schroer (2014), as condições climáticas, como uma atividade em andamento, influenciam nos movimentos de animais humanos e não-humanos e nas maneiras como eles percebem o mundo. Esta influência das condições climáticas sobre os movimentos de aves de rapina, falcoeiros e suas presas foi chamada pela autora de “weathering”. Em Laguna, “o vento sul faz o peixe correr, viajar” e “a quebra da maré é uma hora boa para peixe” (porque a alteração no sentido do fluxo d’água faz o peixe se movimentar). As forças climáticas movimentam os corpos de animais humanos e não-humanos e estes mesmos corpos e movimentos influenciam-se mutuamente.

A chegada dos botos no canal faz os pescadores entrarem na água. Enfileirados, eles formam um anteparo com seus corpos dentro d’água, trabalham em *equipes* e tarrafeiam de modo coordenado, entre si e com os botos. As tainhas navegam e são capturadas em cardumes. As pedras formam aglomerados no fundo e nas laterais da lagoa. A saída das tainhas das pedras faz os botos afugentá-las na direção dos tarrafeadores. Os ventos formam *quadradas de vento* e atuam em sequências e combinações. Os fluxos d’água, correntes e marés, combinam-se e revezam-se. Os *botos* e *bôtas* vivem em grupos.

Um certo movimento por parte de algum boto ou *bôta boa* fará um pescador lançar sua rede. O lançamento de uma tarrafa propulsiona o arremesso de tantas outras. Uma rede cheia de peixes fará o tarrafeador sair da água e assim ceder sua *vaga* a outro que esperava. Cada variação ganha sentido em relação ao fluxo anterior e subsequente. Mesmo os marasmos e esperas, tão comuns nas pescarias, são repletos de acontecimentos. Enquanto “nada acontece” e os pescadores estão um tanto entediados, “apenas esperando”, o vento está ventando (ou não), a maré está enchendo ou vazando, as correntes marítimas estão correndo, as tainhas estão circulando, os golfinhos estão navegando, até o momento *confluyente* em que o encontro entre eles acontece. O movimento existe mesmo quando temos a sensação de que “nada está acontecendo”.

À ideia de *weathering*, portanto, acrescentaria algo como *embodying*, no sentido de “corporificação”, pois, além das condições climáticas, os corpos e movimentos de uns geram e contêm os corpos e movimentos de outros. *Embodying* pode significar “dar uma forma tangível ou visível a algo” ou “incluir ou conter algo como uma parte constituinte”. Ambos sentidos possuem significado aqui. “Dar uma forma visível ou tangível”, “corporificar”, um estímulo externo. Cada corpo e movimento inclui ou contêm outros corpos e outros movimentos, como partes constitutivas de si mesmo. Nos termos de Vincianne Despret (2004), isso soa como antrozoogêneses.

Portanto, não é troca ou composição baseada em uma linguagem verbal, mas em uma sintonização co-responsiva entre corpos, ritmos, movimentos e temporalidades humanas e mais-que-humanas. Anna Tsing (2013b) recorre à expressão “conhecimento cinésico” (*kinetic knowledge*), muito pertinente para o caso dessa pesca, para se referir ao conhecimento dos coletores de cogumelos sobre a “navegação” na floresta e a movimentação de seus corpos nesta atividade. Na pesca conjunta, não são trocas de mensagens entre sujeitos individuais, mas sequências de movimentos entre coletividades. Logo, subjetividades e perspectivas individuais importam menos do que as ações coletivas e os fluxos generativos. O foco recai sobre as ações e a sintonização entre variados movimentos, influências mútuas e coordenação entre temporalidades humanas e mais-que-humanas. Como os movimentos de uns geram os movimentos de outros? Quais os efeitos de suas ações nas ações dos demais? A ideia foi criar imagens da co-responsividade e da sintonização entre peixes, botos, pescadores, artefatos e forças climáticas. Sob esta ótica, a pesca conjunta em Laguna, como a atividade de coletar cogumelos nas florestas de Oregon, assemelha-se a uma dança multiespécies (ver Tsing, 2013). Nas palavras de Starhawk, “[...] a natureza canta e fala, e o mundo inteiro se

comunica conosco. Nisso, podemos reconhecer outra definição de magia: a magia seria a arte de se abrir e ouvir profundamente essa comunicação” (2018, p. 55).



Figura 23 – Voo da tarrafa no Cais - Laguna, SC (Fonte: Brisa Catão 2016)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesca conjunta é um exemplo e um convite à colaboração, em suas mais diversas manifestações. Embora estejamos cercados de narrativas que insistem em dizer o contrário, a vida depende muito mais das colaborações, mutualismos e simbioses do que do egoísmo, do individualismo e da competição. Demonstrações a este respeito estão por toda parte. Antônio Donato Nobre, um renomado climatólogo, menciona um exemplo maravilhoso: árvores mais robustas puxam e retêm água do solo durante o dia e redistribuem esta água rizomaticamente durante a noite.

As árvores não estão competindo umas com as outras, elas estão colaborando. As raízes estão interconectadas com as micorrizas, elas trocam nutrientes, trocam informação. Durante o dia a árvore grande puxa água do solo com as raízes superiores, puxa lá de baixo, 20 metros de profundidade, com a raiz pivotante, e leva tudo para copa. Ela usa a água para ela. Durante a noite, as raízes superficiais invertem o fluxo, a água exsuda pelas raízes superficiais. Sem essa água superficial, as árvores jovens não teriam condições de se estabelecer, então as grandes mantêm as jovens<sup>45</sup>.

“A colaboração é a lei mais importante, mais importante que a competição, que existe e é importante, mas secundária e subordinada” (Nobre, 2017), ele continua. As próprias células complexas originaram-se de endossimbioses intracelulares, em que microorganismos de vida livre se associaram e desenvolveram algo muito mais complexo em associação (Margullis, 2001). No entanto, várias narrativas sobre a “natureza”, os animais e demais organismos insistem em reafirmar uma luta egoísta e desvairada pela sobrevivência, às vezes justificada pela perpetuação dos próprios genes a descendentes férteis (ver Dawkins, [1976] 2007). Não se trata apenas de certa literatura especializada, vertentes biológicas e ecológicas, mas de convicções profundamente arraigadas também em outras narrativas e no próprio senso comum sobre as vidas dos animais. Em sua imensa maioria, as vidas dos animais narradas por canais de televisão, como Animal Planet ou National Geographic, por exemplo, envolvem fugas, perseguições e mortes, em uma famigerada “luta pela sobrevivência”. Boa parte das produções mostram animais sendo devorados por seus “predadores” ou tentando desesperadamente escapar deles. Ou seja, há uma constante produção de narrativas sobre uma “natureza implacável” e organismos constantemente engajados na luta pela sobrevivência. É como se as relações

---

<sup>45</sup> Trechos de uma entrevista que Antônio Nobre concedeu a Bruno Torturra, em um episódio de *Córtex*, do Estúdio Fluxo, em março de 2017. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=\\_9-fia-bdlo](https://www.youtube.com/watch?v=_9-fia-bdlo), acessado em julho de 2017. O exemplo das árvores diz respeito a um fenômeno chamado retrolocação hidráulica.

entre os animais se limitassem à predação e à procriação. Tudo isso existe, é claro, mas existem também outras coisas, como colaboração, descanso, brincadeira.

No entanto, há um enobrecimento do egoísmo nas interpretações mais difundidas sobre as relações entre os mais diferentes organismos. “One raven stealing from another is just nature; one raven giving to another is a perversion in want of an explanation” (van Dooren & Despret, 2018). Por isso, ao longo dos últimos anos, a pergunta mais recorrente diante do fenômeno da pesca conjunta, por parte de diferentes interlocutores, foi: “mas, o que os botos ganham com isso?”. [...] “Who gets what from an interaction is, in many ways, the central question of biology after Darwin” (idem). Questão central não só para uma certa vertente da biologia, eu acrescentaria, pois o questionamento sobre “quem ganha o quê com esta interação” surgiu da parte dos mais diversos interlocutores. Ideal seria poder ter respondido como Júlio Córdazar:

Mas, que sentido pode ter esse porquê quando o que se busca com a resposta não é mais que tapar um buraco, pôr a tampa numa panela escandalosa que ferve e referve para ninguém? Enguias, sultões, estrelas, professor da Academia de Ciências: é de outra maneira, de outro ponto de partida, para outra coisa que se deve emplumar e lançar a flecha da pergunta (Córdazar, 1974, p.43).

Tal questionamento é absolutamente sintomático de um certo imaginário individualista e egoísta profundamente arraigado. Existe uma crença tão difundida no egoísmo na “natureza”, que alguns golfinhos conduzirem cardumes até pescadores e lhes indicarem a localização dos peixes soa muito estranho se, de alguma forma, eles não se beneficiarem com este comportamento. Se tais golfinhos estiverem *ganhando* alguma coisa com isso, tudo se justifica. Se este benefício for peixes, então, tudo está perfeitamente em ordem. Quando eu não queria prolongar a conversa, respondia simplesmente que os botos usavam os pescadores como anteparo e que as tarrafas desagregavam o cardume, facilitando a captura dos peixes. Tal resposta sempre parecia suficiente. A ideia de que os golfinhos também estão se beneficiando de alguma forma e, por isso, não se trata de um comportamento gratuito ou altruísta, faz tudo parecer muito mais razoável. Sob esta perspectiva, a formulação dos pescadores e de outros moradores de Laguna de que “os botos bons levam os peixes para os pescadores” é considerada uma “crendice popular”, “lenda”, “folclore”, ignorância, romantização. É estranho, pois mesmo se os botos estivessem agindo exclusivamente em causa própria ao usar os pescadores como anteparo, eles estariam, ainda assim, levando os peixes para os

pescadores. Mas algo parece dizer *ou* os botos se beneficiam *ou* beneficiam os pescadores, *ou* são egoístas *ou* são altruístas.

Entre os próprios pescadores, os pesquisadores e os moradores da cidade, variam as hipóteses sobre as motivações das *bôtas* e *botos bons*, bem como os relatos de sua participação. Alguns pescadores dizem que os botos agem em prol dos pescadores:

Tem dias que o boto está mais para trabalhar para o pescador do que para comer. O boto toda vida pulando, não quer nem saber de comer peixe. Eu afirmo. O boto mais trabalha para o pescador do que para comer. Ele pode riscar lá no meio do canal e comer lá. Aqui, tem dia que o boto pula em uma, duas, três, quatro, cinco mantas de peixe e não come nenhum (Amilton, 2015).

Outros pescadores defendem que os botos agem em benefício próprio: “o boto salta para comer e o pescador bem intrometido bota a tarrafa no meio” (Gegê, 2016). Há, ainda, aqueles que aliam as duas coisas: “na verdade, ele ajuda nós. Ele pula para comer e já está dando o alimento para nós também” (Barroso *in* Bocchino, 2015). Perspectiva esta que me parece mais interessante: os botos ajudam os pescadores e a si mesmos, e vice versa. Não precisa, necessariamente, ser *ou* uns *ou* outros.

Em termos da captura das tainhas, argumenta-se a favor da desagregação dos cardumes pelas tarrafas, facilitando a predação dos peixes desorientados. Alguns pescadores consideram também que os botos *cavam na tarrafa*.

Isso aqui é um barranco, um declive, aí o cara joga a tarrafa, que vai abrindo devagarinho debaixo d’água. Tem uma parte dela que é a última a tocar na areia. Dali o peixe escapa e o boto pega (Safico, 2016).

Certos pescadores relatam ser possível ver, em dias de águas claras, os botos levantando as bordas da tarrafa submersa com o rostro ou a nadadeira caudal para pegar um peixe enredado.

O pescador tarrafeia em cima do peixe. No momento que o peixe está embaixo da tarrafa, ele [o boto ou *bôta*] vai cavando embaixo da tarrafa, levanta o chumbo, o peixe sai, ele vai e come (Zênio Monteiro *in* Bocchino, 2015).

O boto cava na tarrafa. Levanta a tarrafa com a cola [nadadeira caudal] e pega o peixe. Se tiver tarrafa no recurso não dá para ele fazer isso, porque senão ele entra pelo cano (Safico, 2016).

“Tarrafa no recurso” é a tarrafa lançada logo após o primeiro arremesso, pelos tarrafeadores que estão nas adjacências do tarrafeador que está na *vaga* e, por isso, tem prioridade. “Entrar pelo cano”, nesse caso, significa o boto se emalhar na segunda tarrafa

lançada. No entanto, segundo o pescador Safico: “nem todos os botos roubam na tarrafa e nem tudo que eles roubam eles comem. Roubam para soltar, para comer, às vezes para roubar de novo” (Safico, 2015). A declaração de Safico sugere que os botos podem capturar as tainhas também para brincar com elas. Às vezes, os botos jogam as tainhas para o alto e, não raro, alguns peixes capturados têm as marcas dos dentes dos golfinhos, são as tainhas *machucadinhas*. As opiniões dos pescadores, portanto, variam. Não há uma opinião unânime por parte de todos eles. Por isso, são um pouco descabidas afirmações muito generalizantes, como fiz tantas vezes, em que enuncio “os pescadores dizem” ou “os pescadores pensam”, pois eles formam um coletivo heterogêneo com opiniões internamente diversificadas.

Diante desta situação, portanto, é uma falsa alternativa que nos faz perguntar: os botos, então, estão agindo em benefício próprio *ou* em benefício dos pescadores? Seus comportamentos são altruístas *ou* egoístas? Altruísmo ou egoísmo, cooperação ou oportunismo, a preocupação de fundo a tal qualificação parece ser sempre de ordem econômica ou utilitária. Qual seria a vantagem em participar desta relação? O que pescadores e, sobretudo, os próprios golfinhos ganhariam com isso? No entanto, parece reducionista pensar estas relações entre botos e pescadores apenas em termos de vantagens individuais no acesso a recursos alimentares ou energéticos. O problema, então, não está na diversidade das respostas, mas nas próprias perguntas. Além disso, aparentemente simples, tais perguntas guardam equívocos terminológicos, exageros dualistas e simplificações de situações de cooperação.

Em um artigo recente sobre cooperação e evolução, Thom van Dooren e Vinciane Despret (2018) apuram a terminologia sobre as noções de egoísmo, competição, altruísmo e cooperação, tal como acionadas por parte da literatura especializada. Em linhas gerais, esses termos assumem sentidos diferentes nas definições evolutivas e psicológicas. Como bem notam os autores: “[...] in an evolutionary context, selfishness and altruism are not at all concerned with motivations” (ibidem, p. 6). Nesse sentido, “trees can be altruistic or cooperative if they evolve to grow in ways that make room for each other” (ibidem, p. 3). A terminologia causa confusão, pois, apesar de as palavras serem as mesmas, em contextos evolutivos seus sentidos diferem daqueles amplamente difundidos, em que as noções estão associadas às motivações dos sujeitos: “‘altruism’ requiring that an action be deliberately directed towards another’s wellbeing (often at cost to oneself), and ‘selfishness’ that one deliberately act in one’s own interest with little or no regard for others” (ibidem, p.6). Diferente disso, quando o assunto é evolução:

An action is called “selfish” regardless of whether or not the actor deliberately seeks benefits for itself. Similarly, an action is called “altruistic” if it benefits a recipient at a cost to the actor regardless of whether or not the actor intended to benefit the other [or even intended to perform the act] (de Waal *apud* van Dooren & Despret, *op.cit*, p.7-8).

Recorrendo a Frans de Waal, os autores destacam ainda a importante diferença entre “função” e “motivação”, frequentemente compreendida como uma distinção entre causas “últimas” e “próximas”, respectivamente (*ibidem*, p. 6-7). Diante disso, o que nos parece fundamental é recusar perguntas e respostas que operem na chave ou/ou: *ou* comida, eficiência e vantagens energéticas, sociais e evolutivas *ou* relação, afetos, interesses e significados compartilhados entre pescadores, *bôtas* e *botos bons*. Supomos que diferentes arranjos (de funções e motivações) estão envolvidos, variando em contextos, graus e intensidades, entre indivíduos da mesma e de diferentes espécies.

Certamente, tanto botos e pescadores estão *ganhando* muito com isso. Só não estou tão convencida de que uma certa vantagem mútua na captura de peixes seja a única ou principal razão desta associação. Há mais criatividade, afetividade, curiosidade, complexidade e amorosidade nestes vínculos do que apenas eficiência na captura de peixes. Acredito que a busca pelos peixes e a eficiência existam e sejam muito importantes, mas imagino que não sejam os únicos ou principais motivos.

Tenho a impressão de que as classificações das interações ecológicas são baseadas em um modelo um tanto economicista e utilitarista das relações entre os seres, como se as perguntas por trás das categorizações fossem sempre “quem está ganhando” e “quem está perdendo” com aquela associação. Como se os organismos estivessem sempre envolvidos em relações de *trade-off* (este, inclusive, que é um princípio da economia). Ou seja, está sempre em questão um certo “saldo” entre custos e benefícios nas relações entre os seres. O organismo pensado desta forma está sempre em busca de vantagens individuais. Parece haver, portanto, uma concepção de organismo um tanto individualista, egoísta e competitiva. Esta maneira de perceber as interações entre os seres me parece demasiadamente espelhada em um certo modelo social, econômico e político hegemônico. Haveria outras maneiras de olhar para as associações ecológicas sem ser nos perguntando sobre quem ganha e quem perde com aquela relação? Uma alternativa poderia ser nos perguntarmos sobre como aqueles organismos se desenvolvem, se co-constituem, como colaboram (ou não) uns com os outros e constroem, assim, vínculos

com arquiteturas complexas. As correlações que traçamos entre certos modelos ecológicos e político-sociais têm também a ver com os modelos e repertórios de explicação que são naturalizados. Salientar o egoísmo, o individualismo e a competitividade nas relações entre os mais diferentes seres produz resultados muito diferentes daqueles gerados ao enfatizar a criatividade das conexões e colaborações entre diversas formas de vida. Não estou sugerindo, com isto, que as relações entre todos os seres sejam uma espécie de grande “conto de fadas”, mas que nosso olhar sobre tais relações tende a projetar sobre elas uma forma de entendimento baseada em um modelo econômico, político e social que não necessariamente lhes diz respeito.

Há alguns anos, em antropologia, nos demos conta que nossos conceitos antropológicos podem não ser suficientes para entender outras realidades muito diferentes das nossas. Percebemos que nosso arcabouço conceitual pode dizer muito mais respeito a um certo modo de organização e pensamento ocidental do que aos modos de vida e pensamento daqueles aos quais vamos de encontro. Portanto, não poderíamos mais simplesmente nos provir de outros conhecimentos e modos de vida como conteúdos para preencher e reafirmar nossas formas teóricas e conceituais. Mais interessante passam a ser as empreitadas antropológicas dispostas a rever a si mesmas, suas práticas, ferramentas e arcabouços teórico-conceituais, a partir daquilo que outros seres, modos de vida e de pensamento nos apresentam. Suspeito que seja também desta forma que possamos olhar para as relações entre outros organismos, de modo a deixar que elas subvertam nossos modelos e quadros conceituais e ideológicos de origem.

Não suponho que tais relações, entre os mais diferentes seres, sejam exclusivamente colaborativas. Antônio Nobre, novamente, é quem diz que:

[T]em uma severidade na natureza, mas é uma severidade ligada ao amor. E a natureza age dentro do princípio do amor na sua maior profundidade, porque ela é severa quando tem que ser severa e isso favorece o desenvolvimento da riqueza, da biodiversidade (Nobre, 2017).

Ou seja, claro que há também individualismos, predações e competitividade, mas “mesmo um predador, ele participa de um processo que no cômputo geral é amoroso, é um processo de construção, de enriquecimento” (idem). São relações, portanto, em que as vidas, desejos e necessidades de uns apresentam-se como contenções às vidas, desejos e necessidades de outros, em fluxos de vidas e mortes entrelaçadas.

Esta população de botos em Laguna está profundamente ameaçada. Estes animais estão sofrendo com a contaminações de seu habitat e, além disso, estão morrendo,

desenfreadamente, em redes de pesca ilegalmente afixadas na lagoa. Até meados de 2017, a legislação ambiental permitia que estas redes fossem estiradas ao longo de um terço da extensão entre as margens da Lagoa Santo Antônio dos Anjos. Neste formato, as redes podiam ser colocadas alternadamente, em “zigue-zague”. No entanto, à revelia da legislação, tais redes são covardemente afixadas de fora a fora entre as margens da lagoa. Como os botos podem passar pelo trecho e não ser enredados? Conhecidas como *feiticeiras* são redes com três *panos*, isto é, três camadas de náilon, o que torna quase impossível para os animais, uma vez enredados, conseguirem se soltar. Rostro e barbatanas se prendem na rede e, dizem os pescadores, quanto mais eles se mexem, mais eles se *engalham*. Emalhadados, os botos morrem asfixiados por afogamento. Afinal, são mamíferos aquáticos de respiração pulmonar que precisam vir à superfície buscar oxigênio.

A foz do Rio Tubarão é o local com maior concentração de uso irregular destas redes. Em julho de 2018, Tufão, um *boto bom*, foi encontrado morto, boiando, com uma rede enrolada no corpo. Foi o terceiro animal morto, só naquele primeiro semestre de 2018. O episódio gerou mobilização popular em Laguna e algumas centenas de pessoas se reuniram e manifestaram nos Molhes da Barra, impulsionando a criação de um Projeto de Lei (nº 033/18), apoiado por unanimidade na Câmara dos Vereadores da cidade, que proíbe a pesca com rede de emalhe, de qualquer modalidade, a partir da entrada do canal da Barra, passando por toda extensão do canal, até os bairros do Areial e Arrebentão. Foi também proibida a pesca de bagres com redes de emalhe no Rio Tubarão, desde a divisa com os municípios de Capivari de Baixo e Tubarão, até a saída dos Molhes da Barra para o Oceano Atlântico. A medida é louvável, no entanto naquele mesmo ano (2018), após a medida, outros 13 animais foram encontrados mortos na região. O mais alto índice de morte entre os botos nos últimos dez anos, pelo menos. O que pode uma legislação ambiental sem conscientização por parte daqueles que colocam as redes e sem efetivo policial para fiscalização? A situação é complexa, como alertam os especialistas:

Não adianta só proibir a rede de emalhe, mas [é preciso] também pensar de forma mais abrangente. Precisamos regulamentar uma série de outros parâmetros. Não temos nenhum plano de manejo para situações mais extremas, como um provável vazamento de produtos tóxicos ou químicos durante o transporte da balsa, por exemplo. Nossa fragilidade ambiental é muito grande. A pesca clandestina é só a ponta do *iceberg*. Temos outros problemas graves como a contaminação das lagoas e o estresse dos animais, que não podemos esquecer. São várias as frentes que precisam ser atacadas de forma conjunta (Russo *in* Elis, 2018).

“Precisamos reconhecer e mudar a forma de ver o rio [Tubarão] e a Lagoa Santo Antônio dos Anjos” (Castilho *in* Elis, 2018). Esta população de golfinhos convive com uma degradação sistemática da lagoa. Rejeitos de atividades industriais e agrotóxicos contaminam as águas do complexo lagunar. A estimativa é que 25% destes botos possuam algum tipo de lesão dérmica (Castilho *in* Lima, 2018). Dentre elas, a mais ameaçadora é a lobomicose, uma doença fúngica, transmissível, que amplia o número de infecções dos animais e se prolifera de acordo com baixas imunológicas. Animais jovens estão com deficiência imunológica e contraindo doenças mais precocemente, que podem ser agravadas ao longo do tempo por questões externas, como poluição e perturbações no ambiente, como ruídos de embarcações etc. O adoecimento dos animais e a morte nas redes de pesca são fatores combinados.

O que acaba matando é a rede, mas a gente não sabe se o animal já estava surdo, com infecções ou outras doenças. Muitos que morreram emalhados tinham outros problemas que vão destruindo as capacidades motoras (Castilho *in* Lima, 2018).

O ano de 2018 foi especialmente desastroso. Foram encontrados 16 botos mortos na região, pouco mais que o triplo de 2017 e o maior número de mortes desde pelo menos 2012, quando o monitoramento da população começou<sup>46</sup>. Ao menos 9 dentre estes 16 animais faziam parte da população residente de Laguna. Considerando que o grupo é formado por cerca de 50 golfinhos, quase 20% da população de botos de Laguna morreu apenas em 2018. Desafortunadamente, a taxa de natalidade não é tão alta quanto aquela de mortalidade. Para agravar ainda mais a situação, muitos animais jovens estão morrendo. Dentre as 9 mortes registradas, ao menos 5 foram de filhotes e outros animais em desenvolvimento. A inexperiência, o excesso de curiosidade e a ignorância em relação ao que pode ser uma ameaça são alguns dos fatores que contam para um alto índice de mortandade entre filhotes e juvenis. De acordo com o especialista Pedro Volkmar Castilho:

Vai chegar uma hora em que não teremos mais indivíduos para reprodução. Isso pode criar uma espécie de hiato reprodutivo. Se houver uma queda imunológica, pode ser que a gente perca toda a população de uma vez (Castilho *in*: Lima, 2018).

---

<sup>46</sup> Números de botos mortos por ano, entre 2009-2018: 1 (2009); 1 (2010); 2 (2011); 2 (2012); 5 (2013); 6 (2014); 1 (2015); 7 (2016); 5 (2017); 15 (2018). (Lima, 2018).

Em dezembro de 2018, todos em Laguna presenciaram um episódio especialmente dramático. Um boto filhote morreu e sua mãe se recusava a se afastar de seu corpo. A cada vez que alguma embarcação se aproximava, com pessoas da universidade e da polícia ambiental encarregadas de recolher o corpo do boto e dar início aos encaminhamentos de praxe, a *bôta* mergulhava com o corpo de seu filhote e reaparecia tempos depois em outro local da lagoa, em um comportamento de luto<sup>47</sup>.

Não é de hoje que estas redes de emalhe e as agressões à Lagoa Santo Antônio dos Anjos matam os botos em Laguna. Sabe-se que pescadores usam estas redes de forma ilegal no complexo lagunar. Em especial, no período de abundância de bagres. Muitas vezes, sabe-se, inclusive, quem são os pescadores donos das redes. Portanto, a legislação vai vigorar apenas se houver conscientização por parte destes pescadores que colocam as redes e uma fiscalização permanente. Por ora, infelizmente, o quadro ainda é de grande impunidade.

Junto com as vidas destes animais, razão suficiente para que tais ameaças sejam combatidas, está sendo extinta uma forma muito rara de conhecimento interespecífico. Está sendo extinta uma das únicas ocorrências, no planeta, de colaboração espontânea entre animais de vida livre e seres humanos. Está sendo extinto todo um legado interespecífico, todo um presente, passado e futuro possíveis, incorporados em cada geração de *bôtas*, botos e pescadores.

A pesca conjunta em Laguna nos convidou a suspender alguns de nossos entendimentos mais imediatos ligados às separações entre natureza e cultura, selvagem e domesticado, animal e humano. Quando mantivemos suspensas estas dicotomias, algumas coisas se desvelaram. Pescadores, botos e tainhas multiplicaram-se em suas infinitas singularidades e suas relações surgiram dentro de um agenciamento maior, que inclui muitos outros - ventos, pedras, redes, marés, correntes de água etc. Alguns esboços de genealogias de *bôtas* e botos bons em Laguna levaram-nos a histórias de coabitação e coevolução interespecíficas, e um certo parentesco entre homens e golfinhos apareceu. As memórias e narrativas dos pescadores mostraram conexões profundas entre os ciclos de vida ao cruzarem as biografias de pessoas, peixes, golfinhos, lagoa e cidade. As habilidades e legados mostraram-se interespecíficos e a aprendizagem compartilhada entre humanos e golfinhos. Relações interespecíficas de gênero cruzado ganharam

---

<sup>47</sup><<https://gauchazh.clicrbs.com.br/ambiente/noticia/2018/12/filhote-de-boto-morre-em-laguna-e-mae-nao-quer-se-afastar-do-corpo-cjpsw12h100dv01quu08gmyey.html>.> acessado em janeiro de 2019.

relevância, quando homens envolvidos em patrinhagens de pescadores narram histórias de golfinhos criados em matrinhagens de *bôtas boas*. Embora o modelo e a representação genealógica evoquem um parentesco arborescente, vertical e consanguíneo, baseado em linhagens específicas (tanto em termos de *táxon* quanto no sentido de “particulares”), a situação é muito mais rizomática do que as árvores genealógicas podem sugerir e volta-se para as preensões mútuas ou capturas recíprocas. Não se sabe bem o porquê, mas golfinhos e pescadores se aproximaram, perderam o medo uns dos outros, inventaram e continuam a inventar formas de se entender, se comunicar, pescar juntos e propiciar que seus descendentes desenvolvam habilidades, conhecimentos e afetos dentro dessas relações. As *bôtas boas* me conduziram a uma reflexão sobre a participação das mães no desenvolvimento de conhecimentos especializados entre animais não-humanos. O fato de eu ser uma mulher, uma narradora, contribuiu decisivamente para que as fêmeas, sejam *bôtas*, mergulhadoras ou pesquisadoras, tomassem parte neste universo tão masculino que é a pesca conjunta em Laguna. Botos e *bôtas boas* mostraram-se uma criativa população companheira - nem selvagens nem domesticados nem bichos de criação ou animais antropomorfizados. A linguagem verbal tornou-se relativamente secundária, pois gestos, movimentos e temporalidades humanas e mais-que-humanas ganharam relevância. Neste texto, ventos, marés, peixes, pedras, botos, *bôtas*, redes e pescadores dançaram juntos, nunca uma coreografia de “corpos frases-feitas”, mas sempre um ato específico que surge de um encontro cotidianamente único e heterogêneo.

Por ocasião da morte de Antônio Cândido, em maio de 2017, muito de seu pensamento e de suas palavras, para nossa sorte, espalharam-se pelas redes sociais. Naquele período, ouvi Antônio Cândido com muita atenção. Dentre muitas coisas que ele disse, uma em especial ficou no meu pensamento: “cada geração tem uma responsabilidade com a sua época”. A afirmação veio em um momento oportuno e fez eu me perguntar sobre o propósito de contar esta história, desta forma, neste momento e deste lugar. A palavra que surgiu desta pergunta foi *religar*. Algo como reaproximar os fios de narrativas disciplinares e políticas que há muito vêm se “desligando”, seja pelo ocidental modo dicotômico de organizar seu pensamento filosófico seja pelos processos disciplinares de hiperespecialização. Tendemos analiticamente a separar os seres uns dos outros e dos habitats que vivem e propiciam (ou não) seus co-desenvolvimentos. Compartimentamos os seres e os saberes. Desfizemos comunidades. Tornamo-nos muito individualistas. Separamo-nos tanto uns dos outros quanto dos lugares que habitamos. No

entanto, a fertilidade da vida nunca deixa de insurgir e de nos fazer lembrar de nossas infinitas co-constituições. Estamos sempre rodeados por uma diversidade de seres híbridos e criativos que, às vezes, somos nós mesmo, em outras tantas são: caramujos aquáticos que coevoluiram com as algas e tornaram-se animais que fazem fotossíntese; golfinhos soltos em seu habitat que pescam com humanos; homens cegos que se locomovem por ecolocalização, com técnica semelhante aos sonares dos morcegos e dos próprios golfinhos; pássaros de savanas africanas que atendem a assobios humanos e guiam humanos até o mel; pescadores vigias que veem peixes onde quase ninguém mais vê; pessoas (como os Moken) que passam a maior parte de suas vidas em barcos, palafitas ou dentro d'água, cujas pupilas, diferentemente das nossas, dilatam ao invés de contraírem-se debaixo d'água; artistas que estabelecem relações de reciprocidade com plantas ao doarem o próprio sangue, portador do vírus da hepatite C e rico em um nitrato que tais plantas precisam, a dandálias semelhantes àquelas que lhes provêm seu medicamento; homens, mulheres e crianças que tomam plantas e fungos e passam, assim, a compor com eles, de onde derivam imagens, formas, palavras, cores, cantos e rezos feitos *com* as próprias plantas, *com* os espíritos de árvores, rios, montanhas e animais. A todos estes seres em suas variadas formas de vida e composições multiespécies, minha mais sincera reverência. Eles não se desligaram.

Em uma paráfrase livre do que escreveu Isabelle Stengers (2017), este texto é uma tentativa de honrar uma experiência que me “anima” (no sentido anímico do termo), que me fez testemunhar o que não sou eu, o que não somos nós. Se, de alguma forma, ele for capaz de produzir qualquer alteração na maneira de alguém olhar, sentir, pensar ou imaginar aquelas relações entre ventos, marés, botos, peixes e pescadores em Laguna, eu estou satisfeita. Ao fim e ao cabo, a ideia é fazer coro com exemplos e paradigmas da colaboração e recusar o excepcionalismo humano. Além de ser esta a minha maneira de dizer: olhemos para as águas, para os bichos, para os ventos, para a terra, para o fogo, para as pedras, para as montanhas, para as plantas, pois não estamos sozinhos no mundo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERT, B. 2016. *The Polyglot Forest*. The Great Animal Orchestra, Publisher: Fondation Cartier pour l'Art Contemporain, Editors: H. Chandès, pp.320-324.
- ANDERSON, J. 1878. Zoological results of the two expeditions to western Yunnan. B. Quaritch, Ed.: 361. 2 vols. London.
- BACKHOUSE, J. 1843. Narrative of a Visit to the Australian Colonies. London: Hamilton Adams.
- BANNWART, J.P. 2014. A pesca da tainha no litoral catarinense. Revista Agropecuária Catarinense. Florianópolis, v.26, n.2, p.15-18, 2013
- BARAD, Karen. Posthumanist performativity: toward an understanding of how matter comes to matter. In: Signs: Journal of Women in Culture and Society, Chicago, v. 38, n. 3, p.801-831, 2003.
- BATESON, Gregory. *Steps to an ecology of mind*. Collected essays in anthropology, psychiatry, evolution, and epistemology. Northvale (NJ): Jason Aronson Inc., 1972.
- BATESON, Gregory. *Mind and nature: a necessary unity (advances in systems theory, complexity, and the human sciences)*. New York: Hampton Press, 1979.
- BEAR, C. and EDEN, S. 2011. "Thinking Like a Fish? Engaging with Nonhuman Difference through Recreational Angling". *Environment and Planning D: Society and Space*, volume 29, pages 336- 352.
- BIANCARELLI, Aureliano. Juiz liberta último Flipper brasileiro. Folha de São Paulo, São Paulo. 20 de junho de 1992. Acesso em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=11730&keyword=Flipper&anchor=4774288&origem=busca&pd=944805d0841246f164c940936f36c0a8>>, em janeiro de 2019.
- BRASIL 2011. Ministério da Pesca e Aquicultura. Dinâmica Econômica da Aquicultura e Pesca: Território Sul Catarinense. Florianópolis: MPA, 103 p.
- BUSNEL, R. G. Symbiotic relationship between man and dolphins. *Transaction New York Acad. Sci.*, n. 35, 1973, p. 112-131.
- CADORÍN, A. & CADORÍN, L. 2013. *Laguna Terra Mater. Dos sambaquis à República Catarinense*. Blumenau: Nova Letra.
- CADORÍN, Adilcio. 2002 Os Botos de Laguna. Brochura.
- CALHEIROS, O. 2009. As Transformações do Leviatã. Praxiografia de um Projeto de Cetologia. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Museu Nacional. UFRJ.

- CALLICOT, C. 2017. Comunicação entre Espécies na Amazônia Ocidental. Caderno n.71. Chão de Feira
- CAMPBELL, J. 1875. The Early Settlement of Queensland and Other Articles. Queensland:Ipswich Observer.
- CASTELLS, A.N. & IINO, F. S. 2015. Educar, documentar e valorizar para preservar: pesca artesanal com auxílio de botos em Laguna. Laguna: Ed. do Autor, 2015.
- CLODE, Danielle. 2002. *Killers in Eden: The true story of killer whales and their remarkable partnership with the whalers of Twofold Bay*. Sydney (Australia): Allen & Unwin, 2002.
- CORDEIRO, A. M. 2017. “A canoa da cura ninguém rema só”: o *se ingerar* e os processos de adoecer e cuidar na cidade de Parintins (AM). Tese de Doutorado em Antropologia Social. UFAM.
- CORTÁZAR, J. 1974. Prosa do Observatório. Ed. Perspectiva.
- DAURA-JORGE, Fábio G. 2011. *Quantos? Onde? Como?* Múltiplos aspectos ecológicos de uma população do boto-da-tainha (*Tursiops truncatus*) em Laguna, sul do Brasil: implicações para conservação. Tese (Doutorado em Zoologia). Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas – Zoologia, Universidade Federal do Paraná, 2011.
- DAWKINS, R. [1976] 2007. O Gene Egoísta. São Paulo: Companhia das Letras.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. 1995. Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34.
- DEMELLO, M. 2012. *Animals and Society. An Introduction to Human-Animal Studies*. New York: Columbia University Press.
- DESPRET, V. (2004). The body we care for: Figures of anthropozoo-genesis. *Body and Society*, 10(2-3), 111-134
- DEVOS, R. V., VEDANA V. & BARBOSA, G.C. 2016. Paisagens como panorama e ritmos audiovisuais: percepção ambiental na pesca da tainha. *Giz – Gesto, Imagem, Som 1 (1)*, 41-58.
- DE WAAL, Frans B. M. Putting the altruism back into altruism: the evolution of empathy. *Annual Review of Psychology*, n. 59, 2008, p. 279-300.
- DOMMING, D.P. 1991. A Former Dolphin Human Fishing Cooperative in Australia. *Marine Mammal Science*, Vol 7(1) pp 94- 96.
- DUTRA, J. C. O; SANTOS, R. B.C. Experiências de encantamento e as relações dos Miranha do Cuiú-Cuiú com os botos-vermelhos (*Inia geoffrensis*). Uakari (Belém. Online), v. 10, p. 2, 2014.

D’LIMA, C. et al. 2013. Positive interactions between irrawaddy dolphins and artisanal fishers in the Chilika Lagoon of Eastern India are driven by ecology, socioeconomics, and culture. *Ambio a Journal of the Human Environment*, v. 43, n. 5, p. 614-624.

ELIS, 2018. *Morte de Botos por rede de pesca levanta alerta para risco de extinção*. Prefeitura de Laguna. Acessado em <<https://www.laguna.sc.gov.br/noticias/index/ver/codMapaItem/16507/codNoticia/499590>>, janeiro 2019.

FAIRHOLME, J. K. E. 1856. The blacks of Moreton Bay and the porpoises. *Zoological Society of London, Proceedings* 24: 353–354

FIKSDAL, B. L; HOULIHAN, D.; BARNES, A. 2012. Dolphin-Assisted Therapy: Claims versus Evidence. *Austism Res Treat*. Online.

GALVÃO, E. 1955. *Santos e Visagens: Um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas*. Coleção Brasileira. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

GAN, 2016. *Time Machines: Making and Unmaking Rice*. Dissertation for Doctor of Philosophy. University of California. Santa Cruz.

GARCIA, U. Macacos também choram, ou esboço para um conceito ameríndio de espécie. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil*, n. 69, p. 179-204, 2018.

GAYNOR, A; MCCANN, J. 2017. “I’ve had dolphins... looking for abalone for me”: oral history and the subjectivities of marine engagement. *The Oral History Review* 2017, Vol. 0, No. 0, pp. 1–18.

GIBSON, James. *The ecological approach to visual perception*. New York: Psychology Press, 1986.

GOW, P. 1991. *Of Mixed Blood*. Oxford University Press.

GRIFFITHS, Tom. 2007. *The Humanities and an Environmentally Sustainable Australia*. *Australian Humanities Review* 43.

HARAWAY, Donna. 2003. *The companion species manifesto: dogs, people, and significant otherness*. Chicago, Prickly Paradigm Press.

HARAWAY, Donna. 2008. *When Species Meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

HARAWAY, Donna, 2011. A Partilha do Sofrimento. *Relações Instrumentais entre Animais de Laboratório e sua gente*. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 17, n. 35, p. 27-64, jan/jun.

HARAWAY, Donna. 2013. O Manifesto das Espécies de Companhia: Cães, Pessoas e a Outridade Significante. Online. [transecoqueer.wordpress.com](http://transecoqueer.wordpress.com).

- HERMAN, D. 2011. Storyworld/Umwelt: Nonhuman Experiences in Graphic Narratives. *SubStance*, Volume 40, Number 1, 2011 (Issue 124), pp. 156-181.
- HERZING, D. Could we speak the language of dolphins? 2013. Duração: 14min38seg. Disponível em: <https://www.ted.com/talks>. Acesso em: 2 jan. 2019.
- HORNBORG, A. (2001). Vital signs: An ecosemiotic perspective on the human ecology of Amazonia. *Sign Systems Studies*, 29, 121-152.
- IINO, Fátima. *Pescadores artesanais na Praia da Tesoura, Laguna/SC: reflexões sobre sociabilidades e apropriações do espaço*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.
- INGOLD, T. 2000. *The Perception of the Environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London and New York: Routledge.
- INGOLD, T. 2010. “Da transmissão de representações à educação da atenção”, in: *Educação*, v. 33, n. 1, p. 6-25.
- INGOLD, T. 2013. Anthropology Beyond Humanity. *Suomen Antropologi: Journal of the Finnish Anthropological Society* 38 (3), 5-23.
- INGOLD, T. 2016. On Human Correspondence. *Journal of the Royal Anthropological Institute* (N.S.) 00, 1-19.
- ISACK, H.A; REYER, H.I. 1989. Honeyguides and honey gatherers: interspecific communication in a symbiotic relationship. *Science*. Mar 10; 243 (4896): 1343-6.
- KIRKSEY, E.; SCHUETZE, C. & HELMREICH, S. 2014. Tactics of Multispecies Ethnography. In E. Kirksey. (Ed.), *The Multispecies Salon* (pp. 1-24). United States: Duke University Press.
- KIRKSEY, E. & HELMREICH, S. 2010. The Emergence of Multispecies Ethnography, *Cultural Anthropology*, 25 (4), 545–576.
- KIRKSEY, E. 2015. Species: a praxiographic study. *Journal of the Royal Anthropological Institute* 21, 758-780.
- KOHN, E. 2007. “How Dogs Dream: Amazonian Natures and the Politics of Transspecies Engagement”, in: *American Ethnologist* 34(1): 3–24.
- KOPENAWA, D. & ALBERT, B. 2010. *A Queda do Céu: Palavras de um Xamã Yanomami*. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.
- KULL, K. (2000). An introduction to phytosemiotics: Semiotic botany and vegetative sign systems. *Sign Systems Studies*, 28, 326-350.
- LAMB, F. B. The fisherman’s porpoise. *Nat. Hist.*, v. 63, n. 5, 1954, p. 231-232.

- LATOUR, 1994. *Jamais Fomos Modernos: ensaio de antropologia simétrica*. São Paulo: Ed. 34.
- LATOUR, 2013. *Reagregando o social: uma introdução a teoria do Ator-Rede*. Edufba/Edusc.
- LATOUR, 2015. “Faturas/ Fraturas: da noção de rede à noção de vínculo” (tradução: Theophilos Rifiotis & Dalila Petry), in: *Ilha*, Vol. 17 n. 2.
- LAVE, J. WENGER, E. 1991. *Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LESTEL, D; BUSSOLINI, J; CHRULEW. M. 2014. The Phenomenology of Animal Life. *Environmental Humanities*, 5 (1), 125-148.
- LESTEL, D.; BRUNOIS, F.; GAUNET, F. 2006. Etho-ethnology and ethno-ethnology. *Social Science Information*, v. 45, n. 2, p. 155-177.
- LESTEL et al. 2014. The Phenomenology of Animal Life. *Environmental Humanities*, vol. 5, 2014, pp. 125-148
- LÉVI-STRAUSS, C. 2008. A análise estrutural em linguística e antropologia. In *Antropologia Estrutural*. São Paulo: Cosac Naify.
- LILLY, J.C; MILLER, A.M. 1961. Vocal Exchanges between Dolphins: Bottlenose dolphins "talk" to each other with whistles, clicks, and a variety of other noises. *Science*. Dec 8; 134 (3493): 1873-6.
- LILLY, J.C.1967. Dolphin-Human Relation and LSD 25. In: *The Use of LSD in Psychotherapy and Alcoholism*. Abramson, H.A (ed.).
- LIMA, Débora. 2014. “O Homem Branco e o Boto: O Encontro Colonial em Narrativas de Encantamento e Transformação (Médio Rio Solimões, Amazonas)”. *Teoria e Sociedade*. Número Especial: Antropologias e Arqueologias, hoje.
- LIMA, G. 2018. Dispara número de morte de botos em Laguna. NSC Total. Acessado em <https://www.nscotal.com.br/noticias/dispara-numero-de-morte-de-botos-em-laguna>, janeiro de 2019.
- MACGILLIVRAY, J. 1852. *Narrative of the Voyage of HMS Rattlesnake*. London: T & W Boone.
- MACIEL, E. M. 2016. *Literatura e Animalidade: Rio de Janeiro, Brasil: Civilização Brasileira*.
- MALZONE, Valeria. Há 15 anos Flipper trocava o cativo pela liberdade. *A Tribuna*. 20 de novembro de 2008. Acesso em: <https://www.novomilenio.inf.br/sv/svh020b.htm>, janeiro de 2019.

- MANN, J. et al. 2012. Social networks reveal cultural behaviour in tool-using dolphins. *Nat Commun*, n. 3, p. 980.
- MARGULLIS, L. 2001. *Planeta Simbiótico. Uma Nova Perspectiva da Evolução*. Ed. Rocco.
- MARRAS, S. 2009. *Recintos e evolução: capítulos de antropologia da ciência e da modernidade*. Tese de Doutorado. São Paulo: PPGAS / USP.
- MARRAS, S. 2014. “Virada animal, virada humana: outro pacto”, in: *Scientiae Studia*. (USP), v. 12, p. 215-260, 2014.
- MARRAS, S. 2018. Por uma antropologia do entre: reflexões sobre um novo e urgente descentramento do humano. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 69, p. 250-266.
- MAUÉS, R. H. 1990. *A Ilha Encantada: Medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores*. Coleção Igarapé. Belém: EDUFPA.
- MAUÉS, R. H. 1994. Medicinas populares e “pajelança cabocla” na Amazônia. In: ALVES, PC., and MINAYO, MCS., orgs. *Saúde e doença: um olhar antropológico* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 174 p.
- MAUÉS, R. H. 2005. Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião. *Estudos Avançados*, 19 (53).
- MAUÉS, R. H. 2008. “O simbolismo e o boto na Amazônia: religiosidade, religião, identidade”. *História Oral*, 9: 11-28.
- MAUSS, 2003. Ensaio sobre as variações sazonais nas sociedades esquimós. In: *Sociologia e Antropologia*, São Paulo: Cosac Naify.
- MONTEIRO-FILHO, E. Pesca associada entre golfinhos e aves marinhas. *Revista Brasileira de Zoologia*, v. 9, n. 1-2, 1992, p. 29-37.
- MOORE, Nina. (2010). *Nonverbal Communication: Studies and Applications*. New York: Oxford University Press.
- MUMBULLA, Percy. [1989] 1997. Coletado por Roland Robinson. Harper Collins Publishers.
- MÜNSTER, U. 2014. Working for the Forest: The Ambivalent Intimacies of Human–Elephant Collaboration in South Indian Wildlife Conservation, *Ethnos: Journal of Anthropology* (pp. 1–23).
- NEIL, D.T. 2002. Cooperative fishing interactions between Aboriginal Australians and dolphins in eastern Australia, in: *Anthrozoos* 15, 3-18.
- OYAMA, Susan, Paul E. Griffiths, and Russell D. Gray, eds. *Cycles of Contingency: Developmental Systems and Evolution*. Cambridge, MA: MIT Press, 2001.

- PANDIAN, A. 2014. "Thinking like a mountain". *Hau: Journal of Ethnographic Theory*. 4 (2): 245-252.
- PETERSON, D., HANAZAKI, N., SIMÕES-LOPES, P.C. 2008. Natural resource appropriation in cooperative artisanal fishing between fishermen and dolphins (*Tursiops truncatus*) in Laguna, Brazil, in: *Ocean Coast Manag.* 5, 469-475.
- PETERSON, D. 2005. *Etnobiologia dos botos (Tursiops truncatus) e a pesca cooperativa em Laguna, Santa Catarina*. Monografia (Bacharelado em Ciências Biológicas). Universidade Federal de Santa Catarina.
- PETRIE, C. C. 1904. Tom Petrie's Reminiscences of Early Queensland. Brisbane: Watson Ferguson.
- PHILBRICK, N. 2000. No coração do mar: a história real que inspirou o Moby Dick de Melville. São Paulo: Companhia das Letras.
- PLUMWOOD, V. 2002. *Environmental Culture: The Ecological Crisis of Reason*. London & New York: Routledge.
- PLUMWOOD, V. 2009. "Nature in the Active Voice". *Australian Humanities Review*, no. 46 (2009): 113–29. *Australian Humanities Review - Issue 46*.
- PRIGOGINE, I; STENGERS, I. 1991. *A Nova Aliança: Metamorfose da Ciência*. Brasília: Universidade de Brasília.
- PROBYN, E. 2016. *Eating the Ocean*. Durham e London: Duke University Press.
- PRYOR, K. et al. A dolphin-human fishing cooperative in Brazil. *Marine Mammalogy Science*, n. 6, 1990, p. 325-332.
- PRZBYLSKI, C. B.; MONTEIRO-FILHO, E. L. A. Interações entre pescadores e mamíferos marinhos no litoral do estado do Paraná – Brasil. *Biotemas*, v. 14, n. 2, 2001, p. 141-156.
- RODRIGUES, P.O.R. 2017. *Caçar para tornar-se – um estudo técnico sobre a individualização técnica de humanos e não-humanos em um contexto perdigueiro*. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Antropologia Social. UFSC.
- ROHR, 1984. Sítios Arqueológicos de Santa Catarina. Anais do Museu de Antropologia da UFSC. Florianópolis.
- ROMEU, B. 2012. *Repertório acústico do boto-da-tainha no contexto da pesca cooperativa com pescadores artesanais em Laguna, sul do Brasil*. Monografia (Bacharelado em Ciências Biológicas). Universidade Federal de Santa Catarina.
- ROMEU, B. 2015. *Contribuições do comportamento acústico do boto-da-tainha (Tursiops truncatus) para o entendimento da interação entre botos e pescadores em Laguna, Santa Catarina*. Dissertação (Mestrado em Ecologia). Universidade Federal de Santa Catarina.

- ROSA, D. S. 2012. Pescando conhecimento pelo saber tradicional: reconhecimento individual e aspectos etnoecológicos do boto-da-tainha, *Tursiops truncatus*, por pescadores artesanais de Laguna, sul do Brasil. Monografia Licenciatura em Ciências Biológicas. UFSC.
- ROSA, D. S. Esgotamento dos cardumes aumenta disputa entre homens, aves e mamíferos pelos recursos naturais. *Notícias do Dia*, 2013.
- ROSA, E. Novas gerações de botos e pescadores seguem ritual secular da pesca integrada de tainha em Laguna. *Notícias do Dia*, 2015.
- ROSE, D.B. 2012. Multispecies Knots of Ethical Time. *Environmental Philosophy*, 9 (1), 127-40.
- ROSA, D. S. 2013. Val Plumwood's Philosophical Animism: attention interactions in the sentient world. *Environmental Humanities*, vol. 3, 2013, pp. 93-109
- ROSE, D.B., VAN DOOREN, T. & CHRULEW, M. (2017). *Extinction Studies: Stories of Time, Death and Generations*. Columbia University Press: New York
- Russell, H. S. 1888. *Genesis of Queensland*. Sydney: Turner and Henderson.
- SANTOS, A. A. "Ama-San". *O mergulho de Cláudia Varejão com as japonesas encantadas*. Online. Acessado em <https://observador.pt/especiais/ama-san-o-mergulho-de-claudia-varejao-com-as-japonesas-encantadas/>, novembro de 2018.
- SANZ, C., SCHÖNING, C. MORGAN, D. 2009. Chimpanzees prey on army ants with specialized tool set. *American Journal of Primatology* 71:1-8
- SAUTCHUK, C. E.; SAUTCHUK, J. M. Enfrentando poetas, perseguindo peixes: sobre etnografias e engajamentos. *Mana* vol.20 no.3 Rio de Janeiro Dec. 2014
- SAUTCHUK, C. 2007. *O arpão e o anzol. Técnica e pessoa no estuário do Amazonas (Vila Sucuriju, Amapá)*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. UnB. Brasília.
- SEBEOK, Thomas. 1988. "Animal in biological and semiotic perspective, in: Ingold, T. (org.). *What is an Animal?* Londres, Unwin Hyman, 63-76.
- SEBEOK, Thomas. A. 2001. *The Swiss Pioneer in Nonverbal Communication Studies: Heini Hediger (1908–1992)*. New York: Legas
- SHOROER, S. 2014. *On the Wing. Exploring Human Bird Relationship in Falcoery Practice*. Thesis for Philosophy in Anthropology. University of Aberdeen. Scotland.
- SIMÕES-LOPES, P.C.; FÁBIAN, M.; MENEGUETI, J. O. 1998. Dolphin interactions with the mullet artisanal fishing on Southern Brazil: a qualitative and quantitative approach. *Revista Brasileira de Zoologia*, n. 15, p. 709-726.

- SIMÕES-LOPES, P.C. & DAURA-JORGE, F. G. 2008. Os parceiros da sobrevivência. Florianópolis: Insular.
- SIMÕES-LOPES, P.C. & FÁBIAN M.E. 1999. Residence patterns and site fidelity in Bottlenose Dolphins, *Tursiops truncatus* (Cetacea, Delphinidae) of Southern Brazil. *Rev. Bras. de Zool.*, v. 16, n. 4, p. 1017-1024.
- SIMÕES-LOPES, P.C. 1991. Interaction of coastal populations of *Tursiops truncatus* (Cetacea, Delphinidae) with the mullet artisanal fisheries in southern Brazil. **Biotemas**, Florianópolis, v. 4, n. 2, p. 83-94.
- SIMÕES-LOPES, P. C.; DAURA-JORGE, F.; CANTOR, M.. 2016. Clues of cultural transmission in cooperative foraging between artisanal fishermen and bottlenose dolphins, *Tursiops truncatus* (Cetacea: Delphinidae). *Zoologia*, v. 33, n. 6.
- SLATER, C. 1994. *Dance of the Dolphin – transformation and disenchantment in the amazonian imagination*. Chicago e Londres: The University of Chicago Press.
- SMITH, B. D. et al. Catch composition and conservation management of a human-dolphin cooperative cast-net fishery in the Ayeyarwady River, Myanmar. *Biol. Conserv.*, n. 142, 2009, p. 1042-1049.
- SPOTTISWOODE, C.N., Begg, K.S. & Begg, C.M. 2016. Reciprocal communication in human-honeyguide mutualism. *Science* 353: 387-389.
- STARHAWK. Magia, Visão e Ação. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, [s.l.], Tradução de Adriana Rinaldi e Jamille Pinheiro Dias, n. 69, p. 52-65, 2018.
- STENGERS, I. An Ecology of Practices. *Cultural Studies Review*. Vol. 11. N. 1, 2005.
- STENGERS, I. Uma ciência triste é aquela em que não se dança. *Rev. Antropol.* São Paulo, Online, 59(2): 155-186 .2016.
- STENGERS, I. Reativar o Animismo. *Cadernos Chão de Feira*. n.62, 2017.
- STENGERS, I. A proposição cosmopolítica. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 69, p. 442-464, 2018.
- STRAIN, D. Clues to an unusual alliance between dolphins and fishers. *American Association for the advancement of Science*, 2012.
- STRATHERN, M. 2004. *Partial Connections*. Updated Edition. Oxford: Altamira Press.
- STRATHERN, M. 2006. *O Gênero da Dádiva. Problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas: Ed. Unicamp.
- SUNYE, P.S. Diagnóstico da pesca no litoral do Estado de Santa Catarina. In: ISAAC, V.J.; MARTINS, A.S.; HAIMOVICI, M.; ANDRIGUETTO, J.M. (Org.). A pesca marinha e estuarina do Brasil no início do século XXI: recursos, tecnologias, aspectos socioeconômicos e institucionais. Belém: UFPA, 2006. 141p.

- SWANSON, H. A. Methods for Multispecies Anthropology. Thinking with Salmon Otoliths and Scales. *Social Analysis*, Volume 61, Issue 2, 2017, 81–99
- TARDE, Gabriel. 2007 *Monadologia e Sociologia e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify.
- TSING, A. 2013a. *More-than-Human Sociality. A Call for Critical Description*. In *Anthropology and Nature*. Harstrup, K. (ed.). pp. 27-42. New York: Routledge.
- TSING, A. 2013b. Dancing the Mushroom Forest. *PAN: Philosophy, Activism, Nature* no. 10,
- TSING, A. 2015. Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. *Revista Ilha*. v. 17, n. 1, p. 177-201.
- UËXKULL, J. von. 1957 [1934]. *A Stroll Through the Worlds of Animals and Men: A Picture Book of Invisible Worlds*, in *Instinctive Behavior: The Development of a Modern Concept*, pp. 5–80. New York: International Universities Press.
- VALEK, A. 2016. *As Águas Vivas não Sabem de Si*. Rio de Janeiro: Fantástica Rocco.
- VAN DOOREN, T. & ROSE, D.B. 2012. Storied-places in a multispecies city. *Humanimalia: a journal of human/animal interface studies*. Volume 3, Number 2.
- VAN DOOREN, T. 2014. *Flight Ways: Life and Loss at the Edge of Extinction*. New York: Columbia University Press.
- VAN DOOREN, T.; KIRKSEY, E; MÜNSTER, U. Estudos Multiespécies. Cultivando artes da atenção. *ClimaCom*. Online. Campinas, Incertezas, ano. 3, n. 7, pp. 39-66, Dec 2016.
- VAN DOOREN, T.; ROSE, D.B. 2016. Lively Ethnography. Storying Animist Worlds. *Environmental Humanities* 8:1.
- VAN DOOREN, T.; DESPRET, V. 2018. Evolution: lessons from some cooperative ravens. In: TURNER, L.; BROGLIO, R.; SELBACHS, U. (Ed.) *The Edinburgh companion to animal studies*. Edinburgh: University of Edinburgh. No prelo.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. 2002. “Pronomes Cosmológicos e o Perspectivismo Ameríndio”. In: *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo, Cosac & Naif.
- WAGNER, R. 2010. *A invenção da cultura*. São Paulo, Cosac Naify
- WATKINS, G. 1891. Notes on the Aborigines of Stradbroke and Moreton Islands. *Proceedings of the Royal Society of Queensland* 8: 40–50.
- WHATMORE, S. *Hybrid Geographies: Natures, Cultures and Spaces*. London: Sage, 2002.
- ZAPPES, C., Andriolo A., Simões-Lopes, P. C., Beneditto, A.P. 2011. “‘Human-dolphin (*Tursiops truncatus* Montagu, 1821) cooperative fishery’ and its influence on cast net

fishing activities in Barra de Imbé/Tramandaí, Southern Brazil”, in: *Ocean & Coastal Management* 54, 427-432.

## REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

ANIMAL PLANET. s/d. Online. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=fc1kBZDKtFc>>

COWPERTHWAIT, G. 2013. *Blackfish*. Cor. 83’.

BOCCHINO, R. 2015. *Pesca Artesanal com o Auxílio dos Botos em Laguna*. BRA.

DEVOS, R., VEDANA, V. & BARBOSA, G.C. 2017. *Ver Peixe*. BRA. Cor. 46’.

KAMANCHEK, A. FRAZÃO, F. 2018. *Chega de Fiu Fiu*. Cor, 73’.

MALGARESI, E. 2013. *Guardiões da Pesca*. Secretaria de Estado da Agricultura e da Pesca (EPAGRI). BRA.

PARAVEL, V. & CASTAING-TAYLOR, L. 2012. *Leviathan*. EUA/UK/França. Cor, 87’.

PSIHOYOS, L. 2009. *The Cove*. EUA. Cor, 92’

VAREJÃO, C. 2016. *Ama-San*. Japão. Cor, 112’.

## SITES

<[https://www.ted.com/talks/denise\\_herzing\\_could\\_we\\_speak\\_the\\_language\\_of\\_dolphin\\_s?language=pt-br#t-357388](https://www.ted.com/talks/denise_herzing_could_we_speak_the_language_of_dolphin_s?language=pt-br#t-357388)>, acessado em janeiro 2019.

<https://www.theguardian.com/environment/2014/jun/08/the-dolphin-who-loved-me>,  
acessado em julho de 2014



## ANEXO 2 – Árvore Genealógica de Lata Grande

